

Paula Vanessa Pires de Azevedo Gonçalves

***Ser Punk: a narrativa de uma
identidade jovem centrada no estilo e sua
trajetória.***

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

2005

***Ser Punk: a narrativa de uma identidade jovem centrada
no estilo e sua trajetória.***

Paula Vanessa Pires de Azevedo Gonçalves

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora da
Faculdade de Educação da Universidade de São
Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do
grau de Mestre em Educação – Área de Sociologia
de Educação, sob orientação da Profa. Dra. Marília
Pontes Sposito.

São Paulo

2005

Paula Vanessa Pires de Azevedo Gonçalves

Ser Punk: a narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória.

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Educação – Área de Sociologia de Educação, sob orientação da Profa. Dra. Marília Pontes Sposito.

Comissão Julgadora

Defesa

2005

À minha mãe,

Nilza

em quem me espelho
por não desistir de lutar nunca
e admirar a vida sempre.

AGRADECIMENTOS

À todos os entrevistados que confiaram em mim e se dispuseram a falar sobre suas vidas e seu envolvimento com o *Movimento Punk*, e com isso me possibilitaram contar um pouco do *universo punk*. Sem vocês esse trabalho não seria possível.

À minha orientadora Profa. Dra. Marília Pontes Sposito, que com sua maneira paciente e sábia de conduzir e orientar permitiu que este trabalho se desenvolvesse desta forma.

À Faculdade de Educação da USP pelo apoio institucional e ao CNPq pela concessão da bolsa de estudo que viabilizou a efetivação desta pesquisa.

À Coordenadoria de Assistência Social da USP. Sem o seu apoio, através de benefícios concedidos desde a graduação, eu não teria chegado aqui. Agradeço a todos, sem distinção; gostaria apenas de lembrar nominalmente aquelas que estiveram mais próximas em todos esses anos: Carla, Daniela, Fatima, Izabel e Liliam.

À todos os funcionários que garantem o bem estar no Crusp, desde os funcionários da manutenção, aos porteiros e a segurança. A todos os funcionários da Creche Central da USP e aos funcionários do Restaurante Central, sempre muito trabalhadores e atenciosos. Considero todos grandes amigos.

À algumas pessoas que com pequenas ações foram muito importantes nessa etapa da minha vida: Rita (grande amiga), Mercia, Carolina, Isaias, Alexandre e Wellington.

À minha família, que sempre me ajudou como pôde; ao meu pai Paulo, minha mãe Nilza, meu irmão Diego e sua família Cristina e Victor, meu irmão Jean (valeu!), meu companheiro Sergio e minhas filhinhas Annina Ramona e Sabrina Paloma.

A todos, muito obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa procura compreender como o jovem constrói suas experiências a partir do estilo punk, como constitui sua identidade através dele e como ela se relaciona a outras esferas da vida, a saber: família, escola e trabalho. Focaliza o Movimento Punk da região metropolitana de São Paulo, percebido como um espaço de sociabilidade que propicia uma vivência do momento da juventude, assim como, a construção das identidades pessoais de seus integrantes. Para entender as diferentes experiências dos jovens adeptos ao estilo, durante quase 30 anos de existência do grupo, foi realizada uma divisão em três momentos diferentes que refletem a sua trajetória, sendo, por essas razões, investigados sujeitos que não são mais jovens. Através da análise percebemos que o estilo oferece uma alternativa de pensamento e atuação no mundo, criando espaços de negociação com a sociedade, para além do momento da juventude. Permite elaborar vivências positivas, possibilitando aos seus adeptos a elaboração de formas próprias de ser e de viver na sociedade, mesmo na vida adulta.

ABSTRACT

This research looks for understand as the young it to construct its experience from the punk style, as it constitutes its identity through it and as it they relates to other spheres of the life, to know: family, school and work. Focuses the Punk Movement of São Paulo metropolitan region, perceived as a space of sociability that propitiates an experience of the youth moment, as soon as, the construction of the personal identities of its integrant ones. To understand the experiences different of the adepts young to the style, during almost 30 existence years of the group, was realized a division at three different moments that reflect its trajectory, being, for these reasons, investigated citizens that are not younger. Through of analysis we perceive that the style offers an alternative of thought and performance in the world, creating spaces of negotiation with the society, for beyond the moment of youth. It allows to elaborate positive experience, making possible to its adepts to elaboration of proper forms of being and living in the society, and in the adult life.

SUMÁRIO

<u>Apresentação</u>	1	
 <u>Capítulo I – Juventude, identidade e grupo de estilo</u>		
I. 1 - A juventude e o mundo contemporâneo.....	7	
I.2 - Reflexões sobre identidade	17	
I.3 -O grupo de estilo como objeto de estudo.....	29	
 <u>Capítulo II – Descrevendo os percursos da pesquisa</u>		
II.1 – O trabalho de campo	39	
II.2 – As entrevistas	44	
II.3 - Os entrevistados	48	
II. 4 – Breve descrição dos entrevistados		
Os entrevistados da primeira fase do <i>movimento punk</i>	53	
Os entrevistados da segunda fase do <i>movimento punk</i>	57	
Os entrevistados da terceira fase do <i>movimento punk</i>	60	
 <u>Capítulo III – Apontamentos em torno da trajetória do <i>punk</i> paulista</u>		
O <i>punk</i> da Europa para São Paulo.....	64	
Os primórdios do movimento: a primeira fase <i>punk</i> (1977-1986)	71	
Os <i>punks</i> da cidade e os <i>punks</i> do subúrbio	75	
As dissidências do <i>punk</i> : carecas, <i>anarcopunks</i> e <i>estraight edge</i>	80	
A era das gangues- segunda fase (1986-1996).....	84	
Os <i>anarcopunks</i>	87	
A anarquia <i>punk</i>	93	
O <i>underground</i> - a terceira fase (1996 em diante).....	98	
A cena <i>punk</i>	104	
O <i>movimento punk</i>	110	
 <u>Capitulo IV- A identidade <i>punk</i></u>		115
IV. 1 -Como e quando um jovem é <i>punk</i>	130	

A experiência <i>punk</i> nos primórdios (1977-1986).....	131
Os <i>punks</i> da era das gangues (1986-1995).....	150
O ser <i>punk</i> da atualidade (1996 em diante)	172

Capítulo V - A identidade *punk* em relação à família, escola e trabalho

V.1 - A família de origem e o casamento	207
A família de origem.....	208
Família constituída e o casamento	220
V. 2 - Escolaridade e profissão dos entrevistados.....	234
V. 3 - O mundo do trabalho.....	254
<u>Conclusão</u>	276

Bibliografia

Anexos

APRESENTAÇÃO

O tema desta pesquisa é o jovem que vive e constrói suas experiências em um “grupo de estilo” (KEMP, 1993) e tem como objetivo entender como edifica sua identidade a partir desta vivência e como a relaciona com outras esferas da vida.

O “grupo de estilo” escolhido como objeto de pesquisa é o *punk* da região metropolitana de São Paulo. Foram dois os principais motivos que influenciaram esta escolha: a longa permanência no tempo do *Movimento Punk* e minha ligação pessoal com o grupo. Nesta apresentação explicarei melhor esses motivos, assim como o objeto de estudo e a forma como foi organizada a pesquisa. Iniciando pela minha participação no *Movimento Punk*, passo a explicar como esse “grupo de estilo” transformou-se em tema de estudo e como foi tratado neste trabalho.

Não gosto muito de apresentações, principalmente quando se trata de uma auto-apresentação. Não considero este trabalho como um estudo autobiográfico e, por isto, no início não tinha a intenção de mencionar a minha ligação com o grupo. Mas na verdade comecei a *ser punk* por volta dos 16 anos, aproximadamente em 1987. Um pouco antes já me interessava pelos rumos da sociedade e me indignava com as desigualdades sociais e um pouco depois desta idade entrei em contato com o *Movimento Punk* propriamente dito. Em 1989 fazia um *zine* com meus irmãos, que também eram *punks*, através dele passei a me corresponder com membros do *Movimento* e outros *zineiros*. Depois, na época da Irmandade, que surgiu em 1991, passei a ser cabeleireira: cortava, tingia e ajudava a armar o *moicano* dos rapazes. De “irmã” passei para “mina” sem que isto tivesse algum tipo de significação, simplesmente era uma forma de estar no grupo. E assim aprendi muita coisa e passei a saber muito sobre o *Movimento Punk* Paulista. Essa experiência conta como minha contribuição pessoal para esta pesquisa.

Várias coisas me levaram a *ser punk* e uma delas foi o fato de saber que eu não me encaixava nesta sociedade e é por isso que resisti em me identificar aqui, já que a considero implacável com aqueles que são diferentes. Em algum momento tive a consciência de que se não mudasse o rumo da minha vida acabaria compactuando com tudo aquilo que considerava injusto. Resolvi que deveria fazer uma faculdade e depois de alguns vestibulares ingressei no curso de História na USP, em 1994.

A Coordenadoria de Assistência Social da USP, através do projeto Bolsa-Trabalho, me levou à Professora Marília Sposito, que na época, 1996, estava montando um Banco de Dados sobre Juventude. Foi assim que entrei em contato com a teoria sobre juventude e com o universo das manifestações das culturas juvenis. Esse trabalho despertou meu interesse pelas culturas juvenis e me fez perceber que era possível estudar o *punk* sob a ótica da ciência.

A Professora Marília me propôs realizar um estudo sobre os *punks* e me orientou numa pesquisa de Iniciação Científica cujo tema era Sociabilidade Juvenil: O *Movimento Punk*. A pesquisa foi financiada pela Fapesp e realizou-se de 1997 e 1999. O trabalho tinha como objetivo investigar a sociabilidade gerada no grupo e verificar como se manifestavam suas expressões culturais. Foi neste momento que percebi a existência de uma *identidade punk* surgida pela vivência no grupo. Desta pesquisa saiu o tema que orientou o Mestrado, uma vez que ampliei o estudo desta identidade.

A pesquisa de Iniciação Científica aconteceu num momento em que o *Movimento Punk* revigorava suas forças, lançando várias coletâneas e abrindo espaço para novas bandas. Quando iniciei o trabalho de campo, em 1998, a professora me aconselhou a trabalhar com seu orientando de doutorado, Juarez Dayrell, e deste contato surgiu uma das perguntas deste trabalho.

Dayrell discute, em sua pesquisa de doutorado, os processos de socialização vivenciados por jovens pobres na periferia de Belo Horizonte. Analisou as experiências culturais existentes nos grupos *funk* e *rap*, o sentido que tais práticas trazem para seus integrantes e verificou as relações que elas estabelecem com as outras instâncias da vida juvenil, como a família, o trabalho ou a escola.

Na época, Dayrell cumpria parte dos seus créditos em São Paulo e aqui procurou entrar em contato com os “grupos de estilo” (KEMP, 1993) através dos *punks*. A primeira pergunta deste trabalho surgiu do contato com seu tema de estudos, já que foi ele que fomentou em mim a idéia de prosseguir estudando o *estilo punk* no mestrado. Na época em que “dávamos rolê juntos”, sempre me dava textos e manuscritos para que eu tivesse uma idéia de como fazer a pesquisa. Também me deu um caderninho para eu anotasse os fatos mais significativos que aconteciam no campo, mas eu sempre esquecia este caderninho...

A segunda pergunta surgiu da minha própria vivência. No *Movimento*, quando estava no “rolê” e, principalmente nos dias de shows, sempre me deparava com os *punks da antiga* que apareciam de visual. E eu pensava: “Mas o que faz esses tiozinhos

continuarem andando no visual?” De repente, com o tempo, percebi que eu havia me transformado em uma *punk da antiga* e eu e meus amigos éramos os mais novos tiozinhos... Então resolvi saber o que leva uma pessoa a se considerar *punk* por um longo tempo.

Passaram-se quatro anos e em 2002 achei que era o momento de prosseguir estudando os punks. O distanciamento com o grupo ocorreu naturalmente, quando assumi novos papéis, formei-me, tornei-me mãe e adquiri novas responsabilidades. Acreditei que assim poderia ser ainda mais objetiva ao estudar o grupo. Realmente, desta vez não me esqueci de levar o caderninho quando fui fazer o trabalho de campo.

Contudo, pela minha simpatia em relação ao *punk* e sua defesa sempre vinham à tona nos momentos em que eu pensava nas implicações de *ser punk*. Mesmo quando achei que o *punk* não passava de um amortecedor de consciência, uma forma de alienação e conformismo, eu encontrei argumentos e vim em sua defesa...

Quando comecei a escrever sobre o grupo me esforcei para ser isenta e para isto me concentrei nos referenciais teóricos. Foi através da teoria que pude pensar e escrever sobre o grupo com distância e objetividade, abandonando toda a simpatia que tenho por ele.

Após deixar de lado todos os resquícios de *subjetividade punk*, a não ser quando retorno a ela como objeto de estudo, abaixo destacarei as perguntas que conduziram esta pesquisa. O caminho que utilizei para respondê-las reflete a forma como foram organizados os capítulos da dissertação:

1 – Como a experiência de *ser punk* é vivida e levada para além do “grupo de estilo”?

2 – Como a experiência é vivida em três diferentes momentos do *Movimento Punk* de São Paulo? Como marcou a vida de quem pertenceu ao *Movimento* nesses três momentos?

A resposta a essas perguntas se deu por meio da análise das falas dos integrantes do *Movimento Punk*, procurando entender quais os significados criados a partir da construção da *identidade punk* e como estabelecem a relação desses significados com as outras esferas da vida.

O *primeiro capítulo* trata das questões conceituais sobre a juventude, “grupo de estilo” e identidade, pois foram as ferramentas que utilizei para entender os jovens punks. Procuo compreender o surgimento da juventude na era moderna e como agem as influências do contexto histórico na construção das identidades. Considero a

juventude como um momento de escolha, realizada num mundo de rápidas transformações onde coexistem diferentes referenciais. Destaco os “grupos de estilo jovem” como um espaço de sociabilidade que propicia a vivência do momento da juventude assim como a construção de identidades.

No *segundo capítulo* relato como se realizou o trabalho de campo, a metodologia usada, a coleta de dados e como foram feitas as entrevistas, organizadas e interpretadas.

Apresento os informantes com uma breve descrição de suas pessoas, dividindo-os em três momentos diferentes dos trinta anos de *história punk*. Para garantir o anonimato dos entrevistados troquei seus nomes e também dos parentes e amigos que eles citam. Quando pude, omiti o nome das bandas, bancas ou coletivos a que pertencem; quando não foi possível, inventei novos nomes.

Ao descrever e analisar os depoimentos dos informantes procurei dar objetividade, mas ao mesmo tempo, procurei lembrar as suas peculiaridades, tentando realçar suas características mais marcantes. Gostaria de deixar assinalado que procurei entrevistar pessoas que eu não conhecia.

Dentre todos os *punks* escolhidos para a pesquisa só tinha envolvimento com quatro; alguns outros eu conhecia de vista, mas não mantinha relação de amizade. Considerei importante manter as entrevistas com esses quatro integrantes do *Movimento*, pois tinham algo de significativo para a pesquisa: estão há muito tempo no *Movimento*, têm bandas reconhecidas e alguns constituíram família.

Mas durante a pesquisa percebi que ganhei novos amigos e passei a me corresponder com alguns por carta e/ou Internet. Este contato mais próximo com o *Movimento* foi gratificante e, também, muito triste, pois pude perceber que para muitos deles só lhes resta *ser punk*. O punk é uma forma de vivenciar o momento da juventude, mas também é uma das poucas formas que encontram para serem reconhecidos pelo seu valor. O destino de alguns é claro: a condenação a uma vida de direitos sociais restritos.

Aqui novamente me identifico com Dayrell e recupero uma parte da sua introdução quando relata que um dos seus informantes abandona o *rap*, momento em que negociava, através do estilo, uma busca por uma vida longe da criminalidade, e entra para o tráfico de drogas: “*Naquela situação a emoção superou a objetividade do pesquisador e me perguntava pelo valor da vida e do destino que a sociedade oferece a milhares de jovens que, como ele, desistem de lutar para viver com dignidade.*”(DAYRELLI, 2001, p.36)

No *capítulo três* procuro construir uma trajetória para o *Movimento Punk* e discorro sobre ela em torno da consolidação do *underground*. Procuro contar sobre o seu surgimento e contextualizar o cenário onde se manifesta esta identidade e as suas expressões culturais.

A *história punk* não segue uma ordem cronológica rígida, pois procurei tratá-la como um relato na qual os fatos vão sendo contados a partir de sua importância e de sua significação. Na verdade, procurei selecionar temas importantes que considero relevantes na construção de uma *identidade punk*. Ao narrar a história, já estamos entrando em contato com uma parte empírica da análise da identidade gerada no estilo, pois ela é a forma como os punks situam sua subjetividade e suas ações, sua identidade situada, circunscrita no espaço e no tempo.

Essa narrativa foi feita com base na minha memória, em artigos de jornal, na bibliografia e nos depoimentos dos entrevistados. Propus uma divisão em três momentos diferentes que refletem mudanças na forma como o *Movimento Punk* se estrutura: seu início, o momento em que predominam as gangues e o momento atual, quando a música e o *underground* se destacam. Essa periodização foi feita a partir dos momentos significativos que julgo importantes para a construção da identidade pessoal e coletiva.

A *primeira fase punk* refere-se ao “surgimento e a consolidação do *Movimento Punk Paulista*” (1977 a 1986) momento de grande evidência do grupo e várias produções culturais. A *segunda fase* é o momento em que predominam as gangues, é a “era das gangues”(1986 a 1996). Na *terceira fase* ressurgem as bandas que se inserem no *underground* através da *cena punk* (1996 em diante).

Os *anarcopunks*, que surgiram com a intenção de negar todo o *passado punk*, estão incluídos nesta história, uma vez que a atuação do grupo decorre dela. A trajetória do grupo foi dividida em duas fases: a primeira é relativa ao seu surgimento (1989) em meio à *guerra de gangues* e a segunda refere-se ao grupo na atualidade e, portanto, seu ingresso (a partir de 1998) na *cena punk*.

No *quarto capítulo* veremos como os jovens indicam, como relatam a construção da sua identidade a partir do grupo de estilo. Entenderemos como aqueles que se consideram punks interpretam o que é *ser punk* nas três diferentes fases em que foi dividido o *Movimento Punk*. Procuro verificar o peso e o significado que a *simbologia punk* adquire no processo de construção de suas identidades.

Analiso os resultados encontrados a partir de suas falas e indico como se processa a construção de uma *identidade punk* que é vivenciada em outras esferas da vida e para além do momento da juventude. O estilo oferece alternativas de pensamento e de atuação no mundo, criando espaços de negociações que permitem viver a vida com dignidade. A *identidade punk* significa ser alguém e, assim, reagir diante de uma sociedade excludente.

No ***quinto capítulo*** estabeleço as relações entre as afirmações sobre a existência de uma *identidade punk* e as várias instâncias de socialização: a família, a escola e o trabalho. Faço uma comparação de como os participantes dizem que ela se manifesta nessas diferentes instâncias e analiso os resultados.

Focalizei-me nas falas dos sujeitos sobre a família, escola e trabalho. Os significados construídos a partir da identidade gerada no grupo me fizeram entender que ela permite elaborar formas de ser e de viver na sociedade mesmo na vida adulta.

Finalmente proponho algumas considerações como ***conclusão*** da pesquisa.

CAPÍTULO I - JUVENTUDE, IDENTIDADE E GRUPOS DE ESTILO

I. 1. A juventude e o mundo contemporâneo

A velocidade e a dimensão das mudanças que ocorrem no mundo provocam um processo de transformação nas esferas sociais e em suas instituições, que acabam por alterar os espaços de socialização. As instituições como a família, a religião, a escola, o trabalho, entre outras, têm encontrado dificuldades em apontar um futuro para os jovens.

A globalização diminui as distâncias, aumenta as diferenças sociais e o mundo torna-se marcado por altos índices de exclusão. Com isto, muda-se o perfil da sociedade, provocando um desarranjo das antigas ligaduras, fazendo com que surjam novas personagens na hierarquia, desencadeando em todas as esferas sociais a eclosão de novos conflitos.

As mudanças estendem-se às instituições que administram as relações entre forças sociais e políticas que, incapazes de acompanhar a velocidade das transformações, têm seus alicerces dinamitados. A nova ordem não trava apenas uma luta em torno da distribuição de recursos materiais e econômicos, como, também, luta para criar novas categorias, noções, termos através dos quais poderá nomear a sociedade e o mundo:

Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma “política cultural” (HALL, 1997, p.20).

A produção cultural relaciona-se com a questão das identidades coletivas, nacionais, étnicas, religiosas etc, como se elas pudessem intervir na ordem que se desfaz. O processo de identificação ocorre num mundo de complexidade e possibilidades de escolhas que se efetivam com adesão ou combate aos constrangimentos a que os sujeitos estão submetidos (WIEVIORKA, 1997).

A mídia difunde imagens de felicidade e de consumo de bens materiais e culturais que são transformadas em um espetáculo cotidiano. Veicula conquistas que

não são acessíveis a todos, gerando um sentimento de frustração social que se converte em convicções ideológicas; na sensação de perda de direitos, fazendo com que se sintam vítimas do progresso. Como resultado da sociedade planetarizada, da pressão para possuir uma personalidade que se destaque no conjunto das massas, da vontade de viver o “presente” e não uma promessa de futuro é que surgem as diversas “identidades coletivas” tornando visíveis os “grupos de estilo” (KEMP, 1993), os grupos ideológicos, religiosos, esportivos etc, que se articulam com o imaginário produzido por este mundo, utilizando-o como fonte de construção de suas personalidades.

Vivemos em uma sociedade que concebe a si mesma como sendo construída pela ação humana. Em sistemas contemporâneos, a produção material é transformada em produção de signos e interfere nas relações sociais. Uma codificação socialmente produzida intervém na definição do “eu”, afetando as estruturas biológicas e motivacionais da ação humana (MELUCCI, 1997).

A complexidade e a diferenciação da vida social abrem imensas possibilidades naquilo que diz respeito a ação individual. A multiplicidade de tempos e papéis sociais requeridos na experiência cotidiana cria condições para que o indivíduo construa sua existência, defina suas escolhas, produza sua trajetória. A identidade torna-se resultante das ações e das relações sociais do indivíduo mais do que uma situação definida, surgindo como resposta à dinâmica social (MELUCCI, 1997).

Para Giddens (2000, p.57)

À medida que a influência da tradição e do costume define em nível mundial, a própria base de nossa identidade – nosso senso de individualidade – muda. Em situações mais tradicionais, o senso de identidade é sustentado em grande parte pela estabilidade das posições sociais ocupadas pelos indivíduos na comunidade. Ali onde a tradição declina, e a escolha do estilo de vida prevalece, a individualidade não fica isenta. O senso de identidade tem que ser criado e recriado de forma mais ativa do que antes.

As ações dos jovens são portadoras da novidade, as múltiplas possibilidades estão refletidas em suas escolhas, em suas renúncias e na construção de modos de vida que têm na prática cultural seu eixo constitutivo. A juventude apresenta-se como uma condição social e uma representação, permitindo assim evidenciar conflitos e contradições do mundo moderno, onde prevalece uma dificuldade para a atuação dos jovens (PERALVA, 1997).

O destaque da juventude como fase socialmente distinta foi se processando na sociedade moderna ocidental, mediante a progressiva instituição de um espaço separado de preparação para a vida adulta. Na Idade Média as crianças conviviam desde muito cedo com o mundo da responsabilidade e com o aprendizado das funções da vida adulta. Os mais novos conviviam com os mais velhos e com eles aprendiam e se desenvolviam socialmente. A sociabilidade ocorria no espaço coletivo, na mistura entre crianças e adultos.

A ascensão da burguesia, as novas condições sociais e a ampliação do trabalho assalariado modificam a forma de lidar com o espaço público e privado e, também, a forma de lidar com as crianças. O espaço coletivo de sociabilidade é substituído pela escola que separa as crianças do mundo adulto, preparando-as até que estejam maduras e aptas para nele ingressar. A reclusão das famílias ao espaço privado, o novo sentimento em relação às crianças e o surgimento da escola são os principais responsáveis pelo aparecimento deste momento intermediário entre a infância e a vida adulta que se denomina juventude.

Num primeiro momento, esta separação para o aprendizado estava restrita somente àqueles que podiam manter seus filhos longe da vida produtiva e com isto prepará-los para funções futuras. Com o tempo, quando ocorrem as mudanças nas formas de produção e com o Estado assumindo funções de proteção aos indivíduos, a escolaridade se expande para os mais diversos segmentos sociais, deixando de ser um privilégio e passando a desempenhar um papel importante na formação dos jovens.

É a partir do pós-guerra que se acentua o surgimento de espaços específicos de diversão e a criação de novos padrões de comportamento entre os jovens, evidenciando uma série de diferenças com o mundo adulto. O crescimento do consumo e a importância dos meios de comunicação para os jovens possibilitaram o surgimento de uma cultura juvenil, ligada ao tempo livre e ao lazer, permitindo à juventude o desenvolvimento de novas maneiras de ser e de viver.

Ao constituir-se como categoria social, a noção de juventude afasta-se do senso comum, onde é vista em sua aparente unidade. Constata-se, então, sua heterogeneidade. Fala-se em juventudes, dada a diversidade de referências sociais e culturais que vão desde a família, escola, trabalho, classe social, etnia, gênero, as sociabilidades de bairro etc, criando modalidades plurais de identidades jovens. Esta falta de homogeneidade da juventude pode gerar concorrências e identidades diferentes intrageracionais que, muitas vezes, submetem-se às agitações sociais e aos abalos culturais: algumas possuem

privilégios, legitimidade, autoridade; outras são vistas como desviantes, ilegítimas ou alternativas (LAGREE, 1996; PAIS, 1998).

Pais sugere que, para ter uma clara compreensão da juventude, devemos explorar as visíveis e possíveis semelhanças, mas principalmente, as diferenças que nela existem, a sua diversidade. Examina na Sociologia da Juventude uma oscilação entre duas tendências, uma que define a juventude em termos etários e geracionais (corrente geracional) e a outra onde ela prevalece como um conjunto social diversificado (corrente classista). Em qualquer uma das correntes admite-se a existência de um conjunto de crenças e valores compartilhados entre os jovens. São as culturas juvenis que tanto podem ser consideradas como uma oposição às velhas gerações ou uma resistência de classe. A cultura juvenil constitui-se como um sistema de valores atribuídos à juventude, ou seja, são valores que serão compartilhados por jovens de diferentes meios e condições sociais. Para o autor é necessário estudar os jovens a partir de seu cotidiano, no momento em que estão agindo e se relacionando para compreender de que modo compartilham estes significados: se de forma semelhante ou distinta (PAIS, 1992).

As pessoas se individualizam mediante sua socialização – aprendizagem de padrões cognitivos, expressivos, morais e afetivos – no interior de uma determinada cultura. Entretanto, o aumento do conjunto de informações e os apelos do consumo trazem um excesso de possibilidades reais e imaginárias, dificultando a escolha e a ação dos jovens. Essas mudanças também os colocam diante de novos processos socializadores, já que os costumes e processos culturais da sociedade que serviam de controle e parâmetros para a construção das identidades individuais estão sendo questionados, fazendo com que os jovens tenham que buscar novos espaços para se constituir como sujeitos sociais.

O processo de socialização, segundo a formulação clássica, procura inserir no íntimo dos indivíduos as condições de sua existência na sociedade. Interioriza o ideal moral de uma sociedade, e tem uma função coletiva ao adaptá-lo para a vida social, propiciando que ocorra uma comunhão de sentimentos que não são abandonados aos arbítrios de particulares (DURKHEIM, 1952).

Indivíduo e sociedade são entidades específicas situadas em oposição, mas com o predomínio da sociedade sobre o indivíduo, do coletivo sobre o individual:

É a sociedade que nos lança fora de nós mesmos, que nos obriga a considerar outros interesses que não os nossos, que nos ensina a dominar as paixões, os

instintos e dar-lhes lei, ensinando-nos o sacrifício, a privação, a subordinação dos nossos fins individuais a outros mais elevados. Todo o sistema de representação que mantém em nós a idéia e o sentimento da lei, da disciplina interna ou externa, é instituído pela sociedade (DURKHEIM,1952, p.32).

Pensando dessa forma, entender o indivíduo seria entender o lugar social onde está inserido e que incidiria sobre a sua personalidade, uma vez que haveria um processo de interiorização do social, que permite fabricar os atores e seus papéis. O indivíduo é parte da sociedade, vive para ela e é dela que retira seus valores. É uma luta dos propósitos gerais contra os individuais.

Ocorre que nesta sociedade em mutação os atores não são mais redutíveis a uma lógica única, um papel e uma programação cultural de condutas. Passa a ocorrer uma heterogeneidade de princípios culturais e sociais que organizam as condutas simultaneamente, os quadros de referência não assumem uma centralidade. Não há mais unidade do sistema e do ator, não havendo, portanto, uma socialização integral. O ator não é totalmente socializado, nem sua identidade é construída apenas no marco das categorias das instituições socializadoras tradicionais (DUBET¹ 1994 apud DURAND, 2000).

As instituições não se constituem mais como o elemento fundamental para garantia da estabilidade social e para a preparação de atores adaptados à sociedade. Na socialização clássica, do modelo institucional, a personalidade estava por trás do papel. O problema desta formulação está em que, atualmente, há uma distância entre o papel e a personalidade do indivíduo. As transformações sociais propiciam mais flexibilidade aos papéis afastando o ator da ação considerada como papel e o impulsionam em direção à experiência social. O ator passa a ser confrontado com uma diversidade de orientações, umas que se complementam e outras que são antagônicas, e vê-se obrigado a construir por si mesmo o sentido de sua experiência.

Com as instituições enfraquecidas de seu poder de orientação de condutas, o indivíduo se destaca pela sua iniciativa de escolher novos parâmetros para se identificar e se construir. A desinstitucionalização designa a mudança fundamental de produção dos indivíduos nas sociedades contemporâneas, não significa uma crise das instituições, mas uma maneira de ver valores e normas como “co-produtoras sociais”. Ela revela e separa dois processos confundidos pela sociologia clássica: a socialização e a subjetivação (DUBET, 1998).

¹ DUBET, François – Sociologie de L’ experience. Paris. Sevil, 1994.

A subjetividade dos atores é percebida como uma atividade social engendrada pela perda de adesão à ordem do mundo. Nesta lógica o indivíduo pode se afirmar como um sujeito crítico, através da reflexividade que se constrói na luta contra a alienação e a dominação social. A reflexividade é a capacidade de criar símbolos e perceber sua situação no mundo, de alterar tanto os seus símbolos quanto a interpretação do lugar que o indivíduo ocupa nele, permitindo assim uma reinterpretação do significado e das possibilidades do futuro (DUBET, 1994 *apud*, WAUTIER, 2005).

Do ponto de vista da juventude, os grupo de amigos, e mais especificamente os “grupos de estilo” (KEMP, 1993), vêm ocupando o espaço das instituições clássicas de produção de sentido. Esses grupos criam parâmetros de identificação através dos quais interpretam e significam sua posição no mundo, permitindo que façam escolhas e ajam em seus cotidianos. Funcionam como um espaço articulador de identidades, de orientação de condutas e na elaboração de projetos individuais e coletivos. Podem ser vistos como agentes socializadores em conflito ou até mesmo associados a outras instituições sociais.

Os jovens a partir dessas comunidades revelam uma tendência de formação de grupos diferenciados que passam a existir na diversidade sócio cultural contemporânea, revelando as novas possibilidades de socialização na sociedade. Os indivíduos desempenham uma grande variedade de atividades, participam de diferentes experiências e tendem a pertencer a uma ou mais coletividades, muitas de caráter fluido, cuja finalidade seria apenas a de compartilhar o momento presente.

Esta característica nos aproxima de Simmel (1983) para quem o conceito de interação é central. A integração de indivíduos em uma interação recíproca leva a formar uma unidade que compõe uma sociação e, precisamente, uma sociedade. A sociação é a “forma” pela qual os indivíduos se agrupam. A interação se dá por impulsos e propósitos (fatores que levam à agregação). Os impulsos, desejos, forças e interesses são os “conteúdos”, a matéria da sociação. “Forma” e “conteúdo” possuem certa autonomia e podem tornar-se independentes entre si.

Simmel compreende a sociabilidade como uma “forma” dentre outras possíveis de sociação, mas que apresenta uma especificidade que a torna peculiar: existe independentemente dos interesses e impulsos que levam à interação dos indivíduos. É emancipada dos “conteúdos”, é uma “forma” lúdica de sociação. Existe apenas como forma de convivência com o outro e para o outro. É um agrupamento que existe em torno da satisfação. É uma relação na qual o fim é a própria relação, o que vale é a pura

“forma”. Os indivíduos se satisfazem em estabelecer laços, não existe outro compromisso a não ser o de estar junto.

A sociabilidade proporciona a liberdade de fazer relações, nas quais os indivíduos estão desobrigados de quaisquer determinantes concretos de “conteúdo”. Demanda uma certa simetria e equilíbrio, é uma relação entre iguais. Este é seu caráter democrático e para que ela continue a existir os participantes devem sentir que podem contar e confiar no outro. Cada qual deve oferecer o máximo de si para, também, receber o máximo do outro.

A sociabilidade é a sociedade transformada em arte, num jogo de “formas” que oferece um tipo de liberação, um alívio, uma vez que apresenta de forma sublimada as tarefas e toda a seriedade da vida. Não tem propósitos objetivos, nem “conteúdos”, nem resultados exteriores, depende da vontade dos indivíduos - sem exacerbação do pessoal e nem redução da autonomia - seu objetivo não é nada além do momento sociável. Responde as suas necessidades de comunicação, solidariedade, democracia, identidade e, ao mesmo tempo, permite diminuir a distância entre a vida cotidiana e as exigências sociais. Funcionando como uma instância de mediação, é uma forma lúdica de lidar com as forças éticas da sociedade:

A sociabilidade se poupa dos atritos com a realidade por meio de uma relação meramente formal como esta. Ainda que exatamente por isso, essa relação formal extrai da realidade – mesmo para o espírito da pessoa mais sensível – uma importância e uma riqueza de vida simbólica e lúdica que são tanto maiores quanto mais perfeita ela é. Um racionalismo superficial procura sempre essa riqueza apenas entre conteúdos concretos. Como não a encontra ali, prescinde da sociabilidade como a de uma tolice superficial (Simmel, 1983, p.169).

As comunidades jovens, através de seus encontros, propiciam atividades que aliviam as pressões cotidianas, ao reproduzirem de forma diluída e sublimada os “conteúdos” da realidade. Os símbolos que criam são independentes da realidade objetiva ou da gravidade do destino, apresentam-se como um ideal societário, são próximos de uma caricatura. Para Simmel (1983, p.180), “*a distância da realidade pode revelar a natureza mais profunda desta realidade, de maneira mais completa, consistente e realista que qualquer tentativa de apreendê-la mais diretamente.*”

Pais entende que o objetivo dessas comunidades não é o isolamento e uma ruptura com a sociedade, mas é o de encontrar indivíduos com uma proximidade de

ideais e interesses para que possam estabelecer uma relação prazerosa. As identidades nesses grupos são imaginadas e reinventadas em processos constantes de hibridização cultural, que fornecem maneiras de seus integrantes se tornarem produtores de suas ações. Os jovens se colocam no espaço público através de comportamentos que muitas vezes são considerados transgressivos. Assim, chamam a atenção do mundo adulto para que ele reconheça a sua diferença. Pais (2004) acredita que não é por acaso que muitas das identidades juvenis aparecem associadas à produção artística, na medida em que o mundo da arte é transgressivo por natureza:

Como Nietzsche repetidamente sustentava, a transgressão e a ruptura de limites são desafios que proporcionam uma sensação de liberdade. Mas entre as chamadas “tribos urbanas” a subversão está também estritamente ligada a conversão. Por outras palavras, as “tribos” geram um sentimento de pertença que assegura marcos conviviais que são garante de afirmações identitárias. Por isso, nas chamadas “tribos” encontramos manifestações de resistência a adversidade, mas também vínculos de sociabilidade e de integração social
(PAIS, 2004, p. 8/9).

É através dessa energia libertadora dos grupos de estilos que os jovens se descobrem e desenvolvem pertencas identitárias. Recuperam uma “forma” de existência livre de constrangimentos sociais, assim o estranho (o exótico expresso na constituição dos grupos jovens) invade o familiar (as formas de constituição da sociedade) e num mundo onde predomina o individualismo, este fenômeno apresenta-se como uma afirmação simultânea do “eu” e do “nós” (PAIS, 2004).

As diferentes culturas juvenis retratam diferentes estilos de vida e diferentes valores que definem suas práticas (PAIS, 1998). O comportamento jovem traz consigo uma mudança de linguagem e comportamento através de sua produção cultural mediada pelo estilo que articula grupos que se agregam e elaboram uma postura diante do mundo (ABRAMO, 1994). Mesmo que muitos destes grupos não apresentem respostas para problemas concretos do cotidiano, cumprem funções positivas que não são resolvidas por outras instituições e dão visibilidade a novas formas de estar no mundo, novas formas de se relacionar e novos projetos de vida.

Como antecipa Melucci (1991), através do título de seu livro², os jovens sinalizam a "invenção do presente" ao criar novos significados a respeito do mundo, ao

² MELUCCI, Alberto - L' Invenzione Del Presente: movimenti Sociali Nelle Società complesse. Bologna: I Mulino, 1991.

questionar o modelo cultural baseado na educação escolar, ao procurar afirmar uma identidade específica, ao mesmo tempo integrada a um modelo mais universal.

O estudo do jovem, integrante do grupo de estilo *punk*, pode nos fazer compreender como se processa a construção de sua identidade na multiplicidade de tempos e papéis sociais requeridos no dia-a-dia, procurando entender sua expressão cultural como geradora de uma sociabilidade, já que investigar apenas as instituições clássicas, encarregadas de promover sua socialização, pode não levar em conta a importância das relações de solidariedade existente nos grupos juvenis para a construção de suas identidades.

A questão do *ser punk* implica em pensar não apenas em uma *identidade punk*, mas na verdade, na produção cultural e nas redes relacionais que o “grupo de estilo” *punk* propicia. Estudar sua produção cultural, decifrar suas representações e sua história, sua estética e sua ética é decifrar a luta em torno de atribuições de significados. Significados estes que são produzidos em meio a relações de poder (expressam e têm efeito de poder) e no interior da dinâmica das transformações das categorias de inteligibilidade do mundo moderno. Verifica-se, portanto, que este grupo está disputando a possibilidade de impor seus próprios significados a respeito do mundo, das práticas e dos sujeitos:

A tensão entre a auto-identificação e heteroidentificação explode porque negamos, reciprocamente, nossas identidades e refutamos admitir ao outro aquilo que exigimos para nós mesmos. O conflito rompe a reciprocidade de interação, é um choque por algo que é comum aos dois opositores, mas que cada um recusa reconhecer ao outro. Fora dos objetos concretos, materiais ou simbólicos, que podem estar em jogo em um conflito, o motivo pelo qual nos enfrentamos é sempre a possibilidade de nos reconhecermos e de sermos reconhecidos como sujeitos de nossa ação. Entramos em conflito para afirmar nossa identidade, negada por nosso opositor, para nos reapropriar daquilo que nos pertence, porque estamos aptos a reconhecê-lo como nosso (MELUCCI, 2004, p.49)

A mídia, pelas imagens publicitárias e o acesso facilitado às informações, difunde a crença de que bastaria aderir aos apelos do consumo para conseguir felicidade, beleza e benesses. Porém, sabemos que existe uma desigualdade de acesso aos recursos sociais, fazendo com que muitos fiquem de fora do mundo das celebridades e do consumo e, ainda pior, sejam excluídos de direitos vitais, gerando frustração e revolta. O desejo de participar da modernidade através das solicitações do

consumo de massa, coexistindo com o desejo de construir seu próprio “eu”, faz com que surjam novas identidades criadas a partir de comunidades que procuram recuperar os espaços de solidariedade opondo-se à frieza das relações impessoais (WIEVIORKA, 1997).

Estudar a identidade do jovem demanda entender as relações solidárias existentes nestes grupos que permitem seu hetero-conhecimento. A *identidade punk* é construída a partir dos símbolos emitidos pelo *Movimento Punk* que pode ser considerado um espaço de experimentação e construção de identidades.

Os *punks* continuam dialogando com seus símbolos e explorando sua capacidade de renovação através de uma criatividade que, segundo Kemp (1993), funciona como uma “criatividade de manutenção” dos laços sociais. A existência dos *punks da antiga*, que possuem prestígio dentro de uma *hierarquia punk*, revela existir uma sociabilidade feita a partir do grupo que permite uma *vivência punk* para além da adolescência, possibilitando que seus integrantes atuem como sujeitos sociais ligados ao grupo também na vida adulta. Neste sentido o *estilo punk* reúne integrantes de várias fases e levanta questões importantes sobre as semelhanças e diferenças entre esses momentos.

Dessa forma, estudar a identidade de jovens, no interior das culturas juvenis, demanda entender as várias esferas da vida que se tornam significativas na construção do seu autoconhecimento, bem como as relações solidárias que permitem seu hetero-conhecimento. A identidade jovem, estudada a partir do "grupo de estilo *punk*", revela as imagens e relações que concorrem para a construção da sua auto-imagem, ao mesmo tempo que nos permite compreender o significado das esferas sociais como produtoras de identidades sociais.

Assim, para Dayrell (1988, p. 14)³:

Perguntar pela identidade jovem requer conhecer os espaços e processos sociais que o constituem. (...) Significa centrar análises no olhar dos sujeitos, na sua totalidade, buscando compreender as formas como elaboram suas experiências vivenciadas num passado, presente e futuro, e as articulações entre as diferentes esferas da vida. Acredito que desta forma seja possível entender o significado efetivo que os grupos de estilo possam ter na construção destes jovens como sujeitos sociais.

³ Texto ofertado em 1998, elaborado para ser apresentado em um Seminário realizado na USP.

I. 2 - Reflexões sobre identidade

Para que pudéssemos realmente entender a construção da identidade no complexo mundo de hoje, demandaria verificarmos inúmeras teorias e vertentes existentes sobre o assunto, porém não estamos procurando trabalhar com uma definição rígida de identidade. Antes de procurarmos um conceito que possibilite o estudo da identidade, queremos refletir sobre ela, e mais precisamente refletir sobre a identidade construída a partir do grupo de estilo *punk*.

As discussões atuais sobre a identidade sugerem que o sujeito moderno encontra-se num momento de desestabilização das referências que lhe davam unidade e segurança. Para alguns teóricos, as identidades modernas estão entrando em colapso, já que as mudanças pelas quais passa a sociedade vêm destruindo as referências que no passado forneciam sólidas localizações aos indivíduos sociais.

Para que se concretize a construção do "eu", articulam-se os aspectos psicológicos e biológicos do indivíduo com os aspectos sociológicos. A partir da relação entre estes campos podemos iniciar esta reflexão com a seguinte consideração: *"Identidade representa uma unidade que se reconhece como tal e se organiza através da conscientização das inter-relações das vivências biopsíquicas no tempo, espaço e intersubjetividades"*(MUSZKAT, 1986, p.26).

A linguagem representa simbolicamente as coisas; a cultura é o universo simbólico das relações sociais, e os sentidos e significados criados para o mundo tornam-se referências que possibilitam a construção dos sujeitos sociais. Os valores representam significados que orientam condutas e asseguram a regularidade da vida social, aparecendo como produto de divisões objetivas da sociedade (PAIS, 1998). Na experiência contemporânea, a lógica da troca de sinais, imprescindível para a construção da identidade, foi alterada pelas rápidas mudanças que ocorreram na estrutura social e pela presença da mídia. Com isto os novos significados são construídos independentemente das noções originalmente estabelecidas; atribuir sentido passou a ser um ato fluido e transitório que não respeita as coordenadas espaço-temporais (BAUDRILLARD⁴, 1972 *apud* KEMP,1993).

⁴ BAUDRILLARD, Jean – Para uma Crítica da Economia Política do Signo. São Paulo: Martins Fontes. Col. Arte&Comunicação - 1972.

Contrapondo-se a este quadro, tempo atrás havia as práticas rotinizadas, transformadas em hábitos, que serviam de orientações mais amplas para estabelecer relações, proporcionar a identificação e orientar os modos de agir nos diversos espaços sociais. O senso de identidade, que é sustentado pela estabilidade das posições sociais ocupadas pelos indivíduos na comunidade, altera-se e o indivíduo deve agora fazer um esforço para produzir por meios próprios aquilo que antes era dado pela cultura e pelas instituições produtoras de sentido (GIDDENS, 1991).

A era da informação esvazia os sentidos de muitas funções das antigas instituições, gerando uma ruptura na transmissão de códigos culturais, fazendo com que nem sempre exista um vínculo entre as experiências e os sentidos que os indivíduos dão a elas, forçando-os a encontrarem novas formas para constituir suas identidades. A imprevisibilidade dos rumos da sociedade, o futuro das pessoas e o anonimato que anula a existência são importantes referências que levam os indivíduos a procurar novas éticas de orientação de vida.

Assim, as novas identidades são construídas a partir de significados esvaziados de seu poder de construção de sentido e prescindem do jogo social, que é aquele da elaboração coletiva, da interação que possibilita a apropriação e a reconstrução dos sentidos. A mídia desequilibra o jogo comunicativo tornando-o unidirecional. Há um rompimento na troca de significados, alterando os aspectos relacionais e sociais da identidade, ocasionando um colapso identitário, a massificação e as práticas alienantes. Opondo-se a isto o jovem pertencente ao grupo de *estilo punk* procura emitir novos sinais, de caráter contestatório, visando quebrar o monopólio da mídia para obter o direito de resposta (BAUDRILLARD, 1972 *apud* KEMP, 1993).

A reflexão em questão coloca, portanto, o jovem como foco do estudo, uma vez que ele é o principal protagonista dos "grupos de estilos" (KEMP, 1993) e, também, está num momento crucial da construção da identidade. O jovem é compelido a reestruturar sua identidade infantil para poder circular em um novo espaço social onde novas regras e valores passam a vigorar. Ele terá que escolher como se posicionar na sociedade, quais papéis assumirá na idade adulta, como deseja manifestar a sua identidade e como pretende ser reconhecido. Neste momento crucial de reestruturação de aspectos do "eu infantil" e assunção de uma identidade apta para interagir em uma nova situação social permeada por valores do mundo adulto, o jovem irá ingressar neste campo de novas referências e múltiplas escolhas.

Vemos, enfim, que vivemos numa sociedade de massa em que se busca uma identidade singular e a construção desta identidade está sujeita a um campo complexo de referências. São novas referências que convivem com as tradicionais - família, trabalho, escola – ora acentuando o conflito para aqueles que estão em fase de reestruturar suas identidades, ora exercendo um papel complementar. A escola falha no seu papel de transmissora de conhecimento sistematizado e ampliadora do processo de socialização dos jovens. Por outro lado, dentre as conseqüências da chamada terceira revolução industrial, observa-se o desaparecimento de inúmeros postos de trabalho e o questionamento de sua função como um produtor da identidade, transformando-se agora em um campo de conflitos (NAKANO, 2004). Já a convivência familiar torna-se alongada e multigeracional. Os relacionamentos nela tornam-se mais flexíveis, surgindo novos conflitos e também novas formas de cooperação, dando novas características à continuidade e às transformações dos valores transmitidos intergeracionalmente (PAIS, 1998).

O prolongamento da trajetória escolar e o retardamento de entrada no mundo do trabalho contribuem para o aumento do tempo da juventude e, somando-se a isto, assiste-se também a uma juvenização da infância: os problemas específicos da condição juvenil começam a ser vividos pelas crianças (Pais, 1996). O que passa a ocorrer é que os valores ligados à juventude, à energia corporal, à busca do novo, foram diluídos em todas as idades; todos partilham as mesmas culturas, roupas, as músicas, o que faz com que vivenciar o momento da juventude torna-se mais um desafio para jovens, já que necessitam constantemente reinventar novas formas de expressão para se diferenciar das outras gerações e para poder criar seus próprios significados. Passa a ocorrer uma dificuldade de viver a juventude como um período singular num mundo onde todos são jovens.

A reestruturação do "eu" não deve ser percebida como uma simples troca na qual o indivíduo se desfaz da identidade infantil e assume uma jovem e depois uma adulta. Deve ser vista como um processo: nele o indivíduo fica exposto a novas experimentações que o pressionam a se posicionar diante das expectativas sociais que o impulsionam a assumir novos papéis. Este processo o levará a adquirir um novo conjunto de significados para compor sua identidade e permitirá que incorpore os significados adquiridos através das experiências passadas.

Nesse sentido convém explicitar que a concepção de identidade adotada é aquela percebida como um processo contínuo na qual os indivíduos, diante das suas escolhas e

das pressões sociais, se constroem na relação com o outro. Levando em conta esta dinâmica, as considerações de Melucci serão a inspiração principal a ser usada nesta pesquisa já que, para o autor, a identidade é vivida como uma ação e não como uma situação. O indivíduo é quem constrói sua consistência e seu reconhecimento, no interior dos limites impostos pelo ambiente e pelas relações sociais:

Não podemos, portanto, conceber a nossa identidade como uma “coisa”, como uma unidade monolítica de um sujeito, pois é um sistema de relações e de representações. Respeitando os diferentes graus de complexidade, podemos falar de muitas identidades que nos pertencem: a pessoal, a familiar, a social e assim por diante; o que muda é sistema de relações ao qual nos referimos e diante do qual, ocorre nosso reconhecimento (MELUCCI, 2004, p.50).

Percebemos que a reestruturação da identidade na juventude, fruto de uma pressão social e acompanhada por mudanças corporais, tem grandes probabilidades de se tornar um momento conflituoso e problematizador. A escolha muitas vezes está relacionada à tensão da luta da razão contra a emoção e, ainda, somando-se a isto, constatamos que esta escolha está ocorrendo num mundo desestruturado, de referências complexas, onde o adulto se confunde com o jovem.

O ser humano nasce, vive e morre num espaço composto por duas realidades: a realidade dos fatos da natureza e a realidade dos signos. A ação da natureza impele o indivíduo ao crescimento e sua maturação; a ação cultural o impele a assumir um papel social. O processo biológico de maturação é gradual e lento, e sofre desde o início a influência da ação cultural: a criança é aquilo que seus pais contam sobre ela. A tarefa do jovem é contar ele mesmo sobre aquilo que ele acredita ser, esta narrativa é produto de uma ação consciente e de uma auto-reflexão dos indivíduos.

Melucci (1997, p.50) afirma que:

Uma codificação socialmente produzida intervém na definição do eu, afetando as estruturas biológicas e motivacional da ação humana. Ao mesmo tempo, existe uma crescente possibilidade, para os atores sociais, de controlarem as condições de formação e as orientações de suas ações. A experiência é cada vez mais construída por meio de investimentos cognitivos, culturais e materiais.

Melucci relaciona a dimensão biológica e a dimensão cultural considerando ambas como base fundamental para a construção do "eu". Considera, entretanto, como ponto de partida para a construção da identidade a dimensão biológica que possibilita ao homem, através da maturação, a capacidade de resposta e adaptação ao ambiente. A

maturação biológica faz emergir determinadas potencialidades capacitando o indivíduo a se constituir de forma mais independente.

Segundo o autor, uma seqüência temporal não implica necessariamente numa evolução linear, na qual ocorreria uma complexidade crescente com a substituição das fases primitivas pelas fases mais maduras de tal forma a cancelar as experiências precedentes. Portanto, a cada fase evolutiva de maturação não irão se perder as experiências que foram experimentadas e acumuladas no percurso dos ciclos vitais. (MELUCCI⁵, *apud* DAYRELL, 2001)

Melucci (2004, p.46) afirma que:

Na história individual a identidade apresenta-se como um processo de aprendizagem que leva à autonomia do sujeito. As muitas vivências permitem o amadurecimento de uma capacidade para resolver os problemas propostos pelo ambiente e uma independência nas relações. A interiorização do universo simbólico da cultura e a capacidade de interpretar culturalmente as necessidades substituem a dependência "natural" do ambiente: num primeiro momento, como integração nesse universo simbólico, e, depois, como processo de individuação que nos permite uma independência suficiente do sistema. Tornamo-nos capazes de produzir, de modo autônomo, aquilo que antes necessitávamos receber dos outros.

A identidade apresenta-se, portanto, como um processo de aprendizagem que implica em um amadurecimento que fornece a capacidade de integrar as experiências acumuladas no percurso da vida, possibilitando articular a unidade e a continuidade de uma biografia individual. A identidade adulta é a capacidade autônoma de produzir novas identidades que mantêm a permanência do indivíduo no tempo e garante a sua continuidade. Permanência e continuidade são mantidas através da integração do passado, do presente, do futuro e, também, somadas aos múltiplos elementos do presente, que são articulados em uma biografia individual que permite a diferenciação dos demais.

Melucci supera a visão determinista e estática da identidade, percebida como algo preexistente e sugere que ela seja percebida como um processo. Acredita, ainda, que a palavra identidade não exprime com fidelidade esta situação de processo e propõe a mudança de conceito para "identização" para expressar melhor o caráter processual,

⁵ MELUCCI, Alberto e FABRINNI, Anna. L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza. Milano, Feltrinelli. 1992.

auto-reflexivo e construtivo dos indivíduos. Assim, realça a idéia de um processo contínuo de construção individual e coletiva por meio de passagens sucessivas, identificações que se renovam e se transformam.

A identidade, a partir destas considerações, refere-se ao conjunto de representações do “eu” pelas quais o indivíduo comprova que é sempre igual a si mesmo e diferente dos outros. É, portanto, a afirmação da diferença e é o outro é que deve reconhecer a especificidade do seu semelhante. É necessário que haja um equilíbrio entre aquilo que o sujeito afirma sobre ele e o que os outros pensam dele. O que legitima a singularidade do sujeito, a sua diferença, é o reconhecimento do outro .

A ênfase na construção da identidade é atribuída à dimensão relacional, uma vez que, para que o indivíduo se afirme enquanto sujeito singular, é necessário que haja uma interação e uma legitimidade vinda do outro. Esta interação assemelha-se a uma situação de troca e carrega consigo uma tensão irresolúvel entre o auto-conhecimento e o hetero-conhecimento. A tensão está relacionada ao fato do "eu" construído pelo indivíduo passar pelo crivo externo: é o outro que irá afirmá-lo como sujeito de suas ações.

A busca pelo equilíbrio e a superação do conflito impele os indivíduos a procurarem espaços onde haja uma reciprocidade de reconhecimento. Procuram por espaços onde possam construir auto-imagens positivas, afirmem sua singularidade e encontrem o reconhecimento por parte dos outros. Esta busca por espaços que possibilitem a existência do jogo comunicativo, onde a interação é carregada de reciprocidade, torna-se complexa devido à existência de múltiplas referências combinada com a perda de referências estáveis. A identidade não é mais algo dado ou produto de uma herança ligada a uma tradição, é um projeto diretamente envolvido com a reflexividade moderna (GIDDENS, 1991).

Para Melucci (2004, p. 47):

O fundamento da identidade em uma sociedade tradicional é sempre metassocial, deve ser procurado no tempo mítico das origens ou coincide com a figura sagrada do líder. A dessacralização dos fundamentos da identidade deslocou para a sociedade e para o agir humano associado a fonte dos processos de identificação: à medida que reconhecemos a identidade como produto social, também são criadas as condições para uma individualização dos processos de atribuição e de reconhecimento. Conseqüentemente, somos

nós mesmos, como indivíduos, que adquirimos a capacidade autônoma de nos definir como indivíduos.

A sociedade contemporânea apresenta desafios que são postos aos indivíduos ao construírem o seu processo de "identização", principalmente quando existem desigualdades de acesso aos recursos sociais e se impossibilita a capacidade de construção de indivíduos autônomos. A velocidade das mudanças às quais as pessoas estão sujeitas e a impessoalidade das relações dominadas por valores competitivos, aumentam a distância entre elas e tornam a reciprocidade.

A necessidade do indivíduo se reconhecer no espaço e no tempo, de criar uma narrativa que dê conta de sua continuidade, fica fragilizada e como consequência o "eu" insere-se numa interação conflituosa de não reconhecimento. O outro, juntamente com as rápidas mudanças na estrutura da sociedade, nega ao indivíduo o hetero-reconhecimento tornado precário e enfim, insatisfatório, o auto-reconhecimento.

Os espaços de interação social, onde se estabelecem as trocas simbólicas, apresentam-se contraditórios, uma vez que existe a facilidade de acesso de informação sobre qualquer canto do mundo, dando origem à sensação de que se vive numa aldeia global e, ao mesmo tempo, tem-se a impressão de que se habita e circula em um espaço fragmentado e particular das tribos. Estes fenômenos não são opostos e constituem a base sobre as quais apóia-se o individualismo moderno (WEVIORKA, 1997). Há um isolamento do próximo, o outro é ignorado, predominando entre as pessoas relações carregadas de competitividade e frieza, enquanto o indivíduo anseia por compartilhar o mundo das celebridades. Para superar o conflito gerado pela falta de afetividade e reciprocidade nas relações, pela disputa pela identidade legítima, formam-se comunidades que procuram recuperar os espaços de interação. A partir de então os sujeitos passam a emitir sinais de reconhecimento que asseguram sua diferença e seu reconhecimento, ocupando uma posição estável e legítima dentro do grupo onde se processa sua identificação (MELUCCI, 2004).

O indivíduo constrói aspectos de sua identidade em comunidades, onde pode ancorar suas experiências, onde é capaz de construir um "projeto ético" que engloba o desejo de uma realização pessoal e a capacidade de ser autor de sua própria existência. Essas comunidades são, ao mesmo tempo, projetos e uma maneira de proteger os indivíduos (DUBET, 1994 *apud* WAUTIER, 2005).

A partir de então os indivíduos reinventam tradições, revivem momentos históricos, aderem a novos estilos criando identidades que são a base de comunidades étnicas, religiosas ou de resistência.

Vemos com isto que os espaços onde ocorre o jogo comunicativo estão alterados e a interação muitas vezes não prescinde das experiências do cotidiano. Este aspecto da construção das identidades pede novos mediadores para se comunicar e mandar sinais de reconhecimento. O apelo às tradições, a denúncia de exclusão, a vontade de reviver tempos não vividos transformam-se em estilos de vida e são as novas formas de criar significados que servirão de suporte para a identidade.

Nestas novas formas de identificação fragmentada, desterritorializada o mediador usado para se comunicar é muitas vezes representado pelo estilo. Através dele os indivíduos usam material simbólico para dar sentido às experiências objetivas do cotidiano. A escolha de um ideário, roupas, música funcionando como suporte para as identidades, que estão constantemente em construção, concretiza-se através de situações que favorecem a reciprocidade. Os estilos de vida são diferentes porque são diferentes os sentidos criados a partir deles. Propiciam diferentes conjuntos de referências para a construção das identidades. *"Um estilo de vida pode definir-se como um conjunto de práticas através das quais os indivíduos se esforçam por estilizar a sua vida, isto é, fazendo corresponder diferentes aspectos de sua vida (alimentação, vestuário, habitação etc) com modelos que não emanam necessariamente da cultura "dominante" ou de sua própria cultura" (PAIS, 1998, p.23).*

Alguns jovens utilizam o espaço público e o pertencimento ao grupo como forma de expressão da exclusão a que são submetidos e assumem uma postura de denúncia. São contra o consumo e procuram afirmar-se como jovens neste mundo juvenizado. O grupo cumpre uma função positiva criando um espaço de autonomia e auto-estima onde os jovens apresentam para a sociedade valores apoiados na resistência a um código-padrão cultural.

O estilo funciona como fornecedor de elementos que trazem similaridades e asseguram diferenças com outros grupos de jovens e com o mundo adulto (ABRAMO, 1994) e, portanto, o uso do visual não aparece como uma máscara e sim como uma marca identitária que compõe a identidade dos "grupos de estilo" (KEMP, 1993).

A franca adesão dos jovens aos "grupos de estilo" representa tanto a vontade de reconstruir os laços sociais perdidos como a possibilidade de experimentar diversas formas de agir. Ainda descompromissados em relação à estrutura social, podem circular

em diversos espaços sociais se apresentando das maneiras mais variadas e experimentando diferentes formas de ser: "*Movimentos juvenis tomam forma de uma rede de diferentes grupos, dispersas, fragmentados imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática*" (MELUCCI, 1997, p. 12/13).

O grupo *punk* funciona como espaço de reconhecimento apresentando um conjunto de significados específicos que estabelecem o sentimento de pertença a um grupo que fornece ao indivíduo seu hetero-conhecimento. Através do *punk*, o jovem ligado a este estilo se afirma como produtor de suas ações e o grupo reconhece e legitima esta condição. Aparentemente estamos falando de identidades coletivas, mas a intenção é pensarmos a dimensão do outro, necessária para a constituição da identidade pessoal. Falar da necessidade de reconhecimento no grupo é falar de um aspecto do processo de identificação: o do hetero-reconhecimento.

Se os espaços tradicionais da família, escola e trabalho oferecem dificuldades para o indivíduo se auto-construir, impelindo-o a buscar novos espaços de identificação, procuramos acrescentar à discussão quais são os espaços possíveis de hetero-reconhecimento, além de pensar como eles se constituem e como os jovens utilizam-se deles. Reforçamos, então, a necessidade do pertencimento grupal e as possíveis formas de relações solidárias, imprescindíveis para reforçar e garantir a identidade individual.

É o que Melucci chama de paradoxo da identidade, o indivíduo percebe-se semelhante ao outro e afirma sua diferença em relação ao outro. Os indivíduos sentem-se ligados aos outros não apenas pelo fato de existirem interesses comuns, mas percebem-se semelhantes aos outros podendo se reconhecer e ao mesmo tempo serem reconhecidos, assim como podem afirmar sua diferença individual e tê-la reconhecida pelo outro. "*O paradoxo da identidade é que a diferença, para ser afirmada e vivida como tal, supõe uma certa semelhança e uma certa reciprocidade*" (MELUCCI, 2004, p.47).

Mas, isto não significa que ignoramos que exista uma distinção entre a identidade de um sujeito individual e a identidade coletiva. A identidade coletiva não se apresenta como uma decorrência direta da identidade individual ou como somatório de suas partes, é um conceito importante para explicar a ação coletiva refletida nos movimentos sociais. Já estas identidades construídas a partir destes agrupamentos coletivos, nem sempre se constituem como fomentadoras de ações coletivas e

movimentos sociais, mas são relativas a determinados comportamentos coletivos (VIANNA, 1999). Para Melucci o que muda nos conceitos de identidade individual e identidade coletiva é o sistema de relações ao qual os atores se referem e em relação ao qual tomam seu referimento.

Mesmo que estas identidades nem sempre estejam ligadas a movimentos sociais, estes comportamentos coletivos podem surgir como formas de contestar a submissão. Resistem à cultura cosmopolita e se apresentam como a vontade de resposta para afirmar a especificidade de sua existência. Estas identidades realçam a subjetividade de os indivíduos que se comprometem ou se reconhecem em novos movimentos sociais, adaptadas aos valores culturais do grupo pelos quais se mobilizam. Esta subjetividade dos atores, tanto do ponto de vista pessoal como coletivo, está relacionada ao fato dos indivíduos não aceitarem o modelo prometido de futuro e desejarem viver o presente nas relações sociais e interpessoais pelas quais se mobilizam. O compromisso é com a possibilidade de liberdade: qualquer um pode recolher seu combate, sua mobilização, sua identidade coletiva, assim como interromper na hora que desejar (WIEVIORKA, 1997).

As identidades construídas a partir dos grupos jovens abominam a frieza e a impessoalidade das relações e reconstroem simbolicamente as relações solidárias em bases mais democráticas, nas quais predominam a igualdade e o princípio da escolha. O estilo é uma narrativa da auto-identidade. Expressa experiências vividas, desperta desejos e emoções, transformando espaços físicos e sociais, dando a eles novos significados e gerando parâmetros de comportamento e valores. Passam de consumidores a produtores, criam experiências que dão novos significados às suas trajetórias e cumprem funções positivas que não são resolvidas por outras instituições, significando um espaço de autonomia e auto-estima para os jovens (DAYRELL, 2001).

A *identidade punk* é uma destas alternativas que absorveu esta luta contra a exclusão e a possibilidade de reapropriação de elaboração dos sentidos. Ela procurou através do *grupo punk* reconstruir o jogo comunicativo e mandar novos sinais fundamentais para o reconhecimento recíproco.

A transitoriedade reflete a adesão dos jovens a diferentes estilos como forma de acompanhar a velocidade das mudanças que ocorrem no mundo, cada aparência corresponde a um momento no tempo. Mas também é uma forma de indicar distinção e afastar-se do funcionamento massificante da imagem pessoal, funcionando como uma

forma de dialogar com as estruturas que marcam posições na hierarquia social, tentando transgredi-las e subvertê-las (KEMP, 1993).

Consideramos, também, outro aspecto desta transitoriedade associado ao princípio da reversibilidade que ocorre nos processos de transição para a vida adulta. Surgem como consequência das mudanças ocorridas na sociedade e fazem com que esses processos de transição tornem-se heterogêneos e marcados por descontinuidades e rupturas. As posições entendidas como pertencentes ao mundo adulto encontram-se ultrapassadas por uma multiplicidade de estatutos intermediários e reversíveis, mais ou menos precários ou transitórios (PAIS, 1996).

Pais (1996) considera que a geração yô-yô é dominada pela ética de experimentação que possibilita aos jovens uma deambulação pelos mais variados estatutos:

A geração yô-yô, pela sua natureza, é uma geração de um tempo cíclico, de um tempo de eterno retorno. Os jovens desta geração tão rapidamente abandonam a escola, adquirem emprego e se casam - deixando de ser jovens e passando a adultos - quanto, com a mesma rapidez, caem de novo no desemprego, voltam a condição de estudantes e se divorciam, redescobrimo a juventude (PAIS, 1996, p.122).

Numa sociedade que tende a negar a determinada parcela dos indivíduos e, em particular aos jovens, a propriedade de serem produtores, transformando-os em consumidores passivos, o *grupo punk* traz a possibilidade de que se reconheçam e sejam reconhecidos como sujeito de suas ações. A sociedade massificante tende a negar a individualidade do indivíduo, em contrapartida o *grupo punk* ressurge como alternativa para que possam se reapropriar da posição de produtores e sejam reconhecidos por seus semelhantes de grupo, afirmando sua diferença.

A apropriação da *simbologia punk* e a alteração pela mídia dos seus significados originais fazem com que haja um questionamento por parte do grupo sobre a legitimidade de seus integrantes. Para que o sentido contestatório do grupo não seja totalmente anulado, surgem comportamentos destinados a realizar um patrulhamento da atuação do outro, que se baseiam num conjunto de regras e rituais, que acabam por constituir uma *tradição punk*, organizadora das identidades construídas dentro do grupo.

As imagens que o grupo transmite são constantemente apropriadas pela mídia e divulgadas na sociedade. O conflito e a averiguação da legitimidade da identidade no grupo é a forma encontrada para assegurar suas fronteiras. Como existe uma fragilidade

nestas fronteiras, os seus membros estão sempre discutindo o que é legítimo ou não, havendo sempre aqueles que são colocados fora do grupo.

Os comportamentos devem ser baseados na *tradição punk* para serem legítimos e proporcionarem o reconhecimento. Há um *discurso punk* de que não se deve negociar com a sociedade, porém como a função do grupo é reaver os laços sociais perdidos, esta *tradição punk* e os comportamentos que ela produz são contraditórios. Sempre há o questionamento sobre "quem é *punk* de verdade" e "quem é *punk* de visual".

O excesso de possibilidades da atualidade leva a uma pluralidade de pertencimentos. Uma mesma pessoa está exposta a uma grande diversidade de situações, sendo levada a desempenhar uma diversidade de papéis, realizando atividades conflitantes e pertencendo a uma ou mais coletividades simultaneamente. É possível conciliar as diferentes identidades que demandam o cotidiano e a possibilidade de agir nele através de uma característica do "eu" representada pela sua multiplicidade. Esta característica múltipla refere-se à capacidade do "eu" de se reestruturar perante o sistema de relações e representações do qual o indivíduo faz parte e resultando em muitas identidades que lhe pertencem: familiar, social, *punk* etc. Aquilo que muda é o sistema de relações do qual o indivíduo faz parte, se refere e em respeito ao qual vem o seu reconhecimento (MELUCCI, 2004).

O ajustamento entre as várias identidades é proporcionado pela reestruturação do "eu", que é constantemente reajustado à medida em que as situações o impelem. (MELUCCI, 2004). Existem âmbitos da vida que não comportam, por exemplo, a identidade gerada no estilo. A possibilidade de agir em outros sistemas é conseguida através desta característica que mantém a coerência entre a identidade construída nos grupos de estilo e a vida social.

Então a noção da "multiplicidade do eu" (Melucci, 2004) nos faz compreender a identidade como um campo dinâmico de relações, com a capacidade de intervir sobre si mesmo e se reestruturar. Essa realidade faz com que a identidade se faça múltipla, pois no "eu" coexistem diferentes partes. Ela permite apreender a complexidade das relações existentes entre as diferentes esferas de sentido, num jogo de influências e pressões diversas, exigindo de cada um o esforço de articulação e coordenação, de forma a conseguir elaborar uma compreensão de si mesmo.

Para Melucci (2004, p. 53):

Podemos ir preenchendo esse horizonte com conteúdos mutáveis e viver nossa continuidade no presente como capacidade simbólica de nos reconhecermos

pela nossa ação. No fluir da experiência que cada vez mais se diversifica, só poderemos manter nossa consistência, a continuidade entre passado e futuro e entre sistemas de relações que nos obrigam a continuas redefinições, se nos reconhecermos na capacidade de ação que nos identifica como indivíduos em relação com os outros. Isso somente poderá ocorrer como experiência consciente da presença para nós mesmos e para o mundo.

I. 3 . O grupo de estilo como objeto de estudo

O objeto deste estudo é o integrante do *Movimento Punk* da região metropolitana de São Paulo, a construção de sua identidade, suas formas de sociabilidade e a relação com outras esferas sociais. Analisaremos como vivenciam e se constroem como sujeitos, as formas que encontram para se apropriarem da condição de produtores e de vínculos para a reconstrução dos laços sociais.

A escolha dos jovens, como sujeitos a serem pesquisados, vivendo e construindo experiências em um “grupo de estilo” (KEMP, 1993) é significativa, pois o jovem é hoje o ator que polemiza o modelo cultural através da criação de “estilos” (ABRAMO, 1994), cenas e modos de vida que questionam o modo adulto de ser.

O *Movimento Punk* tem uma proposta de intervenção na sociedade, se mobiliza em torno de atividades beneficentes e possui espaço próprio de sociabilidade. Proporciona um conjunto de experiências não-escolares para que muitos jovens se produzam como sujeitos sociais e veiculem suas representações culturais.

O estilo apareceu no final dos anos 70, estimulou outros grupos juvenis a expressarem suas identidades e foi um dos primeiros grupos de extração trabalhadora a dar inspiração básica ao universo dos grupos juvenis dos últimos 20 anos.

O “estilo *punk*” (ABRAMO, 1994) produziu influência marcante nos grupos juvenis. Seu lema, *faça você mesmo*, possibilitou a criação de roupas, dos locais de encontro e circulação de idéias. Criou-se a possibilidade de se fazer música com “apenas três acordes”. Assim, jovens de todas as classes sociais montaram suas bandas, dando início a uma nova feição aos grupamentos juvenis que surgiram.

Os jovens utilizaram as questões propostas pelos *punks*, tanto em suas letras de música, como na forma de se posicionar diante dos acontecimentos histórico–sociais. Jovens estes que são vistos negativamente, principalmente, quando comparados às

gerações anteriores. A tendência é vê-los como passivos, carentes de idealismo e de empenho transformador e, ainda, sem interesse pelas questões públicas.

De acordo com Abramo (1997, p. 28):

Parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano de sua tematização como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é esta a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los.

A forma como a sociedade percebe os *punks*, sobretudo pela ação da mídia, parece ser constituída pela idéia de que são grupos de jovens estilizados, com seu discurso incoerente, que brotam do nada para fazer confusões em dias de shows, manifestações e etc. Surgem, causam tumulto e somem. Os estudos sobre o *Movimento Punk* mostram o quanto esta visão é simplista e revelam que os *punks* são produtores culturais, que se mobilizam em torno de um tema, possuindo um espaço próprio e característico.

Para compreender a *identidade punk* fez-se necessário uma releitura de trabalhos já realizados sobre o *Movimento Punk* para fornecer subsídios e possibilitar o desenvolvimento desta pesquisa. A base teórica relativa ao *Movimento Punk* não é vasta, porém é significativa. Os estudos iniciam-se no início dos anos 80, quando da explosão do *punk* no mundo, estendem-se praticamente até os dias de hoje e estão centralizados na sua organização e produção cultural.

Dayrell (1998, p. 23) afirma que:

As análises não permitem conhecer o jovem punk na sua totalidade. Estão centradas na descrição e análise dos grupos em si mesmos, e o fazem de forma primorosa. Já sabemos a realidade cotidiana dos grupos em si mesmos, a forma como se organizam, as propostas ideológicas que defendem, o significado do visual, etc... mas não sabemos quem são estes mesmos punks no cotidiano fora dos grupos. Como articulam suas diferentes identidades? Qual o peso e o significado de ser punk no conjunto da vida de cada um?

Tais estudos se concentram na forma como o grupo se constitui, como se organiza, o que produz, como se identifica. Mas a *identidade punk*, a construção do *ser*

punk e sua relação com outras instituições socializadoras, como escola, família, trabalho, religião, entre outras, ainda foi pouco abordada.

A produção de estilos acontece no cruzamento dos campos do lazer, do consumo, da mídia e da criação cultural. Através deles os jovens constroem espaços de sociabilidade, diversão e de atuação. O estilo funciona como um fornecedor de elementos que apresentam similaridades e asseguram as diferenças com outros grupos de jovens e com o mundo adulto (ABRAMO, 1994).

A noção de “estilo” pressupõe a criação consciente de traços com novos princípios de ordenação, com o objetivo de se diferenciar de outros artefatos, ressaltando, assim, a dimensão de escolha e distinção. Além disso, envolve a organização intencional de objetos numa determinada configuração, assumindo uma identidade e uma posição diferenciada no mundo (ABRAMO, 1994).

Outras duas noções em que nos apoiamos nesta pesquisa foram as de “grupo de estilo” e a de “comunidade afetiva”, formuladas por Kemp (1993). A primeira tem a ver com a formação de coletividades que tomam como referência o pertencimento a uma identidade coletiva, elaborando uma proposta estética e um modelo de comportamento. A segunda refere-se à formação de uma comunidade constituída por laços de identificação e solidariedade, que atravessam muitas esferas de localização objetiva na sociedade.

Muito significativas, também, para se entender a importância da contra-cultura foram as considerações de Kemp (1993) sobre os estudos de Baudrillard (1972), pois este autor afirma que a mídia monopoliza o poder da palavra ao desequilibrar o jogo comunicativo, tornando-se unidirecional sem direito a resposta. O discurso contra-cultural se opõe à massificação e suas práticas alienantes, tentando justamente articular uma resposta e restaurar o jogo social, a comunicação. E é aí que está seu potencial contestador, pois tenta quebrar o monopólio da palavra exercido pela mídia. Se for quebrado o monopólio da palavra, esta é reinserida no sistema de troca. Se tal acontecer, a relação de poder, baseada no monopólio da palavra pela mídia estará destruída. (BAUDRILLARD, 1972 *apud* KEMP, 1993)

A mesma autora, a partir da leitura do estudo de Goldthorpe⁶ (1992 *apud* KEMP, 1993, p.201) também nos fornece importantes posicionamentos elaborados por diferentes autores sobre o *Movimento Punk*, que reproduzi resumidamente em caráter

⁶ GOLDTHORPE, Jeff - “Intoxicated Culture: Punk Symbolism and Punk Protest” in SOCIALIST REVIEW, vol. 22 (2), Apr/Jun: 35 –64/1992.

ilustrativo: Roué (1986) acredita que o *Movimento Punk* é a retomada do “dandismo” de Baudelaire e seu grupo; já Yonnet (1985) compara-os aos dadaístas e às suas propostas de subversão da produção artística e Bloomfield (1991) afirma que o *Movimento Punk* inaugurou a modernidade na história do *rock*. Chambers (1986) afirma que o grupo conseguiu burlar as fronteiras entre a cultura dominante e a marginal, entre a música e o barulho, entre os signos de música e os signos de vestuário.

Atuar no *Movimento* significa participar das ações propostas por este “grupo de estilo” (KEMP, 1993) consideradas como legítimas. O que une seus integrantes é um sentimento de igualdade, de irmandade, de comunhão, sentimentos comuns de uma comunidade. A *comunidade punk* deve ser entendida como uma comunidade simbólica, que atualmente está englobada num universo maior denominado Underground do Rock através da *cena punk*.

A “cena” de um determinado “estilo” refere-se à produção musical, público assistente, divulgadores, editores de *fanzines*, espaços para apresentações musicais, coletivos, etc. Esta *comunidade punk* sobrevive através da entrada de novos integrantes e daqueles cuja idade avança sem terem se afastado do convívio do grupo (KEMP, 1993). Apesar dos limites impostos pelo “grupo de estilo” (KEMP, 1993), uma vez que ele se articula em torno do tempo do lazer, a produção cultural *punk* possibilita a construção de um espaço cultural e um mercado informal que possibilitam uma vivência para além da juventude entre os que são “*punks* não jovens”.

O *underground* determina práticas coletivas e de produção de bens simbólicos privilegiados como expressão de modos de vida. O cotidiano passa a receber atribuição de significados e valores através da interferência do exercício de *ser punk*, que permite uma vivência ligada à produção cultural. O mercado informal possibilita uma vivência prolongada no grupo de estilo, mas as atividades geradas pelo *underground* não são muito rentáveis e, portanto, o que mantém os indivíduos sendo *punks* na idade adulta está ancorado no reconhecimento que recebe do grupo pelas atividades que realiza. É a condição de produtor de suas ações que o mantém prolongadamente no grupo.

Os jovens pertencentes ao “grupo de estilo” (KEMP, 1993) não dividem seu tempo entre estar sendo ou não um *punk*, enquanto pertencem à comunidade eles são *punks*. As diversas trajetórias possíveis dentro do estilo acabam determinando o tempo de permanência e o nível de envolvimento coletivo de cada indivíduo. A questão da transitoriedade e da permanência no grupo é vista e justificada como uma afirmação ou negação da legitimidade, ou seja, a permanência além da juventude pode ser

considerada uma “atitude” daquele que colocou sua existência no estilo ou, então, uma “traição” daquele que passa a viver vendendo os *símbolos punks*. Portanto, apesar do existir limites para aqueles que vão assumindo papéis que o “grupo de estilo” não elaborou a seu modo, é possível encontrar algumas alternativas que ressignificam o conteúdo simbólico de ser *adulto punk*, ou um *punk da antiga*, mantendo este integrante potencialmente ativo no *Movimento*.

Aqui no Brasil, o *Movimento Punk* chegou em 1978 e assumiu feições próprias e, mais precisamente na cidade de São Paulo, uma das características marcantes do *Movimento* é a união dos *punks* em *bancas*, nome dado pelos *punks* às *gangues*⁷. As *gangues* eram uma presença constante no início do *Movimento Punk Paulista*, e algumas persistem até os dias atuais. Elas consistem na reunião de *punks* para trocar informação, escutar música ou irem juntos a bares ou “som”. Nos anos 80 estavam divididas em *punks da cidade* e *punks do subúrbio*. A partir de 1990, surgiu a banca dos *anarcopunks*, como uma dissidência destes dois grupos *punks*.

A divisão entre *cidade* e *subúrbio* estava mais ligada a uma postura do que a um território, apesar da existência de *territórios da cidade* e *territórios do subúrbio*. As *gangues* (ou *bancas*) chegavam a ter de 15 a 50 integrantes e possuíam um nome que as designava. Caiafa (1985) descreveu e chamou a atenção para o nomadismo dos grupos no Rio de Janeiro, que ocorria de forma semelhante em São Paulo. As caminhadas dos *punks* em busca do que fazer, a perambulação de um lado para o outro, a espera durante a madrugada para que a condução voltasse a funcionar para que pudessem voltar para casa, foram os motivos para que a sua característica fosse ligada ao nomadismo.

Na década de 80 os *punks* saíam do ponto de encontro para o “rolê”. Hoje vão aos shows. Reúnem-se para ir aos shows e de lá muitas vezes partem para outro lugar. O número maior de shows resulta no fato que sempre os *punks* têm um lugar para ir, o que não acontecia antes, quando procuravam um bar para colocar suas *fitas punks*.

A atuação dos *punks* estava refletida na ação das *gangues* e, hoje, na ação das bandas. O grupo organiza a convivência dos indivíduos e é a convivência que dará sentido à *identidade punk*: “O grupo e a gang são a forma de por em prática a

⁷ As *gangues punks* são constituídas por grupos de amigos que se reúnem no tempo do lazer para juntos elaborar *fanzines*; planejar eventos ou shows; compor, ouvir e tocar música; e circular no espaço público em busca de diversão. Não são *gangues* vinculadas ao mundo da criminalidade. O estigma que o termo traz fez fosse substituído por *banca* e, mais recentemente, por coletivo. O *coletivo punk*, entretanto, além das atividades acima relacionadas procura realizar outras, relativas aos problemas da comunidade onde está inserido.

contestação individual, permeada por um sentido coletivo, e é através deles que os indivíduos vão afirmar a identidade punk para si, para o grupo e para fora” (PEDROSO; SOUZA, 1983, p.16).

As gangues são espaços onde a “masculinidade hegemônica” (CONNELL,1995) é plenamente exercida: existe o culto à superioridade corporal dos homens e à sua supremacia no domínio da violência.

Esta supremacia pode ser observada⁸ no seguinte trecho:

As músicas e as danças exploram um gestual e movimentos explicitamente masculinos. É tudo muito agressivo: a forma de tocar guitarra e bateria, os pulos do vocalista e os gestos de mãos, a forma do público dançar, balançando os braços como se estivessem correndo, ao mesmo tempo que simulando brigas, os pulos, os empurrões, tudo remete a uma expressão masculina (GONÇALVES, 1998, FAPESP - Diário de Campo/Bar do Ball).

Mas isto nunca impediu que as garotas fizessem parte do grupo. A roupa que usam é o visual de guerra: calças ou blusas camufladas, coturno, muitas correntes pesadas, longe dos enfeites femininos e nada que lembre sensualidade, nada que as leve a ser potenciais “objetos de troca”, perdem, portanto, seu “capital simbólico” (BOURDIEU, 1999).

As garotas *punks* procuram construir suas identidades longe das normas e valores que aprisionam as identidades, porém as *identidades punks femininas* convivem com inúmeras contradições. Seria interessante entender como se articulam as *identidades punks* das garotas nos diferentes *grupos punks* e como confinam a *identidade punk* nas normas de uma identidade binária⁹. Porém, estudar gênero no *Movimento Punk* é mais complexo do que falar sobre uma identidade que carrega uma marca identitária ligada ao sexo. Para que o estudo fosse completo, deveríamos pensar também como se estabelecem as relações a partir das diferenças de gênero e como o grupo lida com a masculinidade e a feminilidade. Como isto não era possível, optamos por deixar esta discussão para um próximo momento.

⁸ A articulação de símbolos da masculinidade pode ser observada nas gravuras que ilustram cartazes, *flyers*, capas de *zines* e de cds. Vide anexos

⁹ Para Nicholson (2000) as identidades constituem-se em processos sociais, somado a isso, a nossa sociedade ocidental considera importante para a sua construção a contribuição das evidências físicas. O resultado é que a identidade se manifesta dividida num eu masculino ou feminino, definida em termos binários, fixa, mutuamente exclusiva e enraizada num corpo diferenciado. Esta identidade que combina o corpo biológico (natural) com papéis sociais (cultural) é considerada normal e legitimada por normas e valores sociais.

O *Movimento Punk* apesar de incorporar o discurso da igualdade entre os sexos, não democratiza as relações nele existentes, não altera o padrão de relacionamento entre homens e mulheres mantendo-o da mesma forma que existe hoje em nossa sociedade. É um padrão permeado por relações de poder que impede a igualdade de gênero. Portanto, fica claro que pouco adianta modificar o discurso já que isto não significa necessariamente uma mudança de comportamento e atitude. Entretanto, não há restrições para a realização de atividades no grupo, nesses momentos todos são *punks*, garotas e rapazes montam suas bandas, organizam shows, eventos e escrevem em *fanzines*¹⁰.

O show das bandas proporciona “o momento de encontro”, um momento de alegria, quando dançam e cantam suas músicas preferidas. O show faz com que os *punks* se reúnam e é nessa hora que combinam outras atividades, se expressam, fazem panfletagem, divulgam suas bandas, distribuem *flyers*, etc.

Atualmente existem dois pólos diferentes que acabam por caracterizar a *comunidade punk*: aqueles que pertencem à indústria cultural e os que tentam se afirmar como movimento social. Os primeiros, contraditoriamente, não têm necessariamente o *punk* como público alvo e recebem novas denominações como *hard core melódico*, *ska core*, *skate punk*, *punk pop*, *fórró core*, uma diversificação de estilos voltados para uma platéia mais ampla do mercado musical. Os segundos tentam marcar presença nos últimos acontecimentos sociais, que foram denominados como manifestações anticapitalistas e que têm a cidade de Seattle como marco. Em todos os eventos em que estive presente, o *punk* teve papel fundamental e determinante, pelo menos no Brasil¹¹.

¹⁰ No *Movimento Punk* o primeiro exemplar foi o “Sniffin Glue”, feito em Londres em 1976. A idéia era fazer uma publicação aperiódica, feita com recursos caseiros, manuscrita ou datilografada. Eram xerocadas e passadas de mão em mão, de preferência gratuitamente. Em São Paulo os *fanzines* apareceram no início dos anos 80, os primeiros *zines paulistas* que se tem notícia são o ‘Fator Zero’, ‘M.D.’ e ‘S.P.Punk’.

Os assuntos tratados são variados, fala-se sobre tudo: acontecimentos políticos nacionais e internacionais, textos sobre o *Movimento*, poesias, letras de músicas, manifestos libertários etc. Veicula-se muito daquilo que é *ser punk*.

É esta rede comunicativa própria que favorece o surgimento do sentimento de pertencimento a uma comunidade. Possibilita o compartilhar do mesmo universo simbólico e, através dela, é capaz de expressar laços de união e solidariedade (KEMP, 1993). A rede, entretanto, não se resume à circulação de *fanzines* e, atualmente, tem seu lado virtual representado pelos *sites* e *netzines punks*. Na *rede comunicativa punk* migra a *música punk*; divulga-se das bandas, cds, shows etc. É um dos meios de entrar em contato com o restante das atividades dos coletivos e dos diversos *grupos punks*, que confeccionam camisetas, logotipos de bandas, cartazes de shows; *flyers* (espécie de um cartão de visitas) de bandas e shows; *releaze* (histórico) de bandas, *zines* e coletivos. Organizam coletâneas em cd, shows e eventos beneficentes. Fazem protestos e panfletagem em datas consideradas importantes.

¹¹ Aqui no Brasil quando ocorrem manifestações os punks quase sempre estão participando. O *punk* é um dos protagonistas permanentes.

Aparecem como uma interrupção intempestiva, breve e, por vezes, violenta. A imprevisibilidade e a intransigência, características do *punk*, revelam aspectos de sua identidade: o espírito de aventura nela contida e a postura de denúncia e resistência às injustiças sociais.

A pesquisa aprofundou-se na questão do *ser punk*, dos elementos formadores da *identidade punk*. Procurou também fazer uma comparação com as outras instituições socializadoras, para verificar como esta identidade interfere nos diferentes âmbitos da vida dos indivíduos ligados ao grupo e como se processa a construção de suas subjetividades.

Kemp ao procurar compreender como ocorre a manutenção dos laços sociais nos “grupos de estilo” comparou-os aos Piraoa. Percebendo que os *punks* utilizam o mesmo referencial simbólico desde que surgiram até os dias atuais e, apesar disto, insistem em afirmar a criatividade do grupo, a autora intrigada encontrou uma resposta entre os Piraoa, numa comparação que consideramos muito rica e elucidativa.

No estudo de Overing¹² (1989 *apud* KEMP, 1993, p.203/204) a autora revela que para os Piraoa existem as forças que produzem a transformação e a criação de novos materiais e recursos que pertencem a uma época de conquistas e dominação. Enfeitiçado por estas forças, o herói criador dos Piraoa tornou-se um destruidor de laços sociais ao implantar a desigualdade entre eles. Com isto, a criatividade seria um requisito indispensável para criar um conforto emocional. A criatividade é oposta à “filosofia de rebelião” presente naquele passado em que o herói mítico destruía os laços sociais. Por isto, sua criatividade exige a prática diária de invenções que garantam a integridade dos laços sociais, ela é considerada uma “criatividade de manutenção”.

Kemp (1993) compara as considerações sobre os Piraoa aos *punks* e qualquer outro “grupo de estilo”. Explica que os Piraoa usam seu herói mítico destruidor de laços sociais como contraponto para o estabelecimento da noção de criatividade, entendida como “criatividade de manutenção” de laços sociais. Já os *punks* (e qualquer outro “grupo de estilo”) usam como contraponto para a sua criatividade o modelo de sucessão de estilos ditados pela moda, cujo funcionamento não depende de laços coletivos ou de construção de sentido sobre estes laços coletivos. É na possibilidade de construção de sentido sobre estes laços sociais que os *punks*, e os outros grupos, fundam

¹² OVERING, Joana – “The Aesthetics of Production; The Sense of Community among the Cubeo and Piraoa”, in DIALECTICAL ANTHROPOLOGY, vol. 14, no. 3 :159 –176/ 1989.

seu potencial criativo, tratando-se de uma reeducação dos seus sentimentos, mediada pelas imagens e pelos sons, que são socialmente e coletivamente criados por estes jovens (KEMP, 1993).

A criatividade valorizada pelos *punks* é aquela referente à capacidade de manter os laços que caracterizam o grupo. É a capacidade de manter os laços de uma comunidade que não se caracteriza pela origem comum, pelas tradições localmente reproduzidas, mas pelas práticas e valores presentes no grupo, pela identificação com a atividade de construir e reproduzir os significados do “estar junto”. Para o *punk*, criatividade não é exibir vantagens materiais ou exibir novidades a cada aparição, é a capacidade de, diariamente, produzir seu sentido de grupo, valendo-se de um número finito de elementos estéticos que são constantemente rearranjados (KEMP, 1993).

CAPÍTULO II – DESCREVENDO OS PERCURSOS DA PESQUISA

II. 1 – O trabalho de campo

Para realizar este estudo, optei pela pesquisa do tipo *qualitativa*, pois suas características proporcionam um envolvimento com o grupo estudado que permite adquirir informações mais aprofundadas, possibilitando a compreensão da *vivência punk*. O principal instrumento deste estudo foram as entrevistas feitas com informantes ligados ao *grupo punk*, porém acredito que todo o material coletado em campo também poderá para ilustrar a análise.

Realizei o trabalho de campo com certo direcionamento, um *olhar direcionado* para identificar aspectos de *ser punk* e os significados gerados pela assunção desta identidade no cotidiano destas pessoas. Esta delimitação ocorreu em função de estar o estudo empenhado em verificar a construção da *identidade punk*; observar o papel do grupo como mediador desta construção, na medida em que o grupo influencia o auto-conhecimento e o hetero-conhecimento.

Gravei descrições e considerações suscitadas pela maioria dos encontros com *punks*. Algumas, de memória, quando chegava em casa. Outras vezes, quando saía com o grupo, no próprio instante do encontro. Neste caso, afastava-me por alguns momentos, para registrar as situações que então estavam acontecendo.

A realização do Trabalho de Campo e seu resultado foram divididos em 3 etapas:

- Momento de sondagem
- Fase exploratória
- Organização do material

O trabalho de campo teve início no segundo semestre de 2003 e caracterizou-se como um “*momento de sondagem*”. Procurei saber quais eram as bandas consideradas como as mais representativas pelos jovens, qual sua importância, quais eram os interlocutores exponenciais do grupo no decorrer dos anos etc. A finalidade era a de selecionar os sujeitos para as entrevistas, assim como selecionar as principais bandas e protagonistas que me levassem à construção e definição dos representantes dos três momentos do *Movimento Punk* nos últimos 25 anos.

A partir de suas falas e dos trabalhos já realizados sobre o *Movimento Punk*, construí uma *história do punk paulista* (capítulo III – Apontamentos em torno da

trajetória do *punk paulista*). As diferentes *fases punks* estão relacionadas ao surgimento das bandas e à sua trajetória, elas indicarão a passagem do *tempo punk*. Construir a *história punk* foi importante para a definição das *fases punks* e dos informantes relativos a cada uma delas, como também foi um referencial importante para a análise das entrevistas, consideradas como um aspecto estrutural da narrativa da identidade destes informantes. É a forma como os *punks* situam no espaço e no tempo sua subjetividade e suas ações, é a identidade situada, circunscrita no espaço e no tempo.

A sondagem ocorreu em alguns shows, que eu presenciei, e na Galeria do Rock. Na Galeria, encontrei diversas pessoas que aceitaram ser entrevistadas, mas também encontrei aqueles que não quiseram falar. A Galeria representou um recorte realizado em termos de espaço a ser investigado. Acredito ser muito representativa pelo fato de ser freqüentada por jovens de diversos *grupos de estilo* e por acomodar os *punks*, desde seu início, através da loja “*Punk Rock Discos*” aberta em 1980. Já o espaço dos shows serviu como complemento da investigação e representou, também, uma *relação de troca* entre a minha pessoa e a de alguns entrevistados.

Procurei entrar em contato com os *punks* e me fazer aceita, sem ser identificada com algum grupo em particular. Isto porque pretendia garantir um certo distanciamento e objetividade na coleta de informações. No entanto, invariavelmente, eu era vista como uma “pesquisadora de fora e *ex-punk*”, ou “uma colega *punk* ligada à USP”, o que acabou me proporcionando algumas facilidades, mas também alguns problemas, como o constrangimento de precisar entrevistar determinadas pessoas que não considerei significativas para a pesquisa.

Os *punks*, de modo geral, acham que todos aqueles que representam a sociedade devem ser evitados, a não ser os equipados com boa vontade bastante para escutar e entender o seu protesto. Ora, como têm consciência de que quase sempre não podem contar com isto, assumem aquela atitude característica de *desconfiança*, que os torna inabordáveis e que, muitas vezes, gera as atitudes violentas que acabam por endossar a imagem construída pela mídia.

Caiafa (1983), já no plano científico, chama de *severidade punk* o fato de que os integrantes deste grupo não dão entrevistas, não querem ser filmados, não revelam seus nomes, enfim, não desejam nenhum tipo de acordo com os “de fora”. Coerente com esta *desconfiança*, a que a mencionada Caiafa atribui o rigor da *severidade*, o *punk* não cessa de passar a sua mensagem, expressa num discurso que enfatiza sua distância em relação à sociedade, ao sistema. Isso explica por que muitos deles - por não

concordarem em dar entrevista, mas também para não renunciar à oportunidade de veicular sua ideologia - me presentearam com letras de música, *flyers*, enfim, muito material produzidos por eles.

Além da Galeria do Rock, fui a shows para procurar possíveis entrevistados. Percebi que, no momento do show, era ainda mais difícil encontrar informantes do que na Galeria. Os shows acontecem com uma frequência alternada e em lugares diferentes, o que torna muito difícil reencontrar a pessoa para entrevistas. Primeiro, porque o show é um momento de celebrar, fruir, de curtir, ou seja, as pessoas estão menos propensas a um contato mais sério, que exige reflexão. E segundo porque, para entrevistar uma pessoa, que já por princípio abomina entrevistas, é preciso ganhar a confiança dela, e num show, o tempo disponível para conversa não é suficiente para que a pessoa acabe por confiar em você. Pelo menos foi assim que ocorreu comigo. Talvez com mais tempo e maior frequência a shows, eu conseguisse entrevistados ainda mais diferenciados do que aqueles que compõem o universo desta dissertação.

Na verdade, estava procurando entrar em contato com *punks* da gangue Fhunerak Punk. Gostaria de entrevistar seu “líder” que hoje deve estar com aproximadamente 40 anos. Os *punks ganguistas*, como são chamados por outros grupos de jovens e também pelos próprios *punks*, são *punks da antiga* que se uniram a novos *punks* para ressuscitar antigas bancas dos anos 80 e início de 90. Mas não consegui entrar em contato com nenhum, até porque eles desapareceram da Galeria no primeiro semestre de 2004. Este período foi marcado por inúmeras ações violentas entre *grupos punks*, *carecas e straight edge* (facção vegetariana do *punk*), e só começaram a reaparecer, timidamente, após o encerramento desta pesquisa.

Na segunda etapa do trabalho de campo, na “*fase exploratória*”, o primeiro semestre de 2004, momento em que retornei para realizar as entrevistas, muitos informantes haviam desaparecido. Uns porque, pura e simplesmente, deixaram mesmo de frequentar a Galeria. Outros porque, apesar de agendado o contato, houve desencontro. Outros, ainda, após concordarem com a entrevista, mudaram de idéia e não quiseram mais falar. Por causa destes desencontros, no segundo semestre de 2004, tive ainda que prosseguir no trabalho de campo.

As entrevistas, efetivamente concretizadas, foram realizadas em locais indicados pelos informantes, apresentando-se, por vezes, como uma conversa informal, embora todas estejam na categoria de “entrevista semi-estruturada”. Para alguns informantes, foram necessárias duas entrevistas. Para outros, só retornei para fazer esclarecimentos.

A cada vez que fui a campo, gravei as atividades realizadas ou fiz um ou outro registro, à mão, em forma de anotações. Guardei e classifiquei todo o material que recolhi, apresentando-o na terceira fase do trabalho, referente à “organização do material”. Chamei todas as anotações de *descrição*, enumerando-as em ordem cronológica. As descrições eram sucintas, algumas o simples registro de minha incursão pelo campo, redigida da seguinte forma: *Descrição 3, Ida ao Galerias 20/10/2003*.

Na etapa seguinte “**organização do material**”, já está contida uma análise da situação estudada, ligada à “análise documental”, uma vez que os dados coletados foram separados, classificados e armazenados para posterior consulta.

Ao classificar o material tive uma noção da sua quantidade e da impossibilidade de utilizá-lo na sua totalidade, pois apenas as entrevistas já trouxeram uma quantidade enorme de informações. As falas dos informantes foram classificadas a partir de um recorte temático – a construção da identidade – e o restante do material coletado em campo foi usado como suporte para o trabalho.

Esta filtragem das falas dos entrevistados e o abandono do material coletado¹³ em campo foram um desafio: minha vontade era a de utilizar absolutamente tudo, mas corríamos o risco de tornar o estudo superficial demais. A solução foi fazer um recorte temático e diminuir o universo da pesquisa.

A forma como fiz a organização do material coletado em campo está descrita abaixo; já a organização das entrevistas será descrita com maior detalhe no item seguinte (As Entrevistas). Apresentar a forma como foi organizado o material tem como objetivo mostrar a quantidade de material existente sobre este grupo de estilo:

1) As entrevistas

- A entrevista (transcrição integral)
- Ficha de Transcrição (resumo da entrevista)
- Descrição do entrevistado e/ou situação da entrevista
- Registro de comentários pertinentes realizados antes ou depois da entrevista

2) Material de Observação

- Descrição de situações na Galeria
- Descrição de conversas

¹³ Em anexo - a partir do C - pequena seleção deste material.

- Descrição de shows

3) Material dos Punks

- Correspondências
- *Fanzines*
- Panfletos/Protestos
- Releases de bandas
- Letras de música
- Flyers/Filipetas

4) Internet

- Zines virtuais
- Páginas de bandas/sobre o Mov. *Punk*
- Comentários sobre o *Punk* no CMI (Centro de Mídia Independente)

5) Material sobre os Punks

- Jornais e revistas (mídia estabelecida e alternativa)
- Jornais e revistas virtuais

Trata-se de material suficiente para abarcar os principais elementos do *capital simbólico punk* e que, classificado conforme acima descrito, funcionou como suporte que esteve à minha disposição, sempre que necessitei explicar melhor, confirmar ou ilustrar algum significado do *conteúdo simbólico punk*:

“Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre este mesmo contexto”
(Ludke e André, 1986, p.39).

Porém, apesar de todo material recolhido, o foco da análise ficou sobre as entrevistas realizadas com os *punks*. Veremos como foram trabalhadas nos itens a seguir, quando descrevo como foram realizadas e as características dos informantes.

II.2 - As entrevistas

O principal instrumento de investigação deste estudo foram as entrevistas do tipo *semi-estruturado*. Este tipo de entrevista foi escolhido porque a forma de elaborá-la não é rígida, o que permitiu fazer adaptações à medida em que o informante ia sendo entrevistado, ao mesmo tempo em que as informações eram extraídas. Permitiu, ainda, que eu retornasse para uma segunda, ou terceira entrevista, quando verificava a ausência de alguma informação relevante. Para atingir este objetivo, a entrevista foi realizada individualmente, sendo oferecida a cada informante uma possibilidade de uma maior interação, a oportunidade de intervenção e da revelação de experiências confidenciais.

Acreditei que realizar entrevistas com os *punks*, separados do contato com o grupo, seria a forma mais rica de captar os significados que elaboram sobre a identidade *punk*. Elas propiciaram um momento rico em que elaboram um discurso, muitas vezes idealizado e cheio de emoção, que refletem as paixões, os desejos, as mágoas, enfim retrata a subjetividade destes indivíduos. É a narração sobre a trajetória de suas vidas, refletidas nas confidências e argumentos que pertencem às suas *identidades punks*.

As entrevistas objetivaram entender a percepção do informante para o que é “*ser punk*”, qual o significado do “*grupo de estilo*” (KEMP,1993), da escola, da família do trabalho etc. Buscaram captar tudo que pudesse ser fundamental para a construção de sua identidade como decorrência de seu pertencimento ao grupo, as possibilidades de permanência nele e a eventual aquisição de uma “*herança punk*” transmitida para as outras esferas da vida. O Roteiro de Entrevistas foi feito de forma temática, a fim de abarcar todos estes assuntos cima citados.

Mesmo sem construir uma análise a partir da perspectiva do gênero, ao entrevistar homens e mulheres ligados ao grupo, procurei verificar qual o espaço das garotas no grupo, e nas entrevistas direcionadas só para as mulheres, procurei entender como construía sua *identidade punk* a partir deste espaço.

A **realização das entrevistas** aconteceu em duas etapas: uma primeira, na qual eu contactava o entrevistado e a segunda, da entrevista propriamente dita.

Primeira etapa: O contato. Neste momento, explicava como seria feita a pesquisa, com que objetivo, o que eu estava buscando e o que pretendia fazer. Com isto, pretendia esclarecer os entrevistados e ter certeza de que as pessoas concordavam com a entrevista.

Muitos, já nesta etapa, descartavam a entrevista, enquanto outros perguntavam se eu já estava com o gravador, tamanha era a vontade de participar.

Para alguns, eu fiz duas visitas relativa a esta primeira etapa e, mesmo assim, no segundo encontro a entrevista era recusada.

Segunda etapa: A entrevista. Nesse momento eu me dirigia ao local em que o entrevistado indicava e aí ocorria a entrevista.

No início, eu fazia duas entrevistas com a mesma pessoa, pois geralmente a primeira entrevista ficava incompleta. Faltavam alguns tópicos para ser respondidos. Mas, depois das primeiras entrevistas, consegui dar conta de todos os tópicos do roteiro em uma única entrevista. Primeiro, porque ganhei confiança, adquiri experiência e, segundo, porque, com o tempo, a repetição fez com que eu memorizasse o roteiro de entrevistas. Isto facilitou ainda mais, a ponto de a entrevista acabar saindo como uma “conversa informal”. Muitos ficavam mais descontraídos, embora alguns desconfiassem, perguntando: “Mas você não ia me fazer aquelas perguntas?”, referindo-se ao roteiro que eu sempre trazia comigo.

As primeiras entrevistas duravam, em geral apenas 30 minutos, enquanto as últimas chegavam a quase duas horas. A maioria foi realizada na casa dos entrevistados, mas houve aquelas que foram realizadas em locais públicos: no banco de uma praça, nas escadas do Teatro Municipal etc.

Foram feitos dois Roteiros de Entrevistas¹⁴: um para primeira e segunda geração e outro para a terceira. Os tópicos eram muito próximos uns dos outros. Referiam-se ao significado da *identidade punk*, da família, da escolaridade, do trabalho, da banda, da banca, do cotidiano e das garotas *punks*. O que os diferenciava era o número das perguntas de cada tópico. Sobre o papel das mulheres, reservei perguntas diferenciadas para os grupos masculinos e femininos.

O *Roteiro de Entrevista* teve como objetivo orientar a entrevista. Foi organizado em tópicos, que não deveriam ser necessariamente seguidos de forma ordenada e seqüencial. O resultado é que alguns depoimentos assumiam a forma típica de entrevista, enquanto outros aparecem como uma “conversa informal orientada”.

A **análise das entrevistas** consistiu na sua organização, classificação e interpretação, a fim de evidenciar os significados nelas presentes, estabelecendo uma compreensão do grupo estudado e respondendo aos questionamentos formulados para este estudo.

¹⁴ Vide anexos A e B.

Através da análise do material levantado, pretendi compreender, a partir das falas dos informantes, de suas percepções, qual o peso atribuído ao *grupo punk*, à escola, à família, ao trabalho ou qualquer outra instituição que declarasse considerar importante para a construção de sua identidade.

Para isto, organizei as falas em tópicos, procurando colocar em evidência opiniões, julgamentos e associações que os informantes fazem nas entrevistas, como forma de encontrar indicadores dos significados que me propus levantar na pesquisa.

As etapas da análise das entrevistas foram assim divididas:

- a) Recorte temático. Tópicos do *Roteiro de Entrevista*.
- b) Ficha de transcrição.
- c) Transcrição integral das entrevistas
- d) Tópicos de conteúdo.
- e) Delimitação de “áreas de interesse”.
- f) Análise das entrevistas.

A partir dos tópicos do Roteiro da Entrevista foram criadas as Fichas de Transcrição, com o objetivo de se visualizar a totalidade das entrevistas realizadas. Consistiu num resumo elaborado com base nos temas abordados pelo Roteiro de Entrevista, seguindo a seqüência acima descrita.

Os resumos foram anotados nestas fichas e serviram como um roteiro de busca para o conteúdo das entrevistas. Para o procedimento de anotação, foram separados elementos reveladores dos temas e pertinentes para o objetivo do estudo, que funcionaram como um recorte das entrevistas ao qual pude recorrer quando não pretendia ir diretamente ao conteúdo da fala do entrevistado.

Após realizados os resumos, foi feita a transcrição integral das entrevistas. Este procedimento teve como objetivo conservar o máximo de informações contidas nas entrevistas e manter precisa a fala dos entrevistados.

A interpretação das falas foi enriquecida com as transcrições integrais, uma vez que elas transmitem, de modo profundo e espontâneo, experiências, juízos de valores ou sentimentos.

A interpretação foi realizada a partir dos temas selecionados. Examinei as falas dos indivíduos, procurando fazer inferências para encontrar correspondências entre as informações dos entrevistados, suas condutas, ideologias e sua vivência cotidiana.

Procurei contrapor o sujeito à simbologia existente no *Movimento*, buscando perceber se nas diversas falas aparece o mesmo repertório simbólico e verificar o nível

de envolvimento coletivo professado por cada entrevistado e como estes significados interferem em seus cotidianos. Para isto, agrupei os significados dos tópicos do Roteiro de Entrevista em quatro novos tópicos, com o objetivo de cercear, cada vez mais, as falas e, assim, poder destacá-las e interpretá-las.

Estes “tópicos de conteúdo” referem-se a uma nova organização dos significados recortados das falas dos entrevistados e representou uma filtragem do material com a finalidade de correlacioná-lo ao recorte temático da pesquisa – a construção da identidade. Estes tópicos agruparam os significados que os informantes deram como decorrência do pertencimento ao grupo, à família, ao trabalho e à escola. São eles:

- 1) Formas de adesão e identificação com o grupo.
- 2) Definição do que é “ser *punk*”. O sentido de “ser *punk*”
- 3) Memórias e significados das atividades realizadas no grupo, na banda e na banca e das amizades.
- 4) Significados das atividades cotidianas: de pertencer a uma família, do trabalho e da escola.

A divisão em tópicos, acima listados, facilitou a visualização de elementos importantes para a construção da identidade dos informantes, e foram concentrados em três “áreas de interesse”. As “áreas de interesse” representam o cerne da pesquisa. É a delimitação do problema. Refere-se aos três capítulos empíricos da pesquisa e ajudou a estabelecer conclusões sobre os questionamentos levantados neste estudo.

Estas áreas são:

- A) *História Punk*.
- B) *Identidade Punk*.
- C) Vida Familiar, trabalho, escola.

A partir deste recortes das falas, organizando-as de forma condensada, pude iniciar as interpretações. Realizei interpretações a partir dos significados que as falas me forneceram, extraí delas experiências, valores, símbolos e, quando possível, contrapus estas conclusões ao material coletado em campo. Procurei incorporar e superar o que foi produzido no meu Trabalho de Iniciação Científica e fiz conexões com as pesquisas já existentes sobre o tema. Acredito que encontrei resultados que irão esclarecer mais sobre os *punks*, os “grupos de estilo”, apontando semelhanças, diferenças, avanços e confirmações com outros estudos sobre juventude.

II. 3 - Os entrevistados

Os entrevistados foram selecionados durante o trabalho de campo a partir de uma construção preliminar das três diferentes fases *punks*. A preferência era a entrevista com integrantes de bandas representativas, ou aqueles que organizam eventos, shows, coletâneas, ou seja pessoas significativas para representar os *punks* e que poderiam fornecer subsídios suficientes para entender a construção de uma *identidade punk*.

No campo, realizado tanto na Galeria do Rock, como em shows, perguntei aos jovens quem, na opinião deles, concordaria em participar, quem seria importante para merecer uma entrevista (além de receptivo bastante para concedê-la), quem deveria ficar de fora etc.

Dentre os selecionados na primeira sondagem, poucos realmente foram entrevistados. Insisti apenas nas entrevistas dos informantes que foram indicados como protagonistas de eventos importantes para a *História Punk*, e que, por serem mais citados, me pareceu fundamental obter seus depoimentos para a construção da identidade *punk*. Ao dar início às entrevistas, inúmeros problemas começaram a aparecer.

Primeiro, poucos queriam falar ao gravador, especialmente quando eram informados de que se tratava de entrevista a ser aproveitada em trabalho universitário. A questão do tempo também foi significativa. Ao tomarem conhecimento de que a entrevista seria longa e de que poderia ser a primeira de uma série, boa parte dos eventuais informantes desistiam, sob a alegação de que poderiam “perder muito tempo”.

Daqueles que desistiram, a recusa mais marcante foi a de uma *punk*, a Miriam, que adota um visual diferenciado, não anda de forma comum, *não anda social*. Percebe-se logo que é ligada a algum *grupo de estilo* (KEMP, 1993). Paradoxalmente, pediu que desligasse a imagem dela do *Movimento Punk*. Explicação: alega sentir muita mágoa do *Movimento*, que há muito patrulhamento e perseguição, enfatizando que isto ocorre em São Paulo. Por causa desta mágoa, não quis mais falar. Eu a considerava uma entrevistada importante para representar a *Segunda Fase Punk*, pois adotou uma postura ativa no *Movimento*, andou em uma *banca*, e mantém, ainda hoje, uma banda que foi significativa na *cena punk*. Assim, conquanto tenha negado a entrevista, seu silêncio foi muito revelador.

Outros que se recusaram a falar não foram tão claros nas suas negativas, mas percebi que a grande maioria tinha medo de ver suas palavras deturpadas. Muitos daqueles que foram entrevistados me pediram para não ter seu nome identificado, preferiram o anonimato. Estes, assim que eu desligava o gravador, perguntavam: “Você acha que falei coisas comprometedoras?”. Outros respondiam a tudo que eu havia perguntado durante a entrevista... mas só depois que eu desligava o gravador. É que, durante a entrevista, me respondiam de forma dissimulada e com palavras ambíguas, para só falar depois que a entrevista era, formalmente, encerrada. Por fim, houve quem indicasse prováveis informantes, mas com a ressalva de que eu não revelasse quem os havia indicado. Impossível não relacionar esta desconfiança também ao patrulhamento acima assinalado, assim expresso nas palavras de Miriam: “*existe muita vigilância no Movimento*”.

Esta etapa, classificada por estudiosos como “*momento de resistência*” à pesquisa, deve-se principalmente ao fato de as entrevistas serem gravadas e documentadas. Acredito que esta atitude reflete também o fato de a *identidade punk* estar ligada ao grupo e às representações que ele projeta nos seus membros. Existe uma responsabilidade na fala decorrente de pertencer ao grupo e da *legitimidade punk* outorgada por tal pertencimento.

A resistência em falar ocorreu principalmente entre os *punks* mais velhos e as mulheres. Os *punks* mais novos, com idades variando entre 17 e 20 anos, logo se dispunham a falar, e queriam que eu fizesse logo a entrevista. Quando explicava que ia entrevistá-los numa segunda fase da pesquisa, ficavam aborrecidos.

Quanto às mulheres, acredito que, por participarem do grupo em número reduzido e muitas vezes com um papel coadjuvante, ficou mais difícil localizá-las. Desta nova geração, ainda as encontramos nas bandas femininas. Já nas gerações anteriores, trata-se de tarefa difícil. É como ir a um garimpo onde se encontra mais ganga do que pepita! Consegui algumas referências, porém de pessoas que não se dispuseram a falar. Tanto que quem as indicou esperava que eu não revelasse sua identidade.

Ao dar início às entrevistas verifiquei a existência de uma “relação de troca” entre o pesquisador e seus entrevistados, que não está refletida apenas na troca de informações, mas implica naquele tipo de relação que se aproxima da amizade e de uma certa cumplicidade. Alguns pediram que eu fosse a shows de suas bandas, aos eventos por eles organizados, e outros queriam que eu comprasse o CD, a camiseta da banda etc.

Um *punk* mais velho falou: “Eu só falo pra você porque você é camarada. Pra uma outra pesquisadora, cada *punk* cobrava, na época, uns \$50,00!”

Só que esta camaradagem também me faz passar por momentos ruins. Fico como que compromissada com meus entrevistados a dar um retorno, provar que não deturpei suas palavras. Tive ainda que colocar na lista de entrevistados pessoas que não eram tão significativas nos critérios da pesquisa. É como se fosse um “pacto entre os camaradas *punks*”. Eu não posso quebrar este pacto, que pode ser assim formulado: eles falaram sem querer, eu entrevisto sem querer. Neste caso, enquadro algumas entrevistas que foram utilizadas para compor este trabalho, mas seus informantes não fazem parte da amostra selecionada e descrita, suas idades estão entre 25 e 35 anos e são todos homens.

Muitos *punks* faltaram ao encontro, e passado algum tempo, apareceram de novo, quando já os havia substituído por outros. Tive que entrevistar estes reaparecidos pelo compromisso firmado anteriormente, eles haviam se disposto a falar e não seria conveniente desprezar esta atitude. Pessoas que “a priori” desconfiaram da pesquisa e não quiseram falar, ao verem outros colegas sendo entrevistados, voltaram atrás.

Houve aqueles que acharam muito normal terem faltado ao compromisso. Quando me encontrei com eles dias depois apareciam sorrindo e falando: “E aí, mina, como tá a correria?” E eu pensava comigo mesma: “Seria menos corrida se eu não dependesse de pessoas tão sossegadas como você”. E no decorrer da conversa surgia a seguinte proposta: “Ah! Vamos marcar aquela parada lá, que naquele dia, não deu!”

Acredito que todas as entrevistas foram importantes para a pesquisa, uma vez que, para inferir sobre a “identidade” de um grupo tão heterogêneo, era realmente necessário utilizar-me de um conjunto diversificado de depoentes e fontes.

Foram entrevistados dezenove *punks* e três *ex-punks* das três fases do *Movimento* paulista, com idades variando entre 16 e 55 anos, 13 homens e 9 mulheres.

Iniciei as entrevistas com sujeitos homens das *primeira* e *segunda* fases *punk*. Como as garotas estavam oferecendo mais resistência e atrasando a pesquisa, mudei o procedimento. Entrevistei todos os homens das três fases, para depois entrevistar as mulheres.

Em São Paulo, existiram nitidamente três grandes grupos de *punks*: os *punks da cidade*, os *punks do subúrbio* e os *anarcopunks*. Dos três grupos principais, os *punks da cidade* e os *punks do subúrbio* compartilham uma história comum. As fases *punks* relativas às suas histórias foram divididas da seguinte forma:

1^a. Fase: “O surgimento e a consolidação do *Movimento Punk Paulista*”, de 1977 a 1986. Idade aproximada dos entrevistados mais de 35 anos.

2^a. Fase: “A era das gangues” de 1986 a 1996. Idade aproximada dos entrevistados: de 25 a 35 anos.

3^a. Fase: “A *cena punk*”, a partir de 1996. Idade aproximada dos entrevistados: de 17 a 25 anos.

Os *anarcopunks* surgiram como uma *dissidência punk*, pretenderam negar todo o *passado punk* e possuem outra marcação para a contagem de sua história. Há então, paralelamente, outras duas fases. Estas duas fases não se opõem à história dos outros grupos; na verdade são complementares a elas e em muitos momentos os eventos realizados por estes três grupos de *punks* se intercalam. As duas fases *anarcopunks* surgem como reação à Era das Gangues (2^a Fase), momento em que *punks do subúrbio* e da *cidade* brigavam entre si. São, portanto, uma consequência desta fase e complementa a trajetória do *punk paulista*.

1^a. Fase: “Nasce o *Movimento Anarcopunk – MAP*”, de 1989 a 1998. Idade aproximada dos entrevistados: de 25 a 35 anos.

2^a. Fase: “A resistência cai por terra”, a partir de 1998. Idade aproximada dos entrevistados: de 17 a 25 anos.

Os entrevistados foram escolhidos a partir da construção desses diversos momentos de pertencimento ao *Movimento*. Geralmente selecionava aqueles pertencentes a bandas representativas, que participaram de eventos, shows e coletâneas significativas para os *punks* e para a construção de sua história. Como um informante que organizava *sons punks* em 1978, colocando seus discos para tocar em pequenos salões da Vila Carolina, dando início ao que seria considerado um *espaço punk*. E entre as mulheres entrevistei uma integrante de uma das poucas bandas femininas do início do *Movimento Punk* e uma outra que editava um *fanzine* considerado o *primeiro zine punk paulista*.

Outro critério de escolha foi a situação sócio-econômica dos informantes. Optei por entrevistar aqueles pertencentes aos segmentos sociais menos privilegiados. Teriam oportunidades de lazer e consumo mais restritas, investindo, assim, suas potencialidades no grupo *punk* e vivenciando o “grupo de estilo” mais profundamente. Kemp (1993)

analisando o modelo burguês de socialização proposto por Baethge¹⁵ (1985)– socialização consumatória que diverge da socialização produtorista – sugere três modelos de trajetórias no “grupo de estilo”, que revelariam o grau de envolvimento no grupo. Acredita que os jovens de classes trabalhadoras viveriam mais intensamente a identidade construída através do estilo, enquanto os jovens das classes médias teriam um envolvimento ligado ao consumo.

Kemp (1993, p.83) afirma:

Não estou supondo com isto que entre os jovens da classe trabalhadora, não existam aqueles que igualmente “incorporam” o Movimento apenas esteticamente, ou utilizando-se disso como meio de permanência em turmas (as gangues de visual). Também não excluo o fato de jovens de classe média poderem “viver o underground”, as culturas alternativas. Apenas quero com isso dizer, existe uma tendência de diferenciações nos níveis de comprometimento com o Movimento underground, indicado por pertencimentos sociais.”

O que se percebe é que o cenário social no qual o jovem se insere determina um tipo de acesso ao lazer e ao consumo cultural e, a partir de então, fornece uma das condições para se constituírem de forma própria e de vivenciarem a condição juvenil.

Como este trabalho se propõe a entender o *ser punk*, compactuei com a autora e acreditei que teria maiores possibilidades de encontrar entre os jovens de classes menos favorecidas um maior envolvimento com o grupo e uma forma de adesão que levaria à construção de uma *identidade punk*. Portanto, a maioria dos entrevistados vive ou viveu situações de privações, fazendo com que aumentassem as possibilidades de que tivessem uma limitação na participação em outras esferas da sociedade e de um grande envolvimento com o *punk*.

Os critérios utilizados para a escolha dos informantes de acordo com sua classe social não foram, porém, muito rígidos. Procurei saber o local de moradia, se estudavam em escolas públicas ou não, a profissão ou escolaridade dos pais, como indicativos de pertencimento a uma determinada classe social.

Os *punks* da *primeira fase* foram selecionados principalmente pela sua representatividade no *Movimento*, pois era preciso identificar os que ainda permaneciam. Os da *segunda fase*, além da posição ocupada no grupo, foram escolhidos

¹⁵ BAETHGE, Martin – Individualization as hope and disaster: contradictions and paradoxes of adolescence in western societies. In: International Social Science Journal, 4 (106)/1985.

a partir dos critérios acima mencionados. Nestes dois grupos de informantes a permanência no estilo também fornece indicativos de uma vivência alongada no grupo, que possibilita o entendimento da construção da *identidade punk*.

Entre os *punks* da *terceira fase* foram selecionados informantes de bairros periféricos e/ou estudantes de escolas públicas. A única exceção foi a de um *anarcopunk*, que estudou em escolas particulares, porém se dispôs, sem grandes empecilhos, a participar desta pesquisa.

II.4 - Breve descrição dos entrevistados

Os entrevistados da primeira fase do Movimento Punk

Os entrevistados da *primeira fase* são sete *punks*, sendo quatro do sexo masculino e três do sexo feminino. As idades declaradas variaram entre 26 e 42 anos. Esta diferença marcante deve-se ao fato de alguns dos informantes alterarem suas idades. Se a *primeira fase do punk* tem início em 78 e finaliza em 86, não daria para um informante ter 26 anos no momento da pesquisa. Acredito que alterar a idade deve-se ao fato de estar a *identidade punk* muito relacionada à identidade jovem, causando certo constrangimento para declarar a idade no grupo que já está em plena fase adulta.

O caso mais evidente é do Miguel, que declarou ter 26 anos, porém, pertence a uma banda com “vinte anos de carreira”. Se ele tivesse 26 anos teria que ter entrado na banda com 6 anos! Sendo ele, entretanto, uma figura pública, temos a possibilidade de recorrer a várias publicações que apontam sua atuação no *Movimento Punk* desde 1978. Essas publicações o apresentam como um dos participantes mais velhos do grupo, tendo na época 28 anos, e hoje sua idade, então, está por volta dos 55 anos.

Todos os entrevistados mantêm um contato constante com o *estilo punk*, indo a shows, escutando músicas, comentando sobre bandas e procurando saber o que acontece no *Movimento*. Inclusive Geraldo, que não se denomina mais como *punk*, define-se a si, e também aos outros *punks*, como “um resíduo da sociedade”. Por não se declarar *punk* foi considerado um ex-adepto. Mesmo assim, possui um forte contato com o grupo, tendo muitos *punks* no seu círculo de amizades e mantendo seu interesse pelos acontecimentos do *Movimento Punk*.

Miguel parece bravo, tem jeito sisudo, mas é muito boa gente. Esta primeira impressão é proveniente do fato de ser ele calado, mas, quando começa a falar é difícil

fazê-lo parar. Conta casos atrás de casos na forma de um interminável diálogo. Intercala frases suas com a de seus interlocutores imaginários, numa conversa muitas vezes surrealista. Casado, tem duas crianças, uma com 12 anos e a outra com 2 anos. Até recentemente morava nos fundos da casa dos sogros. Quando estes foram morar no litoral, ele e a família passaram para a casa da frente. Mantém um contato constante com o grupo, que é proporcionado tanto pela sua loja, como pelo prestígio de sua banda. A banda está parada há dois anos devido a um problema de saúde que o limita, mas, apesar dessa limitação muitos *punks* recorrem a ele para conquistar sua amizade e com isto prestígio no *Movimento Punk*. Trabalha vendendo *artigos punks* e de rock alternativo. Sua esposa, também *punk*, o ajudava até antes de nascer seu bebê; agora ele toma conta sozinho da loja. É filho de um alfaiate do Bom Retiro e de uma dona-de-casa. Os primeiros anos de sua escolaridade foram realizados em um colégio particular. O pai queria que os filhos superassem sua condição sócio-econômica. Depois estudou em escolas públicas, mas não chegou a prosseguir seus estudos em nível superior.

Edgar, 42 anos, também tem um comércio de CDs, camisetas e bótons de bandas *punks*. É sorridente e simpático, um típico vendedor. Porém, não tem um estabelecimento formal, trabalha como camelô e, para complementar sua renda, trabalha como professor (é formado em História pela USP). Coursou os primeiros anos de sua escolaridade em colégios de padres, depois estudou em escolas públicas. No início da década de 80 ingressou na USP, mas só concluiu os estudos universitários recentemente. Sossegado, parece sempre estar de bem com a vida. Não se preocupa com nada: se sua banda toca mal, se não tem onde morar, se o mundo vai acabar... Porém, como casou-se recentemente e tem um bebê recém-nascido, parece preocupado com os rumos da humanidade e de sua vida. Seu pai era militar, bispo da Igreja Brasileira e muito rigoroso. Aos 17 anos saiu de casa porque conseguiu ingressar na faculdade. Sua mãe, apesar de ter cursado o magistério, sempre trabalhou como dona-de-casa. Um dos seus irmãos pertenceu ao grupo dos *carecas* logo que eles surgiram em São Paulo.

Geraldo parece um forasteiro, é um pouco gordinho, mas é como se conseguisse se esconder nos menores cantos. Fala baixo e pausadamente, como se alguém estivesse querendo escutá-lo e que ele não pudesse ser escutado. Parece ter um segredo a revelar. Tem 34 anos, é casado há 5 e não pensa em ter filhos. É filho de pais analfabetos: seu pai trabalhava como cobrador de ônibus e sua mãe, em casa, cuidava dos 6 filhos. Estudou em escolas públicas, entrou na USP no curso de Geografia e já está no

Mestrado (estuda os cemitérios como valorizadores do espaço urbano). Foi torneiro mecânico por muito tempo e hoje trabalha como professor da rede pública.

Otavio é figurinha carimbada: para todos os lados que você olha, lá está ele! É um verdadeiro relações públicas do *Movimento*, mas se você estiver sem tempo, não se aproxime! Ele fala demais! Sempre tem um assunto sobre o *punk* e não gosta que falem sobre “curtir o *punk*”: *punk* é um estilo de vida e é o estilo de vida do Otavio. É solteiro, tem 36 anos, está desempregado e vive na Galeria do Rock. Estudou em escolas públicas e afirma que não teve possibilidades de continuar os estudos. Já tocou em diversas bandas e agora está em um novo grupo que se apresenta com frequência. Seu pai foi perseguido político durante a ditadura militar e já faleceu. Sua mãe cursou magistério, atuou na área e hoje está aposentada. Os dois vivem da aposentadoria dela.

As entrevistadas do sexo feminino (3), aparentemente, não omitiram ou alteraram sua idade e possuem de 40 a 42 anos. Todas mantêm um contato constante com o *Movimento*.

Bia, 42 anos, casou-se com o vocalista de uma *banda punk* bem considerada, permanecendo em contato com o grupo em decorrência das atividades de seu marido. No início do *Movimento* participou de uma lendária banda de *garotas punks*. Gosta muito de conversar e muitas vezes nem presta atenção se queremos fazer uma intervenção ou se não estamos mais ouvindo. É muito alegre e divertida, mas a sua fala e sua fisionomia revelam a dureza de sua vida. Está no seu segundo casamento há 20 anos e possui dois filhos: um é desta união, com 18 anos, e outro da primeira com 24 anos. Sua história de vida é muito marcante. Fugiu da opressão paterna aos 12 anos de idade e foi morar na rua com outras crianças e adolescentes. Casou-se logo em seguida, aos 14 anos, com um caminhoneiro. Quando seus pais se separaram, retornou para casa também separada, identificou-se com o *Movimento Punk* e logo em seguida casou-se novamente com seu atual marido. O fato de ter saído de casa muito cedo potencializou as dificuldades originadas pela sua classe social: perdeu um dos filhos do primeiro casamento, só completou o ensino fundamental e sempre trabalhou em serviços considerados subalternos e instáveis.

Dulce casou-se com um integrante de uma importante banda do início do *Movimento*. Sempre confeccionou camisetas de bandas para vender. Correspondia-se com *punks* de todo o mundo e editava aquele que foi considerado o primeiro *fanzine punk paulista*, mantendo assim um contato próprio e particularizado com o grupo. No início do *Movimento Punk* era muito ativa; atualmente sua atuação é mais restrita,

porém é uma referência importante de *atuação punk feminina*. Tem 41 anos, foi casada apenas uma vez com um *punk* integrante de uma das primeiras bandas do *punk paulista* e está separada há uns 4 anos. Seus filhos têm 11, 8 e 3 anos, todos do mesmo pai. Morava no litoral com o marido e quando se separou retornou a São Paulo com os filhos. Vender *artigos punks* que confecciona sempre foi seu principal meio de ganhar dinheiro até separar-se do marido. Atualmente, além deste comércio, tem um emprego numa casa de espetáculos voltada para a *cena punk*, caso contrário não conseguiria manter-se em São Paulo.

Laura é solteira, alta, tem o cabelo pintado de ruivo bem avermelhado e é a mais séria das duas. Fala bastante e revela-se muito apaixonada por tudo o que é *punk* e pela sua *trajetória punk*. Tem 40 anos e até dois anos atrás, antes de o seu neto nascer, tocava numa banda *punk* e estava empenhada em escrever uma *história punk*. Agora só mantém ativo um *site* sobre o *Movimento Punk*. Teve uma banda de *hardcore* feminino nos anos 80 que nunca foi reconhecida, fato que a deixa muito magoada. Tem uma filha com 22 anos, fruto de um namoro com um *punk* nos anos 80. Não permaneceram juntos na época devido à imaturidade do casal. Acabou morando na casa dos pais com a criança e só saiu dela quando já estava com a filha grande, para ter uma vida independente. Seu pai era garçom e sua mãe faxineira, e ela, que sempre estudou em escolas públicas, cursou uma faculdade de Educação Física, numa instituição particular – Faculdades Integradas de Guarulhos- por meio do Crédito Educativo. Nunca trabalhou na área e hoje tem uma loja de fotocópias da qual sobrevive.

Os entrevistados da segunda fase do Movimento Punk

Os entrevistados da *segunda fase* são *oito punks*, a maioria do sexo masculino (seis). Suas idades variaram entre 25 e 32 anos e todos mantêm contato constante com o grupo, apesar de um deles declarar ser um *ex-punk*. Acredito que neste grupo só um informante do sexo masculino tenha alterado a idade, diminuindo-a em dois anos.

Marcos e Frederico possuem bandas estáveis no *Movimento* e fazem faculdade na USP; João e Renato participam de bandas que têm como característica a irregularidade e efemeridade; já Pedro e Mario são *anarcopunks*.

Marcos é sossegado e distraído, às vezes parece que está longe, e muito longe! Quando quer explicar alguma coisa procura fazer da forma mais simples, o que não percebe é que se torna extremamente hermético. Acredito que nestes momentos, poucos

entendem o que ele fala. Tem 32 anos e uma banda ativa e de prestígio no *Movimento Punk*. Vai todos os sábados à Galeria e frequenta vários *shows* e *eventos punks*. Participou de uma banca conhecida nos anos 90 e na época criou um *fanzine*, que ainda hoje tem edições, porém não tão frequentes. Estudou em escola pública, concluiu a Graduação no curso de Geografia na USP e agora está no Mestrado estudando o MSTC (Movimento Sem Teto do Centro). Está desempregado e afirma não gostar de trabalhar. Pretende usar o diploma para procurar emprego no futuro. Atualmente vive da venda dos Cds da sua banda. Seu pai, muito severo, o expulsou de casa diversas vezes, mas só saiu realmente quando ingressou na USP e foi residir na moradia estudantil. Seu pai trabalha como publicitário autônomo e sua mãe passou a dar aulas de teclado depois que os três filhos saíram de casa.

Frederico é sorridente e bonachão e, às vezes se torna chato com tanta encanação e mania de perseguição que fabrica. Acredita que está ficando velho para *ser punk*, mas não consegue se livrar do que chama de “maldição *punk*”. A sua *fala punk* é muitas vezes obscurecida pelo seu discurso muito intelectual. Sempre estudou em escolas públicas, atualmente faz o curso de Filosofia na USP e trabalha como estagiário num Projeto Social. Tem 28 anos declarados, é casado com uma estudante da USP e simpatizante do *Movimento Punk*. Moram numa residência estudantil e têm um bebê recém nascido. O pai tem uma banca de jornal e a mãe é dona de casa.

Pedro, 29 anos, é solteiro, pequeno e franzino. Parece que vai quebrar, mas sua história de vida revela o quanto é forte. Saiu do Ceará aos 19 anos e veio para São Paulo para experimentar vida independente. Já era *punk*. Seus pais são semi-analfabetos, o pai trabalha na construção civil e a mãe trabalha como dona-de-casa. Já foi muito ativo no *Movimento*, participando de vários eventos, bandas e *fanzines*, hoje está mais preocupado com a sobrevivência imediata. Estudou em escolas públicas e terminou o ensino médio, atualmente está desempregado e não tem onde morar. Dorme um dia aqui, outro ali, conseguindo abrigo na casa de *amigos punks*. Já vendeu doce em ônibus e fez todo tipo de trabalho para ganhar dinheiro, mas agora está aguardando respostas de emprego no que gosta de fazer: reciclagem de papel, atividade que aprendeu no *Punk*.

João parece que saiu de uma história de HQ, devido à sua aparência, seu tom de voz e o jeito de falar repetidamente. É uma figura emblemática, impossível de ser ignorado. É muito dramático ao definir a si mesmo e o mundo, ao mesmo tempo é crédulo em relação ao *Movimento Punk*. Como não trabalha e não estuda, não tem condições financeiras para circular pela sociedade. É o estilo que lhe dá um espaço de

atuação e de ser alguém ultimamente. É solteiro, tem 26 anos, mora com a família, o pai é mecânico, e a mãe trabalha em casa. Tem uma irmã mais nova que trabalha como educadora. Vai todos os sábados à Galeria e participou de várias bandas que se desfizeram, colaborando, também, com textos para *fanzines*. Tem Síndrome do Pânico, que atribui ao fato de ter se dado conta, através do *punk*, da sua impotência diante da vida. Está desempregado e afirma não procurar trabalho, pois além de não ter condições financeiras para a condução, não acredita que irá encontrar emprego. Não há espaço para ele nesta sociedade.

Renato inspira respeito, sua fisionomia revela sua identidade, sua luta e sua força. É uma pessoa obstinada e batalhadora que tem que lutar mais do que todos e o faz sem mágoa. O *Movimento Punk* é o principal veículo de sua luta. É solteiro, tem 25 anos e muito ativo no *Movimento*. Está num *grupo punk* onde é um dos responsáveis pela organização da maioria dos eventos. Edita o *fanzine* do grupo e participa de uma banda. Sempre estudou em escolas públicas, não consegue ingressar numa faculdade pública – única chance de prosseguir os estudos - e trabalha como ajudante geral numa oficina de motos. Seus pais são separados. Mora com suas irmãs, um sobrinho e com a mãe, que trabalha como faxineira em uma academia.

Mario tem 27 anos e declarou-se *ex-punk*, porém mantém um contato constante com o grupo. Em alguns shows que frequenta vai com um “visual carregado” e, de vez em quando, apresenta-se com sua banda. Era o vocalista desta banda que só se apresenta quando ele está presente, sendo significativa entre os *anarcopunks*. Mesmo assim acredita que para ser *punk* é necessário fazer algo pelo grupo. Hoje afirma que “luta em outras frentes”, além do que revela uma certa decepção com o *Movimento*. Saiu de casa porque não agüentava a opressão materna. Muito religiosa, sua mãe não aceitava sua forma de se vestir e de se comportar. Foi morar com os *anarcopunks*, fato que trouxe muita decepção ao seu pai, que trabalha como operário. Quando começou a andar com os *punks*, sua irmã o acompanhava, mas depois passou a concordar com a mãe, abalando a relação entre os dois. Mario está no segundo casamento com uma moça “não *punk*”, tem um filho com 7 anos que é do primeiro casamento. A criança mora com a mãe, membro do *Movimento*. Está cursando graduação em História. Ingressou na faculdade depois de quase dez anos sem estudar, fez um supletivo e sem curso pré-vestibular ingressou na USP.

As entrevistadas do sexo feminino, Ana, com 30 anos, e Marta, com 34 anos, mantêm um contato constante com o grupo. Ana, porém, limita-se a frequentar a shows.

Tanto Marta quanto Ana tiveram filhos muito cedo e por isto abandonaram a escola. Depois que suas vidas voltaram a se estabilizar, concluíram o Ensino Médio em supletivo público. Nenhuma das duas pretende cursar uma faculdade.

Marta casou-se muito jovem (16 anos). Gostava de rock, mas ainda não era *punk*. Por apanhar do marido separou-se em seguida. Tem um filho, hoje com 18 anos, deste primeiro casamento. Este seu casamento foi um caminho natural utilizado para sair de casa, não foi fruto de imposição, nem utilizado para fugir das regras familiares. Foi uma escolha que se revelou pouco oportuna. Seu marido tornou-se um traficante de drogas que nela batia constantemente. Como ela revidava, o casamento assemelhava-se a um ringue de luta livre. Separou-se e passou a criar o filho sozinha. Atualmente está casada com um integrante de uma banda importante da primeira fase e que trabalha como Funileiro Industrial. Orgulha-se da estabilidade financeira que ambos conseguiram. Como trabalha em um estabelecimento comercial de propriedade de seu irmão, não tem restrições em trabalhar de visual e o faz com frequência. De uns tempos para cá, seu enteado preferiu morar com eles e não com a mãe natural. Ela atribui o fato à liberdade que ela lhe proporciona para escolher o que deseja fazer: seguir os passos do pai.

Ana é pequena e delicada. Seu aspecto contrasta com um *moicano*, corte que adotou por um muito tempo. Saiu de casa para morar com os *anarcopunks*. Os pais eram muito rígidos, não admitiam que ela fosse *punk*. Ela queria sair, passear, usar o visual e viver a juventude longe das regras familiares. Casou-se pela primeira vez com um *punk*, na época ela tinha 17 anos, e teve uma filha que hoje está com 11 anos. Na época levava o bebê para sons e festas, mas crê que foi adquirindo responsabilidade e mudando o seu comportamento, o que não aconteceu com o pai da criança, por isto se separaram. Afirma que ele continua vivendo a mesma vida: sem muitas raízes e trabalhando como tatuador. Casou-se pela segunda vez com um “não *punk*” e teve uma segunda criança, hoje com 6 anos. Crê que o fato de o marido não ser *punk* atrapalha maiores contatos com o grupo. Hoje só leva a filha em shows quando são realizados à tarde.

Os entrevistados da terceira fase do Movimento Punk

Os entrevistados da *terceira fase* são sete *punks*, três homens e quatro mulheres, ou seja, a maioria do sexo feminino. Suas idades variam entre 16 e 24 anos e todos mantêm contato constante com o grupo, apesar de um deles declarar-se *ex-punk*.

Todos procuram estar informados do que acontece no *Movimento*, sendo que a maioria participa de eventos beneficentes e educativos, assistem a palestras no Centro de Cultura Social (CCS), uns participam de um coletivo, alguns escrevem em *fanzines*, enquanto outros possuem bandas.

Roberto é engraçado e muito ativo, tanto na forma de ser, como no *Movimento*. Participa de um coletivo, forma como ele define seu grupo. Colabora com textos para o *fanzine* editado pelo *coletivo*, costuma ajudar na organização de eventos e realça o sentimento bom, oriundo da sensação de união que o grupo traz. Não tem banda, mas vai freqüentemente a shows de bandas e ensaios de seus *amigos punks*. Tem 24 anos, é solteiro mora com o pai e o irmão mais novo. Não vê necessidade em sair de casa. A família tem um pequeno comércio e todos trabalham nele. Seus pais são separados e a sua mãe é enfermeira do Hospital Albert Eintem. Sempre estudou em escolas públicas, terminou o ensino médio e não pensa em fazer uma faculdade no momento.

Peter, 18 anos, é um *punk* no sentido clássico, tem um visual pesado: *moicano* rosa, cinto de rebites, *pets* colados pela calça e blusa de banda. Acredita que é importante o uso do visual: “é uma forma de que me reconheçam pelo que sou”, mesmo que freqüentemente seja perseguido pela polícia. A última vez que apanhou, em razão do visual, foi na Galeria do Rock. Os seguranças consideram arrogante sua atitude de desfilar com o *moicano* armado pelo local. Tem um discurso anarquista, nem sempre teorizado. Faz textos para *fanzine*, tem uma banda, foi expulso da escola e ainda não trabalha. E mais, é filho de *punks*. A mãe tinha uma banda no início dos anos 80, mas hoje não tem mais ligação com o *Movimento*. Já o pai participou de uma banda consagrada da qual saiu por causa de desentendimentos entre os integrantes; atualmente tem outra *banda punk*.

Hugo é muito sério, parece até que sorri com a boca fechada! É muito responsável e parece que assumir toda esta responsabilidade o fez tornar-se um “adulto fora de época”. Isto se revela não só na forma como conduz a sua vida, mas também nos seus cabelos grisalhos. E ele só tem 21 anos! Declarou-se *ex-punk*, pois afirma que hoje

possui outros interesses, relacionados à faculdade que cursa (Ciências Sociais/USP). Mesmo assim vai a shows, seus amigos são *punks*, e mora numa república de estudantes formada basicamente por *punks* e *ex-punks*. Saiu de casa para experimentar vida independente, e a decisão de sair de casa coincidiu com seu ingresso na faculdade. Seu pai cursou o ensino superior, não trabalha na área em que se formou e sim como funcionário público. Sua mãe também concluiu o curso superior e não trabalha na área, também é funcionária pública. Hugo sempre estudou em escolas públicas e trabalha desde os 18 anos como funcionário público.

Carla, 21 anos, sempre usa o visual, mas não costuma carregá-lo, apesar de considerá-lo importante para a identificação de um *punk*. Coloca usualmente uma camiseta de banda, acredita que é melhor camuflar o visual, pois trabalha e frequenta uma faculdade. Colabora com textos para um *fanzine punk* e vai a eventos e shows na região onde mora – Zona Leste. Não costuma ir para o centro, pois afirma que é distante e a presença de *punks ganguistas* atua como um fator desestimulante. Mora com os pais e dois irmãos, mas afirmou que gostaria de morar sozinha e viver independentemente, porém sua família necessita de seu auxílio financeiro. Sua mãe possui superior completo em Pedagogia e trabalha nesta área. A filha seguiu os passos da mãe e fez curso superior na mesma área, na Unicastelo. Já o pai não terminou o ensino médio e trabalha como técnico em eletrônica.

Milena tem 19 anos e agora está separada. Ficou seis meses casada e os constantes conflitos com marido levaram a uma separação dolorosa que a deixou com uma grande mágoa e um sentimento de frustração. Não teve filhos e retornou para a casa da mãe. Após a separação passou a se envolver com mais afinco no *Movimento Punk* que acredita ser uma forma de expressar seus sentimentos. Estudou em escolas públicas e trabalha como auxiliar administrativo num posto de saúde. Afirma que atualmente não tem tempo e nem vontade para se dedicar aos estudos e fazer uma faculdade. Seus pais são separados e ela mora com a mãe e a irmã. O pai trabalha como vendedor e a mãe é formada e trabalha como enfermeira no Hospital das Clínicas.

Julia tem 18 anos e além de elaborar um *fanzine* participa de duas bandas: uma só de garotas e outra mista, esta última de prestígio no *Movimento Punk*, sendo uma banda representativa da segunda fase. O pai de Julia, no momento, está desempregado e separado da mãe, que chegou ao curso superior mas não terminou, trabalhando como funcionária pública. Não gosta muito de falar da família, mas fala com paixão do *punk* e das formas de participação: seu *fanzine* e das bandas que participa. É baixinha e bonita

e por tocar numa banda de prestígio é bastante assediada pelos rapazes, porém já tem namorado. Seu namorado, que também é *punk*, toca na mesma banda, e parece seu guarda-costas, está sempre atrás dela. Isto não impede que ela circule de um lado para o outro com seu grupo de amigas, nem todas *punks*, ou como ela mesma diz: “não assumem o rótulo”. Estudou o ensino médio e fundamental em escola pública. Atualmente faz curso pré-vestibular em uma entidade particular e pretende cursar Assistência Social.

Helena, 16 anos, é super ativa e crédula no *Movimento*. Participa de uma banda mista e ensaia com frequência. Edita um *fanzine* e é integrante de um *grupo punk* que organiza eventos e shows. É muito simpática, falante e expressa muito bem a sua revolta e consciência deste mundo que considera injusto. Seus amigos, no geral, são todos *punks*. Ainda não terminou o ensino médio, que cursa numa escola pública, e não sabe ainda que profissão irá escolher quando estiver apta para ingressar em uma faculdade. Trabalha como recepcionista numa clínica médica. Seus pais completaram o ensino médio e trabalham fora. A mãe é auxiliar técnico em enfermagem e o pai trabalha como vendedor autônomo de peças para refrigeração.

* * *

Este breve perfil dos entrevistados teve como objetivo dar uma visão panorâmica daqueles que falaram sobre suas vidas, seus sentimentos e suas trajetórias. É uma forma de apresentá-los para que se possa ter uma imagem e uma idéia de quem são estes *punks*, como eles são: nada de muito excêntricos ou extraordinários, apenas pessoas que têm neste grupo de estilo uma referência para suas vidas. Com isto em mente podemos entender a *identidade punk*, apreender a *história punk* e ainda tirarmos conclusões sobre o mundo em que vivemos.

O pedido de anonimato, feito pelos informantes, fez com que esta descrição de seus perfis fosse sucinta de forma que não seja facilitada a sua identificação por aqueles que os conhecem. Porém, mesmo desta forma, permite-nos conhecê-los a ponto de inferir sobre suas vidas, entender como vivenciam suas experiências, como se posicionam diante delas, como atribuem sentido ao seu mundo.

Apesar de pertencerem a três fases diferentes do *Movimento Punk*, todos os entrevistados apresentaram características comuns: a maioria aderiu ao grupo em função

da música, estudou em colégio público, terminou o ensino médio, trabalha em setores de prestação de serviços e não são registrados.

Esse perfil, mesmo que resumido, revela existir uma certa homogeneidade no grupo, umas decorrentes da mesma origem social dos informantes, a maioria de classes populares urbanas, outras do pertencimento ao “grupo de estilo” e do compartilhar do mesmo repertório simbólico. Há, também, as semelhanças que são fruto da sociedade de hoje que apresenta uma complexidade e heterogeneidade de escolhas: veicula conquistas, compartilham desejos, mas oferece oportunidades desiguais para realizá-los. O *punk* surge como uma alternativa para vivenciarem o momento da juventude, como uma possibilidade de escolha e de construção de suas identidades e de suas vidas.

Já apresentados, nossos informantes passam a ser objetos de nossa análise, a fim de que possamos entender a influência do grupo na construção de suas identidades. Tornam-se também os personagens de uma história que iremos contar para que possamos conhecer o *mundo punk* e, assim, apresentar o contexto onde se formam essas identidades.

CAPÍTULO III – APONTAMENTOS EM TORNO DA TRAJETÓRIA DO *PUNK PAULISTA*

O *punk*: da Europa para São Paulo

Não é tarefa fácil construir a história dos *punks* paulistas, assim como narrar aspectos da história daqueles que lhes deram origem: os *punks* ingleses.

Sobre a história dos ingleses, a distância nos torna ignorantes quanto a detalhes que seriam significativos; enquanto a dos *punks* brasileiros torna-se igualmente difícil, uma vez que não há muitos estudos e publicações sobre eles, como nos retifica Bivar (2001, p. 118) na reedição de seu livro “O Que é *Punk*”: “*Sua história vem sendo contada e revisada em uma infinidade de livros. Poucos, porém, escritos por brasileiros (contando a história do punk aqui) ou traduzidos para a nossa língua*”.

A dificuldade relacionada à escassez torna-se maior quando sabemos que existem especificidades que o *punk* adquire em cada lugar em que se estabelece. Como a mídia nem sempre se preocupou em contar a *história punk*, restam-nos, então, os *fanzines*, as lembranças e o “disse-que-me-disse” sobre o que aconteceu nestes 25 anos do *punk* paulista:

“O punk brasileiro é diferente do punk da Inglaterra. Aquelas referências que tiveram misturaram com ganguismo. O punk aqui ficou com muita gangue no começo. Muita influência de gangue mesmo. Enquanto lá eram estudantes de escola de artes, né. Então a história do punk está para ser contada. Você tá querendo contar um pouco desta história não é? Digamos assim... é diferente de São Paulo, pra Brasília, pro Nordeste, por exemplo, que teve a influência de São Paulo no punk. É tudo diferente, Rio Grande do Sul, outros Movimentos... de Curitiba. Não existe um Movimento Punk uniformizado, graças a Deus! Porque se tivesse carteirinha de punk... ‘Cê tem uma carteirinha, aí?’ (Edgar, 41 anos, 1ª. Fase Punk).

Deve ser acrescentado a esta dificuldade o fato destas histórias *punks* estarem ligadas à visibilidade da juventude, nos anos 50, e conseqüentemente ao aparecimento da cultura jovem. Atualmente, entendemos a constituição da juventude como múltipla, mas que, em seus diversos aspectos, tem em comum uma forma diferenciada de viver este período, com símbolos e vivências que se contrapõem ao mundo adulto. Esta falta de homogeneidade da juventude nos alerta para ficarmos atentos a todos os aspectos que produzem esta diferenciação, para que, ao combinarmos a investigação da sua produção

cultural com a criação de “estilos” (ABRAMO,1994), seja possível entender como é *ser punk* e contar sua história.

Nos anos 50, o desenvolvimento tecnológico possibilitou à juventude criar novas imagens para suas vidas. Símbolos, canais e veículos de manifestações, foram base de sustentação da contracultura das décadas seguintes. A partir de então, há uma expansão das utopias, dos sonhos e da proclamação do amor livre. Mas, em um determinado momento, começa a surgir o pessimismo, que culmina com a *explosão punk*. O *punk* dá visibilidade à significativa diversidade de estilos e correntes que dividem as formas de manifestação jovem, que costumam ser chamadas de “tribalização da juventude”.

O *rock* foi o gênero musical que acabou sendo escolhido para identificar a juventude, pois oferece a ela a possibilidade de realizar práticas coletivas, produção de bens simbólicos, com elementos que permitem a identificação e a expressão de seu modo de vida: “*de alguma forma o que ocorreu no rock, foi uma transferência das diferenças da estrutura e formas musicais dos estilos da música, para os estilos de vida das pessoas que se identificam com esta ou aquela sonoridade, e vice-versa. A partir do momento em que esse processo teve início, a especialização de estilos foi se tornando cada vez mais rapidamente proliferada.*” (KEMP,1993, p.9)

Em meados dos anos 70, o *rock* que era tocado pelas bandas exigia equipamentos caros, os temas se tornaram muito sofisticados e os músicos eram tratados como heróis. O gênero estava afastado da realidade vivida pelos jovens, não falava o que queriam ouvir e, para muitos, já não trazia mais elementos de identificação. Até que surge o *punk rock*: “*depois de Elvis Presley e Beatles não existiu nada mais contestador, subversivo e anárquico dentro do rock do que o movimento punk. O gênero mudou a música e, principalmente, o comportamento das pessoas nos anos 70*”(A Maior Rebeldia da Historia do Rock – Jornal da Tarde - 29/11/1996).

O marco do surgimento do Movimento *Punk* foi a aparição pública da banda Sex Pistols, em 1977 na Inglaterra. Esta era considerada sua origem até que, em meados dos anos noventa, os E.U.A. passaram a reivindicá-la, afirmando que a música de acordes começou a ser feita antes, em Nova York.

Realmente, houve uma efervescência musical nos E.U.A. que tinha como centro dos acontecimentos casas de shows, onde se apresentavam bandas que se tornaram influências importantes para o *punk rock*. Em Nova York, surgiu uma nova cena musical com pequenos shows realizados em casas noturnas como a CBGB's e a Max. O movimento toma corpo e assume o nome “*punk*” entre 1974/75 com uma atitude “que

se dane” e com um som básico e direto. Ramones, Patti Smith, Television, Richard Hell & The Voidoids, Stooges, MC5, The Pretenders, Blondie e New York Dolls eram as bandas que procuravam, através da música, espantar o que consideravam o “torpor hippie” e a sofisticação do *rock* progressivo. “*A cena americana, do até então ignorado punk rock era muito mais musical do que comportamental. Não chegou a influenciar a moda ou quebrar os padrões da sociedade conservadora. Era apenas um novo estilo musical, que estava sendo criado, aparentemente, sem que as pessoas percebessem*”(A *Maior Rebelia da História do Rock – Jornal da Tarde - 29/11/1996*).

Na Inglaterra, o gênero foi mais difundido e extenso; as bandas acabaram mudando o comportamento das pessoas jovens e o *punk rock* foi usado como uma arma de contestação da sociedade. O país enfrentava uma das suas maiores crises, faltavam perspectivas profissionais, acentuavam-se as injustiças sociais, desempregados perambulavam pela periferia londrina sem ter o que fazer. Todo o clima era de revolta, e esta situação serviu de estímulo para se criar um novo estilo. Um bando de jovens ingleses resolveu celebrar a destruição. Expressavam nas suas músicas o desespero, o sub-emprego, a falta de perspectivas e as escassas possibilidades de se chegar a melhores condições de vida e de trabalho. A banda Sex Pistols pregava a destruição e a anarquia. O mundo tomou conhecimento do *punk* quando seus integrantes foram entrevistados ao vivo no TV’s Today, “a hora do chá da tarde”, em 1976.

A palavra de ordem era “Do-It-Yourself”, “faça sua banda de *rock*”, “faça suas próprias revistas (*fanzines*)”, “espalhe a palavra *punk*”. O número de bandas começou a proliferar: The Clash, The Damned, Buzzcocks, The Stills, The Banshees, Vibrator, Sham 69, Uk Subs e outras. A atitude era proposta e acionada pelo grupo Sex Pistols que com sua postura e sua música, estimulava a aparição de mais bandas.

Vemos, portanto, que a situação inglesa de crise econômica deu os contornos principais à subcultura juvenil *punk*. Havia inúmeros jovens desempregados, que se uniam para fazer letras que falavam das dificuldades em que viviam. Sem condições para consumir, fabricavam suas próprias roupas e improvisavam locais de ensaio e instrumentos usados para tocar uma música simples.

O *Movimento Punk* mostrou não ser música com três acordes e protesto musical, envolvendo mais que isto, por exemplo, a sociabilidade criada a partir dele. Os elementos básicos para que ele se constituísse vieram, sobretudo, da atitude contestadora dos jovens ingleses:

O motivo pelo qual um novo tipo de música foi capaz de adquirir contornos de um Movimento Cultural, reside no fato de que o punk rock antes de propor um novo conteúdo musical, propunha forma mais contundente, novos meios de produzi-lo, fazê-lo circular e renová-lo. O punk rock mexeu no cenário profissional e seletivo que dominava a música então, criando um circuito underground mais democratizado, que contava apenas com a vontade que cada um tinha de expressar-se e participar da cena (KEMP, 1993, p.32/ 33).

O *punk* põe em evidência uma nova forma de a juventude se posicionar diante da “crise da representação política”, diante da rejeição generalizada da política institucionalizada e sua associação a imagens negativas, e então, segundo Muxel (1997), os jovens passam a desenvolver uma outra visão da mudança social, realizada através de pequenas ações, com um engajamento “artesanal”, que ocorre segundo os meios e vontades de cada um. O *punk* deixa de ser visto apenas como um fenômeno musical, para ser encarado como uma forma de manifestação jovem, realizada não através da atuação política tradicional de partidos políticos e organizações hierarquizadas, mas antes utilizando seu visual, seus rituais coletivos como espaço para expressar o lamento de revolta contra a forma que estaria organizada a sociedade. (KEMP, 1993)

Assim, logo que começaram a aparecer as primeiras imagens dos *punks* em jornais e televisão, jovens brasileiros se identificaram com as atitudes dos jovens ingleses. Aqui o *punk* se estabeleceu simultaneamente com as notícias vindas da Inglaterra, tendo, porém, suas características próprias. No Brasil, e mais precisamente na cidade de São Paulo, uma das características marcantes do *Movimento* é a de que os *punks* se uniam em *bancas*, nome dado pelos *punks* às *gangues*: “Mas, em diversos pontos da periferia de São Paulo, outras pessoas foram atraídas por esta música. Entre elas, um grupo de 50 rapazes da Zona Norte de São Paulo, já interessados num som underground – principalmente o rock pesado das bandas de Detroit, EUA. Já tinham *gangues*, quase uma tradição entre os garotos de bairro” (Dez anos. E já passou a ser nostalgia. Mas o punk ainda desperta interesses... - O Estado de São Paulo – 14/03/1986).

Neste momento, no Brasil, ocorria o desgaste do regime militar, a crise mundial punha um fim ao nosso “milagre” e também passávamos por mais uma crise econômica. As injustiças sociais pareciam agravadas pelas perseguições políticas. O desemprego era um fantasma e as greves eram lideradas pelo operário, e hoje, presidente Lula. As palavras em voga eram: passeata, protesto, revolta, explorados. Palavras que, por algumas décadas, foram usadas como nomes das bandas *punks* brasileiras. As primeiras tinham designações como: Passeatas, Desordem e Regresso, Dever de Classe, Tropa

Suicida, Hino Mortal, AI-5, Cólera, Ação Direta, Pátria Armada. Nossos jovens tinham todos os elementos para se identificarem com as propostas lançadas pelos jovens ingleses e usaram o *punk* como uma forma de manifestar seu descontentamento, expressar posições políticas favoráveis à esquerda e à mudança do regime de governo vigente.

Após a mídia ter decretado o fim do *punk*, surge o *punk hardcore*, ou seja, “*punk miolo duro*”. Trata-se de um estilo acelerado de tocar a *música punk* e os novos grupos sugerem uma atitude mais consciente e politizada. Para o *Movimento*, a anarquia deveria ser utilizada como um instrumento de mudança e concretizada através das canções e protestos *punks*. “‘*Punk’s not dead*’ (o *punk* não morreu), urrava Wattie, vocalista da banda escocesa *Exploited* (explorados) na canção-título de seu disco de 1981” (ESSINGER, 1999, p.72).

O surgimento do *hardcore* no mundo também traz mudanças ao *punk* nacional, consolida uma divisão entre os grupos *punks* de São Paulo, que ficou conhecida como os *punks da cidade* e os *punks do subúrbio*. Mais tarde, no início dos anos 90, surgem os *anarcopunks*, que preferiam um *hardcore* aceleradíssimo, mais comum nos países do Leste Europeu.

O *punk* paulista tem hoje 26 anos de história e ao longo destes anos, assumiu características diferentes e, para melhor compreendê-la, foi dividida em três fases: a primeira fase se refere ao surgimento e a consolidação do *Movimento Punk Paulista* (1978 a 1986); a segunda reflete a fase em que o *punk* cai no esquecimento da mídia e as gangues entram em cena (1986 a 1996); a terceira se dá quando ocorre a *cena punk* com diversas bandas fazendo parte do *rock underground* (a partir de 1996).

Em São Paulo, porém, existem nitidamente três grandes grupos de *punks*: os *punks da cidade*, os *punks do subúrbio* e os *anarcopunks*. A história dos *punks da cidade* e do *subúrbio* é comum, mas a dos *anarcopunks* foi dividida em duas fases: a primeira abrange o momento do seu nascimento e da consolidação do grupo (1990 a 1998) e a segunda, quando assume posições que abrandam sua postura de resistência, facilitando sua integração na *cena punk* e no *underground do rock* e, com isto, unindo sua história à dos dois outros grupos *punks* (a partir de 1998).

No decorrer dos anos 90, surgem bandas que se destacam no show-business, os *punks* atingem o *mainstream*. Essinger (1999, p. 191/193) afirma:

Depois do Green Day, chegou a vez de outra banda punk-pop californiana, o Offspring, de Orange Country, bater alto nas paradas com um sucesso. Foi em

95, com a música 'Self Esteem', que seguia muito de perto a receita de 'Smells Like Teen Spirit'. (...) "A mais bem-sucedida delas foi o Rancid, capitaneada pelos guitarristas-vocalistas Lars FredDanielsen (ex-Uk Subs) e Tim Armstrong – jovens Marioados e com cabelos moicanos, de classe média baixa, que fazem um punk rock no estilo Clash (ou seja, com muito reggae e ska) e estouraram em 1995 com o disco ... And Out Come the Wolves.

Atualmente, o *punk* tem uma participação importante no mercado de bens culturais e na maioria das vezes, é visto como produto da moda de rua. Porém luta, no meio de tantos "grupos de estilo" (KEMP, 1993) e tendências, para tentar sobreviver: alguns *punks* priorizam a luta social e se afastam das "atitudes vendidas", outros estão à procura dos holofotes da sociedade, das luzes e do "estrelato *underground*".

A juventude hoje está dividida em vários grupos e tendências, muitas delas ligadas ao *Underground do Rock*. A comunidade *punk* está presente no *Underground* através de diversas bandas e estilos derivados do *punk rock* e do *hardcore* que recebem inúmeras novas denominações, derivadas desta diversificação de estilos: "*hard core melódico*", "*ska core*", "*skate punk*", "*punk pop*", "*fórró core*", "*grind core*", "*crossover*". A música *punk* também serviu de influência para várias bandas, inclusive as pops. Sua fusão com o *heavy metal* gerou o *thrash*, e com o *rockabilly* gerou o *psicobilly*, assim como também está ligado aos estilos *grunge* e ao *street*.

A "*cena underground*" abrange diferentes "grupos de estilo" (KEMP, 1993) ligados a diferentes ritmos musicais. Cada "grupo de estilo" possui lugares especializados para a apresentação de suas bandas, seu próprio discurso, visual, estilo musical, muitas vezes influenciado por outros grupos. Como existem elementos do capital simbólico, que são comuns entre alguns desses grupos, há a possibilidade de compartilharem shows e eventos juntos.

O *Movimento Punk* atual guarda muitas semelhanças e diferenças com o *punk* em seu início. As modificações ocorridas com o tempo e as semelhanças que foram mantidas demonstram que *ser punk* não está ligado apenas ao que se percebe externamente. Isto porque ambas - modificações e semelhanças - demonstram que o *ser punk* envolve muitos aspectos que não apenas a elaboração de um visual; *ser punk* é resultado da interação de vários elementos, que só possuem *sentido punk* quando usados conjuntamente. A semelhança o conduz a uma aproximação com o que já foi o *punk*, com as suas origens. Mesmo que hoje não cause tanta estranheza, é aí que busca legitimidade. Saber a *origem punk* é essencial para a sua existência, mesmo que seja

para negá-la parcialmente. As modificações são originadas pela passagem do tempo, que impõe ao grupo a reconstrução do sentido de ser *punk* e da sua existência, no novo contexto social originado pela passagem dos anos.

Hoje existem dois pólos diferentes que acabam por caracterizar a *comunidade punk*: aqueles que pertencem a indústria cultural e os que tentam se afirmar como movimento social. Os primeiros não têm necessariamente o *punk* como público alvo, já os segundos tentam marcar presença como um movimento social. Os *punks* crêem que, através de sua atuação, poderão mudar o “sistema” e participam de manifestações, eventos, e fazem protestos e shows com a finalidade de cumprir este objetivo.

Bivar (2001, p. 166) nos lembra que sua atuação também se manifesta através de sua produção cultural e afirma:

Mas voltando de onde traváramos, muitas bandas apóiam e já fizeram show ou gravaram música pró-MST. Já produziram inúmeros festivais cujo ingresso era um quilo de alimento não perecível e agasalhos para a população sem teto, desempregada ou carente. O punk é solidário. Une forças e abraça causa. Pró-zapatistas, como no evento Ya Basta!. O dinheiro arrecadado como ingresso do show (com as bandas Vala Negra, Larvagem, Infect, Discarga e Out of Season) foi usado para fretar ônibus para o Segundo Encontro Americano Pela Humanidade Contra O Liberalismo, em Belém do Pará, 1999.

Os primórdios do Movimento: a primeira fase punk (1977 – 1986)

A *primeira fase punk* é caracterizada pelo momento de identificação dos jovens brasileiros com as propostas vindas de fora, sua reelaboração e a construção de uma *identidade punk* e um *Movimento Punk Brasileiro*. Surgiu, também, ligado à música, opondo-se ao *rock* progressivo da década de 70. Seu discurso assume contornos políticos nacionais, atrelado aos acontecimentos causados pelo fim da ditadura militar e início de uma abertura política e, em cada local do país em que se estabeleceu, adquiriu características regionais, como é o caso do *Punk Paulista*:

“O punk também não significa um pouco de alegria? Ele significa alegria, porque a maioria das músicas são alegres. Fala do protesto. Ela protesta, mas ela é alegre, ela é viva. Não é que nem você pegar uma música do Led Zeppelin que você até chora, o punk não acontece isso. Não acontece de você ouvir um som punk e você chorar, ou você fica com muita raiva ou você fica alegre, só tem estas duas opções, não tem essa de tristeza. Não é?” (Laura, 40 anos, 1ª. Fase Punk)

Em São Paulo, o *Movimento* surge das gangues de jovens, gangues de amigos, que já existiam na periferia e aderiram ao *discurso punk*. A *ação punk* estava refletida na ação das gangues, que organizavam a convivência, proporcionavam a realização de atividades de produção cultural, criavam um espaço de lazer e de sociabilidade. O visual era predominantemente em tons escuros, e masculino, com elementos ligados à força, à luta, à guerra. As bandas possuíam letras de música que falavam das suas preocupações em relação à política, à hierarquia e à estrutura de poder, à fome, à miséria e à exclusão.

No Brasil, o movimento surgiu dois anos depois do nascimento do punk britânico, na Grande São Paulo. O movimento se consolidou quando a coletânea "Sub" foi gravada, trazendo amostras dos trabalhos das principais bandas punk brasileiras. (Punks de SP mantêm o Movimento vivo - Folha de São Paulo – 04/04/1994).

A trajetória do movimento *punk* está muito ligada às bandas, que desde o início ditam comportamentos, pensamentos/posturas, mudam os rumos do movimento e, principalmente, dão voz e visibilidade ao *Movimento Punk*. Foi através das bandas que o *punk* foi levado para o mundo: a postura dos integrantes, as letras das canções foram copiadas e reelaboradas.

É através da atuação das bandas que o *punk* continua vivo. Pode-se dizer que as bandas fotografaram o movimento, refletindo sua imagem, sendo de grande importância por dar voz ao *punk*. Há, no entanto, momentos em que elas quase desaparecem, reaparecendo depois com força total. Como exemplo, as bandas Sex Pistols e The Exploited, que marcaram dois momentos diferentes do *punk*. Com a primeira foi decretado o início e o fim do *punk*, mas a segunda protesta: "*Punk's Not Dead*".

"As primeiras bandas datam de 78 e tinham nomes como AI-5, Condutores de Cadáveres, Restos de Nada" (BIVAR, 2001, p.95). Bivar afirma que, em 82, quando a imprensa nacional tomou conhecimento do ressurgimento do movimento no mundo, aqui já existiam mais de 20 bandas se apresentando em shows periféricos. Cita algumas: Cólera, Fogo Cruzado, Lixomania, Mack, Suburbanos, Desertores, Ulster, Guerrilha Urbana, Setembro Negro, Juízo Final, Indigentes, Negligentes, Anarcolatras, Saturados, Anonimato, Agressão, Repressão, Extermínio, Desordem, Detenção, Psykose, Neuróticos, Inimigos e as femininas Skizitas, Zona X e Banda Sem Nome.¹⁶

¹⁶ No início, apesar de poucas, também existiam as bandas femininas, uma vez que neste momento a banda era uma das formas predominantes de articulação do grupo, somada às atividades em torno dos protestos e da elaboração de *fanzines*, e não tanto em torno das gangues como ocorre na fase seguinte.

Essinger (1999, p.100) nos conta que “o primeiro show punk que se tem notícia em São Paulo foi realizado em dezembro de 1978, no porão de uma casa em construção, no Jardim Colorado, Zona Leste de São Paulo.” E depois deste, vieram outros. Bandas estavam surgindo e queriam se apresentar. Só que nesta época, o “som rolava” mesmo era com fita K7 e vinil. Um DJ da Vila Carolina, e depois vocalista da banda Olho Seco, freqüentemente colocava os discos de sua coleção para tocar nos salões de *rock*. Foi assim que os *punks* começaram a se organizar para realizar os primeiros shows das bandas: “Como a tensão entre os *punks* de São Paulo e do ABC ainda era contornável, realizaram-se em 81 as primeiras edições do Grito Suburbano, festival inaugural do movimento punk brasileiro” (ESSINGER, 1999, p.107).

A absorção pela indústria cultural, sua entrada nas classes média e alta através da moda e sua musicalidade incorporada pelas novas ondas de bandas fazem com que reiteradamente se decreta o fim do *punk*. Esta afirmação – “o *punk* morreu” - perseguirá o *punk*, como se fosse um estigma e, enquanto ele existir, servirá para atestar ou questionar sua falta de legitimidade. “Em 82, a pancadaria que acabou com O Começo do Fim do Mundo, um festival de bandas *punks* que aconteceu no Sesc Pompéia, fez os garotos de coturno chegarem às manchetes dos jornais e ao consumo fascinado da classe média. E foi esse, de fato, o seu fim” (Folha de São Paulo, 30/02/1994)

Já em 1982, muitos já decretavam o fim do *Punk* e o advento do seu sucessor: a New Wave e o *Rock* do Anos 80. A sua popularização e comercialização reduziram o choque inicial a uma nova onda, com diversos tipos e excentricidades oriundas do *punk*.

Surge então o *hardcore* popularizado pela banda escocesa Exploited. Aqueles ligados ao *hardcore* abominavam a moda e procuravam se afirmar como um movimento de contestação política, trazendo uma anarquia consciente em oposição à anarquia niilista. Repudiavam a indústria fonográfica, utilizavam *fanzines* e correspondências como esquema de difusão e informação. Tinham um circuito alternativo de shows, baseado nos *squats*. Faziam do alternativo sua mais perfeita expressão.

O surgimento do *hardcore* no mundo, teve como reflexo em São Paulo a proliferação de bandas e uma mudança de postura dos *punks*. Os que foram chamados de *punks do subúrbio* preferiram manter-se fiéis ao estilo das bandas que tocavam *punk rock* no início do movimento, fiéis a um deboche niilista. Já os chamados *punks da cidade* adotaram uma postura mais séria e politizada que abriu a possibilidade de diálogo com certos setores da sociedade.

Entre os *punks*, a ligação com o território é ambígua, não é ele que determina se um *punk* é da *cidade* ou do *subúrbio*, e sim a postura que o indivíduo adota: ele pode morar na região central da cidade e andar com um visual *estilo 77*, ter atitudes intransigentes e será considerado um *punk do subúrbio*.

Como já foi descrito, em 1982 acontece o primeiro festival *punk* de grande porte realizado no Sesc Pompéia, O Começo do Fim do Mundo: “Dois foram os resultados concretos do Festival. Um, o disco *O Começo do Fim do Mundo*, lançado pela Punk Rock Discos (e relançado em CD em 98), que é um dos únicos registros da banda Juízo Final, Passeatas, Neuróticos, e Suburbano. Outro foi o reinício das brigas, cada vez mais ferozes, entre punks da capital e os do ABC” (ESSINGER, 1999, p.118).

A rivalidade entre as gangues ficou institucionalizada, e o Movimento Punk Paulista ficou dividido entre os *punks do subúrbio* e os *punks da cidade*. Inicia-se a *Guerra da Cidade contra o Subúrbio*.

Para Essinger (1999, p.119), “a batata do punk em São Paulo assou de vez em 83. A começar pelo fim da Punk Rock Discos, por causa de abaixo-assinado de outros comerciantes da Galeria, que não agüentavam mais ver aquela gente circulando por lá”.

Depois, os *punks* passam a ser personagens rebeldes das novelas da Globo, modelos estilizados como *punks* brilham nas passarelas, “artigos punks” são vendidos como excentricidades do mercado. “Mas nada fez mais pela popularização dos punks em 83 que a canção “Punk da Periferia”, na qual Gilberto Gil exerceu seu poder de observação (bem distanciada, quase turística) sobre o que acontecia em São Paulo e brincou poeticamente com os termos usados pelos garotos” (ESSINGER, 1999, p.120).

A evidência do *punk* na mídia faz com que surjam os chamados “*punks de boutique*”. São jovens de classe média que sentiram o impacto das questões colocadas pelo *punk* e adaptam seu visual e adotam seu estilo de tocar música. Bandas de fora do Movimento começam a aproveitar algumas idéias *punks* e tomam conta do cenário musical. O resultado foi o nascimento do *rock paulista* com bandas como Ira!, Ultraje a Rigor e Gueto, antecedendo os brasilienses da Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e Capital Inicial.

Entre os anos 83 e 86, o número de *bandas punks* que gravaram um disco também foi gigantesco e refletem os últimos suspiros dos *punks* da Primeira Fase. Entre elas estão: Dose Brutal, M 19, Estado de Coma, Inocentes, Olho Seco, Passeatas, Pupilas Dilatadas, Hino Mortal, Kaos 64, Garotos Podres e Ratos de Porão. Estes são

apenas alguns nomes de bandas que conseguiram gravar um vinil na época e/ou estão presentes nas coletâneas como O Começo do Fim do Mundo e Sub. Em 86, a Ataque Frontal lança Ataque Sonoro, uma coletânea com dez bandas. Neste ano de 86 ainda foi reeditada a coletânea Grito Suburbano.

As principais *bandas punks paulistas* passam a excursionar pela Europa e algumas destas bandas se destacaram e chamaram a atenção da mídia. É o caso de Cólera, Garotos Podres, Inocentes e Ratos de Porão. Estas duas últimas conseguiram contrato com grandes gravadoras, mas por gravarem com selos que não eram independentes e por terem modificado o estilo de música foram consideradas “traidoras do movimento *punk*”. Seus integrantes, contrariados, responderam e respondem, muitas vezes com ironia, dado que, ainda hoje, estão trabalhando em grandes emissoras e rádios, que possuem sua programação voltada para o *rock*.

De 1986 a 1996, Essinger pára de falar das *bandas punks paulistas* e deixa anotado que inúmeras bandas continuam surgindo e fazendo com que se inclua o ABC no “*Mapa do Rock Brasil*” (ESSINGER, 1999). O autor passa a destacar, nos anos 90, o cenário internacional *punk*, citando a trajetória de bandas famosas como: Bad Religion, Green Day, Offspring e até Nirvana.

Neste momento, 1986, o Movimento *Punk* Paulista já tem suas características próprias, o *punk* perde a visibilidade e deixa de ser uma curiosidade. Só é notícia quando seus atos estão ligados à violência. Nas ruas e becos, em pequenos shows e bares, o que se vê agora são os *punks* das gangues. Esquecidos pela mídia, só ganham as manchetes quando suas aparições estão ligadas à violência.

O predomínio das gangues e da violência marca o fim de uma fase e o início de outra. Com a *Segunda Fase* inicia-se a era das gangues.

Os punks da cidade e punks do subúrbio

Uma reportagem do Jornal da Tarde (1996) afirma que “o *punk rock* chegou ao Brasil praticamente na mesma época em que estourou na Inglaterra, no final dos anos 70, mas passou a ganhar força no início dos anos 80. Aqui, o estilo virou uma espécie de desculpa para as gangues de jovens se enfrentarem na periferia, principalmente em São Paulo” (*Um pretexto para a baderna – Jornal da Tarde – 29/11/1996*).

As gangues *punks* têm origem nas gangues de amigos que já existiam na periferia de São Paulo e que, ao aderirem ao *discurso punk*, deram ao *punk paulista* uma

das suas características mais marcantes. As *gangues punks* são uma presença constante e contribuem com elementos importantes para a construção do *Movimento Paulista* e da sua identidade: o predomínio da masculinidade, o culto à violência, o respeito pela ética das ruas e a existência de uma hierarquia de valores ligados à força bruta.

A ação da gangue, refletida no bando andando junto e desbravando ruas e espaços para ocupar, já se relaciona ao poder e à força bruta, a uma postura masculina. Esta postura era reforçada pela existência de comportamentos violentos, como intimidar o outro que não pertence ao grupo ou receber a tapas e socos os novos *punks*. O *batismo* era uma prática comum das gangues em meados dos anos 80 e início dos anos 90: um *punk* que queria entrar no grupo precisava enfrentar, numa luta, os *punks antigos*. Em momentos mais radicais eram todos contra um; em outros, o *batismo* era mais brando e o *novo punk* era submetido a uma seção de intimação, um verdadeiro e violento interrogatório para certificar-se de que ele tinha mesmo *atitude punk*:

“Pra mim seria assim, apesar de falar: ‘Eu sou dos anos 80, eu passei o sofrimento que você nunca passou ou que você tá passando como agora.’ Aí eu fico pensando mais a fundo nessa questão: ‘Porque você que é dos anos 80 tem que ser mais respeitado? Porque você tem nome?’ Porque para os punks dos anos 80 prevalece muito isso aí, a questão da honra, do respeito, de botar medo nos novos punks. Eu enfrentei isso aí naqueles tempos: ‘Hei garoto, você tem que começar, você não sabe o que vai sofrer. Você não sabe as conseqüências que sociedade traz pra você.’ Aí eu comecei a pensar nessas coisas...” (Renato, 25 anos, 2ª. fase Punk)

O visual elaborado em tons escuros e pretos, desleixados e era masculino e rude, com botas e adereços prontos para o combate, muitas vezes lembrando o serviço militar obrigatório. Os cabelos eram muito curtos e espetados, ou *moicanos*, e as músicas eram berradas num vocal quase gutural e, muitas vezes, não se entendia o protesto contido nas letras.

Esta configuração faz parecer que não havia espaço para garotas no *punk paulista*, mas elas estavam presentes desde o início do *Movimento*, pertencendo às gangues e às bandas. Muitas eram levadas por um *punk* do grupo que atestavam sua confiabilidade e *atitude*. Eram suas amigas ou namoradas. Já outras possuíam mais autonomia ao entrar no grupo. Mas eram poucas; se o *punk* já causava estranheza, uma *garota punk* ainda mais:

“Tinha pela diferença, não porque... não existia o conhecimento do Movimento Punk na época que eu comecei a curtir não existia. Não existia o conhecimento,

não era todo mundo que sabia o que era punk, achava diferente: ‘Puxa que mina esquisita! Nossa que mina esquisita com aquela camiseta, aquela bota, aquela calça apertada. Aquela camiseta preta!’ Porque os punks usavam basicamente o preto! ‘Que que você curte?’ ‘Punk’, ‘O que é punk?’ Aí explicava, falava, porque aquela época a gente não tinha uma consciência, que a gente tem hoje. Naquela época tava se formando o Movimento, estava na mão de um, de outro. Ia no som e via o visual e via as bandas e via a mensagem que a banda ... Eu sempre tive interesse de saber o que que os caras estavam cantando” (Laura, 40 anos 1ª. Fase Punk).

Vemos então que elas pertenciam ao grupo, tinham seus lugares e defendiam sua posição como *garotas punks* ao colaborarem escrevendo em *fanzines*, cortando e pintando o cabelo dos *punks*. Montavam suas bandas e procuravam, a seu modo, fazer valer sua *atitude punk*. E todas eram poupadas do *batismo*, pois a ética masculina não permite bater em uma mulher, mas elas deveriam ser moralmente corretas, não sendo permitido nenhum deslize, agindo em conformidade com esta mesma ética. Isto pode ser confirmado através das palavras de Dulce, que vivenciou este momento, afirmando que “as mulheres tinham que cuidar do lado delas e manter o seu valor”:

“E as mulheres nem sempre eram assim, a maioria ia atrás dos meninos, ia atrás de auto-afirmação, de querer brigar como homem, nunca! Parecer com os homens! Somos absolutamente diferentes, começamos aí, homens, mulheres, somos diferentes. Você teve filho você viu como a gente somos diferentes deles. Não melhores, mas somos diferentes. Não adianta cê querer sair na mão para dizer que você é punk, ‘magina! Pra brigar com homem! Não tem! Cada um tem seu espaço, ‘magina! (...) Porque esse respeito eu sempre tive dos homens, mas também nunca andei com ninguém, entendeu? Aí vem a história...O homem respeita quem ele não come, porque quem ele come é embaçado... porque se você, num grupo de 30 homens, você sai com todos, você leva na cara” (Dulce, 40 anos, 1ª. Fase Punk).

Nas primeiras fases o *espaço punk* era o espaço das gangues. Havia poucas casas especializadas para que suas bandas pudessem se apresentar, e poucos lugares onde pudessem circular, como existem atualmente. Hoje, o *espaço punk* é o espaço das bandas e o “Shopping Grandes Galerias” é um espaço oficial de circulação dos jovens, transformando-se na “Galeria do Rock.”

A gangue organizava os shows e a convivência entre os indivíduos, e é esta convivência que dará sentido ao *punk*: “O grupo e a gang são a forma de pôr em

prática a contestação individual, permeada por um sentido coletivo, e é através deles que os indivíduos vão afirmar a identidade punk para si, para o grupo e para fora” (PEDROSO; SOUZA, 198, p. 16).

Estas gangues chegavam a ter de 15 a 50 integrantes e, em São Paulo, possuíam um nome que as designava. Carniça, *Punkids*, Anjos, (Vila) Carolinas, Phuneral, *Punks da Morte*, Refomatório, R.A. (Rebeldes Anarquistas) e Rejeitados eram alguns destes nomes. Caiafa, em 1985, percebeu, descreveu e chamou a atenção para o nomadismo dos grupos no Rio de Janeiro, característica também existente entre os *punks paulistas*: “*e os punks vão indo, em duplas, trios, bandos parecendo guerreiros depois da batalha, todos depois da batalha, todos de uniforme negro, a pé, da PUC, nas Perdizes, até o largo São Bento, passando pelas avenidas Francisco Matarazzo e São João. (...) Mais um pouco e eles passam pelo largo do Paissandu, dobram, atravessam o viaduto Santa Efigênia e ganham o Largo São Bento” (BIVAR, 2001, p.112/113)*

As caminhadas em busca do que fazer, a perambulação de um lado para o outro, a espera durante a madrugada para que a condução voltasse a funcionar para voltar para casa foram os motivos que fizeram com que ligassem sua visibilidade ao nomadismo. Os *punks* saíam do ponto de encontro para o “rolê” e era nessa hora que combinavam outras atividades, trocavam informações sobre o movimento, fitas de bandas e *fanzines*. Discutiam sobre protestos e panfletagens, escutavam música e distribuíam *flyers*, iam juntos a um bar ou a um show, etc.

Com o tempo, as gangues passam a ser denominadas bancas. A substituição por esta designação deveu-se ao fato de o *punk* decidir retirar a ligação com a marginalidade que o termo gangue traz. As bandas sempre existiram, mas quem dava a característica ao Movimento eram as *bancas*, que se reuniam periodicamente, normalmente todos os sábados, escutavam música, iam juntos a um bar ou até perambulavam à toa pela cidade. Uniam-se para se relacionar, fazer seu próprio lazer, trocar informação, produzir cultura. Apresenta-se como um espaço de sociabilidade.

No início estavam divididas em *punks da cidade* e *punks do subúrbio*, havendo uma rivalidade entre elas como forma de afirmar a *identidade punk*: havia disputas para saber quem era mais *punk*, quem estava há mais tempo no Movimento, quem possuía mais *atitude*. “*Fazer parte do “pessoal da city” não significa necessariamente residir na cidade de São Paulo; há poucos elementos do subúrbio que se identificam com tais idéias e preferem participar junto destes (...) mas mesmo dentro de São Paulo existem*

punks que não assumem esta postura e sim, permanecendo fiéis a postura original.”(PEDROSO; SOUZA, 1983, p.34).

Podemos confirmar esta falta de rigidez quanto ao local de moradia e a adesão a um dos grupos *punks* pelo depoimento inconformado de Laura, *punk* da *Primeira Fase*, que tinha uma banda de *hardcore*. Moradora da Zona Leste, andava com os *punks do ABC*, e sua banda de garotas não se estabeleceu no *Movimento Punk*. Vemos que na sua queixa recorda-se de preconceitos sofridos na época:

“Não aconteceu, porque... nós fizemos shows, mas nós não gravamos, porque não tinha espaço, procurei um monte de gente, não vou citar nome pra não ficar chato. Pegava fitinha e dava pra um, dava pra outro: ‘Oh! a nossa banda tal’. Era uma banda tosqueira, era tosqueira como muitas bandas de hoje são tosqueiras. Muitas bandas de fora são tosqueiras. Tosqueira igual a nossa só que existia o preconceito. Não era um preconceito descarado de falar: ‘Não vou fazer porque vocês são ruins. Eu não vou fazer porque vocês são mulher. Eu não vou fazer porque vocês são do ABC’. Porque a gente era banda do ABC na época e tinha as tretas. O motivo certo eu não sei, só sei que não aconteceu como outras bandas aconteceram” (Laura, 40 anos, 1ª. Fase Punk).

Portanto, entre os *punks*, tanto da *city* como do *subúrbio*, a ligação com o território é ambígua. O território está ligado à mudança de postura, surgida a partir do *hardcore*, e é reflexo da proliferação das bandas *punks*. Existe uma ligação com o território, porém ela não determina se um *punk* é da *cidade* ou do *subúrbio*, o determinante é a postura que o indivíduo adota, ou seja, Centro da cidade, Zona Sul, Zona Leste, região do ABC têm um significado diferente para os *punks*.

Os *punks da cidade* tinham um número considerável de bandas e isto fazia com que tivessem uma postura mais aberta ao diálogo. Com isto, poderiam conseguir lugares para apresentação de suas bandas e procuravam escapar da imagem violenta do *punk*.

Os *punks do subúrbio* não eram tão articulados em torno de bandas e adotavam uma atitude mais agressiva que associavam à anarquia de ação-direta, usando um visual característico, numa postura que ficou conhecida como *estilo 77*.

A postura dos *punks da cidade* permitia abrir exceções, negociar com as instituições, principalmente os locais de shows e alguns meios de informação, para que pudessem transmitir à sociedade a *ideologia anarquista punk*. Já os *punks do subúrbio* consideravam esta atitude como “vendida” e não se importavam com quem fosse ouvir seu protesto: a anarquia é niilista. A “ação direta” era o meio de divulgá-la, mesmo que

para isto tivessem que destruir os locais que os acolhiam. Mas a violência das *bancas* está presente nos dois grupos e é voltada principalmente contra eles próprios.

A mudança de postura dos *punks paulistas*, que os dividiu em dois grandes grupos, fez também com que o visual mudasse: “*O visual também sofre algumas mudanças devido à sua maior estilização, abandonando o que antes era mais predominante: o escrachado, o sujo, o nojento e praticamente trocando o símbolo suástica pelo A da anarquia*”(PEDROSO; SOUZA, 1983, p.34).

Enquanto os *punks do subúrbio* continuavam a ostentar o visual sujo e escuro, os *punks da cidade* passaram a ter um visual mais comportado, basicamente usando coturnos e camisetas de bandas:

“*Conversei com uns punks de São Paulo que estão indo ao point agora. Eles estão trabalhando aqui no Rio. Osmar é primo do Clemente (baixista da Inocentes de SP), uns olhos verdes, com ele falei mais longamente. Falou um pouco o que já sabíamos sobre rivalidade que existe entre os punks do ABC e os da city . No ABC os caras são bastante agressivos, andam rasgados, enquanto o visual da city é mais roupa preta e bótons*” (CAIAFA, 1985, p. 43).

A partir de 82, esta rivalidade ficou institucionalizada e o Movimento *Punk Paulista* ficou dividido entre os *punks do subúrbio* e os *punks da cidade*. Nesta época, por causa da briga entre os grupos, os shows se tornaram violentos e começaram a escassear.

As dissidências do punk: carecas, anarcopunks e straight edge

No início dos anos 90, surge outra *postura punk* com o grupo dos *anarcopunks*, assim como os *carecas*, que já haviam se apresentado como uma dissidência dos *punks da cidade* e do *subúrbio*. Os *carecas* apareceram como uma resistência à negociação dos *punks* com a mídia, esta abertura faz com que fossem considerados aliados do sistema.

Os *carecas* em São Paulo apresentaram-se como a primeira dissidência do *estilo punk*. Procuraram negá-lo, dando ênfase à violência. Queriam ser mais fortes e radicais que os outros grupos; possuíam um discurso nacionalista e de culto ao corpo. Porém, como os *punks*, assumiram feições semelhantes no que diz respeito ao território, existindo então os *Carecas do Subúrbio* e aqueles que seriam os *carecas da cidade*, designados como *SP Oi!*. Nas brigas que ocorriam entre as *gangues punks*, em que os

carecas apareciam para ajudar, colocavam-se ao lado dos seus semelhantes, ou seja, *Carecas do Subúrbio*, ao lado de *punks do subúrbio* e *SP Oi!*, ao lado dos *punks da cidade*.

Costa (1993) estudou o grupo e confirma esta ligação dos *carecas* com os *punks*, ao comentar sobre os motivos que levaram à identificação dos jovens com os *carecas*, motivos que passaram por caminhos tortuosos e que passam pelos *punks*. Para entender o grupo, utilizou-se de reportagens da imprensa e relatos de *punks*: “*Todas essas fontes oferecem um panorama muito elucidativo a respeito do movimento e sua consolidação como grupo autônomo, além da incorporação, ambígua e contraditória, de aspectos do movimento Punk*”(COSTA, 1993, p.43).

O visual dos *carecas*, assim como o dos *punks*, é elaborado para o combate: coturnos, calças militares, camisetas brancas com estampas de bandas, suspensórios, cabelos curtos ou raspados. Seus integrantes também preparavam-se para a luta através de lutas marciais: “*Relacionado a isso, está o fato de que o ‘careca’ se visualiza como um herói, um guerreiro que, através da força, da altivez, da não submissão, impõe-se socialmente. É provável que, por detrás de tudo isso, escondam-se desejos de autonomia e liberdade impossíveis de serem realizados na prática*” (COSTA, 1993, p.133).

Os *carecas*, assim como os *punks*, se pulverizaram em diversos grupos dele originados, além dos grupos já citados surgiram os *Carecas Zona Sul* e *White Powers*. Existiam, também, muitos outros grupos menores derivados da fusão dos *carecas* com outros estilos são eles os *Skanks*, *Red Skins*, *Sharp* entre outros.

Os *anarcopunks*, a segunda dissidência, de modo contrário aos *carecas*, procuravam uma atitude pacifista para fugir das agressões dos outros grupos e distinguir-se deles. Tinham como objetivo construir um “Novo Movimento” distante da violência e mais ideológico.

Os *anarcopunks* também se articulavam em *bancas* e renegavam os outros dois grupos *punks*, assim como suas bandas, tanto as nacionais como as internacionais. Para os *anarcopunks*, nenhum grupo sabia o que era realmente anarquia, além de serem todos “uns vendidos”. Preferiam as bandas *punks* da Ucrânia, Tchecoslováquia, Polônia, Alemanha Oriental e, principalmente, da Finlândia, que tocavam um *hardcore* aceleradíssimo. Acreditavam que não eram e não poderiam ser “vendidas” já que, com este estilo inaudível de som, não seriam incorporadas pela mídia.

Os *anarcopunks* trocaram o nome *banca* por *coletivo*, e a partir daí muitos outros grupos de *punks* foram se auto-denominando *coletivo* e não mais *banca* ou *gangue*. Mas as três designações servem basicamente para caracterizar os grupos de amigos que se unem para realizar atividades consideradas necessárias para o andamento do *Movimento Punk*.

Na mesma época em que apareceram os *anarcopunks*, início dos anos 90, alguns *punks* começaram a aparecer no “rolê” com um X pintado na mão: afirmavam que adotaram aquele símbolo como forma de mostrar que não consumiram álcool, cigarro e outras drogas. Com o tempo foram desaparecendo das bancas e surgindo entre aqueles que se diziam *punks* e eram da classe média. Nesta época havia um pressuposto veemente, afirmado no Movimento que, para *ser punk*, era necessário ser pobre, se assim não fossem, não eram reconhecidos como *punks*. O *straight edge* foi a postura encontrada como alternativa para jovens de classe média se considerarem *punks* sem que sua legitimidade fosse questionada. Eram *punks*, mas um tipo específico de *punks*: *straight edge*.

“No início da década de 90 é que aparecem os primeiros brasileiros straight edge. Com isso, surgiram também as primeiras bandas do gênero, como o Personal Choice e Positive Minds. Atualmente existem inúmeras bandas straight edge e semestralmente é realizado em São Paulo o liberation fest, organizado pela gravadora que tem o mesmo nome” (CARDOSO, hipertexto.internet, 02/02/05).

Assim, surgiu em São Paulo, mais um grupo oriundo do *punk* que passou a se articular de acordo com um novo discurso produtor novas atitudes. O motivo básico para a existência do grupo é o de desassociar o *hardcore* da autodestruição, da violência, de danos à saúde ou de quaisquer outros malefícios causados pela droga, e favorecer a possibilidade a qualquer pessoa de ser tão *punk* quanto qualquer um. Pode-se definir um *straight edge* como a pessoa que é envolvida com o *hardcore/punk* e que escolhe viver sem álcool, drogas e tabaco.

No mundo, surgiram em 1980, nos Estados Unidos, na *cena punk* de Washington:

Os membros de uma banda chamada Teen Idles, todos menores de idade, odiavam o fato de que, por causa do consumo de álcool, quem ainda não tinha 18 anos não podia freqüentar a maioria dos shows punks da cidade. (...) Um belo dia, a banda estava fazendo o layout da capa de seu primeiro (e único) disco, o compacto ‘Minor Disturbance’, e o baterista Jeff Nelson pegou um

esquadro (aquela régua em forma de triângulo) e, meio brincando, comparou a retitude e os ângulos retos do objeto com sua postura firme e ‘cureta’ da vida. Esquadro em inglês é ‘straight edge’, e dessa maneira, Nelson apelidou a turma de punks “curetas” de ‘Straight Edge Punks’ ([http://www.algelfire.com/pe2/sxe/straight edge.html](http://www.algelfire.com/pe2/sxe/straight%20edge.html)).

A origem do X marcado na mão tem como protagonistas os mesmos rapazes desta banda, quando foram tocar numa casa noturna de São Francisco, que permitia a entrada de menores desde que tivessem um X marcado na mão com pincel atômico. Assim identificados, não seriam oferecidas aos jovens menores bebidas alcoólicas. A banda achou a idéia interessante e passou a fazer o X espontaneamente, agora com o objetivo de expor sua *postura punk*: “O X na mão não é um símbolo de separação, da mesma forma que o A de anarquia ou a estrela vermelha, não significam que seus portadores se considerem melhores, ou queiram distância de pessoas diferentes. É apenas uma forma de se expressar e tornar suas idéias visíveis” ([http://www.algelfire.com/pe2/sxe/straight edge.html](http://www.algelfire.com/pe2/sxe/straight%20edge.html)).

Já a ligação do straight edge com o vegetarianismo é cercada de controvérsias, mas, enfim, é uma postura adotada pelos integrantes do grupo. Outra postura que foi incorporada com o tempo é o veganismo, ou seja, além de vegetarianos seus integrantes não comem nada de origem animal como uma forma de preservar seus direitos. Os festivais que o grupo organiza são chamados de Verdurada, regados de muito suco, lanches naturais e hardcore. “A maioria dos straight edge adota o veganismo e o vegetarianismo como dieta alimentar, além de lutarem contra a exploração animal. Porém, a idéia original é estar na cana punk e não usar drogas”(CARDOSO, *hipertextointernet*, 02/02/05).

Vemos, então, que o Movimento *Punk*, apesar das características ligadas às *bancas* (ou gangues) e da violência, sempre foi associado à denúncia das injustiças sociais, e com isto teve grande influência entre os jovens. O lema *faça você mesmo* possibilitou a criação de roupas, o estabelecimento dos locais de encontro e circulação de idéias. Criou a possibilidade de se fazer música com “apenas três acordes” e, assim, jovens de todas as classes sociais montaram suas bandas, dando início a uma nova feição nos grupamentos juvenis que surgiram. Os jovens passaram a inspirar-se nas questões propostas pelos *punks*, tanto em suas letras de música, como na forma de se posicionar diante dos acontecimentos histórico–sociais:

“O princípio máximo do punk é a independência e a autonomia. O Straight Edge é a aplicação disso à vida cotidiana, no sentido de não deixar substâncias químicas e códigos de conduta influenciarem suas decisões e afetarem sua capacidade de analisar a realidade. O Straight Edge é uma idéia, uma postura de vida e uma maneira de vivenciar o punk” (http.www.msn.com.br/ – acesso em 01/01/2005)

A era das gangues - segunda fase punk (1986 – 1996)

O ano de 1986 foi escolhido como um divisor de fases uma vez que enterra definitivamente a estranheza causada pelo *punk* e pela sua música: torna-se uma vertente raivosa do *rock* e influência para novas bandas. Põe em evidência o *rock* nacional: surgem bandas como Legião Urbana, Ultrage a Rigor, Gueto, Titãs, Plebe Rude, Capital Inicial e RPM. A indústria fonográfica brasileira desperta para o *rock* nacional.

Consolidou-se o *rock* nacional, e o *punk* decretado, como morto, foi enterrado. Acreditava-se que já tinha sido incorporado pela moda, já fazia parte do cenário da cidade, não era mais um estranho. Os anos 80 foram terreno fértil para o surgimento de outros “grupos de estilo” (Kemp,93) que invadiram as ruas e despertaram a atenção das pessoas e da mídia. Ficam em evidência outros grupos jovens, muitos considerados filhos do *punk*, como exemplo, os *darks*, que traziam à tona o desespero da vida nas grandes cidades e celebravam o fim do mundo. Porém o *punk* sobrevive, mesmo enterrado, no subterrâneo: não tem mais visibilidade e nem é novidade. É neste momento que as *bancas punks* começam a predominar.

De 1986 a 1996, Essinger (1999) para de falar das *bandas punks paulistas*, nestes dez anos o *punk* conviveu com o seu progressivo esquecimento e só passou a ser notícia quando havia uma ligação com a violência. “Segundo Ariel, a partir daí, os *punks* foram perdendo espaço e voltando para os *guetos*”(O movimento punk no Brasil – Especial - Folha de São Paulo – 28/11/1996).

A partir de 1986, o número de bandas passa a diminuir, elas continuaram existindo e até tocando, porém, como os shows incitavam a violência, tornaram-se muito raros. Após esta data, passam a predominar as *bancas*, o novo nome dado às *gangues*, que prevaleceram antes de 83. Porém se no final dos anos 70 havia a rivalidade entre as *gangues*, como uma forma de se afirmar à *identidade punk*, a partir

de 82 esta rivalidade ficou institucionalizada e o *Movimento Punk Paulista* ficou dividido entre os *punks do subúrbio* e os *punks da cidade*.

Eis que em 1987 os Ramones vêm ao Brasil, sendo um marco que aponta a entrada de mais um grupo na *guerra de gangues*, já que a banda se apresenta em meio a um tumultuado show com brigas entre *punks* e *carecas*.

Com o predomínio das *bancas*, o acirramento da guerra *subúrbio e cidade* e com o surgimento dos *carecas*, as bandas passaram a ficar sem espaço para tocar. Os donos dos clubes tinham medo de agendar shows para as bandas *punks* que, além da violência, acrescentava-se o inconveniente de ser um movimento subdividido em pequenos grupos e gangues, fato que não era atraente, em termos de negócio. Com os shows escassos, voltaram a predominar os sons com K7.

A *Guerra da Cidade contra o Subúrbio* atinge seus piores momentos entre 90 e 93, quando houve confrontos de extrema violência entre os *punks*. As bandas começaram a escassear deixando os *punks* isolados. E a mídia afirma: “*punk e violência sempre andaram juntos. As gangues não se entendiam e quase sempre a noite acabava em quebra-quebra. Houve mortes e prisões*”(O *Movimento Punk no Brasil - Folha de São Paulo – 28/11/1996*).

Em meio a esta guerra das gangues, intensificada a partir dos anos 90, surgem os *anarcopunks* com uma atitude pacifista, deixando claro que muitos de seus integrantes eram provenientes de outras *bancas*, principalmente as do *subúrbio*.

O ano de 1989 pôde ser considerado como o ano do surgimento dos *anarcopunks* paulistas. Nele inicia-se a *Primeira Fase Anarcopunk*. A atuação política deste grupo é baseada em um forte anseio pelo conhecimento do anarquismo. Trata-se da inclusão de um novo ideário ligado à igualdade entre os sexos, assim como temas que falam e lutam contra o sexismo e homofobismos. A atuação dos *anarcopunks* foi o principal motivo para a entrada de bandas integradas por garotas feministas, o que, por consequência, resultou no reaparecimento das *punks feministas*.

Igualmente oposto ao punk (e aos carecas), prolifera no Brasil inteiro o Movimento Anarcopunk, espécie de facção politicamente correta do movimento detonado pelo Sex Pistols, que se dedica a defender causas como o combate ao racismo, ao machismo, à obrigatoriedade do serviço militar e à manutenção de grupos para policiais. Mais politizados que os punks originais, eles fazem diversas manifestações e muitas vezes moram em squats (que proliferam em cidades como Rio, São Paulo e até Curitiba) (ESSINGER,1999, p. 204).

Em meados dos anos 90, no mundo, o *punk* ressurge com novas bandas e, no Brasil, reaparecem com nova força os *fanzines* e, principalmente, as gravadoras independentes e as bandas, que começam a se multiplicar, de forma surpreendente, com um número que chega a ser expressivo: Catástrofe Social, Paranóia Social, Calibre 12, Cosmogonia, Gritando H.C., Agrotóxico, Menstruação Anárquica, Injustiça Social, U.S.Argh!, Subconsciência, R.D.G., Lixo Suburbano, D.Z.K., Autópsia Social, Notícias *Punkpulares*, Mente Insurrecta, Atitude, Taquicardia etc. Estes são apenas alguns nomes de bandas que figuram nas coletâneas atuais e/ou são divulgadas em *fanzines* ou aparecem em cartazes de shows. Há muitas outras bandas que não tiveram visibilidade, ou seus nomes divulgados, mas que gravaram fitas demos e participaram de vários shows. Nesta época muitos grupos reaparecem: “*Punk’s not dead - o punk paulista não está morto – continua sendo o lema dos punks paulistas. E, ainda mais, os rapazes garantem que o punk está se reestruturando. (...) As principais facções em São Paulo hoje são os Anacopunks, a Juventude e Liberdade, o SP Punk, a Devastação Punk, o Massacre Punk do ABC, a Irmandade Punk e o SP Oi*” (*Punks de SP mantém o Movimento vivo - Folha de São Paulo – 04/04/1994*).

Entre 1990 e 1995, novas ramificações, consideradas filhas do *punk*, surgiram. Em escala mundial, o *punk* faz sucesso: são as bandas Green Day, Bad Religion, Offspring e Rancid:

Os punks radicais acabaram por execrar essas bandas “comerciais”, “falsas”, “traidoras”, “vendidas”. Mas não se pode acusá-las de falta de autenticidade punk. O espírito punk esteve nelas imbuído, em sua origem. E continua, mas, ao entrarem para o Sistema e se tornarem milionárias e muito expostas, perderam o “it”. Viraram showbiz, pop. Os que aceitaram o jogo são consideradas “traidores”. O Sistema adora o punk, mas os punks sempre execrarão o Sistema. (BIVAR, 2001, p. 122).

A partir de 95, as bandas voltaram a aparecer por todos os cantos de São Paulo. A guerra continuou com menos violência quando, em 96, houve outra tentativa de “União”: a União Punk (UNP). A UNP, que se encontrava quase todo início de mês na marquise do Parque do Ibirapuera, com o tempo, acabou virando uma espécie de banca. A “UNP” e as bandas continuaram a se proliferar.

A UNP de 1996, liderada pelos integrantes da banda Invasores de Cérebro, marca o fim de um momento em que o *punk* se manifestou através das *bancas*. É o fim

da era das gangues e traz o reinício do crescimento das bandas e o seu caminhar para o cenário *Underground*.

Os primeiros organizadores da UNP passaram a se preocupar mais com a organização de shows e coletâneas, e por isto, os que não participavam desta forma fizeram com que ela tomasse uma feição de banca que começou a perambular pela cidade. Estes integrantes da UNP e a *Kaos Punk* passam a andar juntas pela cidade, como se fossem uma grande banca, indo a shows e organizando eventos. Os shows pipocavam com frequência em grandes salões, devido ao sucesso das coletâneas lançadas, e proporcionada pela pacificação da antiga “*Guerra de Posturas*” (PEDROSO; SOUZA, 1983).

Quando ESSINGER (1999, p 197/198) volta a tratar do *punk* paulista, ele afirma que o movimento estaria no rumo ao “Juízo Final”:

A partir de 1996, com o movimento novamente estruturado (sempre no nível do subterrâneo), os lançamentos fonográficos aparecem. Numa iniciativa da Desculpe Atura-los Produções Libertárias, de Zorro, Ariel e Guga, dos Invasores de Cérebro, foi lançada a primeira coletânea punk em CD do Brasil, SP Punk. Muitos selos alternativos frutificariam em São Paulo: Gravações sem Qualidade, Pecúlio Discos (do Bôka, baterista do Ratos de Porão), Rotten Records (do ideólogo skin Glauco Mattoso) entre outros. Ainda naquele ano, o punk hardcore paulistano voltaria a cruzar as fronteiras do país como Blind Pigs.

A União *Punk* de 1996, as novas bandas e produções fonográficas podem ser consideradas a porta de entrada para a *Terceira Fase Punk* e a porta de entrada para a *Cena Punk*.

Os anarcopunks

Os *punks da cidade e subúrbio* têm uma história comum: consideram como legítimas as mesmas bandas e elegeram os mesmos marcos. Já os *anarcopunks*, como quiseram construir um novo Movimento *Punk*, o Movimento *Anarco-Punk*, possuem outros marcos e bandas para a contagem de sua história.

Segundo Kemp (1993, p.99):

O “Movimento Anarco-Punk” de São Paulo surgiu em 1989, aproximadamente, da iniciativa de alguns punks principalmente da região periférica da cidade. Eles sentiram necessidade de criar um espaço para contatos que possibilitasse a divulgação

das idéias anarquistas entre os punks ou mesmo entre pessoas em geral que se interessassem pelo Movimento.

A idéia principal do grupo é diferenciar o Movimento Punk das “gangues de visual”. Segundo seus integrantes, existem os “punks de verdade” (que são anarquistas ativos e militantes), e os que só se preocupam em ‘arrumar “treta’s”, pensando com isso estar defendendo o Movimento e a identidade punk.

A *Primeira Fase Anarcopunk* vai de 1989 a 1998, respectivamente, as datas do seu surgimento e do enfraquecimento do seu discurso. A partir de 1998 os *anarcopunks* atingem o auge do radicalismo, atuam de forma violenta e passam a se configurar como mais um dos muitos “grupos de estilos” que compõem o *underground* hoje.

No início dos anos 90, procurando minimizar o momento de tensão em que vivia o *Movimento*, estes *punks* passaram a falar em paz e anarquia, procurando no protesto social, e não na curtição e idolatria de bandas, o cerne de sua existência. Passaram a elaborar uma linguagem mais estruturada e politizada, procurando afastar-se das atitudes violentas existentes nos outros grupos *punks*, e aproximando-se de grupos de militância anarquista: “O ‘M.A.P’ mantém muitas atividades militantes ligadas ao ‘CCS’, à ‘COB’ e a ‘Ação Libertária’. Mas não são reconhecidos como militantes legítimos das correntes anarquistas organizadas, nem se interessam pela diluição nessas organizações (KEMP, 1993, p:106).

Pode-se considerar os *anarcopuks* uma vertente do *subúrbio*, uma vez que no seu início estavam ligados a eles por laços de amizade e proximidade. Relacionavam-se com *bancas* consideradas *subúrbio*, como *Devastação Punk* e *Irmandade Punk*, ficando fora do circuito de amizades os *punks da cidade* e os *nazistas* (era assim que consideravam todas as vertentes de *carecas*).

A redefinição comportamental não estava só no aprofundamento da doutrina anarquista, usada como sustentação ideológica para suas ações, mas o visual também mudou. O visual tipicamente de *subúrbio*, ficou mais sujo e muito colorido, um visual tipicamente europeu.

A música eleita foi o *hardcore*, o *punk rock* foi considerado comercial, assim como todas as bandas nacionais e internacionais que tocaram este estilo. Mesmo as bandas pioneiras que abriram caminho e estruturaram o que viria a ser conhecido como *Movimento Punk* foram veementemente negadas. Acusavam estas bandas de serem vendidas e com pouca atuação política, e aos *punks* que as escutavam, atribuíam a pura idolatria sem consciência e crítica. “Daí também a imensa iconoclastia a que eles

submetem os indivíduos que já participaram em algum momento da construção da história do Movimento Punk. Dos nomes que surgiam em conversas ou leituras, com referência ao passado do Movimento, quase todos eram deslegitimados. A cada um eram oferecidos exemplos que acabavam excluindo-os do Movimento”(KEMP, 199, p.:109).

Intolerantes a qualquer atitude suspeita dos outros punks, tinham consciência de execrá-los, tanto que o nome de uma de suas bandas mais significativas é Execradores. Porém aqueles que foram e são vítimas de suas críticas e desprestígio não se sentem satisfeitos e reclamam:

“Eu não sei, esses caras também é... pra mim esses caras não existem né, porque é uns caras que só tá ai pra xingar todo mundo, né! Mete o pau no Inocentes, Olho Seco, no Cólera, no Ratos de Porão, tudo quanto é banda que você imaginar. Mete o pau, né, nós fomos tocar lá na Europa boicotou a gente, mandou um monte de e-mail lá pra fora. O cara que ia...que nós fomos pra Holanda e da Holanda nós fomos viajar a Europa toda de van né...tocando. Mandaram e-mail pro cara da van, o cara mandou pra mim né... E os caras falando um monte, falando um monte de... falando que a gente se juntou, tamos indo pra Europa pra pegar o dinheiro dos europeus que são todos uns trouxa...Peraí! Nós não fomos por causa disto! Inclusive nós não ganhamos nada, não ganhamos nada” (Miguel, aproximadamente 55 anos, 1ª Fase Punk)

O *hardcore* que passaram a escutar era aceleradíssimo, aparentemente era um tipo de som que jamais seria incorporado pela indústria cultural. Isto os auxiliava a reforçar o discurso de que não compartilhavam com o mercado e com as com atitudes vendidas. “A gelada e isolada Finlândia, por sua vez, foi celeiro de algumas bandas punks mais radicais e barulhentas do planeta – e mais adoradas pelos brasileiros, apesar das letras serem cuspidas no finlandês mais enrolado possível -, como Rattus, Kaaos e Terveet Kadet”(ESSINGER, 1999, p.73).

A *banca* passou a ser chamada de coletivo e tinha as mesmas finalidades dela: trocar informações sobre o movimento, fitas de bandas e *fanzines*, discutir sobre protestos e panfletagens, sair juntos para bares e sons. A atuação deste grupo fazia com que os encontros se assemelhassem a assembléias, com a finalidade de definir grupos para deliberar sobre atividades realizadas em prol do *Movimento Punk*. Estas características podem ser observadas num trecho de um *fanzine anarcopunk*:

“Gostaríamos de informar a todos(as) que não fiquem surpresos (as) por não encontrar no Libera (um ótimo boletim de caráter anarquista do RJ) informes

de atividades anarco-punks em SP ou RJ, pois estão ocorrendo divergências entre M.A.P./R.J. e os coletivos anarco-punks de São Paulo e o editor do C.E.L. (Centro de Estudos Libertários, editor do Libera...)” (Iconoclasta – Boletim Bimestral do Coletivo de Resistência Anarco Punk no. 3 Abril/junho /1995).

Procuravam organizar eventos e passeatas que divulgassem a causa anarquista e foram tomando para si o discurso de outros grupos excluídos, entre eles os negros, as mulheres e os homossexuais. Mas, acima de tudo, reforçavam a sua exclusão social, a falta da possibilidade do consumo, da escolha de seus destinos, da miserabilidade de suas vidas:

Pode parecer contrasenso, mas as palavras de ordem da nova geração de bandas punk brasileiras são politicamente corretas até o último alfinete: apoio às bandeiras feministas, não –discriminação aos homossexuais, combate ao racismo etc. (...) Pulverizados por todo o País, com focos de Minas Gerais a Natal, as bandas punks assimilaram os ideais libertários do anarquismo e incorporaram um prefixo: viraram anarco-punks. Faixas e cartazes com frases bombásticas contra o poder são tão imprescindíveis hoje quanto guitarra, baixo e bateria nos shows, ainda restritos aos bares da periferia. Cada componente das bandas é um militante da causa. Combativos, usam todo detalhe como maneira de deixar claros seus pontos de vista (Brasileiros acreditam em futuro melhor - O Estado de São Paulo - 22/04/1994).

Para o grupo, qualquer atitude podia ser considerada traição aos ideais do Movimento, fazendo com que seu comportamento se aproximasse cada vez mais da intolerância e do segregacionismo. Mesmo tendo atitudes reconhecidas como boas por outros punks, esta intolerância de não poder ter uma opinião contrária à deles fez com que passassem a ser o grande inimigo de todos os outros grupos:

“Não por causa dos anarcopunks, porque muito pelo contrário já conheci alguns anarcopunks que são pessoas super legais, super gentis, mas tem algumas coisas como eu te falei, da minha geração, o liberalismo sexual, a partir...o homossexualismo, eu não sou contra, mas...eu já não seria cê entendeu? Eu já não seria, eu não teria coragem de beijar uma boca de uma mulher, cê tá entendendo? Como o anarcopunk prega o liberalismo sexual, que é um dos, um dos... Não é só isso, eles também falam...eles também pregam outras coisas que eu sei, eles fazem coisas bacanas, coisas legais, sons bacanas, sons legais também. Tem bandas legais, só que eu acho que eles são um tanto radicais e eu acho que o punk não é ser radical. É porque não é mandar, cê não tem que querer mandar em ninguém, e eles já tão querendo mandar, então não pode mandar. O anarquismo o que que é? Não é mandar,

não é mandar em ninguém, então tá errado, não combina comigo porque não dá pra mandar em alguém, não preciso...” (Laura, 40 anos, 1ª. Fase Punk).

A partir de 95 quando as bandas voltaram a aparecer por todos os cantos de São Paulo, os *anarcopunks* já estavam estruturados. Seu discurso e a postura adotada contra o preconceito ao homossexualismo e ao homofobismo fizeram com que fossem considerados *punks gays*, e este foi mais um motivo para que fossem ainda mais rejeitados pelos outros grupos *punks*. A UNP de 1996, que marca o fim da “era das gangues” não contou com a participação dos *anarcos*. Eles foram banidos.

Em 1998, protagonizaram brigas entre as *banças* e contra os *carecas*, o que enfraqueceu seu discurso de paz e respeito pelas diferenças. Em uma das brigas, um jovem do grupo dos *carecas* acabou morrendo e, associado a este fato, as suas bandas passaram a tocar no Brasil em “casas de espetáculos *underground*”.

“Aí ele...eles falaram assim: ‘Nós matamos um careca, um skinhead’. Dando entrevista lá fora né. ‘Porque ele é um careca não sei o que. Né, pô!’ Então ele acha legal matar um ser humano, não e... não importa se ele é preto, se ele é branco, se ele é careca. Então ele acha legal matar um ser humano, isso sim é uma atitude fascista né... Eu respondi para todo mundo lá fora né, antes da gente viajar, e... (...) Matou uma pessoa e o cara vinha aqui...O cara maior gente fina, o cara vendia seguro de vida. O cara é careca e daí, o cara curte som oi! E ele vem aqui e eu não vou conversar com ele! O cara maior gente fina mataram o cara pelas costas” (Miguel,aproximadamente 55anos, 1ª. Fase Punk).

Além disso, o discurso de exclusão e afastamento da sociedade foi sendo descaracterizado com o engajamento de jovens de classe média ao grupo e sua diluição em entidades anarquistas. Com isto alguns de seus integrantes procuram resgatar sua *origem punk* através da aceitação do “chamado de união” feito por um grupo de *punks do subúrbio*, surge a União do Movimento Punk (UMP).

A UNP, da cidade e do subúrbio, passou a andar por São Paulo organizada em forma de uma *banca*, e com o tempo foi cooptada pelos *anarcopunks*, que fizeram, em 2000, o chamado para a “Segunda UNP”. Sem a resposta de outros grupos, a UNP, agora denominada UMP, passa a ser considerada uma facção *anarcopunk*: “*Se realizou no dia 28/04/02 mais um evento organizado pela UMP União do Movimento Punk. O evento rolou na casa de cultura do Butantã. A entrada foi 1kg de alimento não perecível que foi doado após o evento a uma comunidade próxima*” (Boletim Anarco

Punk Marãna-Eté (Publicação de Divulgação de Idéias do Coletivo Marãna –Été – jul/ago /set = 2002 # 2).

Como os *anarcopunks* apresentavam-se como uma resistência aos *punks do subúrbio* e os *punks da cidade*, a preocupação em pertencer à UNP, ou melhor à UMP, reforça o argumento de mudança da sua postura. Elaboraram um discurso conciliador que procura separar a imagem dos *anarcopunks* ao homossexualismo e passaram a ser mais tolerantes em relação às atitudes, os discursos e as bandas dos outros grupos, fazendo com que o grupo caminhasse para a *Segunda Fase Anarcopunk*.

Trata-se de uma tentativa de voltar às origens do grupo e do *punk*. Os *anarcopunks* estavam cada vez mais se parecendo com intelectuais anarquistas: aproximavam-se da teoria para refletir sobre a realidade e, com isso, desligavam-se do mundo *punk*, além de incorporar um contingente da classe média muito grande. Em decorrência do contato com grupos anarquistas, como o CCS (Centro de Cultura Social), seus encontros passaram a assemelhar-se a “grupos de estudos” fechados, de jovens intelectuais, onde alguns se caracterizavam ou se vestiam como *punks*. O discurso dos excluídos passou a estar em desacordo com integrantes que não viveram a exclusão e que aderiram ao grupo a partir de sua extensa rede comunicativa, dando uma nova conformação social aos *anarcopunks*.

Sousa (2002, p.110), ao comentar sobre a capacidade dos *anarcopunks* em superar e resolver as divergências no campo das idéias, afirma:

Assim, por suas próprias características de classe, os Punks são, pode-se dizer, os principais responsáveis pelo resgate, revitalização e propagação da cultura underground na sociedade contemporânea, uma vez que aproximou e uniu os jovens da periferia para uma vida comunitária e um estilo de atuação social fortemente teatralizado e, em conseqüência disso, suscitou entre os jovens de outros segmentos sociais uma incontrolável curiosidade de conhecer, viver, e, acima de tudo, praticar o estilo de vida des-hierarquizado e espetacular de suas comunidades.

De uma forma ou de outra, seguindo a tendência do Movimento *Punk* e a nova forma como está articulado, com inúmeras bandas e sites na internet, os *anarcopunks*, como se fossem pegos por uma correnteza, também rumaram para a *cena punk e underground*.

A anarquia punk

“Entenda o Movimento Punk: Filosofia

Como contraponto ao ‘paz e amor’ dos hippies, o slogan era ‘burn and destroy’ (queime e destrua). Os punks eram pessimistas. (...) Eles achavam que não havia um bom futuro possível, odiavam o ‘sistema’ e pregavam a anarquia, seja na política, nas relações familiares e até nas roupas” (Punks de SP mantêm o ‘movimento’ vivo – Folha de São Paulo 4/ 04/ 1994).

A canção dos Sex Pistols uniu os punks à anarquia, uma anarquia niilista ligada a uma atitude individual e a uma revolta espontânea. O punk não se posicionava politicamente, embora houvesse aqueles que assumiam uma postura mais à esquerda. É que sua revolta anarquista ia naturalmente se somar a todos que eram oprimidos: os proletários, as minorias, os miseráveis. Não havia uma sigla única, instituição ou partido que comportasse ou mediasse a revolta, o discurso e a anarquia punk:

O inimigo está inscrito no corpo. A ação do bando (a roupa negra, os cabelos espetados, os pregos, o corpo furado, as correntes, a dança violenta, o som rápido e seco) reencena todo o perigo, ritualiza com todos os signos agravando-os. O corpo é o suporte da violência no instante dessa atuação. Violência do sistema, violência contra o sistema, a estratégia é assumir o inimigo para destruí-lo. E na sua ação que tudo se expressa, ali tudo se resolve. Isso se articula com o fato de o punk não professar nada, não defender nenhuma causa – rebate tudo sobre a superfície de sua atuação, sem recurso a nenhuma outra instância que seria depositária de uma crença ou posição. Por aí se organiza também sua atitude ‘anarquista’ ou ‘pró-anarquista’, o seu uso do ‘A’. É o Johnny Rotten que novamente fornece a pista: ‘cause I wanna be anarchy’. Não o discurso professado mas um exercício do corpo, um funcionamento na ação (eu sou o inimigo, eu sou anarquia). A chave para a compreensão da atitude dos punks não está em nenhuma profundidade que ultrapasse o plano mesmo de sua ação. Não procurar além, olhá-los: o ‘caos ideológico’ não é produto de nenhum equívoco, trata-se de uma estratégia positiva porque por meio dela o grupo produz efeitos de interferência, expressa uma atitude e atualiza um estilo de oposição (ao ‘sistema’ ou, poderíamos dizer, às instâncias magistras, de toda forma ao que vigora nas situações em que interferem porque produzem desconcerto e impõem uma diferença em geral

insuportável). Por isso máquina-de-guerra minoritária, pela atuação positiva de produzir acontecimentos a partir da destruição (CAIAFA, 1985, p. 95).

O “caos ideológico” está também refletido no discurso confuso de Laura, da Primeira Fase *Punk*, sobre a ideologia *punk*. *Ser punk* é provocar a confusão, é chocar o outro para conquistar a liberdade. A *anarquia punk* da primeira fase era confundida com o desejo de liberdade tão preciosa nos momentos em que durou a ditadura militar:

“Só que cada um vai falar com você vai ter um tipo de expressão, como eu estou dizendo agora pra você, eu estou me expondo pra você, tou falando, tô dizendo pra você o que eu acho do Movimento Punk, o que eu penso de ser punk, como é ser punk para mim! Só que cê vai chegar em outra pessoa ela pode dizer até coisas parecidas com a minha, talvez vai até entrar em contradição, é porque é isso mesmo, entrar em contradição! Porque é isto mesmo, é bagunçar as cabeças das pessoas. Porque é isso mesmo, cê tá dizendo uma coisa aqui, de repente cê vai ali na frente, cê faz o que você está dizendo mais de uma forma totalmente diferente, e isso é a liberdade, pra mim” (Laura, 40 anos, 1ª. Fase Punk).

A liberdade de falar sobre anarquia, de se considerar anarquista sem saber a teoria, vinculado-a ao deboche e ao cinismo. A liberdade de agir e de vestir-se, de apresentar-se com violência e proclamar um discurso de paz, esta é a anarquia niilista dos *primeiros punks*. Para os *punks*, anarquia e liberdade são sinônimos. Costa, analisando *fanzines punks*, confirma esta associação ao comentar a síntese do significado da anarquia para os editores do *fanzine* “Núcleo de Consciência *Punk*”: “A anarquia, assim, significaria liberdade, socialização dos bens, ausência de qualquer poder e autoridade, estes sempre entendidos como despóticos, cuja lógica contraria o pleno desenvolvimento do individuo e de suas potencialidades” (COSTA, 1993, p.183).

Os *punks* procuravam agredir a moral burguesa e a sociedade de consumo com seu discurso de revolta, de justiça, e com seu apreço pelo feio, pela afinidade com o sujo e com o lixo. Estavam preocupados em expor sua revolta contra o *sistema*, que significava e ainda significa tudo o que os oprime e rouba-lhes a liberdade: a hierarquia familiar, o modo de vida do capitalismo, o desemprego, a corrupção do governo.

De acordo com Kemp (1993, p.53), “*ao lado desse discurso ideológico porém, não se prendem a uma militância ortodoxa, porque acima de tudo eles não se pretendem como uma instituição de alternativa ao poder; eles preferem mostrar desejos em relação a formas e modos de convivência social, recusando os valores que estão estabelecidos.*”

No primeiro momento, não havia uma *militância punk*, no sentido de ser organizada e concebida dentro do próprio *Movimento*, porém havia os que militavam no PT ou em outros partidos de esquerda e organizações anarquistas. Existiam também aqueles contrários a esta posição de se unir a qualquer instituição que fosse, afirmando que o *punk* é destruidor por si mesmo, sendo desnecessário qualquer intermediário para sua ação.

Com o surgimento do *hardcore* e uma maior politização do movimento, surgiu o interesse pela teoria anarquista e, assim, um maior conhecimento desta ideologia político-social. Procurou-se vincular a anarquia ao *punk* e desvinculá-lo da bagunça. Os adeptos passaram a ter uma postura mais moderada e com isto, participar de vários tipos de eventos, com diversas instituições.

Tanto os *punks do subúrbio* como os da *cidade* se interessaram, de alguma forma, em saber sobre a teoria anarquista, porém, a forma diferenciada de como ela foi assimilada gerou rupturas entre os grupos que Pedroso e Sousa (1982) chamou de “Guerra de Posturas”. Enquanto os *punks da cidade* procuravam um discurso mais coerente com a ação, os *punks do subúrbio* insistiam na confusão como maneira de preservar a identidade e originalidade do *Movimento*.

Os *punks* do subúrbio preferiam manifestar seu protesto anarquista através do deboche, do cinismo, do escracho, e da destruição, consideradas como atitudes niilistas, e, com o passar do tempo, foi chamada de *anarquia niilista*. Já os *punks* da cidade procuravam ter um discurso anarquista mais coerente, procurando ter atitudes mais abertas ao diálogo, com objetivo de passar a *mensagem punk* e assim destruir o *sistema*. Porém, os dois grupos apresentavam incoerências e desconhecimento em relação à teoria anarquista.

Os dois grupos compartilhavam os mesmos *símbolos punks*, a mesma *ideologia punk*, mas brigavam entre si:

“Eu me identifiquei por causa das idéias, coisa e tal... Ah... Infelizmente uma coisa que estragou muito a cena punk, é esse lance de treta, de briga, e coisa e tal. Mas hoje em dia, pelo menos assim, o pessoal tá mais consciente e coisa e tal, porque geralmente quando tem um tipo de briga, de ‘treta’, é porque... tipo assim, aquele lance que eu te falei de autodefesa, papo de skin heads é coisa assim. Mas hoje em dia eu acho que tá bem mais sossegado, do que nos anos oitenta, nos anos oitenta era bem mais complicado” (Otavio, 36 anos, 1ª. Fase Punk).

Foi, entretanto, com os *anarcopunks* que ficou mais evidenciada a ligação dos *punks* com a anarquia. Sua forma mais organizada de engajamento nas questões sociais chamou a atenção da mídia e fez com que muitos, equivocadamente, acreditassem que só estes *punks*, os que incorporaram o prefixo *anarco*, teriam ligação com a militância anarquista:

Iniciado por um segmento cada vez mais influenciado pelas doutrinas anarquistas (os anarco-punks), a iniciativa, isto é, o apelo para uma autocrítica, repercutiu positivamente dentro das comunidades punks. A partir de então o enfraquecimento das gangues de visual, que por causa da dispersão e da falta de idéias articuladas para se contrapor aos anarco-punks, perdiam espaço de atuação dentro do movimento (SOUSA, 2002, p.119).

Na verdade o que existia eram diferentes formas de atuar e se posicionar diante da teoria anarquista, gerando distorções e incompreensão sobre o *Movimento Punk*. Mas todos os grupos *punks* consideravam-se anarquistas e apesar das rivalidades possuíam as mesmas palavras de ordem.

Há muitas letras de músicas que falam da *luta punk* relacionada à anarquia e revelam que os *punks* compartilhavam as mesmas palavras de ordem e tinham na anarquia um elemento importante na constituição de suas identidades:

“Andamos na cidade, não sabemos o que é temer
Lutar por liberdade, o povo no poder
Anarquia é o lema, união para vencer
Vamos destruir os porcos do poder”

(Trecho da música Hino Anarquista – Banda Paranóia Social)

No *discurso punk* todos os males que assolam as pessoas têm um grande culpado que é o *sistema*. O *sistema* resume tudo, o Estado, a sociedade, a política, o poder na mão de poucos, entre outras coisas. É o grande *inimigo do punk*:

“Eu fico puto porque este corrupto
Só faz roubar, vamos derrubar
O sistema e nos libertar
Anarquia é a salvação
Revolução a solução
Contra a alienação que nos domina
Revolução é a salvação”

(Trecho da música Vivemos Presos - Banda Phobia)

A anarquia seria o remédio para todos os males que assolam o mundo. Os *punks* proclamam e cantam esta crença em suas músicas. Cantam também a exploração e

ilusão dos pobres pelos ricos, políticos e religiões; o desrespeito com a vida, com a natureza, com o jovem; o investimento em armas ao invés da comida; as desgraças causadas pelas guerras etc. Há também o protesto *punk*, o chamado para as passeatas, o visual *punk*, o que é *ser punk*, o que é ter *atitude punk*. E sempre deixam marcado que o Movimento não morreu e a anarquia é a forma de conduzir as mudanças.

Houve uma época em que podíamos afirmar que todos os *punks*, seja de qualquer dos lados em que estivessem, do lado da *cidade*, do *subúrbio* ou dos *anarcopunk*, nas *bancas* ou nas bandas, eram anarquistas. Mas esta característica era mais marcante nos *punks* das primeira e segunda fases, quando as palavras como anarquia, revolução, liberdade, autogestão e alienação faziam parte de seu discurso e estavam presentes nos nomes de alguma de suas bandas e nos textos produzidos nos *fanzines*.

Como hoje existem muitos grupos que se originaram do *punk* e muitas tendências *punks* ligadas ao *Underground* do *Rock*, há muitos jovens que se designam *punks*, mas não se consideram anarquistas:

Ideologia: eis uma questão que havia ficado à parte nesta explosão punk tardia de 94, provocada por Green Day e cia. Como uma espécie de reação a este aleijão – um som descolado de sua mensagem -, os jovens brasileiros mais envolvidos com o dia-a-dia do punk nos anos 90 se dividiram entre várias correntes de pensamento e ação. Das mais antigas, restaram o movimento punk propriamente dito e os carecas, inimigos mortais dos punks (ESSINGER, 1999, p. 202).

É o *punk* de cara nova, diversificado. Muitos participam das reuniões do CCS; estão entre os anarco-sindicalistas; o Movimento Sem Terra (MST) e nas páginas da internet. Nem sempre as letras falam de protesto, mas como as bandas apresentam um padrão de troca, existe a possibilidade de uma associação entre elas, fazendo com que ocorram shows e coletâneas em prol dos oprimidos com bandas de diferentes posturas. Mesmo assim sempre vão existir vozes dissonantes:

“Isso vem falando hoje, como recentemente o Cólera falou isso aí uns tempo atrás, existe um novo Movimento de Punk, um movimento punk de mídia musical, eu gostaria de saber o porquê disso, se ele que está levantando essa cena ou se é outros punks que estão fazendo. Como existe os punks boys que estão ganhando dinheiro com o punk, com o visual, com a anarquia, e nem sabe o que é anarquia, e nem sabe a causa do anarquismo, como é que é... que até

então é uma luta social, que tem que ser levado a sério, a gente tinha que restringir algumas coisas, mas o punk hoje está na moda, tá muito na moda hoje em dia ser punk, mas eu continuo nessa resistência punk...” (Renato, 25 anos, 2ª. fase Punk)

O underground – a terceira fase do punk (1996 em diante)

O acentuado individualismo e a competitividade que incidiam sobre a sociedade em meados dos anos 60 fez com que a juventude buscasse outras referências para dimensionar suas vidas. Esta busca por novos espaços de expressão por diversos caminhos incorporou diversas formas, e a mais marcante foi a eleição do *rock* como um dos porta-vozes desta rebeldia jovem. A música como suporte para expressar a indignação social tem suas origens muito antes desta época, mas pode-se dizer que, junto à juventude, ganhou uma força mais explícita e radical quando o *rock'n'roll* transformou-se num código de diferenciação no processo de autonomia cultural dos jovens. *“Desde seu começo, em meados dos anos 50, o rock vem nos legando impactos, choques, modas, comportamentos, estilos, políticas, revoluções, idéias, entretenimento – além de música e dança – e mais zênites, declínios e guinadas” (BIVAR, 2001, p.7).*

A juventude contestando valores e padrões morais da ordem estabelecida já pode ser notada nos anos 40, que depois de verem suas vidas sacrificadas pela sociedade do pós-guerra buscou se livrar das determinações impostas pelas velhas gerações. Na Europa, ligados ao movimento existencialista e, nos Estados Unidos, já na década de 50, aos *beatniks*, estes jovens anteciparam os princípios básicos dos movimentos contraculturais ao tentarem fazer uma ligação entre a arte e a política; inauguraram um novo comportamento social que tem na música e no protesto seus referenciais mais fortes: *“Como o leitor está lembrado, os beatniks gostavam mesmo é de jazz. Assim, nos 60 o movimento hippie não só assimilou as idéias, a cultura e os sonhos dos beatniks, mas também incorporou o outro lado dos anos 50, o rock'n'roll (agora tratado como música pop)” (BIVAR, 2001, p.21).*

O que pode ser destacado é que as comunidades alternativas que tinham na música um dos seus principais suportes para resistir e combater a ordem estabelecida torna-se modelo para a construção de comunidades juvenis. Como exemplo, o próprio Movimento Hippie, que agregou os jovens crédulos de que, com este estilo de protestar

e de viver, estavam criando uma alternativa de oposição ao modelo mecanicista e massificante da sociedade capitalista. Kemp (1993) afirma que a *contracultura hippie* inaugura a dissidência ao modo de vida estabelecido pelo crescimento industrial, resistindo ao consumo de produtos massificados e ao enquadramento na cultura dominante: “*O advento de duas guerras mundiais e a internacionalização do capital, com o imenso desenvolvimento dos meios de comunicação de massa a partir do pós-guerra, afetaram qualitativamente essas tradições de formação de grupos jovens. Tanto do ponto de vista de seus modos de reprodução, como pelos referenciais de agregação*” (KEMP, 1993, p.4/5).

A característica da sociedade do pós-guerra é a acumulação, ampliação e multiplicação do capital, que acabou gerando uma sociedade deslumbrada com o acesso facilitado aos bens de consumo da sociedade de massa. “*Até o momento do surgimento dos movimentos de contracultura na década de 60, a produção industrial desenvolveu, sem resistências objetivas, uma euforia relacionada à descoberta do poder das formas, das imagens, da comunicação visual*” (KEMP, 1993, p.86).

É, portanto, num contexto de intensa mercadorização dos bens simbólicos que surge a proposta divergente da contracultura. A contracultura nega o mercado de consumo e, com isto implica na criação e na realização de uma série de práticas sociais e produtos culturais que contrapõem-se à cultura de consumo. O *underground* é fruto da contracultura, e como lembra Kemp (1993), localiza-se no “subterrâneo” e depende da negação do mercado para manter sua existência.

A juventude hoje está dividida em vários grupos e tendências, muitas delas ligadas ao subterrâneo do *rock*, o *underground do rock*. A *comunidade punk* está presente no *underground* através de diversas bandas e estilos derivados do *punk rock* e do *hardcore* que recebem inúmeras novas denominações:

Em 1996, a palavra hardcore já não era tão estranha assim aos ouvidos de boa parte da população brasileira, graças a uma banda de Brasília, os Raimundos. Tudo começou em 1987, quando Digão (bateria) e Rodolfo (voz e guitarra) começaram a brincar nas tarde modorrentas da cidade. (...) Entre uma música e outra, eles tocavam de brincadeira algumas canções de forró – surgia o forró core (ESSINGER, 1999, p.198).

Mesmo com posturas diferentes, os dois pólos que caracterizam o *punk* acabam fazendo parte do *underground do rock*. Ambos, com suas bandas e eventos, acabam pertencendo à *cena punk*. Algumas bandas da *cena* têm seus nomes divulgados e dão

entrevistas para a mídia alternativa em forma de revistas; outras, muitas vezes porque se recusam a participar do *show-business punk*, só aparecem em *fanzines*.

“Mas, geralmente estes espaços não têm uma estrutura especial pra atender este tipo de coisa, então você acaba tendo que muitas vezes por dinheiro do próprio bolso pra poder fazer virar este tipo de atividade e isto aí demanda um tempo, né. Então assim, eu acho que se a gente participa do underground, a gente participa deste tipo que é um underground, né... que é um underground assim onde a gente busca é...formar vínculos cooperativos com...com outras bandas então ah! é uma coisa assim: ‘Ah! vamo lá arrumar um espaço, a gente conversa aí a gente vai chamar duas três bandas, cada banda fica responsável por uma parte da aparelhagem, a gente divide a ...se estrutura pra fazer a divulgação do evento e... enfim faz o evento’. Eu acho que é este underground mais de ação direta, de por a mão na massa que a gente faz parte. Não faz parte daquele underground já oficial, aquele underground que já tem os seus espaços estabelecidos, até porque esse pessoal, pra eles a gente não é interessante porque não vai gerar lucro. (Frederico, 26 anos, 2ª Fase Punk)

Para o senso comum, o que caracteriza um *punk* é a forma como ele é percebido. Você reconhece um *punk* quando o vê vestido de um certo modo. Porém suas roupas rasgadas e desarranjadas hoje fazem parte do cotidiano; cabelos coloridos circulam pelas ruas e pelos shoppings. Estão presentes em qualquer show de *rock* e em vários sites da Internet: *“É surpreendente o webdesign punk, das homepages aos netzines. Entre em um provedor de busca como o Alta Vista, Yahoo ou qualquer outro e busque ‘punk rock’. Aparecerão milhares de endereços de todo o planeta (procure e clique ‘Punk Brasil’) e você passará horas – ou, se preferir, o resto da vida – surfando”*(BIVAR, 2001, p.130).

O estilo foi incorporado não apenas por outros “grupos de estilos” (Kemp, 1993), mas também por pessoas comuns que utilizam um ou outro elemento do *punk*. O *punk* pode aparecer atualmente como uma influência na moda. Na forma de tocar a sua música, uma influência para várias bandas de diferentes estilos, o *punk* passou a ser normal. Tem uma participação importante no mercado de bens culturais e, na maioria das vezes, não é visto senão como produto da moda de rua.

O *underground* abrange os diferentes “grupos de estilos juvenis” ligados a diferentes ritmos musicais. Cada “grupo de estilo” (KEMP, 1993) possui lugares especializados para a apresentação de suas bandas, seu próprio discurso, visual e estilo musical, algo que poderia se configurar como um verdadeiro mosaico de tendências

juvenis. Existem elementos do capital simbólico desses grupos que apresentam proximidades e oposições. As proximidades permitem que diferentes grupos compartilhem shows e eventos juntos. As diferenças geram oposições e conflitos entre os grupos e revelam também os limites existentes entre pertencer a um determinado grupo ou não, as atitudes esperadas e os comportamentos desprezados. Refletem as fronteiras que não podem ser transpostas para dar autenticidade ao pertencimento ao grupo.

Aquele que é chamado de *underground do rock* já afunila e especifica muitos destes grupos de estilos jovens, diferenciando-os de outros estilos de música. Mesmo ele abrange diferentes cenas que adotam posturas, vestimentas e sonoridades específicas. São diversas as cenas associadas ao *punk rock* e ao *hardcore*: a *cena straight edge*, a *cena riot girls*, a *cena street* (mistura com o *rockabilie* e a sem ideologia), a cena do *hardcore melódico*. Estas diferentes cenas se interagem numa totalidade que pode ser chamada de *cena punk*. Na *cena punk* existe a proximidade de som executado e escutado pelos diferentes grupos, o compartilhar das mesmas casas noturnas, símbolos e visuais. Na definição de Kemp (1993, p.10):

O paralelo com o significado de cena, ou cenário, sintetiza de forma extraordinária as significações que estão presentes na idéia de estilos dentro do universo de produção *underground*. Cada estilo do rock *underground* tem a sua própria cena em cada lugar. (...) A cena se refere à produção musical, público assistente, editores de fanzines, espaços para performances musicais, tudo isso relacionado por aqueles que fazem parte da cena, e modo qualitativo e quantitativo.

Desta forma, o *underground de estilos jovens* configura-se como um mosaico de tendências juvenis ligadas a um estilo onde estão presentes várias *cenas* que compartilham alguns aspectos de seu capital simbólico, e ao mesmo tempo possuem elementos que se opõem. As diferenças causam atritos entre os grupos, já as semelhanças os agregam. Bandas de diferentes *cenas* podem fazer shows juntas quando possuem alguma proximidade. Temos então *bandas punks* em shows que tocam *straight edge* e *riots girls*, unidos pela proximidade de som e ideologia; assim também, *bandas punks* tocam com grupos de *rap*, pela proximidade de idéias em relação à construção de projetos sociais. Mesmo que os grupos sejam aparentemente distantes, apresentam um padrão de troca, com base num interesse comum:

Em alguns estados do Brasil, os rappers dividem com carecas, punks e anarcopunks os movimentos jovens de contestação social. Mais até que nos Estados Unidos, o rap conserva no Brasil uma analogia com o punk, cumprindo quase o mesmo papel que este entre a juventude negra de origem

humilde. Como o seu correspondente branco, o rap volta e meia tem sua expressão de revolta assimilada pela classe média. “Diário de um Detento” dos Racionais MCs, fez, em 1998, a ponte do protesto negro para a geração MTV (ESSINGER, 1999, p. 204).

A Galeria do Rock, aqui em São Paulo, é a perfeita materialização deste mosaico juvenil do *underground*. A cada andar, estilos próximos dividem o espaço, expõem igualdades e realçam diferenças. Os andares da Galeria comportam diferentes estilos: *rappers, rockers, trashes, punks* que percorrem os corredores em paz. Mas nem sempre é assim, existem também os momentos de tensão. São os jovens que vão para lá curtir ao mesmo tempo que estão emitindo, através do estilo escolhido, sinais de identificação que em muitas vezes geram o conflito, e em outras, possibilitam a reciprocidade.

A existência da Galeria reforça e concretiza a existência do *Underground Paulista*, assemelhando-se à pesquisa de Skank sobre a *cena hip-hop* de Autins, comentada por Bennet que realça:

O importante papel desempenhado por lojas de discos locais, autenticação de cenas particulares, ao fornecerem um espaço de encontro para indivíduos de mentalidades semelhantes se encontrarem, discutirem suas preferências e os métodos de determinadas faixas ou artistas, posicionando por conseguinte, em relação a outras cenas musicais localizadas na mesma cidade ou vila (p.61).

A Galeria do Rock, apesar do nome, comporta vários estilos juvenis. Esta existência, cada vez mais democrática, permitiu que houvesse o enraizamento de um *underground jovem paulista* que, nas últimas décadas, teve um acentuado crescimento e a consolidação de um mercado *underground*. Na *cena punk*, hoje acontece uma verdadeira revolução industrial, com inúmeros selos independentes, colaborando para a *autogestão punk*. As bandas também são muitas: os tipos e nomes diversos, cantam em qualquer língua e tocam todos os tipos de *core* possível: desde o *hardcore tradicional* ao *hardcore melódico*. Muitos estão felizes com esta onda *punk*; outros, nem tanto.

É comum ouvir *punks* reclamando que o movimento está uma droga. É um movimento de “tietes” ou de “*punks for fun*”, pois só se encontram com frequência para ir a shows. Há poucas manifestações na rua e as bandas têm a prioridade hoje; outros não concordam com isto e consideram positiva esta proliferação de bandas e de CDs *punks*, pois a ideologia está sendo transmitida para inúmeras pessoas. O descontentamento não é recente; na época em que as bandas começaram a predominar,

em que os *punks* procuravam passar a violência para o plano do discurso, para viabilizar os shows, já havia este tipo de reclamação, como se naquele momento passasse a vigorar uma atuação incompleta: “*Os que não quiseram mudar de postura(...)achando que as bandas punks só são punks no palco, pois não têm a mesma prática nas ruas, e a maioria dos punks, ‘embalos’, ou melhor, punks que não têm opinião própria, ou apenas tem visual*” (PEDROSO; SOUZA, 1983, p.34).

Muitas bandas e grupos ligados ao *estilo punk* não percebem a relação *underground* e mídia como excludentes. Vivenciam o *underground* como um espaço diferenciado de lazer, onde podem circular com uma roupa esquisita, praticar algumas transgressões às normas como parte da diversão, e a trilha sonora é exclusiva. As casas noturnas complementam o espaço do *underground jovem paulista*, possibilitando que os jovens participem efetivamente, tanto com sua presença ao celebrarem seu comportamento diferente, como tocando com suas bandas. Muitos daqueles que estão nas bandas vêem o *underground* como um celeiro de novos talentos que estão prestes a ser descobertos e ascender aos meios de comunicação de massa. Kemp (1993) explica esta relação ambígua do *underground* com a cultura de consumo, afirmando que ambos não são campos desvinculados, o que faz com que existam pessoas que estão numa posição intermediária e que usam os mecanismos criados como forma de resistência contracultural para ampliar o leque de opções em um mercado massificado que tem capacidade e necessidade de incorporá-los.

Podemos verificar esta relação ambígua, que envolve o divertimento, a contestação e a recusa, numa descrição de um show ocorrido na casa de espetáculos Hangar 110 organizada pelo selo independente Terceiro Mundo Produções Fonográficas, que produz coletâneas de bandas *underground*:

Acabou. Ainda bem que ainda era Sexta com o Sabadão e o Domingo pela frente. Os horários foram cumpridos, provando que não existe amadorismo na cena Punk Hardcore. Aliás o selo Terceiro Mundo tem mostrado que é possível trabalhar com honestidade nesse nosso underground que, devido às proporções atingidas já passou a hora de deixar de ser como tal.

Um entrosamento entre o “velho” e o “novo”, com mais espaços para tocar, banimento definitivo de qualquer resquício de panelas e preconceitos musicais, deveriam ser as próximas metas de todos os envolvidos nessa nossa efervescente cena. Uma invasão na marra no podre universo dos detentores da permissão para operacionalizar os meios de comunicação também se faz

necessária. Mas, essa é outra história e deverá ser contada em breve (Portal do Rock – 19/04/2002).

A cena punk

Bivar (2001, p. 121) afirma que, “depois de um relativo ostracismo, em meados dos 80 (mas sem nunca ter morrido), o movimento começou a mostrar sua nova garra. Sua função, no começo dos anos 90, se fazia notar e, mais para o fim da década, um novo entusiasmo grupal fez de novo a cena explodir.” Ele, assim como outros autores que vinculam o punk estritamente à música e às bandas, não costuma dar importância à sua existência quando articulada em gangues, e portanto, para o autor, a “nova garra” do punk refere-se à volta das bandas. O fim dos anos 90 traz o surgimento de novas bandas, e essa tendência é novamente mundial. Seguindo o fluxo dos acontecimentos, as bandas que surgem tocam a música punk com primor. Muitas têm nomes em inglês, o que antes era incabível, e quase todas têm site na internet. Para elas existem diversas gravadoras independentes, casas noturnas para se apresentarem (em algumas paga-se cachê), sem dizer o aumento de lojas de roupas e de produtos específicos; o faça você mesmo sofisticou-se:

Já há gente reclamando que este revival não passa de um espetáculo da mídia, uma das muitas ondas nostálgicas que sucedem rapidamente nos anos 90, sem qualquer identidade própria. Este punk não seria autêntico, uma rebelião supérflua, pois não tem imagens definidas de inimigos e tudo o que em 1977 ainda era provocativo já está sendo exibido com sucesso nas passarelas da moda. E, realmente, e graças à indústria que alguns míseros resquícios do punk sobreviveram nos últimos anos. Cabelos pontudos, cintos com tachinhas metálicas...A original rebelião de jovens proletários foi assimilada e está agora adotando o caminho exatamente inverso: o que vinha de baixo para cima, agora está caminhando de cima para baixo, tendo como alvo a classe média (Punks voltam a fazer barulho na Europa – O Estado de São Paulo – 22/04/1994).

O sucesso das *bandas punks* chama a atenção da mídia: na falta de uma nova moda, revivem-se sucessos do passado. Muitos consideram que estas bandas só têm caráter comercial e este argumento é reforçado pela volta e turnê mundial dos Sex Pistols. Definitivamente as *bandas punks* entraram para *showbiz* e se tornaram milionárias. Enquanto alguns as acusam de falta de *autenticidade punk*, outros acreditam que o *espírito punk* sempre esteve presente nelas:

Apesar da imagem de calamidade social que é vendida por parte da mídia, a nova vaga do punk – modalidade de contestação juvenil surgida em Londres de 1976 – que varre os Estados Unidos está chegando cada vez mais perto do

chamado mainstream e dos lares mais respeitosos. O culpado: a música pop. Com seus cabelos moicano, piercings e Marioagens multicoloridas, os integrantes da banda californiana Rancid lideram a invasão punk que se traduz em espantosos números de vendagem de CDs. No momento, vão pelo mesmo caminho milionário de seus conterrâneos e colegas do Green Day (8 milhões de cópias vendidas do disco Dookie) e Offspring (6 milhões de CD Smash) (Eles não estão nem aí - Jornal do Brasil – 18/02/1996).

A UNP União Punk de 1996 é um reflexo desta nova exposição do *punk* na mídia. Neste momento reaparecem os *fanzines* e, principalmente, as gravadoras independentes e as bandas, que se multiplicaram por todos os cantos de São Paulo. Isto motivou alguns *punks* a procurar acabar com a guerra de *gangues* para reconquistar espaços para tocar. Como os objetivos iniciais da UNP ficaram reduzidos à produção de coletâneas e à procura de casas de shows para as bandas tocarem, alguns *punks* a transformaram numa *banca*. A UNP aliada a outra *banca*, a Kaos, iam juntas aos inúmeros shows proporcionados por esta nova fase do *punk*. Logo em seguida é cooptada pelos *anarcopunks*, transforma-se em UMP.

Essinger (1999) proclama: é o *punk* rumo ao “Juízo Final”. Os lançamentos fonográficos multiplicam-se e foi lançada a primeira coletânea *punk* em CD do Brasil, a coletânea SP *Punk*. Muitos selos alternativos foram criados em São Paulo e a nova banda *punk* e *hardcore* paulistano, que cruza as fronteiras do país, chama-se Blind Pigs.

Estes novos *punks* que surgiram nos anos 90 nem sempre tinham a mesma ideologia dos seus precursores. Não tinham o mesmo espírito de desordem, mas tinham as mesmas raízes dentro dos três acordes. As inúmeras ramificações surgidas e consideradas filhas do *punk* formam o que vai constituir o *Underground do Rock* e suas diferenciadas *cenas*. Em meados dos anos 90 isto já era percebido pelos *punks*: “*Quem mudou foi o punk. No momento existem tantas vertentes que eu nem sei mais quem é quem: há punk pacifista, belicista, fascista, anarquista, punk hetero, homo e simpatizante, punk da periferia, mauricinho e até punk de Cristo*” (Clemente, especial para a Folha; *Sex Pistols, a grande farsa continua... – Folha de São Paulo - 25/11/1996*).

Mas a popularização e o maior acesso de informação ocorrida graças à internet fez com que esta mudança tomasse proporções imensas, escapando ao controle dos *punks*. O Movimento planetarizado tornou-se computadorizado e virtual:

“(...)Mudou muito com a Internet. Então o cara quer ser punk ele liga a Internet, que não tem informação nenhuma, ele liga e tem lá 500 páginas. Eu tô mexendo com isso agora... é um ano pra cá, nunca mexi. Então eu vejo que agora existem os punks de Internet, e são também diferentes dos punks do começo, que tinham pouca informação, digamos, sobre o punk que surgiu na Inglaterra, né. (...)Graças à Internet, né, a essas bandas novas que surgiram nos Estados Unidos, Green Day, Offspring, é um negócio adolescente de novo. Punk de bermuda, tênis, correntinha e pans, e boné, já é outro estereótipo pro punk. For funs que fala...” (Edgar, 41 anos, 1ª. Fase Punk).

Muitos *punks* reclamam, como também já reclamavam no início, que “o movimento não é o mesmo”. É um movimento de “tietes” e de “boys”, que só se encontram com frequência para ir a shows. Há poucas manifestações na rua e a prioridade hoje é voltada para as bandas. Outros já não concordam com isto e consideram positiva esta proliferação de bandas, pois “fortalece a cena *punk*”.

Em 2001, para comemorar os 20 anos de punk no mundo, aconteceu o festival A um Passo do Fim do Mundo, no mesmo Tendal da Lapa, em São Paulo. Este ano, a desculpa era o aniversário do festival de 82, e o objetivo, mostrar a evolução punk: esse estilo musical segue mostrando que é possível ir contra o sistema e suas injustiças de forma pacífica e inteligente (CHIRE, revista Venice, ano 7, no. 74, nov. 02)

É certo que a indústria da moda aliada à fonográfica incorpora estilos juvenis, esvazia seus conteúdos e vende como mercadoria da moda; porém a adesão a um estilo é também um reflexo de uma nova realidade juvenil. Uma parcela da juventude está articulada em torno destes estilos como forma de construção da identidade, que passa a comportar localizações não mais objetivas e sim desejadas, para construir uma forma original e autêntica de atuação social e apresentar-se no espaço público (KEMP, 1993).

Bivar (2001, p 133/134) afirma que:

A diversidade faz hoje a riqueza do movimento. Não apenas diversidade sonora, mas também no que tange às classes sociais: hoje punk vem de todas as classes, desde o proletariado & Cohabs, passando pela classe baixa, média, alta e condomínio fechado. O convívio entre classes diferentes ainda não foi resolvido. Ressentimentos persistem. Mas no âmago o espírito de revolta juvenil está em todas as classes. Do grito do suburbano pobre à consciência indignada do filho de classe média alta. Não importa, são todos punks porque se identificam na insubordinação e optaram pelo modus vivendi (e, sobretudo, pelo modus operandi) punk. Com o tempo muitos podem deixar o movimento, mas a maioria guardará para sempre, coração e mente, o feeling punk.

Muito mais do que a não resolução do conflito entre as diferentes classes que compõem o Movimento *Punk*, e o ressentimento pelo fato de a indústria cultural ter se apropriado do visual e da música *punk*, questiona-se a legitimidade da nova *postura punk*. Não basta só a indignação perante a exclusão, é preciso que esta indignação torne-se uma *atitude punk*:

“Agora para questão da mídia musical punk é mais uma forma de ganhar dinheiro. Segundo eles que falam da mídia, faz mais para abrir espaço para o punk, para os novos garotos conhecer o punk, mas eu não vejo nada disso, porque é fácil esse punk falar de anarquismo, falar de miséria, de fome, violência, caos, sociedade, entendeu?” (Renato, 25 anos, 2ª. fase Punk)

Esta relação, considerada superficial e ligada a uma conquista de espaço, visando somente o lucro, produz o discurso recorrente sobre quem é um *punk* “falso” ou “verdadeiro”, quem tem “atitude” e quem é “traidor”. Kemp (1993, p. 82) considera a existência de uma diferenciação nos níveis de comprometimento no estilo que é indicada por pertencimentos sociais, gerando diferentes trajetórias que determinam o grau e a forma de envolvimento de cada indivíduo: *“a postura individualista e consumista dos jovens de classe média que são ‘simpatizantes’ dos Movimentos underground, e os ‘incorporam’ sem vivenciá-los profundamente é também uma indicação para aqueles que se preocupam em articular idéias e atitudes sobre os Movimentos – os ‘militantes’ de estilo – de que um determinado estilo está ou não em processo de massificação.”*

O discurso de legitimidade vai contra a “batalha pelo Movimento”, uma vez que batalhar significa conscientizar um grande número de simpatizantes e conquistar espaços para shows e eventos, popularizando o *punk*. Há aqueles são contra essa disseminação, pois acreditam que não é dessa forma que ingressarão integrantes com a *“verdadeira atitude punk”*:

“Não, eu acredito que sim, porque a primeira ela foi legítima porque, porque não tinha outras opções pra gente! A gente não tinha tantos lugares pra gente curtir, pra gente ir, pra gente andar, pra gente se sentir à vontade. Hoje em dia qualquer lugar que você vá de camiseta de punk, você é bem vindo. Você é bem vindo! Você é bem vindo e na minha época não era assim, era polícia atrás: ‘Ah! Esses maloqueiros, esses marginal! Ah! Você tá com droga, deixa eu te revistar’. Às vezes policial vinha revistar mulher! Ce tá entendendo! Homem! Hoje em dia isso é contra lei, hoje em dia não se pode fazer isso senão o policial tá ferrado, ele não pode tocar numa mulher, tem que ser uma policial

feminina pra se fazer isso. Na minha época não! Era homem mesmo!” (Laura, 40 anos, 1ª. Fase Punk)

Mas o *Underground* segue intacto. O *hardcore melódico* é o principal estilo que rege as bandas de *punk rock*, atualmente, fazendo que grupos como Dead Fisch, CPM 22, Blind Pigs, Holly Tree, Forgotten Boys, tenham um público cativo, que frequenta a casa de shows Hangar 110. A banda CPM22, a grande revelação da *cena punk*, participou de shows promovidos pela Prefeitura em 2004, para comemorar os 450 anos da cidade de São Paulo, e tem uma de suas músicas fazendo parte da trilha sonora de uma novela da Rede Globo. Muitas das bandas desta nova *safrá punk* têm seus nomes em inglês, idioma no qual também cantam suas músicas. “(...) *Por que tantas bandas com nomes em inglês? ‘Porque’, como respondeu convicta uma mina do interior, correndo mais a colega para pegarem o último trem, depois de uma big Verdurada Straight Edge, num casarão desassombrado perto da Estação da Luz, ‘hardcore tem que ser em inglês’*”. (BIVAR, 2001, p.140)

Em 2004 convivem e frequentam os mesmos lugares, *punks* ligados ao protesto anarquista e *punks* ligados às novas bandas. Um *punk* remanescente dos anos 80, que realiza eventos *punks* para todos os *punks* “*inaugurou o Hangar 110 e convidou bandas nacionais e internacionais do gênero para se apresentar ali.(...) Os frequentadores do local desprezam as idéias anarquistas das gerações anteriores, mais ainda se vestem com roupas rasgadas e mantêm o cabelo espetado*” (Veja SP, 17 de junho de 2002, p.24)

Atualmente, as bandas que se apresentam procuram tocar com perfeição e nem sempre suas letras falam de protesto. Fazem páginas na Internet e “batalham pela cena”. Apresentam um padrão de troca, que possibilita uma associação entre elas e o fortalecimento do *Underground* ligado ao *rock*:

“Bom, hoje tem muito mais lugar pra tocar né. Hoje tem muito mais...Tem mais banda, apesar de ter esses melódicos né, que...que apareceu aí, que...mas hoje tem mais, tem mais banda né. E hoje as bandas sabe...elas procuram saber tocar mais sabe. Antes era mais na raça mesmo, tocava errado mesmo né, todas essas bandas aí que né... Eu tenho fita gravada, que eu levava o gravador e ficava lá gravando pra depois escutar em casa. Errava, errava né! Pra caramba! Hoje a molecada procura não errar tanto, procura aprender a tocar”
(Miguel, 26 anos declarados, aproximadamente 50 anos, 1ª Fase Punk).

De cara nova, o *punk* ainda existe. Ele não é apenas aquele que foi absorvido pela moda, pela mídia e pelas bandas de *rock*. Os *punks* se diversificaram. Hoje acompanham intelectuais, fazem parte das reuniões do CCS (Centro de Cultura Social), estão entre os anarco-sindicalistas e entre outros movimentos atuais. Poderiam ser considerados apenas mais um deles, mais um membro desses segmentos vistos como “normais”, porém possuem com eles uma relação de pertencimento diferenciada. Não estão lá como os outros. Consideram-se independentes e possuem a sua própria forma de conscientizar e lutar contra as injustiças sociais: “*Divertindo de um jeito ou de outro, participando da coletânea pelo Comitê Avante Zapatista ou fazendo uma música chamada ‘Tango’, o Dead Fish é, reconhecidamente, um dos baluartes da nova explosão. E felizmente o que não falta nessa explosão são baluartes*”(BIVAR, 2001, p.126).

O Movimento Punk Paulista

“Punks não morreram”, este é o lema que foi constantemente repetido nos 25 anos de existência do *Movimento Punk Paulista*. Ele é composto por diversas pessoas, bandas, bancas, grupos e coletivos que em nome realizam *fanzines*, eventos palestras, show etc. Os encontros possibilitam o contato entre as diversas partes que o compõe, os punks se encontram se reconhecem, mas nem sempre se conhecem. Como as pessoas estão sempre indo para os mesmos lugares possuem que a impressão de que o *Movimento* é um grupo pequeno onde todos se conhecem:

“É que é assim, é tudo muito pequeno, são algumas pessoas que tem...no Movimento Punk todo mundo se conhece, então os meus amigos eles sabem que eu tenho uma banda. É, é pequeno então todo mundo sabe, agora se tem alguém que compra o cd, acho que não vai me reconhecer se me ver andando na rua. Se alguém comprou não vai me reconhecer, só aquelas pessoas que são meus amigos. O Movimento Punk é um que fala um pro outro, assim, nada mais do que isto. (...)Aí já não tenho idéia. Quantas pessoas tem, mas as pessoas que sempre são figurinhas batidas não passam de cem. Cem as figurinhas batidas do Movimento Punk. Os figuras batidas”(Marcos, 32 anos).

Existe, na verdade, um número bem significativo de pessoas, bandas e grupos que se consideram pertencentes ao Movimento, ocorre que, alguns se destacam e passam a fazer parte do *cenário punk*. São bandas, bancas, coletivos e indivíduos que

passa a atuar como referência para os outros punks, uns são referência de “punks legítimos”, enquanto outros de “punks vendidos”. Há um constante questionamento sobre a legitimidade dos integrantes, qualquer coisa pode ser usada como pretexto para a vigilância e a condenação: a forma como a pessoas compõe seu visual, suas ações, os locais que frequenta, quem são seus amigos etc.

“É...porque é muita treta, é muita briga. Tem muita coisa bonita, mas também tem muita coisa que tipo... o disse-que-me- disse: ‘Ah! Que disseram que não sei o que, que você era... ou, que você era pra outro...’ Porque às vezes você está ali naquele círculo e tal, participando das coisas e você se envolve em muitas brigas, que às vezes nem é você que causou, sabe, de outras pessoas e você fica... Rola meio que uma perseguição também, as pessoas ficam... se você começa a mostrar muito a cara todo mundo fica de olho em você, aí é aquela coisa... te transformam, mas também depois derrubam” (Pedro, 29 anos).

O corre que, o *Movimento* é fruto de uma simbologia que nunca teve, desde seu início, fronteiras delimitadas e nem rígidas. A *comunidade simbólica punk* ultrapassa os contornos do que uns chamam de “Movimento Punk” e engloba inclusive aqueles que são negados por ele como *legítimos punks*. O local e o universal são articulados pela *cultura punk*, e as pessoas permanecem juntas pela sensação de pertencimento e de igualdade que ela propicia. Ocorre, entretanto, que esta amplitude origina uma diversidade de posturas que são adotadas pelos diferentes grupos, fazendo com que em alguns momentos despontem os conflitos e, em outros surjam uniões.

A vontade de agrupar esses punks que falam e agem em nome do Movimento Punk motivou várias tentativas de união. Dos os primeiros tempos até hoje a “união punk” já teve várias versões, as primeiras refletiam a preocupação em construir um Movimento Punk; depois surgiram como uma tentativa de afastar os grupos das atitudes violentas e da ligação com a marginalidade; e, aparecem, também, como uma forma de reagir às atitudes vendidas e ao mundo da moda; procurando recuperar o sentido contestatório do grupo. As tentativas de “união entre os punks” refletem o desejo de construir um Movimento com propostas e atitudes coerentes que possam refletir da melhor forma as razões de sua revolta.

Apesar de frequentarem os mesmos lugares, nem sempre é possível unir todas as vertentes punks, e, ainda, para por mais lenha na fogueira e acirrar os conflitos nem todas as casas de espetáculos punks abrem suas portas para a diversidade do mundo punk. A cena punk acaba reforçando as divisões quando, por exemplo, priorizam agendar shows para bandas que possuem um público cativo e têm condições de proporcionar retorno financeiro:

“Ah! Aí é o seguinte, para este tipo de som, hardcore melódico né, tem mais oportunidade de tocar! Por que? Porque a molecada chega no local, eu vendo ingresso aqui: ‘Quanto que tá o ingresso?’ ‘Dez reais’. ‘Me dá três, me dá dois,

me dá...’ Certo, compra. Chegou na porta: ‘Quanto é?’ Na porta é mais caro, doze, treze. “Oh! Me dá!’ E entra, não fica lá fora. Nem fica lá fora! O pai leva na porta, já paga, já entra. O pai vai de carro, né. E agora o punk mesmo tá sem oportunidade de tocar, o verdadeiro punk, o verdadeiro hardcore. Só vai tocar onde? Na periferia e cobra dois reais. E os caras acha caro. Cobra três, acha caro. Cobra cinco, acha caro” (Miguel, aproximadamente 55 anos, 1ª. Fase Punk).

Sempre há aqueles que se sentem excluídos e prejudicados, as acusações partem de todos os lados e as reclamações são as mais diversas, como vemos abaixo:

“P. - O que vocês pensam do movimento punk no Brasil? Ele existe?”

M. – Você fala daquele movimento punk cheio de regras, diretrizes, dogmas e de seus robózinhos programados para odiar? Sim, acho que ele existe, mas não queremos fazer parte dele. Nunca quisemos. (Portal do rock – Blind Pigs – 22/0302002)”

“Legítimos” ou “traidores”, “com atitude” ou “vendidos”, “nas bandas” ou “nas gangues”, “punk da periferia” ou “punk boy”, “punk da cidade” ou “anarcopunk”, seja qual for o motivo o conflito sempre está presente entre os punks, e é por isso que o termo união é tão caro para eles.

Quanto às gangues, não desapareceram por completo. Podemos vê-las citadas na reedição de 2001 do livro de Bivar, que ao falar sobre o *feeling punk*, conta o caso de um gerente de banco, “com o mais puro orgulho *punk*”, que foi prestigiar o show da banda inglesa da década de 70, Stiff Little Fingers, na casa de shows Hangar 110: “A história do punk paulistano estava lá. Todo mundo prestigiando o Stiffs, sem faltar a impressionante tropa de elite (25 anos de função), a *Fhunerak Punk*.”(BIVAR, 2001, p.134). Os shows, tanto de bandas nacionais como internacionais, são o momento onde se encontram integrantes das três fases do *punk*, e dá ao *Movimento* a nítida sensação de que existem diferentes *gerações punks*.

A permanência das bancas, muitas delas originadas nas décadas de 80 e início dos anos 90, deve-se muito ao fato de que muitos integrantes de bandas representativas de hoje, foram de bancas de ontem, mantendo o nome e a tradição da articulação do grupo em *bancas*. E, entre elas estão: banda Fecaloma da Irmandade *Punk*; banda Colisão Social da Pânico 70; banda Invasores de Cérebro da (Vila) Carolinas *Punk*. O outro motivo é que existem aqueles que não pertenciam às bandas, só às *bancas* e ainda não se desligaram do *Movimento* e, com isto, vêm mantendo esta forma de organização.

Somado a isto, muitos jovens aderem ao *punk* através da *banca* ou coletivo. A *banca* é uma característica do *Punk Paulista* e o saudosismo, de um tempo que não viveram, leva muitos jovens a formação de novas *bancas*. A *banca* reúne jovens, muitas vezes oriundos de bairros distantes, que se unem para ir juntos às regiões centrais para participar de shows e eventos, enquanto outros jovens preferem chamar seu agrupamento de *coletivo*, fugindo com isto de qualquer associação com as *ganges* e os *punks ganguistas*.

Vemos isso no comentário de um *punk*, longe de ser apenas um entrevistado que convive com elas nas ruas da Zona Leste, onde a realidade dos *punks* é diferente daqueles que são moradores de condomínios de classe média e alta:

“Muitos me julgam por ser reconhecido, não por essa tendência que eu quero ser, mas pelo valor de ser punk, de você ser, de você mostrar que você está ali na resistência punk. Porque existe e existe uma resistência, como por exemplo às facções daquela época continuam na resistência até hoje como o Ação Anarquista, como o Motim Punk, como os Punks do ABC, que ainda falam de resistência. Alguns denominados grupos que ainda são velhos e têm a sua resistência, como também os punks da Zona Sul, chamado Kaos Punk que hoje é uma família, que ainda permanece e que ainda tem a sua resistência punk.”
(Renato, 25 anos, 2ª. fase Punk)

Em 2001, um grupo de jovens criou uma *banca* chamada Vírus, que afirmava ter como objetivo acabar com as brigas. Ressuscitou o deboche niilista das primeiras gerações e usou como forma de ação, a declaração de guerra aos outros *punks*. A Vírus se uniu aos remanescentes da antiga Devastação *Punk* que, por sua vez, se uniu à *Fhunerl Punk*. Agindo sob o nome de Função (Fhunerl com Devastação), protagonizou, junto com os *straight edges*, cenas de extrema violência ocorridas no início de 2004.

Os *punks ganguistas* apareceram como uma dissidência da forma como está organizado o *punk* hoje. Queriam chocar todos os *punks*. Todos, sem exceção, usavam o discurso e praticavam a violência, debochando da multiplicidade das classes ao se afirmarem como maloqueiros e “função” e com isso reforçando a sua posição de excluídos da sociedade e jovens sem futuro. Alguns de seus integrantes completavam o deboche usando o símbolo da anarquia de ponta-cabeça.

Com o acirramento das brigas ocorrido no começo do ano de 2004, os *punks de gangues*, agora denominados *ganguistas*, sumiram de cena novamente, mas sua atitude deu resultado e causou indignação e medo entre os *punks*:

“Piorou pra mais, eu acho, porque assim... o que piorou foi... segundo um *ganguista*, falou pra mim, que assim: ‘Que a gente quer chocar a cena *punk*, que a gente também é *punk*. Temos nosso próprio estilo de ser, o nosso lado é a violência.’ Só que quando eu pergunto pra eles: ‘Qual a violência que vocês querem fazer? É dentro do *punk*, ou para a sociedade?’ Aí que fica este comportamento do *punk*.” (Renato, 25 anos, 2^a. Fase *Punk*)

* * *

Acabamos aqui de narrar uma *história punk*. Na verdade, o que fizemos foi destacar parte de sua trajetória e nela nos deparamos com a *simbologia punk*, utilizada para compor a identidade no estilo. O esclarecimento sobre o conjunto simbólico, representado pelo contexto onde se formam e transitam essas identidades, nos permitirá analisar a *identidade punk* e verificar como nossos informantes falam sobre o que é *ser punk*.

CAPÍTULO IV – A IDENTIDADE PUNK

Aqui não descreveremos uma *identidade punk* fixa e universal, que pode ser encontrada em qualquer canto do mundo. Trata-se de uma reflexão sobre os possíveis elementos utilizados para a construção de uma *identidade punk*, que é reconhecida além das fronteiras de um grupo ou uma nação. Estamos procurando encontrar a resposta para entender como diferentes *punks*, de diferentes lugares do mundo, se reconhecem e o que produz neles um sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Ao contarmos a *história punk* já estávamos narrando aspectos da *identidade punk*. Ela revela como se constitui o *mundo punk*, representado pelos lugares, personagens, espaços de sociabilidade por onde transita a *simbologia punk* formadora deste estilo. Estávamos, portanto, apresentando o contexto onde se formam as *identidades punks*.

O *mundo punk* existe como resposta às mudanças que incidem sobre a sociedade e que, de tão rápidas, não dão tempo para que ela se reestruture e ofereça novas perspectivas aos indivíduos: “A exclusão da maioria das arenas onde as políticas de maior consequência são elaboradas e as decisões tomadas forçam uma concentração sobre o eu; este é um resultado da falta de poder que a maioria das pessoas sentem” (GIDDENS, 1991, p.125)

São poucos os espaços para os jovens na narrativa da sociedade atual. Parte deles, através do *estilo punk*, narra, canta e conquista um novo espaço para atuar. A cultura é regulada por códigos que delimitam os signos enviados aos indivíduos. Funcionam como determinadores de espaços possíveis para a construção do “eu” e organizam as relações sociais. O monopólio dos recursos materiais e das noções que nomeiam a sociedade, muitas vezes, massacram os indivíduos, acentuando as diferenças sociais e os altos índices de exclusão.

Na experiência contemporânea, a lógica de troca de sinais, imprescindível para a construção de identidade, foi alterada com as rápidas mudanças que ocorrem na estrutura social e pela presença da mídia. A era da informação esvazia os sentidos de muitas funções das antigas instituições, gerando uma ruptura na transmissão de códigos culturais, fazendo com que nem sempre exista um vínculo entre as experiências e o sentido que os indivíduos dão a elas. Há um rompimento na troca de significados e, com

isso, são esvaziados de seu poder de construção de sentidos. Muitas vezes a construção de sentido necessita do jogo social que é o responsável pela sua elaboração coletiva, pela troca de valores e pela transmissão das crenças.

O *grupo punk* se articula através e contra esta lógica excludente da sociedade, uma vez que elabora um conjunto de valores e comportamentos baseados nas sociedades informatizadas, multiculturais e excludentes, articulando os símbolos que ela gera com o imaginário do contexto urbano. Elege representações da exclusão, do feio, do repugnante para compor o conjunto de sinais, símbolos e mitos que são articulados aos constrangimentos da vida urbana (a indiferença, a violência e a desigualdade social existentes nas grandes metrópoles) e utilizadas para construir seus laços sociais. Como sugeriu Hobsbawm (1977) elaboram uma “tradição inventada”, que possibilita a criação de práticas que usam para inculcar valores e normas de comportamento através da repetição. A “tradição inventada” e as práticas que derivam dela podem surgir como reação a situações novas; assumir uma forma de referência a situações anteriores; ou podem estabelecer seu próprio passado através de uma repetição quase obrigatória (HOBBSWAM¹, 1977 apud MAIA, 2001: 93). Os *punks* inventam uma tradição como reação a todo tipo de exclusão a que acreditam estar submetidos e, com isso, elaboram uma maneira de recompor os laços sociais necessários para a construção coletiva dos sentidos, tornando-os produtores de si e de suas ações.

A vida sem a estrutura da tradição e do costume emancipa os indivíduos dos constrangimentos do passado e os obriga a escolher. Esta tomada de decisão, muitas vezes, faz com que aumentem as dependências e as compulsões. Onde a tradição recua, os indivíduos perdem as referências e a estabilidade que ela proporcionava através da monitoração da ação individual articulando-a na comunidade. As pessoas são forçadas a viver de maneira reflexiva. Na modernidade, o indivíduo é obrigado a pensar sobre o seu “eu”, sobre suas ações e no seu destino, “*a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente o seu caráter*” (GIDDENS, 1991, p. 45).

A tradição interpreta e esclarece a rotinização da vida cotidiana. A vida social é constituída pelo conhecimento que os indivíduos têm delas. Mas, na modernidade, a reflexividade assume um caráter diferente, pois atravessa todos os níveis da sociedade.

¹ HOBBSAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: _____, RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Nada é tido como verdade absoluta, tudo é possível de ser reformulado e reconceitualizado. A revisão da convenção é radicalizada a todos os aspectos da vida cotidiana (GIDDENS, 1991).

A persistência ao longo do tempo não é a característica chave que define a tradição, ou seu primo mais difuso, o costume. As características distintivas da tradição são o ritual e a repetição. As tradições são sempre propriedade de grupos, comunidades ou coletividades. Indivíduos podem seguir tradições, mas as tradições não são uma característica do comportamento individual como os hábitos o são (GIDDENS, 2000, p.51/52).

A tradição diz respeito à transmissão de valores e práticas culturais, diferentemente do hábito, já que pressupõe uma verdade ritual revelada. O que define a tradição não é o passado, mas a sabedoria que ela incorpora, que é a origem de sua autoridade. É errôneo acreditar que a tradição precisa existir por séculos para ser definida como tal, pois o termo invoca movimento. De origem latina, significa transmitir e, ao longo do tempo, a cada nova geração, pode ser inventada e reinventada (GIDDENS, 2000).

A cultura determina a similaridade de condutas e práticas nos grupos. A tradição é uma maneira de organizá-la no tempo e no espaço, inserindo as ações dos indivíduos numa continuidade do presente, passado e futuro. A tradição é uma narrativa sobre os costumes, valores e crenças de um grupo com as quais os indivíduos podem se identificar e construir-se como sujeitos.

A *identidade punk* é uma forma de o jovem contar algo que pensa de si, apresentar para o outro uma discordância de como a sociedade está estruturada. O jovem procura dizer que seu “eu” é produto de uma escolha, de uma reflexão que possibilitou a construção dos sentidos de si mesmo. Pode “fazer ele mesmo” a sua forma de ser e de agir. O *punk* procura ser a expressão de si mesmo e da realidade.

O *grupo punk* aparece como alternativa para os jovens se reapropriarem da posição de produtores e reconstruírem os laços sociais que possibilitam seu reconhecimento por seus semelhantes e a afirmação de sua diferença. Usam a identidade para expressar a exclusão a que são submetidos, assumem uma postura de denúncia contra a sociedade excludente, que consideram de “cartas marcadas”.

O conjunto dos *símbolos punks* se articula com os símbolos e valores da sociedade, dando sentido às experiências do indivíduo e permitindo sua interação, tanto no *grupo punk* como no mundo. A identidade criada no grupo organiza os sentidos da

vida do indivíduo de forma a satisfazer suas inquietações e adquirir uma definição de si, garantindo sua vivência nesta sociedade.

A *identidade punk* é, ainda, uma narrativa de identidades jovens que procuram resistir aos apelos do consumo e da massificação e se diferenciar para viver o momento da juventude criando novos códigos para serem jovens. Narra aquilo que o indivíduo expressa como sendo produto do seu “eu”. É a história que os *punks* contam de si mesmos para que conheçam quem são. A *história punk* reúne inúmeras *identidades punks* que dialogam com o contexto histórico, gerando uma permanência e uma continuidade no tempo, ou seja, uma *tradição punk*.

Esta permanência no tempo é um dos fatores que permite falar em *identidades punks*, mesmo que em cada momento histórico apareçam formas diferentes de *ser punk*. O momento em que surgem e são vivenciadas imprime características específicas ao *ser punk*. Essas identidades possuem, portanto, traços específicos, surgidos pela influência de um momento sobre elas, que se agregam a elementos mais permanentes, conferindo-lhes uma certa homogeneidade interna que as caracterizam.

Quando algumas destas características são transportadas ao longo da biografia pessoal e se enraízam no comportamento podemos dizer que elas são produtos da *herança punk*. Alguns sentimentos, opiniões e comportamentos prolongam-se por toda a vida, contribuindo com traços para a constituição do “eu”, que é múltiplo, e serão articulados e coordenados nos diversos sistemas de relações nos quais o indivíduo interage.

As diferentes *identidades punks* originadas pelo passar do tempo na cidade de São Paulo são configuradas pelas três diferentes *fases punks*. Cada fase possui determinadas vivências, fazendo com que as *identidades punks* nelas originadas reúnam determinadas atitudes e uma contemporaneidade de idéias. Os outros fatores importantes para a formação de diferentes *identidades punks* são as origens sociais, étnicas e de gênero. Estas outras diferenças imprimem outros sentidos ao *ser punk*, gerando especificidades que se articulam com o contexto em que são geradas.

A percepção da existência de diferentes *identidades punks* ocorreu já no trabalho de Iniciação Científica, pesquisa realizada com a intenção de verificar como se configurava a sociabilidade originada no *grupo punk*.

A questão do *ser punk* implica em pensar não apenas em uma *identidade punk*, mas na verdade, em muitas *identidades punks*, elaboradas a partir de um eixo comum. Isto porque uma única identidade, relacionada a uma geração, classe social e problemas familiares, acaba por

ignorar sua diversidade. E, ainda, invalidaria este grupo de estilo como sendo uma forma de sociabilidade existente entre os jovens, pois excluiria todos os setores que se identificam e atuam no Movimento *Punk* de formas diferenciadas durante os últimos 30 anos.

Considerar a existência de uma única *identidade punk* compromete a análise de jovens de classes sociais diferentes e, até mesmo em âmbito internacional, de culturas diferentes. Não se pode minimizar a diversidade das culturas presentes entre os *punks* ao se construir uma *identidade punk*. Os vários *punks* têm marcações diferentes sobre o tempo, a história e a importância de determinadas bandas no movimento.

Segundo Abramo (1994), a adoção de um estilo produzido em outro país, ou mesmo por outro grupo social, não pode ser considerada apenas como imitação, mas pode ser vista como um reconhecimento de experiências similares, que resultam na adoção das mesmas referências.

Como já foi observado, o *punk* está relacionado a uma subcultura juvenil surgida na Inglaterra em meados dos anos 70. A partir daí surgiram as diretrizes básicas do que viria ser o Movimento *Punk* e o *ser punk*, ambos exportados para outros países. Construir uma realidade a partir de um imaginário imposto de fora pode, muitas vezes, parecer artificial, mas o contexto social em que ele atua define quais as idéias que são passíveis de adaptação e quais não são. As circunstâncias e grupos que estão submetidos a tais idéias irão reelaborá-las de acordo com suas vivências, fazendo com que se tornem elementos adaptáveis na sua cultura.

Existe, entretanto, um patrimônio cultural comum que compõe o *mundo punk*, presente em qualquer lugar do mundo onde ele se estabeleceu. É esse patrimônio cultural comum que possibilita pensar múltiplas *identidades punks* elaboradas a partir de um eixo comum.

Este eixo comum, que permeia todas as *identidades punks*, é confirmado pelas permanências e a continuidade dessas identidades. Possui um conjunto de significados que geram um discurso e uma simbologia que se mantém estável mesmo com o passar dos anos. É certo que ocorre uma adaptação, com o passar do tempo, dos elementos principais constituintes deste eixo, porém ele apresenta sempre a mesma configuração que permite reconhecer as identidades construídas através dele como *identidades punks*.

Os elementos desse eixo têm no *visual punk* a representação concreta e universal da *identidade punk* e a sua repetição ao longo dos tempos constitui um dos elementos da *tradição punk*. Existem, entretanto, diversas manifestações dessa tradição, que são originadas pelo sincretismo do *punk* nos locais onde ele se estabeleceu. São *tradições*

punks locais, porém todas elas são articuladas pelos elementos do eixo comum que representa o molde fundamental para o *ser punk*.

Esta tradição tem comportamentos e símbolos que se repetem, criando uma estabilidade de referências que permite a construção de uma identidade grupal e individual em diferentes momentos e lugares. Apesar disto, ela não é estática. Deve adaptar os significados de referência de acordo com o momento histórico e a partir da intervenção de novos integrantes que aderem ao grupo.

Esses comportamentos e símbolos são indicadores de sentido que se repetem ao longo dos anos, em diferentes lugares do mundo, e falam sobre as representações do *mundo punk*. Estes sentidos são a base da existência de um eixo comum que une diferentes *identidades punks*.

A *tradição punk* articula o *mundo punk* e a *identidade punk*, e fornece os parâmetros para o comportamento daqueles que desejam integrar-se ao grupo. Permite fazer o patrulhamento das atitudes e a vigilância das opiniões dos *punks*, gerando entre eles a *severidade punk* (CAIAFA, 1985), caracterizada pela atitude de recusa e esquivas em relação àqueles que não são do grupo. O patrulhamento tem como objetivo inibir o comportamento dos integrantes do grupo, para que não ultrapassem suas fronteiras e passem a compartilhar com o mundo que procuram negar e que constantemente os nega como sujeitos. As acusações de traição, o “disse-que-me-disse”, falam sobre aqueles que ultrapassaram as fronteiras do *mundo punk*, colocando em risco a sua existência na forma como se pretende, de contestação. Esse é um forte elemento de permanência na construção identitária.

A *tradição punk* estabelece no tempo os limites do grupo e assegura à *identidade punk* sua legitimidade e os critérios para reconhecer e ser reconhecido. Esta tradição origina identidades que procuram se reapropriar da posição de sujeitos e de produtores, tendo como principal articulador de sentidos o lema *faça você mesmo*. Esse lema surgiu da impossibilidade de consumir e transformou-se num emissor de sentidos que possibilita a expressão de desejos, sentimentos e comportamentos.

O lema se repete em todos os momentos e lugares em que o *punk* se estabeleceu. É como se fosse sua verdade revelada, é a *sabedoria punk* que alerta os seus integrantes que não é necessário esperar por recursos para fazer as coisas e tornar-se produtor de sua existência.

O *visual punk*, como já foi observado, é outro elemento que deve ser destacado desta tradição. Apesar de ter sido incorporado e absorvido pela moda, sua importância

advém do fato dele se repetir ao longo dos anos como o elemento que externaliza a *identidade punk*. Caso contrário, se o visual for abolido por completo, o grupo deixa de existir para o mundo externo; se não há o visual para exibir aos outros, não há como lembrá-los da sua existência.

O mesmo não aconteceu com a *música punk*, que também é de extrema importância para a transmissão da *tradição punk*, mas sofreu alterações ao longo dos tempos. A forma de fazer a música sofreu alterações, adaptações, incorporações e atualmente existem diversos *gêneros musicais punks*. Porém a *música punk* é a *arma* e a *voz do Movimento*. Através das letras são revelados os seus inimigos, seus desejos e contadas as *histórias punks*¹⁷. Ela também é vista como um mecanismo utilizado para conscientizar as pessoas e revela elementos da *tradição punk* global e das *tradições punks locais*, uma vez que possui letras que falam sobre o inimigo comum do estilo - o sistema – ou sobre as gangues de São Paulo¹⁸.

A *tradição punk* tem a capacidade de manter os laços que caracterizam o grupo através da construção e reprodução dos significados surgidos a partir do *faça você mesmo*. Dá aos jovens a oportunidade de fazer sem ter que esperar por aquilo que os adultos já fizeram.

O *faça você mesmo* é o discurso e a forma de negar o pertencimento à sociedade de consumo, de explodir os alicerces das regras e padrões sociais, quebrar grades e libertar os significados dos monopolizadores da palavra e restabelecer o jogo comunicativo necessário para a construção das identidades.

Um forte eixo comum que permeia as diferentes *identidades punks* é produzido pelo *faça você mesmo* e, através dele, outros elementos se encaixam aos desejos dos jovens e às suas características individuais. Estes elementos correspondem a aspectos da cultura jovem, principalmente aqueles que orientam novos padrões de comportamentos e valores, centrados na liberdade, autonomia e prazer imediato. Possibilitam a criação de modos de vida específicos e prática cotidiana dos jovens, que expressam certos significados e valores não tanto no âmbito das instituições, como no âmbito da própria vida (Pais, 1993).

Resumindo, podemos considerar que o eixo comum é composto por quatro elementos básicos:

¹⁷ As letras *punks* podem ser tomadas como máximas. Muitos dos informantes usaram trechos de música para complementar suas falas. No caso de uma informante, Marta, esta característica era exagerada e seu depoimento parecia uma música falada.

¹⁸ Trecho da letra da música “São Paulo”, da banda Invasores de Cérebro: “Nós somos da cidade de São Paulo, onde o *punk* é pra valer, onde você vai morrer, onde a noite é das gangues, nas esquinas, nas quebradas, nos bares da cidade, nos clubes da pesada.”

- O *rock*: com o *punk*, este gênero musical torna-se ainda mais democrático e dispensa aprendizado para ser tocado. Qualquer um pode, assim que desejar, montar uma banda e, com apenas três acordes, fazer música;
- O protesto: não compactuar com o que já está pronto e estabelecido. Cria uma postura de discordância, de não concordar com as injustiças, com a exclusão social e também com o mundo adulto;
- A liberdade: desejo que no *punk* é muito associado ao discurso da anarquia. Libera qualquer um para criar seus valores e sua forma de viver e pede, de forma imperiosa, a liberdade para todos os povos da Terra;
- A auto-suficiência: o *faça você mesmo* articula os outros três e traz a sensação de independência para a construção da identidade e autonomia do sistema de papéis sociais rígidos. *Faça você mesmo* a música, a roupa, espaços de lazer, os meios de comunicação etc.

O eixo comum também é fundamento para a *cultura punk*. Nela é possível todo o tipo de *expressão punk*: discurso, roupas, música, letras, *fanzines*, cartazes, *flyers* etc. Imagens e símbolos que são repetidos em todos os lugares onde o *punk* se estabeleceu. São *imagens e símbolos punks* que são compartilhados e organizados pela *tradição punk*, recompondo laços comunitários e possibilitando a construção de identidades *punks* que podem existir independentemente do local onde os indivíduos que as assumiram estejam.

Os *punks* estão nas bandas, são aqueles que protestam ao lado do MST, lutam com os Zapatistas, invadem Bolsas de Valores, participam das reuniões da COB, dão palestras no Centro de Cultura Social etc. Mas também são aqueles que apanham dos camelôs, levam tiro da polícia, são vistos como violentos pela sociedade. Os *punks* brigam na cidade de Berlim, na cidade de Londres, na cidade de São Paulo. Os *punks* são aqueles que brigam entre si: os *cidade*, que detestam os *subúrbio*, que detestam os *anarcos*, que detestam a todos e, assim, todos não se entendem, e se entendem ao mesmo tempo.

Os *punks* são muitos, estão espalhados pelo mundo e vivem em conflito entre si. Vários tipos de *punks* habitam a terra. Correspondem-se, comunicam-se, visitam-se. Não permanecem juntos apenas por questão de amizade, às vezes mal se conhecem; o que os une é o sentimento de igualdade, sentimentos comuns, de uma comunidade:

“As pessoas se encontram e invariavelmente se cumprimentam dando-se as mãos. Parece um ‘ritual’ de paz, porque é muito constante: a pessoa chega e cumprimenta todos na roda. Em um comentário de um rapaz sobre as bancas que já existiram, afirmou que quando uma pessoa chegava cumprimentava a todos, independente de quantos tinham. Ao falar de alguém, dizia que era esquisito, pois não cumprimentava as pessoas quando chegava. Mas o cumprimento não é necessariamente sinal de uma maior proximidade, já que havia dezenas de pequenos grupos, mas sem maiores relações entre si. Considerando o pouco espaço de encontro dos punks e a concentração de bandas tocando nessa noite, chamava a atenção a falta de maiores relações entre os diferentes grupos” (Gonçalves -Diário de Campo - relatório/Fapesp - Bar do Ball – 25/10/97).

Para entender como funciona o eixo comum, podemos emprestar a analogia feita por Nicholson (2000) que, ao fazer uma classificação das diferentes posições teóricas de acordo com a maior ou menor importância dada à participação da biologia, ou da sociedade na construção da identidade gênero, utiliza-se da metáfora do “porta-casacos”. Ao constatar que, em muitos estudos sobre gênero, o sexo se mantém como provedor do lugar onde a identidade de gênero é construída, compara-o a um “porta casacos” da identidade. No corpo são jogados diferentes artefatos culturais, especificamente os relativos à personalidade e ao comportamento.

Desta mesma forma poderíamos ver o eixo comum e seus quatro elementos básicos, como o provedor da *identidade punk*, funcionando como um “porta-casacos” onde seriam jogadas diferentes características relativas ao momento histórico, região, classe social, etnia, gênero e os aspectos da personalidade de cada indivíduo.

Pensando assim, os *punks* sempre teriam características comuns que lhes permitem ser reconhecidos e se reconhecerem como *punks*, diferenciando-se de acordo com o país, a região, o momento de adesão e as características de suas personalidades.

Assim, podemos também entender as diferentes *posturas punks* existentes em São Paulo - *punks da cidade*, *punks do subúrbio* e *anarcopunks* - e também as diferentes formas de adesão e participação. As diferentes posturas adotadas pelos *punks* paulistas só apresentam rupturas nas formas de envolvimento com temas como anarquia, sexualidade (masculinidade/feminilidade), tipos de som, verdadeiros ícones *punks*, verdadeiras datas para a contagem do início do Movimento *Punk*. Nos três grupos investigados, vemos que combinados, cada um a seu modo, os elementos do eixo comum garantem a construção das identidades, permitem um posicionamento

parecido de como é constituído o *ser punk* e possibilita um sentimento de integração ao grupo. Através destes elementos o grupo se mantém associado a partir da disposição de seus integrantes.

Existem também, nos vários momentos, formas diferenciadas de adesão e contraposição ao “*underground* oficial/comercial”, fazendo com que surjam divergências entre os grupos. Os rompimentos entre eles colocam em evidência outro aspecto da *identidade punk*: as atitudes violentas e discriminatórias existentes entre os grupos.

A violência está presente na formação da *identidade punk*: a banda Sex Pistols se expressava através de uma violência simbólica para revelar o desejo de destruir a sociedade. Esta violência simbólica pode ser percebida nos símbolos eleitos para compor o *visual punk* e na *dança punk*, o *pogo*, que se assemelha a uma luta com correntes. Porém, não devemos esquecer que também existe a violência real das brigas nos shows e entre *punks*, depredações e as confusões em passeatas.

Esta violência contida na vontade de destruir e nas brigas gera na *identidade punk* uma ansiedade em *ser punk* e ao mesmo tempo imprime a coragem e a ousadia como características daqueles que pertencem ao grupo. O medo é vencido pela coragem de enfrentar um inimigo imaginário ou real: “ser pego na quebrada” da violência ou do sistema. Ela pode aparecer a qualquer momento e em qualquer lugar, pode ser “fruto do sistema”: da polícia, dos justiceiros, da censura dos pais; ou pode vir do movimento: das gangues e dos carecas.

A violência também traz o espírito de aventura, já que os *punks* estão sempre ansiosos e receosos ao ir a um show ou tocar em um lugar onde pode ocorrer uma confusão, mas depois de dissolvida a ameaça, voltam vangloriando-se do “rolê”.

Se pensarmos a partir das considerações de WIEVIORKA (1997), a presença da violência complementa nossa reflexão sobre a construção da identidade, já que o autor a relaciona com as duas faces do individualismo moderno: o desejo de ser um consumidor, coexistindo com o desejo de construir seu próprio eu. Os indivíduos desejam participar da modernidade através das solicitações do consumo de massa mas, ao mesmo tempo, desejam ser produtores das suas próprias existências. Com isto a violência assume diferentes feições:

“Isso a aproxima de condutas informadas pela raiva de não ser reconhecido, e que pode assumir diferentes formas: motins explosivos, mas também lúdicos; ou para falar como David Le Breton (1991) informados pelas ‘paixões de risco’ que podem vir

a tornar-se ordálicas ou autodestruidoras, retornando contra si a impossibilidade criada pelo sistema ou pela situação de ser um ator de sua própria existência” (WIEVIORKA, 1997, P.23).

O culto à violência e a sua ostentação estão carregados de valores ligados à masculinidade, que imprime suas características à *identidade punk*. Soma-se que, em São Paulo, a articulação do *punk* em gangues se mantém graças a uma ética centrada nestes valores, reforçando ainda mais esta característica na identidade do *punk paulista*.

A violência real, apesar de muitas vezes ser dirigida contra o grupo na guerra de gangues, não tem a capacidade de desestruturar o grupo. Ela é diluída na violência simbólica, surgindo como um direito de resposta a um sistema que violenta os indivíduos anulando-os: “violência gera violência”. A violência simbólica, que caracteriza o *punk*, foi instituída para ser usada contra o sistema gerador de injustiças. A arma do *punk* é o símbolo. Em vez de empunhar uma metralhadora, empunha um signo. O signo que expressa a rejeição à exclusão e à alienação reivindica a condição humana em um contexto desumanizador¹⁹.

O grupo, portanto, não é gerado pela tensão da violência, e sim pelas relações solidárias que nele existem e que funcionam como esfera de auto-conhecimento e hetero-conhecimento (MELUCCI, 2004).

A *identidade punk* pode ser entendida a partir da construção de uma “sociedade paralela” ou uma “comunidade simbólica”. Vista no aspecto do pertencimento, englobaria os diversos *elementos punks*. Uma comunidade simbólica, que possui um patrimônio comum, as mesmas tradições, a mesma forma de elaborar suas músicas e seus discursos. Um patrimônio comum que se encaixa em diferentes culturas, se acopla a outras tradições, engloba discursos locais e absorve diversas classes sociais. Uma comunidade espalhada pelo mundo, uns com melhores condições financeiras, outros andarilhos, uns mais apegados às tradições, outros nem tanto assim, como parece acontecer com os ciganos:

“Lutam contra os poderosos
Lutam contra a burguesia
Formam uma comunidade
Através da anarquia

¹⁹ Trecho da música “*Punk Até Morrer*” da banda feminina Menstruação Anárquica: “Com tanta gente sem casa pra morar, sem comida pra viver. *Punk* vai a luta por um ideal, que para uns é utopia, mas para quem acredita é pura anarquia. Refrão: *Punk* um dia, *punk* até morrer (2x) E não adianta nos convencer com essa história de que tudo vai mudar. Nossa união não será em vão, nossa luta será sem armas na mão.”

A junção do protesto com o ritmo agressivo do rock

A musica é comunicação

Assim nasceu o punk rock”

Trecho da música “*Punk Não Morreu*” / Banda Colisão Social

Cosmopolitismo e universalismo inter-relacionados através de um elo de ligação representado por uma “comunidade de sangue”, ou, como uma “comunidade simbólica”. Diversos povos, hábitos e culturas reunidos pela música, pela imagem, pela vontade e pelo investimento daqueles que se sentem pertencentes a esta comunidade.

O estilo serve como linguagens com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para os outros. Os indivíduos sentem-se ligados aos outros não apenas por existirem interesses comuns, mas porque é essa a condição para reconhecer sentido naquilo que fazem. O grupo aparece como espaço de ação e de esfera de hetero-conhecimento. Nele, os *punks* podem exercitar a convivência, ampliar suas relações e construir auto-imagens positivas (DAYRELL, 2001).

O grupo cumpre uma função positiva, criando um espaço de autonomia e auto-estima onde os jovens apresentam para a sociedade valores apoiados na resistência a um código padrão (MELUCCI, 2004). Rejeitam o papel de consumidores e se transformam em produtores, criando experiências que dão um novo significado às suas trajetórias. Não renunciam a nada no presente porque não existe futuro, querem ser agora, *ser punks*. Criam formas próprias de ser na sociedade (KEMP, 1993).

O *Movimento Punk Paulista* consiste na reunião de diversos indivíduos e grupos, que adotam posturas opostas ou não, propiciando um reconhecimento entre os indivíduos e é legitimado pela assunção da *identidade punk* e pela *vivência punk*.

Muitos desses indivíduos e grupos pertencem a diferentes classes e permanecem por muito tempo no estilo, recebendo e fornecendo características ao grupo. Muitas vezes tornam-se personagens referências. Os shows, eventos e CDs produzidos pelo grupo tornam-se marcos importantes e funcionam como reprodutores de simbologias.

A permanência no tempo como *punk* e relacionando-se com elementos *punks* é o principal sinal de legitimidade e fidelidade ao grupo, seguida das atitudes consideradas corretas, realizadas no decorrer dos anos. Estes são os *punks da antiga*, que muitas vezes procuram ditar parâmetros para os *novos punks*, que nem sempre aceitam e procuram abalar sua legitimidade acusando-os de imposição e de submetê-los a uma hierarquia de “panelinhas”. O conflito sempre está presente no *Movimento Punk*

Paulista, no qual se procura saber quem é, ou não, verdadeiramente representante e herdeiro da tradição punk.

Em nome do *Movimento* esses indivíduos realizam eventos, palestras e shows beneficentes que funcionam como espaço de lazer e aprendizado e criam condições de vivenciar a identidade construída neste estilo e dando continuidade à existência do grupo. O encontro consolida o *Movimento Punk* e a *identidade punk*, proporcionando ao grupo um espaço de produção coletiva, de interação, trocas simbólicas e reconhecimento de si e do outro.

O *Movimento Punk Paulista* é uma das partes que compõe a *comunidade simbólica punk*, que é mais abrangente. Ela ultrapassa os contornos do *Movimento* e engloba, inclusive, aqueles que são negados por ele, como *legítimos punks*. Pertencem à *comunidade simbólica punk* todos aqueles que se consideram *punks* e constroem suas identidades e atuação a partir deste estilo.

A *comunidade simbólica punk* refere-se a todos os espaços, reais ou virtuais, onde é possível articular os elementos do *eixo simbólico punk*. Todas as atividades relacionadas e nomeadas como *punks* são articuladas neste universo que, além de ser bem maior que o *Movimento*, tem fronteiras mais flexíveis. Nela nem sempre a questão da legitimidade é central. O que é imprescindível é a utilização e articulação dos símbolos e *signos punks*, para que seja mantida sua continuidade. É como se ela tivesse vida própria, com os símbolos se reproduzindo independentemente da atitude das pessoas. Dentro dela coabitam as diferentes *cenas* ligadas ao *punk rock* e ao *hardcore* e englobam todos aqueles que conseguem lidar com a *simbologia punk*, reconhecendo e se fazendo reconhecido.

A *vivência punk* possibilita o entrar em contato com os diversos grupos e ser reconhecido por eles. É o estar no espaço público sendo e atuando como *punk*, aparecendo como *punk* e emitindo sinais que reforçam a existência do grupo. Só através dela é que se pode considerar um *punk da antiga*, pois ele permaneceu por muito tempo como *punk* no espaço público. Alguns são negados como membros do grupo porque possuem uma vivência muito ligada à fruição ou apresentam uma imagem muito ligada ao consumo ou à possibilidade dele. Já aqueles que são legitimados precisam manter-se fiéis ao grupo e apresentar um discurso e atitudes coerentes com o *Movimento*.

A *identidade punk* independe, parcialmente, do *Movimento Punk* e da *vivência punk*. Ela é construída a partir do eixo comum e pode estar inserida de forma virtual e

real na *comunidade simbólica punk*. O reconhecimento pode existir fora do *grupo punk*; outros grupos ou pessoas reconhecem os *elementos punks* eleitos na identidade do indivíduo e o legitimam como *punk*. Pode ocorrer uma vivência à margem do *Movimento Punk*, relacionando-se com ele de forma virtual ou intermitente, e uma vivência mais intensa com a *comunidade simbólica punk*, que consolida o *ser punk* no diálogo com as *cenar punks*.

A *comunidade simbólica punk* parece ter vida independente porque é muito abrangente e não é espacialmente localizável; refere-se a tudo que pode ser considerado *punk*. Já a *cena punk* é sua feição concreta e localizável, onde os indivíduos podem estabelecer relações conviviais, além de articular o global com o local. A cena refere-se ao envolvimento das pessoas com o estilo e tudo aquilo que é produzido por elas. Um estilo pode ter cenas espalhadas por diferentes regiões de um país, ou em diferentes países, que se comunicam através de redes comunicativas (KEMP, 93), ancoradas em cartas, *fanzines*, *e-mails*, *netzines*, *sites* de banda etc., gerando um grande intercâmbio de material simbólico entre elas.

Existe uma diferença de pertencimento ao grupo, cujas continuidades e descontinuidades estão relacionadas a diferentes níveis de adesão. Alguns se agregam a partir de uma proposta ideológica expressa no visual, já outros utilizam o visual como forma de lazer. Porém, existe um sentimento de comunhão que ultrapassa a utilização da estética, tendo uma conotação de fidelidade aos ideais construídos.

As trajetórias vão influenciar o grau de compromisso com que cada jovem vai se integrar ao grupo, priorizando atitudes que revelam a adesão às propostas ou simplesmente consumindo os produtos por ela gerados (KEMP, 1993).

Kemp (1993) propõe as seguintes formas de adesão ao “grupo de estilo” e o nível de envolvimento coletivo de cada um:

- a) priorização total do estilo adotado (papel ativo / produtor). Usa intensamente a identidade construída no estilo, o que pode levá-lo a *ser punk* prolongadamente.
- b) priorização parcial do estilo adotado (papel mais passivo / consumidor). Convívio constante com companheiros de estilo, atendendo-se mais aos bens de consumo. Insere-se virtualmente nos estilos, tendo, entretanto, a sensação de representá-lo profundamente.
- c) priorização da atitude jovem. Momento de experimentação onde a definição de si se constrói. O jovem pode mudar de estilo para algum mais recente ou assumir mais de um estilo simultaneamente.

Podemos fazer um cruzamento das formas de adesão proposta por Kemp e o *estilo punk*, como ilustração, e imaginar três maneiras de atuação no grupo e de expressão da *identidade punk* outros momentos da vida:

- a) Priorização total do estilo adotado através de uma atuação em uma banda ou no *underground* (produzindo shows/*fanzines*). Nesse caso, a pessoa poderia passar a viver das atividades aprendidas com o grupo, da banda ou do *underground*.
- b) Priorização parcial do estilo na banda/*underground*. A pessoa, ao longo da vida, poderia tomar uma ou outra atitude considerada como uma *herança punk* e sempre consumir artigos *punks*.
- c) Priorização total do estilo como lazer e consumo. A pessoa marcaria o seu envolvimento com o *punk*, por meio da frequência aos shows e a posse de algum elemento como recordação.

Estas características não são fixas e nem predominantes e podem aparecer de diversas formas. Podemos encontrar jovens que participaram pouco tempo do grupo, mas com um grau muito forte de adesão, e com isso fixam na sua subjetividade elementos referentes ao *ser punk* que são levados para outras instâncias e momentos da vida.

Uma forte intensidade de pertencimento ao grupo permite aos indivíduos, através das experiências compartilhadas, estabelecer novos parâmetros de identificação, que muitas vezes redefinem suas perspectivas. A elaboração de uma nova consciência de si e do mundo possibilita que desenvolva suas potencialidades, apesar dos limites impostos pela sociedade. O estar no grupo proporciona uma valorização do eu, através da reciprocidade existente entre os integrantes, que permite estabelecer novos compromissos e novas posições sobre a forma de viver. Isso resulta uma reestruturação da identidade do sujeito, que conquista uma imagem positiva de si, elevando sua autoestima e fazendo com que atribua esta modificação à *identidade punk*. A força deste sentimento subjetivo faz com que muitos acreditem que *ser punk* está no sangue.

Ser punk “está no sangue”, faz parte da subjetividade e do modo de ser desta pessoa. O jovem sente que há uma razão motivadora para as suas ações, que está ligada à *identidade punk*. É o que se lê e o que afirmam a maioria dos jovens que aderem a este estilo.

A *identidade punk* tem como característica principal ser uma identidade de resistência, e pode ser usada como uma forma de negociar com o sistema excludente ou com o mundo adulto. Ela é a narrativa da luta da utopia para sobreviver no mundo contemporâneo, onde já se decretou o fim das utopias. Narra a vontade de jovens que se

sentem à margem, de tentar mudar suas vidas e serem reconhecidos como alguém, como sujeitos de suas ações.

Reflete, também, a voz dos jovens que procuram resistir à mesmice e à massificação, para poder se divertir e vivenciar o momento da juventude. Propicia a vivência da experimentação na condição juvenil e permite a afirmação de ser jovem frente a um mundo adulto de imagens juvenizadas. Neste caso, a *identidade punk* é um dos modos de ser da juventude contemporânea que, através da manifestação cultural e da vivência no *underground*, concretiza a própria condição juvenil.

VI. 1 – Como e quando um jovem é *punk*

Veremos agora como os *punks* das três fases do Movimento Paulista falam sobre o que consideram *ser punk* e quando se sentem *punks*. Poderemos perceber nas suas falas o que procuramos discutir no item anterior: como se constitui a *identidade punk*. Assim como poderemos verificar como expressam as diferenças e semelhanças existentes entre as diferentes *identidades punks*, como lidam, nesses momentos, com os elementos do eixo comum – identificação e expressão através do rock; o desejo de liberdade e de auto-suficiência – e como se articulam com a *tradição punk paulista*.

O texto é apresentado através de uma coletânea de trechos de suas falas, intercalados com interpretações sobre esta forma de apresentar suas considerações e os sentimentos que elas expressam. Foi uma tentativa de criar uma narrativa da *identidade punk*. Estabeleceremos um diálogo imaginado como se pudéssemos dar liberdade para estas pessoas nos contarem como acreditam que se manifesta o *ser punk*.

A experiência *punk* nos primórdios (1977 a 1986)

A *identidade punk* na primeira fase está muito mais ligada à *música punk* e ao *visual punk* do que a uma *ideologia* e uma *tradição punks*. A maioria dos entrevistados afirmou ter escolhido o grupo ao se identificar com a música: a ligação veio através do rock. A partir daí, tomaram conhecimento do *punk rock* e aderiram a esta nova música e estilo:

“Não, é que eu sou da primeira geração, e esse mérito ninguém me tira... Eu tinha 14 anos. (...) Foi, foi num salão, o Mazzei Construção, que eu gostava de rock, mas não ouvia punk rock. Eu entrei em contato com o rock, depois fui

conhecer o punk rock. Porque eu nunca gostei de outras coisas, foi assim, com 14 anos me apresentaram as bandas de rock, Led Zeppelin, Deep Purple, que era assim dos 70. Mas assim, logo que apareceu o primeiro resquício de punk rock, a primeira nota, eu já...” (Dulce, 40 anos).

Nesta época havia pouca informação sobre a forma de *existência punk*. O aparecimento do *punk* é muito enfatizado, trouxe um deslumbramento para esses jovens. O deslumbramento com o *punk* e o choque que ele causou marcaram a memória dos *punks* desta época. Era preciso ter coragem para *ser punk*. Era preciso construir o *punk brasileiro*:

“Porque eu andava de visual, por que eu dizia que era punk, eu levantava a minha bandeira e assumia o que eu era. E assumo até hoje, acho! Eu não tenho vergonha de falar, que curti punk, tenho mó orgulho, muito pelo contrário! Eu acho que a gente mudou, a gente aconteceu, cê entende? A gente pum chegou, pá! Aconteceu, como diz a menina da novela... E é verdade, a gente abriu caminho pra... pra pessoal que veio depois da gente, incentivou, deu mais coragem! Hoje se você for contar quantas bandas tem do que era antes e o que é hoje... meu !! Tem banda que eu nem sei que existe! De tantas bandas punks que tem! Cê tá entendendo? Então pra mim é um puta de um orgulho saber que eu colaborei em determinadas partes com isso daí” (Laura, 41 anos).

Outra característica é o sentimento de ser diferente, ratificado pelo fato de o *punk* apresentar, na época de seu surgimento, realmente uma aparência diferente. Os símbolos escolhidos para compor o *visual punk* e a maneira como eram articulados davam um caráter inusitado à *aparição punk*. Como consequência, geravam o afastamento do outro e um constrangimento ao *ser punk*. No início era necessário ter coragem para assumir a *identidade punk*, o “constrangimento do diferente” é uma das características do *ser punk* desta fase:

“Um Movimento diferente, é uma... porque a gente foi diferente, ser punk é ser diferente, você não é igual a todo mundo, você sabe que a gente não é igual, você tem consciência de que você não é igual” (Laura, 40 anos).

Mais do que nunca, o *faça você mesmo* movia o grupo neste momento. Tudo estava para ser construído, precisavam formar um Movimento, conquistar os lugares para tocar as músicas e fazê-las circular. As fitas K7 com as músicas das bandas rolavam de mão em mão, aproximando estes *punks* dos da segunda fase e acentuando a diferença com *punks* da terceira fase. Estes últimos têm à sua disposição os selos independentes que gravam e distribuem seus CDs:

“Bom, hoje tem muito mais lugar pra tocar, né. Hoje tem muito mais... (...) Tem mais banda, apesar de ter esses melódicos, né, que... que apareceu aí, que...”

Mas hoje tem mais, tem mais banda né. E hoje as bandas sabe... elas procuram saber tocar mais, sabe. Antes era mais na raça mesmo, tocava errado mesmo, né, todas essas bandas aí que né... Eu tenho fita gravada, que eu levava o gravador e ficava lá gravando pra depois escutar em casa. Errava, errava, né! Pra caramba! Hoje a molecada procura não errar tanto, procura aprender a tocar” (Miguel, aproximadamente 55 anos).

A música punk é vista como uma arma para expressar sentimentos e provocar mudanças nas pessoas. Neste momento, o *punk rock* e o *visual punk* eram as principais formas de expressar a *identidade punk*:

“O que que ele fala? Ele fala da guerra, ele fala do desmerecimento das classes, das classes sociais, do pobre que fica catando lixo na rua, das pessoas que mora na favela. Não é isso que o punk fala? Da guerra que está explodindo lá, quer dizer que se a gente crescer com uma concepção melhor e com um pensamento melhor, isso tudo na próxima que vai vir num vai pensar na guerra, na bomba, não vai pensar em destruir o pobre do mendigo que tá lá catando lixo. Vai pensar em ajudar ele, vai pensar em fazer coisas diferentes e eu acho que o punk veio pra isso...pra mudar” (Laura, 40 anos).

Havia poucos lugares para *ser punk*, encontrar-se com outros *punks*. A identidade estava mais ligada ao uso do visual. O estar no grupo, realizando atividades em nome do *punk*, também era um aspecto fundamental para a sensação de *ser punk*. Neste momento, o discurso da *ideologia punk* ainda estava sendo elaborado:

“Tem, muito espaço, tá maravilhoso! Por isso que eu falo: ‘Gente a gente foi muito corajoso!’ As pessoas que.. .todas elas que participaram de alguma forma no Movimento Punk, foram corajosas. E isto é ser punk, pra mim, é cê ter coragem de sair com uma camiseta na rua e dizer: ‘Eu sou punk, eu vim aqui, mas eu tô representando o meu pessoal, porque eu sou digno, eu sou decente e sou gente. Então eu tenho o direito de ser aquilo que eu quiser’. Cê entende? Então por isto que hoje em dia ainda vou, ainda tenho sonhos, ainda tenho vontade de voltar a tocar, e com 40 anos. Imagine quando eu tiver 50!” (Laura, 40 anos).

O visual era diferente, agressivo, com o objetivo de chocar. O significado do visual era, e ainda é, representar toda a sujeira da sociedade, expressar o que a sociedade tem de podre, usando como suporte seu próprio corpo:

“De vez em quando eu uso, é bom ter que usar o visual também (...) No começo significava protesto para chocar a sociedade, mas são 20 anos disso aí. Então muita gente usa porque gosta. Eu acho legal a pessoa, tem que usar e se vestir

do jeito que quer.... de viado, roupa, cabelão de viado. Minha mulher agora pegou um monte de camisetas minhas, um monte de camisetas minhas... Aí eu falei: 'Não tem que jogar essas camisetas, não tem que jogar fora não!' 'Tem que jogar. Essas camisetas tão podres!' (...) Usar roupa rústica também é legal. Coturno, coturno também não é só para quem é militar, coturno não é só isso. Coturno dura pra caramba! Em São Paulo, a gente comprava na Av. Tiradentes, coturno de milico, de milico, de militar mesmo, que durava mais. Não comprava coturno da moda, hoje tem coturno de 100 paus imitando coturno de militar, que é mais barato e dura mais" (Edgar, 41 anos).

Não havia lojas que vendessem o *visual punk*, não havia onde comprá-lo, cada integrante fazia seu próprio visual com os recursos de que dispunha. O visual tinha um caráter artesanal e expressava o *faça você mesmo*:

"Assim, era uma coisa boa porque você fazia o seu visual. Nossa você chocava! Cada visual que cê tava chocando, você saía assim totalmente diferente. Eu me sentia maravilhosa, eu me sentia muito bem com o visual que eu arrumava. É porque você fazia a sua moda. Você fazia a sua moda, você fazia a sua roupa, você fazia o seu cabelo, né! Era uma coisa muito legal! Cê podia ir pra onde cê quiser com o visual que você quisesse. Aquele visual você pegava ô nibus, andava pela rua, com a sua moda, não tendo que vestir o que a moda declarava! 'Você com essa roupinha vai ficar bonitinha.' (...) Eu gosto ainda, só não mais com visual, porque... uma nem lugares mais tem tá e assim.. .a seqüência da vida te transforma também, né! Agora antigamente eu vivia vinte e quatro horas por dia. Eu trabalhava punk, ia pá, punk. Então cê ia vinte e quatro horas do dia punk. Você ia pra São Bento, você ia pra Galeria, você tinha chão... você...então era vinte e quatro horas constante. Hoje já não, hoje já fico mais em casa, já tenho um outro ritmo de vida, então..." (Bia, 41 anos).

Com o tempo o visual, que era usado como forma de identificação do grupo, se diluiu. O principal fator foi a sua incorporação pela mídia e pela moda, amenizando seus aspectos agressivos e, de certa forma, democratizando-o. O uso do visual passa a ser uma das formas de reconhecimento existente no grupo, que vai se repetir ao longo dos anos, e menos uma forma de representar o Movimento *Punk*. Por outro lado, a necessidade desses *punks*, à medida que iam assumindo novos papéis na sociedade, de alterar seu comportamento, os levou a uma mudança. À medida que iam encontrando trabalho, casando-se ou se tornando mais velhos, surgia uma pressão que os levava a abandonar o visual:

"Ah!... sim, o visual é alternativo, por exemplo, né? Na época que eu trampava em banco, né? Trampava de terno e gravata. Não é por causa disso que eu vou

deixar de ser punk. Então as pessoas se prendem muito ao estereótipo, tipo visual, e se esquece daquele lance assim da consciência mesmo, então eu acho que é isso que poderia ser modificado” (Geraldo, 36 anos).

Os que adotam, elaboram um novo significado para o uso do visual, que reflete um gosto pessoal mais do que a identidade. A maneira de *ser punk* vai se modificando e se tornando algo ligado à consciência dos indivíduos. Mesmo assim, usar o visual é importante, pois reflete um gosto pessoal e, sempre que podem, arranjam uma forma de burlar as normas e se vestir como *punks*:

“Ah não! Mas era muito de bom gosto, era muito bonito. Eram umas roupas legais. Não é... Tem gente, por exemplo, que não é punk, mas anda muito medonho, não é questão disso...é que tem que ter bom gosto e tem que ter equilíbrio. Você não vai trabalhar de tal forma, você não vai se expor de tal forma, mas quando é para um Começo de Fim de Mundo você põe um moicano. Esse Começo de Fim de Mundo eu cortei moicano. Fiquei três meses de moicano na praia, cê entendeu? É verdade! Agora eu vou ficar cortando moicano para trabalhar no Unibanco? Trabalhei no Unibanco, mas sempre no estilo punk, sempre tem um esqueminha. Eu sempre fiz minhas roupas... eu cortei, costurei, sempre tive máquina de costura, tinha minha confecção... então é toda uma história” (Dulce, 41 anos).

É um gosto que resiste ao passar dos tempos, e o burlar as normas pode ser considerado uma reelaboração do visual adaptado à nova situação da vida do indivíduo. A tática de reelaborar o visual é a da camuflagem. Utilizam elementos da *simbologia punk*, encaixando-os em uma roupa comum:

“Eu sou mãe, eu tenho que trabalhar, eu tenho minha vida. Eu tenho que ajudar minha família. Continua do mesmo jeito que eu tava há vinte anos atrás. Não mudou! O que que mudou um pouco foi que eu envelheci e não ando mais como uma menina de saínha curta, de meia arrastão é com um pouco mais assim...um, vamos dizer assim...eu acho, eu acho que aquilo não combina mais comigo.

Por que não combina mais com você?

Pela idade, não combina. Pela minha idade não combina. Eu gosto de visual assim! Mais um visual mais sexy, uma coisa pra mulher, entendeu?

Então seu visual mudou?

Mudou, mudou. Pra mulher, não pra menina como eu era antes. Agora me considero uma mulher. Uma mulher punk. E daqui a pouco eu vou ser uma senhora punk. E daqui a pouco eu vou ser uma... vovozinha punk! Você entendeu? O punk foi evoluindo, o punk foi crescendo. Os punks de antigamente hoje são senhores donos de empresas, são senhores papais, são senhores que, né...e que tão ali!! Curtindo o som ainda! Imagine quando tiver mais velho que legal a minha geração meu! Que bacana!” (Laura, 40 anos).

As gangues nesta fase do Movimento eram uma presença constante. O *punk* paulista surgiu por meio delas, mas era a excentricidade e a novidade que ele apresentava que articulavam suas ações. A partir do *faça você mesmo* percebiam que podiam criar suas músicas, suas bandas, seus festivais, porém já nesse momento as gangues traziam a violência para o grupo, tornando o uso do visual problemático:

“Do dia-a-dia, como sobreviver na cidade. Bem na época que a gente vive, que a gente viveu, que foi a época mais pesada do punk, a gente tinha que ficar de olho nos carecas, nas gangues, nos skin heads, no nazismo, a gente tinha que estar esperto, tinha que ficar oculto de vez em quando, não usar um visual punk” (Edgar, 41 anos).

Os mais velhos mantêm uma discordância em relação aos novos *punks*. Acreditam que o compromisso com o *punk* deveria ser um ato de autenticidade, que é anulada à medida que envolve o consumo e o desinteresse pela *tradição punk*²⁰. Mas há também um sentimento de esperança de que mudem de comportamento através da conscientização feita pelo contato com a *música punk*:

“Aí tem um monte de banda né. Tem banda de punk nova, tem banda de hardcore nova, tem banda de hardcore melódico nova. Esses moleques é... pelo que eu escuto aqui, né, então, camiseta ‘punk’s not dead’ eles nunca usariam. (...) Não. Eu vejo os moleques falar aqui, né. É que o seguinte, este tipo de som punk rock melódico é, isto daí é um pessoal que de algum jeito eles tem que escutar rock, certo. Ele tem que escutar rock então ele vai cair pro CPM que toca na rádio, aí do CPM ele vai procurar outra banda melódica né. Amanhã ele vai começar a escutar uns sons com umas letras a ver, né! Isto aqui mentalmente os moleques vão evoluindo...é os moleques vão evoluindo mentalmente, entendeu?” (Miguel, aproximadamente 55 anos).

O primeiro grupo tem percepção clara de que atualmente existe um espaço aberto para *ser punk*. É um espaço que não existia antes e atualmente existe pela apropriação do *estilo punk*, pela mídia e sua democratização. Com isso, pôde haver um desenvolvimento do *underground* que gerou um espaço amplo e aberto de atuação, que

²⁰ *Punk’s Not Dead* ou *Punks Não Morreram* também pode ser considerado um elemento da *tradição punk*. A frase é repetida desde 1982 e quase toda *banda punk* tem uma música que afirma que “o *punk* não morreu”, ou “não morrerá”. Veja trecho da música “*Punk’s not Dead*” da banda Paranóia Social: Tentamos achar a solução, para acabar com a podridão; perdidos na multidão, ninguém nos trata como cidadãos. *Punks* não morrem (2x). Nosso movimento nunca irá morrer. Not dead! (3x)

Uma derivação dela, que também se repete muito, afirma que aquele que assume a *identidade punk* será *punk* até morrer: “Em defesa dos proletários, favelados e discriminados. Em defesa da anarquia, lutaremos contra a burguesia. Movimento *Punk*, movimento forte, vamos todos lutar, *punk* até a morte” (banda Deserdados, trecho da letra “*Punk até a Morte*”).

possibilita a todos os jovens interessados, de qualquer classe, vivenciarem o momento da juventude através do *estilo punk*:

“Tanto pra homem como pra mulher, né. Hoje tá mais fácil. O cara é só ter dinheiro e gravar um CD. Antes era difícil, cê não encontrava estúdio para gravar. Hoje tem estúdio pra caramba que... o... vamos dizer o rock independente. O rock, o punk, em geral... porque tem punk é... hardcore melódico, tem tudo isto daí. Então vamos falar o rock em geral assim... Hoje é mais fácil, né, lugar pra ensaiar, pra encontrar pessoas, montar banda”
(Miguel, aproximadamente 55 anos).

No início, como o *punk* era ancorado nas gangues, o número de garotas era reduzido. As práticas do grupo exigiam força, coragem, ousadia entre outras características ligadas ao mundo masculino. Além da violência, que era simbólica e também real:

“É...e as garotas não tinham muito por causa disso, porque era muito violento. Acho que as mulheres não gostam tanto de violência como o homem. É negócio mais de homem, igual a gente vê as guerras aí que nem a gente viu a história aí. É mais homem que se mata com isso, se bem que tem as Amazonas e tal. O punk é negócio de guerra mesmo, aquela coisa de gangues, guerreiros, né. Hoje em dia ficou um negócio bem mais ideológico, bem mais para diversão, e a indústria tá mais infiltrada também” (Edgar, 41 anos).

Apesar de o grupo estar articulado em torno da sua construção e da produção cultural *punk*, as culturas juvenis são predominantemente masculinas e a existência das gangues reforça essa característica, fazendo com que as mulheres precisassem ter coragem para pertencer ao grupo:

“Não. Porque, naquela época existia o mundo macho. Tinham muito poucas mulheres. Muito pouco, muito pouco. Cê ia num som, 80% era homem e 20% era mulher, e aquelas que iam é porque tinham coragem” (Laura, 40 anos).

O espaço da garota nesta fase estava intimamente ligado ao do rapaz, ela circulava no grupo como “mina de alguém”. Mesmo que participassem das atividades do grupo, escrevessem em *fanzines*, montassem bandas, era através do papel de namoradas que conseguiam legitimidade no Movimento:

“Ah, é! É muito assim, a gente vive numa sociedade machista pra caramba, né? Uma coisa que sempre teve discussão no meio punk foi quando levantou essa tese que os punks são machistas: ‘Não, nós não somos machistas, nós somos machão. Nós somos homens’. Mas tem,

tem sim, sabe. É complicado a mulher ganhar espaço. Isso é no punk, é new wave, dark, qualquer coisa (...) Na época, uma mina, pra ter status, um nome, ela tinha que ser mina de alguém. Como até hoje. Como até hoje, né? Porque ela nunca vai ser pelo nome, ela vai ser chamada 'a mina do fulano' e na época tinha muito disso né. Eu já nunca precisei disso, eu sempre fui eu. Tanto que até hoje todo mundo reconhece: Bia. Reconhece eu. Tem algumas vezes é, lógico, eu tenho que citar o meu nome e dizer que sou mulher do Luiz, mas em raras vezes assim” (Bia, 41 anos).

A relação entre as garotas é conflituosa e este aspecto é relatado nas três fases. Existe uma rivalidade e uma competição que permeia a relação delas que impede sua união para lutar pelos seus interesses. A *garota punk* espera ser respeitada e conquistar espaço no Movimento através de suas atitudes individuais, que devem estar de acordo com o papel social esperado para a mulher: o da “mulher honesta”. É assim que a garota procura ser respeitada no “mundo macho” do Movimento *Punk*:

“Era sempre muito respeitada, até hoje, muito respeitada. (...) Não! Eu sempre fui muito bem tratada. Muito bem tratada, e por conta dos bons tratos dos homens, eu suscitava a ira das mulheres, não é! Porque quando você é mulher, num contexto completamente masculino, e chega algumas mulheres, se você tá nas graças dos homens, você cai meio no ódio das mulheres. Mas eu nunca liguei para isso, porque o que me interessava era realmente a banda tocando. O som no meu ouvido, tanto que eu fui dançar, eu sempre dancei muito, entendeu? Porque a música cai em mim é... como a batida do coração, entendeu?” (Dulce, 40 anos).

As relações desiguais entre mulheres e homens, nas quais eles possuem posições vantajosas, ficam encobertas pela competição existente entre as garotas. Esta competição, percebida como uma rivalidade, é reforçada pelo fato delas obterem prestígio através do namorado ou até da beleza:

“A banda é uma coisa assim que te leva, né. O nome da banda vai fazer você ser reconhecida, mesmo na mulher, mesmo na mulher antigamente. Então tinha as bandas de nome, então as minas queria colar mais nos caras de banda de nome. Na época assim era muito Inocentes: ‘Os caras do Inocentes.’ Aí teve uma época que inclusive a gente montou uma banda e essa banda, praticamente... todas as meninas eram minas dos caras do Inocentes. (...) E quando surge uma banda de mina não vinga né? Já começa pela própria mulher, né! Não. Já começa pela própria mulher, porque quando começa ela

própria se detona. Isso cê pode perguntar aí, entrevistar várias bandas, elas vão desconversar, desconversar. Mas se você pegar neste ponto vai ver que elas mesmo se detonam. (...) Como se detona? Assim... ou é por causa da beleza ou uma já começa a se achar que é mais que a outra, então já começa por esse lado da própria mulher. Já tem isso. Aí uma das minas seria...vai... mais agradável, mais bonita e é lógico ia ser mais paparicada no meio dos caras. Então já começava aquilo...” (Bia, 41 anos).

Apesar disso, alguns integrantes do grupo conseguiam identificar o papel da garota como o de coadjuvante, mas a maioria não tinha esta percepção e, entre elas, muitas sentiam-se plenamente participantes do Movimento:

“Eu fiquei uma época sem ter namorado e ia em som. Claro, a gente namorava como qualquer outra mulher, né! A gente é ser humano! (...) A nossa banda foi a primeira banda de hard core feminino do Brasil, mas antes disso teve uma banda chamada Golpe de Estado, teve a banda da Bia que foi as Anormais... Teve a Golpe de Estado e Anormais* e Splash* Ultra, vamos dizer que estas três bandas foram as primeiras bandas punks femininas, legítimas, de verdade. (...)A gente fez vários shows, bastante! Muitos... ah! tocamos num teatro Clara Nunes que foi um festival lindíssimo só nós de mulher de banda punk, foi show de bola, foi a única banda punk que tocou lá naquele dia. Isso foi uma vitória pra gente, assim como mulher entendeu? (...) Pensando no lado feminino: Mulher punk, uma garota punk, que tinha uma banda e que meu! Veio gente de um monte de lugar só pra ver a gente, isso foi muito bacana, esse dia, um dia assim inesquecível, memorável. Acho que pra todas nós, as quatro assim da banda, tocou Pátria Armada, tocou várias bandas só que eu não lembro. Eu tenho uns flyers em casa tudo, mas eu não lembro assim de memória, é isso” (Laura, 40 anos).*

E realmente elas também atuaram na construção do Movimento *Punk*, escrevendo cartas e se informando sobre os *punks* de outros países. Escrever cartas foi uma das formas que os *punks* encontraram de se comunicar e de construir o Movimento:

“Eu trocava correspondências de música. As minhas cartas eram todas baseadas em música. Quando eu fui trabalhar no Napalm, porque que eu fui trabalhar no Napalm, eu trabalhava no Unibanco, eu era secretária do Vice-Presidente, eu não precisava, tinha um futuro nesse lugar, mas não me dava prazer, não me dava felicidade. Daí eu fui buscar o que o meu coração mandava. (...) E a minha história, eles já conheciam, e é difícil fugir disso na música, entendeu? Eu, por exemplo, lendo as minhas correspondências hoje eu

percebo o quanto eu era apaixonada e continuo sendo pelo punk rock e isso transforma a gente, isso nos faz forte. Porque a felicidade nos deixa forte, se você tá feliz com o que faz, se você faz o que gosta, você é uma pessoa forte. E acreditar em Deus, também porque eu sou uma mulher muito da fé, principalmente...né? Apesar dessa coisa do punk rock, é... eu sou uma pessoa absolutamente de fé, de Deus mesmo, do bem...” (Dulce, 40 anos).

Mesmo assim vemos que existe uma tendência, que se repete entre as *punks* da Segunda Fase, de que garota não serve para ter banda. As diferenças de pensamento e comportamento eram vistas como uma “rivalidade feminina”. A disputa entre as garotas faz com que as bandas terminem rapidamente, e com briga:

“Cantei nos Inocentes. (...) Não banda feminina! Eu não gosto desta coisa de banda feminina. Eu não gosto disso, eu acho legal homem e mulher, homem e mulher juntos. Essa coisa de só homem, só mulher, só homem, só mulher e as crianças vamos fazer como para nascer? Não é? Os bichinhos fica tudo louco! Não, é homem e mulher junto. Eu gosto de mulher cantando, mas baterista... baterista homem é melhor por que precisa mais força. Então é assim, eu acho que é legal essa coisa de homem com mulher” (Dulce, 40 anos).

Ao namorar *punks* estavam sendo fiéis ao seu grupo, e ao mesmo tempo, correspondiam ao papel esperado de uma *garota punk*:

“Pra mim não existe outra forma, se eu quiser um para mim, não pode ser de outro plasma, não dá. Não dá junção, sabe, não funciona. Tem que ser amálgama mesmo, senão não vira. Senão eu vou ter que ficar procurando uma outra pessoa, mas eu não tô procurando, uma outra pessoa nesse contexto. Porque só esse contexto me basta, eu sou muito feliz” (Dulce, 40 anos).

O respeito também estava ligado à fidelidade ao grupo, existindo uma exigência implícita para que namorassem rapazes do grupo. É como se elas assumissem a responsabilidade de não se corromperem e não flertarem com tudo aquilo que pode ser identificado como pertencente ao sistema:

“É, sempre namorei punks, todos punks, todos que eu namorei na minha vida, não vou citar nome pra não ficar chato, eram todos punks conhecidos assim é...nunca foi, talvez porque não aconteceu o casamento, ou talvez por eu ser muito independente o punk me deixou independente, o punk me deixou diferente. Ser punk me deixou diferente, me deixou independente. Dá um som isto aí, não feminista, porque eu não sou feminista eu sou feminina é diferente, sou mulher e é diferente” (Laura, 40 anos).

Mas elas mesmas revelam que nem sempre os garotos agiam da mesma forma quando escolhiam uma namorada. Eles podiam arranjar namoradas fora do grupo²¹, desde que correspondessem ao papel esperado de uma garota. Para ser namorada de um *punk* a garota deveria se valorizar e obter o respeito dos garotos:

“Não é... Eles são meio cruéis, né! Os meninos punks, eles são meio cruéis mesmo. E eles chegam com tudo em cima de você, porque você é mulher, eles chegam com tudo mesmo... Só que se ele encontrar resistência, ele pára. Se eles tiverem uma menor possibilidade de zoar, eles zoam mesmo, porque eles são homens! Isso daí é o que diverge, os homens são os homens mesmo. (...) Tô falando de nós mulheres, porque cara, eles vêm com tudo! Cabe a você ... entendeu ‘Oh, péra lá!’ Aí eles começam a te respeitar, agora quando te respeitam aí você vira namorada, hein! Entendeu? Quando te respeita, então é assim que tem que ser. Pode curtir, lógico que pode, mas não vem dançar a bundinha do Tchan assim, não vem dar uma de vadiazinha. É carne fresca em boca de cachorro! Não sobra nada para contar história, não adianta nada reclamar depois. E não é só dos punks, vai buscar modelo também, as minas são destruídas, são abatidas que nem eles falam. Isso é um abate né!” (Dulce, 40 anos).

Algumas garotas já percebiam e denunciavam esta diferença de atitude dos rapazes, assim como o papel secundário que cabia às mulheres:

“Como a mulher passava um monte de coisa dentro do Movimento... pelo punk ser liberal, ser tudo...era várias discussão que eu tinha e discutia mesmo, eu pegava pesado mesmo, discutia rodas e rodas é que eu não aceitava esse tipo de coisa. Eu falava assim: ‘O punk ele é liberal, ele é coisa de...não sei...de ser liberal, de aceitar tudo, todo tipo de classe, toda espécie de gente. E na verdade

²¹ Caiafa (1983) observou a mesma situação em relação à “mina *punk*” no Rio de Janeiro: “(...) Eram meninas cujas roupas denunciavam esse outro mundo das classes favorecidas que os *punks* divisam confusamente na noção de “sistema”, por quem sabe que são “oprimidos”, que eventualmente desejam (na medida em que precisam alugar aparelhagem para shows, arranjar dinheiro para ter onde ensaiar, pegar ônibus e chagas aos discos e vídeos das bandas com que se agenciam para protestar) e que atacavam em suas músicas e *fanzines*. Elas eram os que os *punks* chama de “gugunas”. Sua circulação no grupo foi muito fácil, foram recebidas como “a mina que tá com...”, porque logo alguns *punks* assumiram-nas como suas minas. Eu via isso um pouco de longe, um pouco de lado, como foi um tráfico fácil, como não houve a mínima resistência.” (pág. 67). Mais adiante descreve uma situação que pode ser resumida pelas palavras de Karna, uma mina *punk*: “Estamos como as minas de SP, bem afastadas dos caras” (pág. 110); e continua descrevendo os acontecimentos: “(...) Era o estrangeirismo que eles desejavam. Naquela noite vimos os caras gugunando no Circo. É que os *punks* não querem as minas *punks*. Recusam as mulheres do próprio grupo. A mina *punk* se defronta então com uma situação absurda: ela não pode transar com os caras de fora porque boys não são permitidos (a situação da mina *punk* que encontra um cara numa festa ou shows e fica com ele é inviável) e não pode transar com os *punks* porque eles querem outras. Tanto mais não atraem porque são *punks* mesmo” (pág. 110).

cês são tudo uns burgueses. Pequenos burgueses você são! No fundo, no fundo cês quer uma mina caretinha, virgem pra casar sabe! Essa é a verdade dentro do punk. ' Nossa! Isso deu muita confusão!'” (Bia, 41 anos).

Para as garotas, o casamento e o nascimento dos filhos provocavam uma alteração na forma e na frequência da participação, principalmente com o nascimento das crianças:

“Ou então se afastava e simplesmente continuava, porque pelo que eu me lembro da época... eu fiquei grávida muito cedo... então tinha coisas que não tinha como eu ir porque eu tinha o meu bebê, então eu tinha que cuidar, eu tinha compromisso com a família, com blá, blá, blá...Então o que você tinha que lutar, a sociedade, a família, é... tudo, tudo. (...) Porque na época, o pai dela tinha 19 e ele era punk também, né! Não deu certo entendeu? Foi uma confusão danada, foi um reboiço danado das famílias, porque aí não foi nem Movimento foi negócio de família mesmo” (Laura, 40 anos).

Casar muitas vezes significa afastar-se ou abandonar o Movimento, fato que não é questionado pelo grupo, mas visto como um caminho natural a ser seguido, principalmente pela mulher:

“Não! Sempre participaram bastante! Tinha bastante, né. Só que era diferente dos homens, elas casaram e muitas, né... Sumiu, né! Casou e algumas... só que quando tem som que vai assistir tal. (...) Ah! Tem... Elas faziam fanzine, tinham umas que faziam fanzines. Tinha banda só de mina... Ah! Legal! Legal! (...) De jeito nenhum. De jeito nenhum. No... no punk e no rock não tem preconceito nenhum. Tem pá de banda de mina aí, os marmanjão vão tudo lá. Até gostam, né, porque é banda só de mina, né... Elas tão... É por que aqui tem, né... E está aparecendo banda de mina” (Miguel, 55 anos).

Contudo, nem sempre afastar-se fisicamente do Movimento é considerado por elas como um abandono. O *ser punk* está interiorizado na pessoa, isto faz com que se sintam *punks* em qualquer lugar. O afastamento é visto como algo passageiro, é circunstancial e não um desligamento:

“Me encontro em som. Me encontro. Tenho grandes amigos punks. Todos os meus amigos eram punks na época que eu comecei a curtir e ainda continuam. Ainda continuam sendo meus amigos... (...) Eu dei umas breçadas dei, dei. Por causa da família, por causa de filho, por causa da faculdade eu dei uma breçada. (...) Dei mesmo umas grandes breçadas, mas sempre ouvindo o som, sempre sabendo o que estava acontecendo. De vez em quando eu ia num som, ia em outro, não era uma coisa constante como se tornou de uns anos pra cá. De

uns anos pra cá, se tornou mais constante. De uns anos pra cá eu vou mais em som, eu converso mais com os punks, eu vou na Galeria, vejo um, vejo outro” (Laura, 40 anos).

A idéia de abandonar o *estilo punk* quando se torna adulto aparece como algo muito mais externo do que interno. Há pressões sociais para que esses jovens mudem de postura e a sua forma de estar na sociedade. Os depoimentos indicam que há uma trégua social capaz de permitir a adesão ao *estilo punk* enquanto são jovens, mas uma nova postura deve ser assumida:

“Eu tinha uns 2 anos de banda! Cê vê que tem um negócio que punk tem que ser adolescente. Você pode manter algumas coisas de adolescentes aí... o cara vai te encher o saco! ‘Você tá meio grisalho’. Se bem que eu tenho o cabelo branco desde os dezesseis de idade, mas é o espírito. (...) Eu prefiro ainda manter o espírito de revolta, de não concordar. É meio adolescente um pouco. É uma esperança de adolescente de mudar as coisas, isso aí a gente não pode perder nem um pouco da criança que a gente é... É isso aí, essa coisa de brincar, que eu tenho contato com a minha filha, fico conversando com ela e tal, é legal, converso com ela e encontro um pouco disso aí...” (Edgar, 41 anos).

O discurso de não querer ser parasita talvez seja uma forma de conciliar o “ser adulto” e o *ser punk*. A forma de *ser punk* não é compatível com o parasita, significa assumir uma posição na sociedade que contemple suas reivindicações e crenças:

“Ele também tá querendo sobreviver no sistema. Ele vive no sistema capitalista. Eles vivem aqui, não vive longe daqui e muita gente não percebem isso, aí por exemplo, eu já vi cara que falava que era punk uma época atrás, se bem que diminuiu bastante catava comida no lixo, porque é contra o sistema e vive do resto do sistema? Então eu não sei... ou quer criar um outro sistema. Mas viver de resto não sei se é a melhor atitude para lutar contra o sistema, porque se você está catando resto de comida do sistema você também tá fazendo parte do sistema... tá economizando trabalho, não sei, nós somos punks de outra época, digamos, uns punks que já não gostavam de nada, somos contra essa idéia do punk ser contra o punk, tem hora que enche o saco isso aí também, ser tão contra a gente tem que sobreviver e viver no sistema, mais que sobreviver, viver mesmo como é que vai viver. É estranho” (Edgar, 41 anos).

Atividades ligadas ao *punk* como confecção de roupas, *pets* e cds para venda podem manter o indivíduo por mais tempo no grupo. Mas o reconhecimento é um elemento importante de permanência. As atividades realizadas no *punk* trazem uma

valorização pessoal que nem sempre existiria fora do grupo. O reconhecimento no interior do estilo, que reforça o *ser punk*, mesmo depois de se tornar adulto:

“É! É uma banda punk! (...) É, desde 80... (...) É começou. Tem que ter as bandas que começaram, né! (...) Não, no começo tocava direto. A gente tocava direto, Cólera, Inocentes, Olho Seco, Ratos de Porão que veio depois, né! É...uma pá de banda, aonde tinha lugar pra tocar a gente ia tocar. Sempre tocamos de graça, nunca ganhamos nada...Aí mandou este disco para a Maximum Rock’n’ Roll, né, que tinha contato com o Jello Biafra, o Jef..o cara...o cara que fundou esta revista, Maximum Rock’n’Roll, ele faleceu também. É...aí eu mandei o vinil pra lá e veio né, os caras comentando, falando bem pra caramba. E minha banda fazia hardcore, e eu nunca...a gente nunca tinha escutado esta palavra. Aí fomos procurar o que que era, né. (...) E os caras gostaram pra caramba lá fora, gostaram de todas as bandas, né. E aí saiu um compacto na Alemanha da nossa banda. E aí putz os caras!...Finlândia. Sei lá, acho que é isto daí. (...) Também! Nós fomos pra Alemanha, os alemão cantando em português. Já pensou? Você sobe no palco e vê alemão cantando em português! Cê fala: “Caramba meu! Que legal né meu!” (Miguel, aproximadamente 55 anos).

Muitos se percebem diferentes em relação aos outros, mesmo depois de ter a vida estabilizada e ter se tornado adulto. Sentem-se constrangidos por estarem “inseridos no sistema”:

“Tem época que a gente fica punks ocultos. (...) Punk oculto é o punk que tá na sociedade mas não precisa da sociedade perceber que ele é punk. Aí ele faz uma microsabotagem, até no dia-a-dia, a gente pegou isso dos cubeiros, isso, né, o anarquista no centro de toda cultura social. Ele falava que o cara é anarquista tentando mudar o cotidiano, aí você esbarra num monte de coisas é difícil você mudar o cotidiano, porque a ordem tá no dia-a-dia. Quando bate o sinal da escola, o sinal da aula, como é que você vai... É a questão de anarquizar então... é meio difícil, mas eu me vejo como uma pessoa que tá querendo viver de um jeito melhor na vida punk” (Edgar, 41 anos).

O *estilo punk* é sentido entre os seus integrantes como uma fase, é uma fase que passa, mas que não está relacionada ao *ser punk*. Existe a percepção de que a vivência no *punk* é diferente quando se é jovem: ela é mais ativa. Está ligada ao curtir o máximo possível todos os momentos com os amigos e estar sempre envolvido com as atividades e propostas do grupo. Esta vivência se torna mais passiva. Muitos elementos que, ligados à rebeldia, são abandonados, revelam que estavam ligados ao momento da juventude. Porém, uma vida adulta desprovida de grandes emoções e que não proporciona aos indivíduos um reconhecimento pessoal pode fazer com que se recupere a *identidade punk* como um elemento prazeroso da vida. O *ser punk* se modifica sob a forma de uma *subjetividade punk* que se expressa através da *consciência punk*:

“Não, acho que quando a gente é mais novo é aquele lance da... eu nem critico também porque todo mundo já passou por essa fase, não é? O lance mais novo

que você pensa em entrar no movimento e é tipo zoar, bagunçar, e com o tempo a gente vai adquirindo experiência, vai descobrindo verdadeiramente qual que é o sentimento mesmo da palavra punk, e coisa e tal, e nesse aspecto que a gente vai aos poucos se descobrindo, eu via o que vinha significar a palavra punk. (...) Assim, é... é questão do radical, assim, da própria maturidade, se começa assim naquela fase pré-adolescente e a infância e a adolescência estão nessa fase e você quer mais é aproveitar a vida e coisa e tal. Às vezes também acaba fazendo errado, mais isso daí com o tempo a gente vai consertando e aí aos poucos vai aprendendo realmente o que é ser punk” (Geraldo, 36 anos).

Estes punks mantêm seu discurso com o passar dos anos, crêem na revolução interna e não se cansam de citar o sonho de um mundo mais fraterno:

“Consertando no aspecto de, de digamos assim, digamos de maturidade mesmo, de você ver qual é realmente o aspecto do punk, como eu disse no começo, e envolve apenas coisas de sonhos e tal, mas sim do dia-a-dia, a própria revolução é essa fase que eu acho que é a revolução interior pra ver o que é certo e o que é errado, tá ligado então, se fala da revolução interior que vai te indicar o caminho certo, aí o que é certo e o que é errado, então a sua própria revolução interior que vai te indicar o caminho certo aí nessas paradas” (Geraldo, 36 anos).

O punk passa a ser uma forma de se manifestar que possui elementos do que consideram ser características da juventude: é moleque e alegre. Acreditam que o punk imprime estas características ao adulto punk:

“Isso! É isso que eu quis dizer, que é essa, essa coisa do punk é uma coisa jovem. Se você for pensar ela é jovem. Ela traz aquele instinto jovem, aquela coisa jovem, da molecagem, entendeu? O punk é moleque, o punk é meio molecado. Ele anda meio torto, não tem aquele padrão de sociedade, ele é fora do padrão de sociedade do padrão de sociedade. Então a idéia é... a associação que eu fiz é que ele é mais para o jovem do que para o... quem está adulto, mas isso não significa eu como adulta, porque eu sou adulta, entendeu? Deixe de pensar como jovem e deixe de andar de visual, ou deixe de fazer determinadas coisas que eu acho bacana fazer ainda” (Laura, 40 anos).

O passar do tempo, muitas vezes, não é um fator que faz com que se desvinculem do grupo, e sim lhes traz boas recordações e, com isso, procuram manter os vínculos de amizade:

“Quarenta anos, você olha para trás e vê o que passou, e eu fui absolutamente honesta comigo, porque o que me interessava era esse contexto do bar. Adoro

trabalhar aqui, às vezes eu vejo quatro bandas por dia, nem sempre boas. Tem muita porcaria, mas eu tenho senso crítico apuradíssimo, imagina minha correspondência começou com quatorze! Imagina como foi isso! Aquela exposição do Sesc, que teve aquelas fotos, eram só das correspondências que eu fazia (...) por conta dessas informações que eram muitas. Eu tenho hoje vários álbuns de fotos, tenho muita coisa documentada assim, mas assim, criei vínculos de amizade muito forte, com as pessoas de fora, mas vínculos mesmos não só de mandar músicas, mas mandar o café pro polonês que não tinha. Mandava uma calça George para um amigo que não tinha, e também fazíamos troca de disco com quem não tinha. Depois eu vendia na Galeria, os discos, pegava a grana e comprava algumas coisas que a gente precisava, e, às vezes, era tudo pelo correio! E eu acabei ficando viciada nessas correspondências, porque era muita informação que eu tinha, e ainda não tenho muito contato com a Internet, não é uma coisa que me atrai...” (Dulce, 40 anos).

Os laços sociais puderam ser reconstruídos através da tradição *punk* e da relação de reciprocidade que o grupo propicia. As amizades, a música e a *consciência punk* dão a sensação de continuidade ao *ser punk* na vida adulta. Os laços de amizade e o sentimento de comunhão são levados para a vida inteira:

“Tem... ah! Meus amigos mesmo é só cara que curte som, curte punk, rock. Porque tem cara que não curte rock, curte tudo. Em geral o mundo rock. Ah... meus amigos que eu tenho é aqui mesmo porque... Ah! Porque lá onde eu moro, eu não tenho amigo não... tenho é parente.

E é boa a relação com os parentes?

Legal, legal. Ah! Que se... ‘Opa!! Tá bom?’. ‘Bom’. Vai embora, né. Agora aqui não, todo dia o cara tá aqui, tal...” (Miguel, 55 anos)

Ser punk reflete uma resistência ao sistema excludente através de uma forma de viver que está relacionada ao sentimento de ser diferente de tudo aquilo que está instituído. E *ser punk* relaciona-se ao sentir-se *punk*, é algo que existe dentro da pessoa. É um aspecto singular da identidade do indivíduo:

“Mas você é punk?

Me sinto punk.

O que é se sentir *punk*?

É não concordar com essas putaria, não concordo com a estrutura da sociedade” (Edgar, 41 anos).

A opção não exclui a vida em sociedade, através do *punk* negocia-se a vida em sociedade. *Ser punk* é ser livre para realizar essa negociação:

“Foda-se! Eu vou no shopping center, na hora que eu quiser, sou livre não sou? Se eu quiser entrar lá eu entro, eu entro onde eu quiser, eu vou onde eu quiser. É isso que talvez que não tenha palavras pra dizer, mas que talvez consiga entender o que eu tô querendo... ser punk é ser livre, pra você andar do jeito que você quiser...” (Laura, 40 anos).

E Geraldo completa:

“A questão de ser ou não ser punk eu acho que é um lance assim que não envolvem muitas coisas, eu diria hoje, que é costume falar com os conhecidos, né? Com os camaradas que é uma coisa que não existe um lance assim de você ... É uma questão de você se identificar com o negócio, porque infelizmente o que acontece na cena atualmente de uns dez anos pra cá, acontece na cena, você tem rótulos e se esquece da verdadeira proposta mesmo da cena underground, seja lá punk, ou qualquer outra tendência, então eu me considero punk não pelo lance assim do movimento em si, mas pelo lance e o lance dia-a-dia, da luta do dia-a-dia, seja a respeito de trabalho, seja a respeito de qualquer outra coisa que você vai fazer, pelo qual você está sendo explorado pelo governo de todas, de qualquer maneira, de todas as formas. Então eu acho assim que o lance assim de você ser punk, seria assim ainda mais, teria mais a ver com esse aspecto de você lutar contra aqueles que te exploram, eu que acho que o verdadeiramente punk, no contexto” (Geraldo, 36 anos).

O sentimento de exploração e do impedimento de participação faz com que esses adultos ainda sintam-se *punks*. Percebem a forma diferenciada de estar no mundo ao se relacionar com as pessoas, com as instituições. Permanece a sensação de não estarem sendo considerados e sim explorados:

“Aí eu não sei, né! Eu já nasci punk, eu não assumi nada, eu já nasci.

E como você soube que nasceu punk?

Ah! É porque... acho que... Entra no serviço cê tá a fim de ir, mas, sabe! Puta eu entrava no serviço, primeiro trampo eu queria saber disso, queria saber daquilo. Porque eu tô ganhando pouco né, pelo que eu faço? Nossa! Toda firma que eu entrava ou mandava embora ou eu saía porque não tava contente. Sabe...nossa, o último trampo era chato, fui lá falar com o proprietário. O segurança chegava: ‘Que, que você quer?’. “Sei lá quero falar com o proprietário da fábrica’. ‘Mas você não pode subir aqui.’ ‘Mas eu tô aqui, quero falar’. Fui lá pedir um aumento pro cara...” (Miguel, 55 anos).

A *identidade punk* também pode ser vista como uma tentativa de negação da vida como é proposta por essa sociedade. Ocorre uma busca por uma vida melhor e de

um lugar onde se possa ser reconhecido. Os integrantes da primeira fase não querem ser mendigos ou parasitas, querem reconstruir os laços sociais perdidos que permitiam a todos se sentirem sujeitos de suas ações:

“Não necessariamente, porque também eu sei fazer outros serviços que não tem muito a ver tipo assim como eu te falei que eu trabalhava em banco uma pessoa que é mais radical vai até achar contraditório, um punk ficar mexendo com dinheiro que nunca vai ser seu. (...) Acho que o trabalho é dignidade, independente de qualquer trabalho que você faça, mesmo o cara vendendo pipoca, um cachorro quente. Acho que qualquer trabalho que se faça eu acho que é um trabalho digno, independente da... da... profissão que o cara tá exercendo. Agora o que eu não concordo de maneira nenhuma que é uma outra ala radical do movimento, né? que acha que ser punk é só vestir um visual podrão, fica jogado na calçada, enchendo o cu de cachaça, dizer que tá lutando e se revoltar contra o sistema, então, acho assim que pessoas que tem essa idéia, pra mim não é punk, é hippie” (Geraldo, 36 anos).

Edgar completa narrando sua experiência pessoal:

“Eu tava largado, não tinha casa. Teve momentos em que eu não tinha casa, perguntavam: ‘Onde você mora?’ Eu demorava para responder... Onde eu moro mesmo? Eu moro no Fim do Mundo. Moro na parte habitada do mundo. Comecei a pensar um pouco digamos... A gente quer sair tanto do sistema, começa a perder os pontos de referência, que você precisa trabalhar, estudar, morar. O sistema é mais ou menos isso, né? Quando você não tem esses pontos, você fica meio no ar e corre o risco de ficar meio parasita dos outros que fazem isso no sistema. Aí é foda. Nunca gostei de fazer isso, sempre gostei de me virar, então eu vi que estava ficando meio sem teto, digamos” (Edgar, 41 anos).

Ser punk é a busca por algo diferente da imposição do social. É procurar ter um “lugar ao sol”, mas longe das normas injustas que encobrem as “cartas marcadas”, num mundo onde poucos podem escolher:

“E eu trabalhava por uma questão de decência e sobrevivência. Não é porque era Banco que eu não tinha que trabalhar! Oh! Que história era essa! Eu ia viver do que? Ia roubar, matar? Não. Ser punk não é ser um ladrão, ser punk não é ser assassino, ser punk não é roubar, ser punk não é agredir ninguém. Ser punk é ser uma pessoa que busca pelos seus ideais, e eu busquei pelos meus da forma que eu achei melhor. Trabalhando, estudando, fiz faculdade” (Laura, 40 anos).

É, também, poder viver da forma que o indivíduo acredita. Poder escolher uma forma de viver, que não é necessariamente a da sociedade de consumo:

“Eu não tenho apego ao dinheiro, e eu não consumo nada, tudo que eu tenho é ganhado, há muito que eu não compro uma roupa, ou é a minha cunhada que me dá...E camiseta eu tenho porque eu faço, eu estampo camiseta, senão nem teria camiseta. Mas assim, se eu puder comprar, eu vou lá e compro uma calça, não preciso de mais do que isso. Minhas calças duram cinco ou seis anos, enquanto tiver boas, eu não compro outra, porque eu não tenho esse vício do consumo. O punk veio, isso daí me ajudou muito hoje, no tipo de vida, porque assim, no mundo, tem aqueles que consomem e os que não consomem, os punks tão do lado de quem não consome. E eu tô do lado de quem não consome, porque tá tudo muito sujo, é muito lixo, tudo descartável, inclusive as pessoas. Vai transferindo para as pessoas, não é só o carro que não presta, a mulher também tá meia boca, as crianças, então tudo se joga fora... tudo se descarta... pega a família e joga no lixo, a mãe você pega ... Ah! Vamos parar com isso! Vamos valorizar as pessoas, tratar bem as pessoas” (Dulce, 40 anos).

O punk não é uma representação, uma máscara usada em momentos específicos, mas é a incorporação do estilo e sua vivência em todos os momentos do cotidiano, é a maneira de vida escolhida:

“Aí... é que tá. Tem uma coisa que eu acho bem interessante nessas entrevistas, quando você começou a curtir punk? Então, assim, desculpa, mas eu vou corrigir a frase. Punk não é curtição, é um estilo de vida. É um modo de vida, então eu acho que curtir não é exatamente a palavra que eu usaria nesse caso, mas quando você entrou no Movimento Punk, quando você começou a vivenciar o Movimento Punk, porque eu acho que a palavra curtir dá impressão que tá falando daqueles moleques que dizem assim: ‘Ah! Eu gosto do Iron Maiden.’ Mas é só porque ele está vestindo uma camiseta do Iron Maiden, quando o certo é falar que você vive nesse Movimento, e não que você curte. O punk, não é só curtição, e um modo de vida, é um lance da própria maneira de viver, da própria opção de vida. Então eu acho que o punk, não é só curtição, é uma maneira de vida” (Geraldo, 36 anos).

Os punks da Era das Gangues (1986 a 1996)

A Segunda Fase já se caracteriza por ter um Movimento *Punk* construído. Aqui em São Paulo estava organizado em gangues. Ainda existiam algumas bandas, mas não havia espaço para elas, tanto para se apresentarem como para qualquer forma de atuação. A mídia foi bombástica em utilizar o *punk* como modelo de excentricidade (quando ligado à moda e aos costumes) e à violência (quando ligado aos jovens nas ruas). Tornou a novidade em um produto a mais. As bandas que sobreviveram à “Guerras de Posturas” foram absorvidas pela

indústria fonográfica, outras retornaram aos guetos ou acabaram. É o momento da “Era das Gangues”:

“O Pânico 70 ele ainda conservava algumas práticas antigas, por exemplo pra entrar na banca tinha o batismo, tinha o batismo né... tinha.... a violência era bastante constante porque como era uma banca que andava junta pela rua acabava tendo aquelas velhas coisas de punk correr atrás de heavy metal, é...tinha coisa com os carecas também, tinha uma violência...uma rivalidade com os carecas e até com punks de outras regiões” (Frederico, 26 anos).

A identificação com o visual também estava presente nesse momento. Era uma forma de se entrar em contato com o estilo e mostrar seu pertencimento. Mas ele não definia um *punk* apenas pelo seu uso, nesse momento o grupo já tinha elementos simbólicos para atestar quem possuía ou não a *atitude punk*:

“Aí eu me identifiquei, quando eu vi aquela galera eu falei: ‘Pô esta é a minha turma’. Esta é minha turma e a partir daí eu comecei a freqüentar o ‘point’, aí eu tive muita dificuldade também logo no começo, porque assim no começo, nesta época você freqüentar com os punk você tinha que ser cabra macho mesmo, você tinha que... Assim existia uma certa... não era você ‘colar’ e tipo... eu apanhei de gente, de punk, apanhei o cara falou assim: ‘Ah! Eu quero ver se você é punk mesmo e tal pá’. Sabe tinha esta coisa mesmo de você bater o pé e dizer que... se você corresse aí que você não tava pronto. E hoje não, hoje todo mundo é aceito existe todo um... né!” (Pedro, 29 anos).

A partir da transformação do *punk* em produto que poderia ser comprado nas lojas, nesta época era preciso afirmar que os integrantes do grupo deveriam ser pobres, excluídos socialmente para serem considerados verdadeiramente *punks*. A legitimidade estava muito ligada à contraposição do “boy”, do burguês identificado como todo aquele que podia consumir. O *punk legítimo* não estava ligado ao consumo:

“O que aconteceu com o anarcopunk assim... foi o que aconteceu com o punk em geral, que o punk antes era um negócio assim que burguês não entra, era exclusivo do pessoal de periferia, do pessoal pobre mesmo, digamos assim, entre muitas aspás, era uma diversão perigosa, era viver perigosamente, não era pra qualquer um. E sei lá, hoje em dia tem muito mais burguês no movimento punk, tem burguês nos anarcopunks também” (Mario, 27 anos).

Essa diversão perigosa significava perambular pelas ruas com medo e ao mesmo tempo com coragem para enfrentar o combate. O inimigo era a polícia, os outros punks, carecas e skinheads:

“Sinceramente não perdi muita coisa, só perdi três amigos, amigos assim de rolê. Isso foi assim de ir pro som e de repente encontrar com os skinheads e sai treta física. Isso é perda total, né? (...) Isso foi cruel, eu perdi muito no punk, é isso que é ser punk. O que eu perdi? O que eu perdi? Mas já perdi vários outros amigos que não tinham nunca se identificado com o movimento punk. (...) A questão é do ganguismo, de violência. Eu sempre falei, abre seus olhos, o ganguismo é uma coisa que você não pode pensar que é igual o do subúrbio que eu moro. Tem umas diferenças que resistem até hoje, os punks daquela época resistem até hoje. Os ganguistas, claro, eles me conhecem... Eu sou o Renato do subúrbio, eles me conhecem, só que quando eu vou até lá é outra visão. Só que desta forma eu já perdi dois amigos no passado, por questão de violência, por questão de bobagens” (Renato, 25 anos).

A violência era simbólica e real, e por causa disto, muitos dos informantes foram abandonando o visual. O visual os identificava como alguém que poderia ser alvo de agressões:

“Também oh, uma coisa aqui em São Paulo que desestimula muito isto é a questão da perseguição que há com... a perseguição que há de gangues.(...) Prefiro andar assim, ser tido como um “Zé” mesmo igual a todo mundo do que andar diferente e ...mas também meio que na paranóia na cidade. Sabendo com quem tá, quem tá olhando pra você, é meio que paranóico assim eu procurei já me... evitar este tipo de coisa, andar mais tranqüilo e tal como todo mundo” (Pedro, 29 anos).

Como vimos na fase anterior, abandonar o visual também é algo que vem com a maturidade. O trabalho e o fato de constituírem família os pressionam para o seu abandono, mas sobretudo essa mudança surge com a maturidade e a consciência de que não vale a pena arriscar a vida por ele:

“É o uso do visual é importante... foi importante, mais antes do que agora, a ponto de cê se arriscar para usar um visual, e ainda é importante, mas como eu falei é um risco, porque a sociedade é violenta e você pode acabar sendo... recebendo um tiro por causa do visual, então você não se arrisca tanto agora. Você não vai ficar saindo com o visual, você acaba tendo mais receio. (...)É você vai tendo mais cuidado, você conhece as coisas, como que é. Você sabe que você pode apanhar, tomar um tiro por causa do visual então você acha que

não vale a pena sair assim desse jeito, mesmo que seja um visual meio discreto...” (Marcos, 32 anos).

Como vimos, a absorção do visual por outros grupos e pela mídia também é um fator desestimulante. Isso vai fazer com que o *ser punk* passe a ser identificado como algo interno da pessoa, da consciência e não do externo, da aparência:

“Dá tanta bronca você ser confundido com galerinha descolada, fashion, aí e tal, vira a maior moda, aí tenho vontade de usar uma roupa mais despojada assim” (Mario, 27 anos).

O visual passa a ser algo que representa os sentimentos das pessoas, ligado a um gosto pessoal ou a um sinal de pertencimento ao grupo, mas não um elemento definidor da *identidade punk*:

“Eu acho que hoje em dia é...isto ficou um pouco mais diluído, porque afinal a indústria da moda acabou de tal forma se apossando do visual punk e acabou transformando ele num produto pra ser exposto nas passarelas e um produto vendável pronto pra ser comercializado, então eu acho que o visual acabou perdendo um pouco da sua força. Eu acho que destas formas de expressão do punk, eu acho que nem tanto a música, é a mensagem né...por que eu acho que as mensagens continuam sendo mais atuais do que nunca, mas o visual eu acho que, por conta desta diluição, ele acabou perdendo um pouco da sua força. Embora eu acho que hoje é se eu colocasse um visual seria muito mais por uma questão estética, uma questão daquele visual afetar minha sensibilidade e eu me sentir bem, me expressando daquela maneira, mas eu acredito que perde muito da carga ideológica mais radical” (Frederico, 26 anos).

Os *punks* deste momento já tinham um Movimento pronto com o qual podiam se identificar, esse estilo não precisava ser construído. Possuíam símbolos, máximas compartilhadas, um espaço, bandas, *fanzines* e, também, uma *ideologia punk*²². O *punk brasileiro* possuía elementos que o definiam, não era mais imperativo o uso do visual como forma de defini-lo:

“Eu ser punk...é difícil falar isso, o que levou a ser punk...Acho que era uma coisa que já existia e aí quando você é adolescente você procura se apoiar em alguma coisa né. Então acho que foi isto que me levou a ser punk. Acho que tinha um...sei lá, uma coisa que dá um sentido na sua vida, na adolescência, dá

²² O que os *punks* chamam de *ideologia punk* refere-se a um conjunto de idéias que foi se transformando ao longo do tempo e nesta fase está intimamente ligada à ideologia anarquista, a forma como ocorreu esta ligação foi contada no item “Anarquia *punk*”, do Capítulo III. Nesta segunda fase, *ser punk* era sinônimo de ser anarquista. A transformação ocorrida no *discurso punk* será discutida no final deste capítulo.

um sentido. Então foi assim. (...) Hoje você já cria raízes, as pessoas já te conhecem como punk, como ex-punk. Então... faz parte da identidade, faz parte daquilo lá cê tá, meio que preso àquilo (...) Pô é que o punk tinha esta contestação do sistema, esta crítica política que os outros não tinham. Os outros eram apenas moda, música, música e estilo de visual assim... O punk já tinha uma crítica, era mais interessante que os outros, era mais sei lá... é o que mais me atraiu” (Marcos, 32 anos).

Mesmo estes punks acreditam ter tido pouco acesso às informações sobre o grupo, o que não deixa de ser real quando comparados aos punks da Terceira Fase. As notícias sobre eles estavam muito mais ligadas à violência do que à sua produção cultural. A violência atribuída aos punks pela mídia e pela sociedade reafirma esta característica nos punks desta fase:

“Antigamente não existia isto, uma biblioteca, hoje tem espaços culturais, tem LP pra todo que é lugar, CD, vídeo. Antigamente não! Naquela época tudo era escasso pra gente, tinha meia dúzia de LP, uns fanzines ‘véio’, pintava as próprias blusas, não tinha ‘pet’, não tinha estas coisas todas e...era assim, mas eu fui. Fui a primeira vez, a segunda, a terceira o pessoal já: ‘Ah! Mas quem é este cara tal? Essa carinha de playboy e pá’. Tentaram me botar pra correr, não corri e no outro final de semana tava lá de novo, aí entrei numa banda e o pessoal foi criando confiança foi gostando de mim. A gente foi fazendo as coisas, foi sentindo que era ponta firme e... Hoje não, hoje é mais maleável, né...” (Pedro, 29 anos).

Mesmo assim, o caráter artesanal do faça você mesmo permanece. A precariedade da música, dos lugares para frequentar e para tocar também estava muito presente neste momento. Com a sua imagem associada à violência não havia mais espaços para o punk a não ser o das ruas:

“Com o tempo todo mundo começou a conhecer mais sons e hoje qualquer um entra na Galeria e fica sabendo de trocentas bandas de punk rock, trocentas bandas de hardcore. Não era, naquela época, que você ouvia uma fitinha, tinha aquela fitinha velha que corria na mão de todo mundo, uma fitinha pra trinta figuras. Então era mais difícil, pra descolar um fanzine com uma foto da banda, era o maior trabalho, então o pessoal acabava influenciado um pouco por isso também, a música e o visual” (Mario, 27 anos).

A identificação ocorre através da música – representa a arma punk e um veículo de transmissão da tradição punk - mas agora os punks possuem uma ideologia que complementa sua identidade. A ideologia punk nesta fase é construída a partir de elementos da ideologia anarquista. Entre os punks da primeira e segunda fase esta ligação está mais diluída:

“Era só curtidão de música, era só de música. Quando eu comecei a me politizar, em 97, foi quando aí eu comecei a me identificar mais com a tendência e a cultura punk. Eu comecei a ser mais ativista no movimento e

comecei a valorizar mais a cultura punk, de como é ser punk, valorizar mesmo. Como muitos jovens falam, a raiz do punk, dos punks do anos 80, já ouvi falar também. Aí, desses tempos pra cá, comecei a participar de vários eventos, fanzine, debates, manifestações” (Renato, 25 anos).

A *ideologia punk* vinha sendo gradualmente elaborada na primeira fase, mas se constitui, na segunda, fundida ao ideário anarquista. Neste momento todos se consideram anarquistas:

“Então, eu sempre gostei do rock’n’roll e... e o punk eu acho que é a vertente mais moleca assim, mais moleca no sentido de mais explosiva e mais enérgica do rock. E então todo mundo que ouve rock’n’roll acaba ouvindo punk. Aí a coisa vai de gostar ou não, né? Em quem bate, geralmente a coisa acaba ficando meio que como uma maldição assim pro resto da vida, porque daí você primeiro começa ouvindo a música, mas aí você vai descobrir que por trás daquela música existe todo um modo de vida, existe todo um comportamento, existe uma maneira de você ver as coisas. Aquelas músicas...por que são músicas que falam muito da vida, que falam...que tentam expressar uma mensagem, uma ideologia. Então eu acho que eu virei punk, primeiro através disso, e depois a própria busca de mudar este sistema e buscar no anarquismo, por exemplo, uma fonte é...acabou forçando mais esta idéia de punk enquanto uma pessoa que não aceita as injustiças” (Frederico, 26 anos).

Neste momento surgem os *anarcopunks* que reivindicam para si o discurso da anarquia com o objetivo de construir um novo *punk* distante da Guerra de Gangues:

“E o grupo que eu tava fazia uma interpretação própria do anarquismo e enfia, restringia o punk dentro disso, e isso era uma interpretação deles, porque eu tinha a minha interpretação que era diferente, só que havia uma repressão muito grande dentro desse grupo com relação ao que você fazia, o que você falava, então não tinha uma maneira de a gente ser diferente nesse sentido. (...) Teve uns amigos que ficaram do meu lado, manteve um pessoal que era bem influente e começou a meter o pau mesmo, falar mau e eu achei uma coisa muito baixa, começou a me fazer mau e resolvi largar de mão, eu tinha saudade de uma coisa que eu tinha vivido, mas naquele momento não correspondia com tudo o que eu gostava. (...) Não, porque eu tinha uma idéia, acho que se o movimento punk fosse diferente, e se ele fosse diferente talvez eu fosse punk até hoje, talvez eu não tava... porque eu gostava muito...” (Mario, 27 anos).

Tanto entre os *anarcopunks* como entre os outros *punks*, cidade ou subúrbio, é necessário manter uma fidelidade em relação ao grupo e à *ideologia punk*. O grupo exige de seus integrantes *atitudes* consideradas legítimas:

“É, exatamente. Então tem estas coisas tipo...é... tem esta cobrança também no meio, uma certa vigilância tipo cê publica uma coisa no jornal ‘ah! Você falou isso? Ah, você traiu!’. Mas então se você trai cê tem que ser fiel? E o que é esta fidelidade? Então tem uma pá de controvérsia que é meio difícil, né. É meio

difícil você levar isto assim, né... Quando assim... quando... às vezes, assim... no calor das euforias a gente passa por cima disto tudo: 'Ah! Não vou responder mesmo por isto então'... Mas depois você começa a ter mais cuidado, porque muitos...eu vi muitos amigos saírem magoados do meio, sabe? Pessoas que por injustiça mesmo, coisa que... não é legal, são pessoas boas pra caramba, mas alguma coisa ali ainda não deu legal...os punks não acharam e aí são crucificadas, às vezes tem brigas, tem treta..." (Pedro, 29 anos).

Os *anarcopunks* incluíram no seu discurso, de uma forma mais definida, a luta de certos grupos: negros, mulheres e homossexuais. Mas abraçar a causa dos homossexuais foi um rompimento com os outros grupos *punks* e imprimiu nesse grupo uma de suas características mais marcantes:

"É que eles defendem muito isso, entendeu, e isso se formou naquela época de conflitos com as gangues, porque os punks em geral, principalmente os punks das gangues tinham aquela coisa muito machão. Aquela coisa mesmo do brasileiro de 'sou machão' e estar discriminando homossexual, então é o espelho da sociedade, e os anarcopunks acabaram pegando isso como bandeira e acabaram exagerando um pouco. Eu mesmo era daqueles que saíam de saia, de calça agarrada, mas eu sempre fui heterossexual. Então assim, tem muito cara que é heterossexual, mas dá uma de homossexual só pra provocar, isso aconteceu muito, provocar a moral, pra chocar, um cara dava um beijo no outro mas era pra chocar e não porque fosse mesmo homossexual" (Mario, 27 anos).

Nem todos os participantes do estilo concordaram com esta modificação, ligada à inclusão da luta homossexual. No *discurso punk* e com a forma como ela foi posta em prática, alguns abandonaram o grupo dos *anarcopunks*:

"O negócio do sexo livre... na época que eu saí foi na época que rolou esses papos, né, de sexo livre, liberal, de mulher com mulher, homem com homem. Já não é o meu... aí já não é meu papo esse negócio aí. Foi misturando, já tinha até gay no Movimento, aí eu acabei saindo. Foi na época que eu casei também, aí eu saí... Os anarcopunks por causa desse negócio de sexo livre ficou queimado, né. Falava: 'Aquele cara é anarcopunk', já olhava assim... 'Aquele cara é gay'" (Ana, 30 anos).

Outros punks nunca se conformaram com esta desestruturação da identidade punk baseada no “mundo macho”. Com isto, o grupo anarcopunk sempre foi alvo de perseguições. Para o punk das gangues o ideal do homem viril e valente prevalece, e a atitude dos anarcopunks acaba por questionar esta forma de ser:

“Tem medo de dizer porque são poucos, só que assim, vem uma nova onda dentro do movimento, dizendo que é anarcopunks e sai beijando homem por aí, e isso queima o movimento punk. De repente eu tô no centro da cidade e dois anarcopunks sentados numa praça ou sentado em frente de uma loja, trocando idéia e de repente estão se beijando, eu passo ali naquele momento, e vou falar: ‘Pô aquele cara é igual a mim e tá beijando o outro!’ Isso me causa... sei lá... dá licença... Eu deixo passar mas se ele me chamar pra conversar eu não vou, sinceramente eu não vou porque eu fico com medo também da reação deles, porque eles podem achar que eu sou gay também, porque eu não fico puxando muito esse assunto, é outra conversa, se for pelo contrário...é diferente. Agora se os Anarcopunks falam que não existem homossexuais, aí eu não sei...”
(Renato, 25 anos).

A partir dos *anarcopunks*, o papel das garotas começa a mudar. Na verdade elas passam a ter a consciência de pertencer a um grupo específico, o das mulheres, que sofre mais um tipo de discriminação na sociedade:

“Agora no movimento anarcopunk, se tiver os caras que tiver vontade de mexer, às vezes tem uns caras que tem vontade de mexer, mas não mexe, entendeu? Então pra garota punk, ela não encontra muito isso, esse tipo de coisa, o negócio é mais controlado. Só que às vezes as coisas ficam um pouco controladas, às vezes o negócio fica mais camuflado. Tem gente que se modifica e tem gente que só camufla, mas de qualquer forma é uma coisa que não é tão escancarado. (...) Tem porque elas não tem que ficar disputando, é porque as minas do anarcopunk eles acabaram simpatizando assim com o feminismo e tal, então assim, é quase como se fosse um dever moral. Talvez a palavra não seja muito boa, mas assim é quase como assim, se a garota se achasse com a incumbência, com a necessidade de fazer algum grupo de mulheres, então já virou um pouco tradição isso na verdade, pelo menos eu tô falando aqui em São Paulo. Vamos frisar que eu tô falando aqui em São Paulo, não conheço muito mais fora disso, pelo menos não a fundo. Então assim, tem esse costume das mulheres, tem um grupo de mulheres dentro do anarcopunk, e no movimento punk não. No movimento punk, tipo... as mina se encontram, mas não têm uma idéia de formar grupo, até porque os punks em geral, com exceção das gangues, eles não formam grupos específicos, é todo mundo punk, essa coisa de coletivo é mais dos anarcopunks” (Mario, 27 anos).

As garotas anarcopunks passam a aderir ao discurso feminista e denunciam os elementos machistas do estilo punk:

“Ah, Ah. As mulheres também tinham sua... tinham mais movimentação, faziam muitas coisas. Aí, aqui em São Paulo teve a experiência do CAF, Coletivo Anarco Feminista, isso ajudou muito esses grupos específicos, assim de mulheres, delas tarem conversando delas mesmas, com elas mesmas, sobre elas mesmas. Eu acho que isto ajudou muito a aproximação, porque é...é bem mais difícil pra mulher. Ela já vai enfrentar uma sobrecarga de coisas que às vezes o homem nem entende né. E isto ajudou muito a reforçar essa questão feminina: ‘Não, a gente tem o nosso espaço, tal’. Acho legal e a questão do respeito também que isto tem que haver, que pra mulher ela... é muito mais difícil ela adquirir isto né, o respeito das outras pessoas. Que se tá no meio punk o pessoal já acha que se é mulher é de qualquer um, mas não é bem assim. Não é assim” (Pedro, 29 anos).

A inclusão de uma nova postura para as garotas, muitas vezes ligada ao discurso feminista, nem sempre foi bem aceita entre elas, e muitas perceberam como uma imposição que ia contra a forma de *ser punk* – ligada à liberdade. Muitas das garotas, que não são *anarcopunks*, não abraçam a bandeira do feminismo e continuam com o mesmo papel e postura das garotas da primeira fase:

“Aí eu já saí e falei: ‘Eu prefiro ser punk de som mesmo do que ser... esses anarcopunks aí.’ Tem que fazer uma ditadura, ditadura da mulher: ‘Mulher isso, mulher aquilo.’ Homem podia beijar homem, aí começou esse negócio de homossexualismo junto... (...) Não pra mulher não existe não porque o punk não tem regras. Você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo... Não! Eu sempre tive em som, tive em show nunca me tiraram, e eu já fui em show! Comigo não! Comigo não. Há 21 anos no Movimento, não é 21 dias. Que nem eu falo pras meninas, elas bebem enchem a cara e depois tão fora, que que elas dão? Mau exemplo. Elas dão mau exemplo!” (Marta, 34 anos).

Nesta fase, de modo geral, as garotas não se sentem prejudicadas pelas diferenças de papéis dentro do *Movimento* e ainda reforçam a idéia de que a garota deve obter respeito, comportando-se de acordo com o papel social esperado para a mulher como ocorria na fase anterior:

“Eu nunca senti preconceito, não! Dentro do Movimento, não. Fora, pode ter aquele pessoal que olha meio torto, entendeu? Quantas vezes eu saí assim, aí a gente foi dormir na casa de alguém, só tinha eu de mulher, e eles me

respeitavam, nunca me trataram com malícia de jeito nenhum! A gente também vai... tipo assim... as meninas entram no Movimento, ficam com todos, dá para todo mundo, aí são essas que queimam, né! Essas que queimam!” (Ana, 30 anos).

O discurso dos rapazes torna-se contraditório já que não sabem exatamente o que esperam de uma *garota punk* – que ela tenha consciência ou, então, que ela não tenha muitos namorados:

“É, pra se politizar demora, demora porque assim falar ‘eu sou punk’, é fácil de falar que é punk. A garota tá hoje no movimento e pode fazer o que ela quer, pode ficar com outro cara, outro cara. Porque assim, eu penso assim, a mulher do movimento punk, ela também tem que estar na luta, seja por causa, pela resistência, pela sua filosofia de punk, ou que falam que a mulher também tem que ter o seu comportamento de querer valorizar a sua cena, a sua identidade como mulher. Mas eu não vejo isso das mulheres, eu vejo mais as mulheres como o prazer de curtir, de trocar uma idéia, de conhecer fulano, e vice-versa” (Renato, 25 anos).

No geral, a presença da garota está ligada ao fato dela ser uma possível namorada. Nessa fase, namorar um *punk* não conferia apenas prestígio, mas era uma forma segura de estar no grupo:

“Geralmente, né, geralmente quando aparecia...como é... este público punk acabava sendo um público predominante masculino é... quando aparecia uma garota no meio acabava prevalecendo aquele instinto mais de macho mesmo de todo mundo ir pra ficar com a menina, né, é... e aí a menina muitas vezes acabava, muitas vezes acabava sendo uma certa coadjuvante, na minha opinião. Embora sempre tivesse aquelas mulheres de atitude que rejeitaram esta condição. Eu acho que são elas aí que são de repente pioneiras, precursoras deste movimento que a gente viu aí nos anos 9,0 de uma intensa participação feminina mesmo, formando bandas, participando das passeatas, muitas vezes indo pra cima da polícia também, brigando. Então acho que tem espaço e cabe às próprias mulheres é...construírem este espaço e batalharem por ele, tudo em pé de igualdade” (Frederico, 26 anos).

Articulados quase que exclusivamente nas gangues, a maioria das práticas do grupo estavam ligadas à força, à coragem e à violência. Namorar um *punk* continua a representar a fidelidade da garota em relação à *identidade punk*:

“Eu conhecia os Infratores, inclusive que eu namorei um rapaz em 91 e ele participava dos Infratores de Mauá. Ih! Tinha panfleto, tinha emblemas, o cara pulava o muro do trem. Os caras iam em som queriam... sabe... bater... já existia Fhunerai, Devastação, Punk Kaos ichi!!! Eu sempre namorei alguém que fosse do Movimento ou simpatizante. Eu nunca fiquei com alguém que não fosse simpatizante ou que não fosse roqueiro. Nunca! Eu tava sempre se fosse punk” (Marta, 34 anos).

Mesmo assim, entre os punks que não fazem parte dos anarcopunks há uma vontade ou a percepção de que é necessário haver uma mudança na relação entre os rapazes e moças:

“Olha, é... eu acho que as garotas punks elas conseguiram aí um... conquistar bastante espaço aí nos últimos tempos. Embora a gente saiba que... que ainda exista bastante machismo na cena punk, embora o punk procure é... brigar contra isto daí, eu acho que elas conseguiram aí, pelo menos neste período que eu tive mais ativo no Movimento, eu acho que elas conseguiram conquistar bastante espaço e se fazerem mais respeitadas na cena punk e não serem vistas apenas como acompanhantes dos namorados” (Frederico, 26 anos).

A mudança nem sempre se processa no campo da atitude, e muitas vezes o que muda é só o discurso, inclusive entre os anarcopunks²³:

“É essa parte a questão da mulher, pô, eu falo: Sou machista também! Mas assim, eu guardo pra mim, mas procuro chegar na garota e dizer: ‘Valorize-se, procura não se extravasar com certos tipos de punks’. Eu falo mesmo, entendeu? Se tiver que cobrar eu cobro, entendeu? Se a mina assim, aí a garota anda com a gente, aí os caras olham e falam: ‘Tá vendo aquela mina ali, não

²³ Neves (2001) estudou a participação das mulheres nos grupos de *estilo rap* e *anarcopunk* discutindo os significados de raça e de gênero na construção de suas identidades. Entre os *anarcopunks*, investigou o coletivo feminino Oribim Onijá (expressão ioruba que significa mulheres guerreiras) analisando a fala e as vivências de suas integrantes. Analisou as relações conflituosas e os preconceitos que as garotas sofriam por parte dos rapazes e que, como afirmaram suas integrantes, colaboraram com a desestruturação e o fim do coletivo. Uma de suas informantes fala sobre suas ações: “Então quando a gente se colocou dentro do movimento *anarco-punk*, que era um movimento de contestação, que era um movimento que valoriza tudo aquilo que a sociedade não valoriza, que valoriza a sinceridade, que valoriza a liberdade individual, e aí a gente se pensou como mulher. Se você pensa enquanto mulher você vai questionar um monte de coisas dentro e fora do seu movimento. Então nós deixamos os homens de cabelo em pé. Mais do que já eram.

Há um choque, e há um choque porque por mais que os homens amadureçam, ninguém amadurece totalmente, ele é um choque de todo dia, a gente vai amadurecendo e vai ficando mais exigente, os conflitos são o tempo todo, e vão chegando novas pessoas, e como elas não são obrigadas a se encaixar dentro de um padrão, e como são pessoas que têm defeitos, qualidades e deficiências, o choque, ele é constante dentro do movimento *anarco-punk*.”

vale nada'. Aí a gente fala: 'Dá o fora, sai daqui, não queima o nosso filme'. Porque existe isso na cena punk" (Renato, 25 anos).

Vemos em Marta que muito do seu prestígio é adquirido pelo fato dela ter um companheiro no grupo, e percebemos em suas palavras a descrença de que uma banda de garotas possa dar certo:

"Banda só do meu marido, já me chamaram muitas vezes, eu falei: 'Eu posso administrar, mas ficar não.' Porque as bandas elas... elas dividem muito ainda mais banda de mulher. Banda de mulher nunca deu certo no mundo, não é no Brasil é no mundo viu!" (Marta, 34 anos).

Os punks desse momento vivenciaram intensamente o pertencimento ao grupo através das gangues, mas estão as vendo serem ressuscitadas na fase atual. Muitos demonstram que não estão de acordo com as atitudes dos novos punks, tanto aqueles que se unem em gangues, agora chamados de ganguistas, como aqueles que só querem curtir o punk como se fossem tientes e consumidores do estilo:

"Ah... as gangues voltaram com muita força, por um lado tá muito difícil para um cara que não seja ganguista ou não seja boy, porque o cara que é burguezinho, fica indo nesses showzinhos de Hangar 110, pagando não sei quantos reais a entrada, e tudo bem porque vai em show com segurança, mas na minha época não tinha segurança, quando eu comecei a andar, num show não tinha segurança. Tem lugar que eu tenho vontade de ir, sabe no Bar do Ball, que é um lugar mais simples, assim, um barzinho mais merreca, ou então no Centro Cultural São Matheus que é um real a entrada, não sei se subiu, mas no Bar do Ball, nem entrada tem, só tem a entrada da porta da frente, então... o cara que é boy fica nessa e o cara que é ganguista sai batendo em todo mundo, matando, tá muito difícil..." (Mario, 27 anos).

Verificamos nos integrantes da segunda fase uma repetição das falas dos punks da primeira sobre a *identidade punk* e sobre o que consideram *ser punk*:

"Ser punk... acho que primeiramente você ser punk é você sentir que tem alguma coisa de errado com o mundo, você não se enquadra. O primeiro do punk é você perceber que você não se enquadra naquilo que mostraram pra você até agora. Que tudo está errado, que você tem alguma discordância" (Mario, 27 anos).

O *ser punk* é uma forma de expressar a revolta e o desejo de não ser explorado, e faz com que a pessoa se perceba diferente dos outros:

"Ser punk não é uma coisa que faz parte da personalidade, não é uma entidade. Você pode ver como uma forma geral ou... e o conteúdo que você dá para esta

forma, aí vai depender de cada pessoa. Para mim a forma que significa para mim punk é a rebeldia em todos os sentidos. Punk é ser rebelde em tudo, mas assim não é o que às vezes acaba acontecendo...” (Marcos, 32 anos).

Novamente vemos expresso o desejo de construir uma vida melhor e levar isto para o dia-a-dia:

“Então, eu acho que se fosse pra me definir hoje, poucas palavras...chegasse um marciano e perguntasse: o que é que é ser punk? Eu acho que eu falaria o seguinte. Punk é... é um... um modo de se expressar político, culturalmente e socialmente. É um modo de se expressar e que tem como base desta expressão, fundamentalmente a música, né e a literatura e o conteúdo que faz parte desta base, desta expressão é o inconformismo e a revolta perante um sistema injusto” (Frederico, 26 anos).

Para assumir a identidade *punk* a pessoa realiza atividades com o grupo e entra em contato com um universo cultural amplo que, além de propiciar um esclarecimento sobre diversas questões, possibilita o desenvolvimento de suas potencialidades:

“Ser punk é você ter sua própria cultura, sua própria filosofia de vida, porque o punk é uma filosofia de vida. O que é se punk? Só que o cara tem que saber o que é ser punk, ele tem que saber basear a política, a cultura, a sociedade, essa questão de sobrevivência. Porque ser punk é a vida, porque, claro, não é desde pequeno que ele vai ser punk, isso vai ser com o decorrer dos tempos, que aí ele vai se identificar, e isso é que é ser punk. E eu falo assim também que essa questão de ser punk é mais pela questão cultural, porque se o jovem não tiver leitura, fica difícil falar o que é ser punk, e se ele tiver a leitura, ele vai saber o que é ser punk, isso ele vai entender abertamente o que é ser punk. E sentir conscientemente o que é a cultura e o movimento punk em si, é o que eu venho falando há anos” (Renato, 25 anos).

Hoje, os *punks* dessa fase estão entre a juventude e o mundo adulto. Para eles, para continuar a *ser punk*, a ligação com o grupo ainda é importante, mesmo que esta ligação se restrinja apenas ao escutar a *música punk*, o que não é considerada a ideal, porém, em último caso ela, é válida:

“É... no meu entender não. No meu entender eu sou um cara que simpatiza com o punk, já curti, mas eu sou um ex-punk, uma pessoa que tem muito carinho pelo punk, pelo que isso representou na minha história, mas eu acredito que no momento eu não sou punk, porque eu não faço nada pelo movimento. Eu não me visto com o punk, eu passo tempos e tempos sem ouvir som punk, e a minha

ligação não é direta, a minha vida do cotidiano mesmo não está integrada na vida punk” (Mario, 27 anos).

A ligação com o grupo se concretiza nas suas atividades, pois elas proporcionam a sensação de ser alguém, de estar integrado e de participar na construção de alguma coisa boa.

Nesse momento começam a aparecer outras práticas. Surgem os shows e eventos beneficentes que consideram importantes para reafirmar que a atitude *punk* é comprometida com a busca da superação das injustiças sociais:

“Ah! Isto aí era o teste de fogo, fazer o fanzine era dizer... era a sua cara, de certa forma o fanzine era o seu outdoor. Então era as suas idéias, as suas palavras e tal, era meio que... O primeiro fanzine que eu fiz, eu fiz com um amigo que era da mesma banda e foi meio que um teste de fogo, assim: ‘pô, o que que eu vou escrever? O que que eu vou colocar? O que que...’ E é realmente isto, é uma coisa, digamos de certa forma uma responsabilidade, né. E aí a gente fez e depois disto, depois de você fazer, conseguir bater as xerox, mandar pros lugares, aí você começa a... a estes ciclos de correspondências... hoje não existe mais, hoje é tudo no e-mail, mas antigamente tinha esta coisa muito gostosa que é mandar um fanzine pra um cara e este cara me manda o dele, eu mando pra outro, tal, tal, tal. E de repente se você consegue organizar isto você tem contato com vários lugares do mundo e tal. (...) É por que hoje, são poucos, que eu conheço são poucos punks que trocam correspondência assim. Mas tem muito e-mail, as informações, eu acho que elas circulam muito mais. Mas antigamente era mais difícil assim...” (Pedro, 29 anos).

O reconhecimento que o *punk* proporciona para a pessoa, muitas vezes faz com que ela se sinta no dever de retribuir. A *atuação punk*, para alguns, passa a ser um dever:

“É, deixar aí pra cultura punk, jogar na Internet é deixar, né! Aí, gravando todas as músicas minhas, aí já talvez não vou pensar mais nisso tanto... sei lá, tanta... achando que é um objetivo que tem que ser cumprido. Fazer um quarto CD... porque aí já nem tô compondo mais, então é lançar o terceiro e aí ver... (...) É diferente um pouco das... na cena, no cenário, ela se destaca um pouco... eu acho que é uma banda que, sei lá, então por isso que eu falo, ela influencia bastante, tem banda que toca, tem gente que me escreve, Internet. É por ter um, um... não só um retorno, mas por ter.. É eu acho que nos anos 90, os punks dos anos 90 e 2000, eu acho que influenciou, e talvez influencie mais ainda... É um nome que todo mundo conhece, mesmo quem não gosta, gostando ou não, mas é

um nome que já tá aí. Assim, pelo que eu tenho contato, é mais o pessoal da periferia mesmo que conhece assim, mas tem gente que também é da... de Moema. Conheço pessoas de Moema que gostam. Mas eu acho que o pessoal mais que eu conheço, que se identifica, é o pessoal mais da periferia mesmo” (Marcos, 32 anos).

O acesso à cultura proporcionado pelo envolvimento com o punk e a possibilidade de produção trazem possibilidades novas ao indivíduo e um novo universo se abre. Passam a ter acesso a conhecimentos que não tinham antes, ingressam em um espaço que lhes proporciona uma conscientização a respeito do mundo em que vivem:

“Sinceramente eu ganhei muita coisa, em questão financeira não é comigo não, é com outros que querem ganhar, mas eu ganhei muitas amizades, muito conhecimento. Já participei de várias viagens, dentro e fora de São Paulo, e ganhei muita coisa assim e a questão cultural foi abertamente, porque a minha visão abriu muito e hoje eu até trabalho com os estudantes intelectuais, que querem trabalhar e conhecer o movimento, e isso me ajudou muito a ser punk, essa é a realidade do punk” (Renato, 25 anos).

Este aprendizado é considerado como algo importante que será levado para a vida toda e para todos os campos da experiência cotidiana:

“Aprendi a não ficar esperando pra fazer as coisas, mesmo sem saber direito, aprender fazendo. Não ter vergonha de não saber fazer as coisas, se meter a fazer e aí aprender, vai começando. Isso o punk me ensinou, a lidar com o improviso, mesmo não tendo os meios necessários para fazer as coisas, fazer. A improvisação e conseqüentemente a criatividade que estimula você agir na improvisação, você trabalhar na precariedade, se equilibrar, você aprender as coisas por você mesmo, sabe, tem mais confiança, ter menos medo do mundo, chegar em lugares que você não conhece. Ter noção, assim, saber se defender, saber se colocar” (Mario, 27 anos).

O passar do tempo nem sempre desvincula o indivíduo do grupo, mas traz saudades do passado. Assumir novos papéis gera uma participação incompleta no grupo que leva a uma confusão e a uma crença de que existiu uma época melhor no Movimento *Punk* onde ocorriam mais protestos, correspondências e os *fanzines* predominavam como meios de comunicação:

“Antigamente a gente escrevia carta, escrevia carta pra punks de outros Estados, hoje em dia não. Na minha época a gente fazia fanzine, recortava coisas de jornais, fazia e tirava xerox. A gente fazia vaquinha tirava xerox distribuía pro pessoal, até para gente de fora, né! Coisa sobre violência, sobre

muitas coisas. Hoje em dia já não é assim. (...) Eu não tenho assim uma resposta: 'O que levou.' Assim eu gostava das músicas, né. Gostava de participar de passeatas, hoje em dia não tem mais nada pra fazer, né. Naquela época, na época dos anarcopunks, eu gostava de ir na passeata de distribuir panfleto, essas coisas assim, acho que foi mais isso também. Eu gostava de usar o visual" (Ana, 30 anos).

Mesmo que muitos sintam saudades de uma época onde as correspondências e os *fanzines* eram o principal meio de comunicação sobre o *punk*, outros já se adaptaram aos novos tempos e continuam mantendo as redes de correspondência:

"Depois da meia-noite eu vou lá e respondo meus e-mails, é uma comunicação virtual que eu tenho, não só através da internet, mas... (...) Então, eu respondo as cartas, que são dezenas de cartas, por semana chega em torno de dez, doze, até quinze cartas por semana, mas claro que eu respondo todas as cartas porque é essa a comunicação que o punk tem." (Renato, 25 anos).

Percebem que para estar por dentro do que acontece no Movimento *Punk* é necessário acompanhar as mudanças da sociedade e da tecnologia, devem se adaptar ao espaço dos *punks* de hoje:

"Hoje pra você ser punk mesmo, você tem que estar por dentro do Movimento, tem que saber até pela internet o que tá rolando. 'Oh! Vamos ali falar no celular do meu amigo.' Antigamente não tinha isso, cê tinha que saber através da casa de um, ir na casa de outro" (Marta, 34 anos).

O estilo é considerado como uma arma para expressar sentimentos bons e ruins, pois provoca mudanças em si e nos outros. Mario começa a questionar esta postura:

"Agora uma coisa também que eu acho que foi um pouco, que mudou um pouquinho é porque eu tinha a banda também como uma arma, uma ferramenta política, digamos assim. Eu fantasiava um pouco o sentido da existência da banda, como além de ser uma diversão, uma válvula de escape, além de ser um gosto mesmo, uma arte e tal, eu achava que ela tinha o sentido de transformação mesmo, achava que era uma ferramenta revolucionária, que aquilo podia mudar a cabeça das pessoas" (Mario, 27 anos).

Como a *imagem do punk* está muito ligada à imagem do jovem, muitos, com o passar do tempo, alteram ou omitem a sua idade. A preocupação aparece até entre aqueles que relutam em esconder quantos anos têm:

"Na verdade, eu queria falar que eu tenho 17. Então eu nasci em 76, em Santo André, no Estado de São Paulo, e hoje tô com 27 anos, faço aniversário em Agosto, sou de Leão, é isso aí..." (Mario, 27 anos).

Vemos também nos entrevistados, que a imposição de se tornar adulto e deixar o estilo é percebida mais como uma pressão originada do exterior. Há uma pressão da sociedade para que assumam novos papéis à medida que os anos passam:

“Olha, eu acho que mesmo aí...entre aspas, sendo colocado como adulto pela sociedade eu me defino ainda hoje como um punk, como uma pessoa que não aceita as injustiças do sistema capitalista e que vai, na medida do possível, tentar trabalhar pra tentar superar estas injustiças. Não aceito mesmo, não aceito a miséria, eu ainda me indigno, me incoformo muito com isto, né, mas hoje eu vejo, por exemplo, que eu já não tenho mais aquele ímpeto de me atirar de cabeça nas coisas que nem eu era quando eu era um pouco mais jovem. Então, às vezes não que você está vivendo em conformidade com o sistema né...em conformidade total, mas você acaba ponderando mais as coisas hoje. Então eu me vejo hoje como uma pessoa assim que é revoltada com este estado de coisas, com estas injustiças e que vai tentar de alguma forma trabalhar pra modificar este estado de coisas que está aí” (Frederico, 26 anos).

Usar o visual é um gosto que resiste ao passar dos tempos, mas muitos o reelaboram ou o abandonam definitivamente, após assumirem novos papéis sociais:

“Eu gostava de usar o visual. Muito! Demais! Até moicano eu usava... agora que eu fiquei... depois que a gente casa, tem filho, já fica diferente. Você vai trabalhar também. Você não vai trabalhar de moicano, né! E depois quando eu fiquei grávida da minha filha mais velha, a de 13 anos, aí eu já diminui um pouco o visual né. Que as pessoas ficam olhando assim, por causa da criança, você s sente diferente.(...) Ah! Eu sinto é orgulho de falar, não tô nem aí: ‘Ah é velha’ Eu sinto é orgulho. Eu tenho saudades daqueles tempos, né, porque tudo que é passado é melhor, às vezes você vai ouvir música e você nem acha mais porque é daquele tempo” (Ana, 30 anos).

Contudo, no interior do Movimento, os punks percebem que podem assumir novos papéis no grupo, ligados à organização de shows, eventos e coletâneas, à medida que ingressam na vida adulta:

“Necessariamente não, mas influencia muito, só que eu acho que assim, que há uma maneira de você ser punk enquanto jovem e outro punk na medida que você vai envelhecendo. (...)Sim, porque assim, você tendo uma vida e outras coisas, coisas além do punk, e tal, uma vida mais... como é que eu posso dizer? Você não vai se dedicar ao punk tempo integral, o garoto pode se dedicar em tempo integral, pode ficar indo em tudo que é manifestação, tudo quanto é show, é uma coisa que o adulto não pode fazer isso. Você não pode se dedicar ao punk em tempo integral, então eu acho que o legal é o cara que depois de

um bom tempo dentro do movimento punk, ele começa a trabalhar mais na organização do movimento punk, sabe, organizar um evento, ele vai cuidar da estrutura. Ele vai ajudar a estruturar o Movimento Punk, para que os garotos possam chegar e possam se divertir, mas sabe as cabeças por detrás. Não falo de lideranças, eu falo assim da organização, das pessoas que vão tá trabalhando, geralmente o pessoal com mais experiência são melhores nisso” (Mario, 27 anos).

A vontade que manifestam é a de não se integrar no mundo adulto, assumir as responsabilidades que ele demanda, pois isso pode significar uma adesão ao sistema:

“A fronteira, cê enxerga os dois lados, tanto o mundo adulto, como o mundo da adolescência, da infância. Eu acho que eu quero ficar na fronteira. Eu acho que é isso que é o ideal, você olha ambas as partes. Eu acho que é exatamente isto, né. Eu acho que o punk, o punk quando tem uma certa idade ele tem de ficar na fronteira para continuar a ser punk, que é a crítica de tudo, continuar a crítica deste mundo podre” (Marcos, 32 anos).

O ideal seria não assumir novos papéis ligados ao mundo adulto, mas isto independe de suas vontades e sentem uma pressão impelindo-os para assumir novos compromissos:

“Não. Mas aí é aquela coisa, é um desafio, você se tornar um punk sendo adulto, porque a cara inicial do movimento punk, quando ele surgiu, era uma coisa adolescente por excelência, o problema do movimento é o seguinte, é porque tem uma mensagem assim meio fútil, sem futuro e tal. Você sendo adulto é você pensar no futuro, sendo punk, então tem isso, se você pensar na continuidade do punk, ele é meio fútil, mas é meio fútil pro carinho de quatorze, carinhas de quatorze que vão aparecendo a cada geração. Então se você tá aí com seus trinta, quarenta, cinqüenta, é legal você tá criando possibilidade do movimento punk continuar, é isso, mas aí eu acho que não dá pra ficar, eu acho que você tem outras coisas, tá em outra frente.” (Mario, 27 anos)

Surge o conflito e o desafio de ser adulto e *ser punk*. Os *punks* desta fase estão vivendo plenamente esta situação: são impelidos a assumir novos papéis que muitas vezes não correspondem às suas expectativas. Vivem o “conflito” de “estar na fronteira”:

“Então eu acho que ser punk enquanto você está virando adulto é... rola de duas formas, um é aquele conflito né, porque o punk é uma coisa que às vezes é, parece que é essencialmente juvenil, mas ao mesmo tempo vai passando o tempo e você vai vivenciando novas coisas, mas você não deixa de gostar do

som, você não deixa de ter uma postura de inconformismo perante as injustiças, você não deixa de contestar a sociedade e você... e eu acho que o punk na verdade ele é um fator que rejuvenesce porque você... não é porque você tá ficando velho que você precisa começar andar de terno e gravata e ter uma aparência cissuda (sic) e falar: 'Uh! Senhor, senhora, tudo bom?', né... eu acho não eu acho que o punk, ele prova que você pode envelhecer, mas sem virar uma pessoa chata" (Frederico, 26 anos).

Expressam o desejo de unir o *punk* ao mundo adulto, unir sua simbologia e sua vivência que asseguram a *identidade punk* com os papéis do mundo adulto:

"Era, nos conhecemos na manifestação de primeiro de maio... Clássico, né? (...) É, nos conhecemos numa manifestação do primeiro de maio, os punk estavam tudo lá, e ela tava lá (...) É, eu sonhei pra caramba quando eu comecei a me relacionar, relacionar não, quando o garoto tava pra nascer, foi como uma fantasia de viver assim como um larzinho perfeito, sabe assim, mas seria um larzinho perfeito punk, a nossa casa seria um QG punk anarquista e aí a gente ia criar os filhos juntos, mas não deu, né? Mas eu fantasiei um monte de coisas" (Mario, 27 anos).

Separar espaços reais e simbólicos para o *punk*, nos novos papéis que assumem, é uma forma de continuarem a se sentir *punks*:

"Isso, eu acho que sim. Eu acho que os punks, todos os punks que eu conheço pelo menos, mesmo os que já estão mais velhos ou casados, quando você encontra eles você conversa... esta semana mesmo eu liguei para um amigo meu, o Moleza, e ele aí... eu liguei: 'E aí, Moleza, como é que tá?' 'Ah! Eu casei agora to morando lá em Diadema, né, a gente tá mudando de casa tudo. A gente vai mudar de um apartamento pra uma casa, porque uma casa é melhor, porque lá no fundo tem um quintalzinho que dá pra fazer um estúdiozinho, dá pra gente ensaiar com a banda e aí chamar os colegas e tal.' Então, no fundo, no fundo eu acho que o seu coração permanece meio juvenil, meio com aquela coisa de você querer mudar ou ter o mesmo tipo de lazer e diversão que você já escolheu" (Frederico, 26 anos).

E assim, em qualquer lugar que esta pessoa esteja, qualquer que seja o papel a assumir, o indivíduo considera-se um *punk*:

"Então eu era punk trabalhando, eu era punk construindo uma casa pra morar eu, minha mulher e meu filho. Era punk levando meu filho pra tomar vacina. Eu era punk, mas eu era normal e fazia tudo que uma pessoa faz, só que eu era punk" (Mario, 27 anos).

Frederico procura uma forma de conciliar a nova vida ao Movimento *Punk*:

“Nos finais de semana, a banda às vezes ensaia no final de semana, mas é... basicamente eu tenho ficado muito também com minha esposa, com meu filho né ...e uma vez ou outra a gente procura até sair num showzinho aí, quando é num local que dá pra levar o neném. Ah... ultimamente aí a gente acabou indo no show dos Inocentes e do Ira! E tava uma puta confusão...” (Frederico, 26 anos).

A forma mais fácil de conciliar a rotina do dia-a-dia, e as responsabilidades ao *ser punk* é a música que proporciona, de forma facilitada, a continuidade da *identidade punk* na idade adulta:

“A gente trabalha durante a semana, eu trabalho de segunda a sábado. Aí se tem um show no sábado eu saio um pouco mais cedo e vou pro show. Eu falo pros meninos: ‘Cês vão ficar? Cês não vão? Então cês ficam.’ O meu enteado vai, agora meu filho tá com a namorada e vai dar um rolê com ela, mas a gente vai, normal. Domingo faz um almoço: ‘Opa! O show é meio dia?’ Nove horas da manhã eu tô cozinhando. Nove horas da manhã eu tô cozinhando e meio-dia tá pronto. Eu cozinho bem! Eu cozinho em espanhol, francês, tudo que é língua” (Marta, 34 anos).

O *discurso punk* contra o trabalho deve ser conciliado com a necessidade de sobreviver e com o papel de adulto. Não se tornar dependente do outro, não ser um parasita é uma saída possível que já foi elaborada pelos integrantes da primeira fase que já se tornaram adultos e, também, é utilizada pelos *punks* dessa fase:

“Porque eu também não acredito muito em ficar ditando muita regra do movimento punk, com eu já fiz, mas eu acho assim. Pelo menos assumo que não sou independente e pronto, porque o problema é assim, tem um discurso que pega bem na boca do punk, que é tipo assim, falar mal do assalariado. Eu já acho por exemplo que qualquer pessoa que depende de alguém assalariado não pode falar mau de assalariados, porque não pode falar que dando dinheiro pro sistema, porque você tá vendendo sua força de trabalho, e o cara ficar sugando dinheiro dos pais que trabalham, isso não é exploração também? (...) Por um aspecto, você trabalhar mesmo assim, significa um pouco de independência, mesmo que seja um trabalho explorador, mas é você que tá lá fazendo sua relação com o patrão, sem intermediário, quer dizer, você está sendo explorado, mas é por sua conta e risco. Se você quiser se programar de trabalhar um ano, junta dinheiro e ficar dois sem trabalhar, você faz, entendeu, significa assim que você tá ganhando seu dinheiro, mesmo que seja pouco, suado, mas é seu dinheiro e você pode administrá-lo, então nesse ponto eu acho

interessante, tanto é que você vê, as pessoas que ficam desempregadas, ficam pedindo dinheiro pros outros. Isso é humilhante, o interessante é a pessoa poder administrar sua própria vida, mesmo que seja nessa pobreza da sociedade, mas é ela poder, ela mesma, poder jogar com esse sistema. (...) Sim, não defendo a exploração, mas a pessoa poder trabalhar, poder ganhar seu dinheiro, é uma forma de não depender de outros, isso confere uma certa dignidade num certo sentido, mas ela cresce, ela administra a própria vida” (Mario, 27 anos).

Ser punk é querer uma vida melhor, longe da exclusão. Querer ter conforto, ter uma família, ter independência e com isto repete-se o discurso de almejar a liberdade das malhas do sistema sem ser parasita. Nesse caso, o trabalho e certas responsabilidades passam a ser justificados:

“Aí a gente teve que, meio que...conseguir comprar sei lá...utensílios básicos assim, né, tipo uma geladeira, é...a gente resolveu fazer este...esta coisa de trabalhar mais pra gente juntar uma grana pra poder assim...além de comprar os equipamentos básicos de uma casa, também poder ficar resguardado no caso do bebê precisar de alguma coisa, alguma grana pra um remédio, alguma coisa deste tipo. Então assim, mudou a vida neste sentido, outra coisa que mudou também é... que você começa a ficar mais cauteloso pra sair na rua, você começa a ficar um pouco mais seletivo em lugar que você vai ou não vai porque...agora afinal, não é só você tem mais dois aí que... que acaba dependendo tudo. Então neste sentido mudou bastante assim...” (Frederico, 26 anos).

O grupo é algo que marca o indivíduo, dá um sentido para sua vida e uma forma de reconhecimento:

“Vou continuar sendo punk por muito tempo, porque é uma coisa que me identificou, o movimento punk. É... seria uma marca, seria também passar por sentimentos” (Renato, 25 anos).

Em qualquer lugar que a pessoa vá ela acredita que está ligada ao punk, mesmo que não emita sinais para assim ser reconhecido. Isto traz a sensação de que estão presos ao estilo:

“Um exemplo para mostrar como eu tô preso, eu cheguei outro dia no Crusp, no meu apartamento lá e tinha um recado de um tal de Celso que queria falar comigo urgentemente e deixado o telefone dele. Aí eu tentei ligar caiu na secretária, e eu não deixei recado. Aí passaram alguns dias, tinha outro recado dele, ele veio me procurar. Aí eu também, eu acabei pegando o telefone dele pra ligar, mas eu acabei esquecendo. Aí eu encontrei ele no bandejão, quer

dizer... eu encontrei o Edgar no bandejão, e ele falou assim: 'aquele lá é o Celso'. Aí eu fui ver, era um cara de seus 40 anos, tatuado, coturno, e ele é o cara que... então é assim, de alguma forma as pessoas vêm me procurar. Por exemplo, além disso, o meu apartamento sempre morou punk, ou pessoas que foram punks. Então cê acaba meio que tendo um lugar, você acaba estando preso” (Marcos, 32 anos).

A crença de que é fácil serem reconhecidos como *punks*, mesmo quando não estão identificados, provém desta sensação de estarem presos, marcados pelo estilo:

“A gente reconhece... uma vez eu tava numa loja, eu não tava de visual nem nada, eu fui comprar até um sapato para minha filha, e o cara olhou para mim e falou: ‘Você é punk?’ Aí eu peguei e falei assim: ‘Por quê?’ ‘Ah! Porque eu tô vendo uns furos no seu nariz, uns brincos na sua orelha.’ Aí, meu Deus, não tem como esconder não!” (Ana, 30 anos).

A marca que faz com que a pessoa seja reconhecida dentro e a partir do grupo, tem significados contraditórios. O seu lado positivo é que justifica a continuidade do ser *punk* além da juventude, o seu lado negativo é que provoca uma sensação de prisão no estilo. A marca e a prisão por ele originadas podem ser sentidas como uma “maldição *punk*”:

“Maldição punk é... eu acho que é o seguinte: o som punk é uma coisa muito brutal assim que quando você escuta assim...e se aquilo bate em você no fundo, ali no coração, você começa a amar aquilo e você começa a buscar mais som e buscar mais som e sempre querer conhecer novas bandas. E tem sempre uma banda punk nova em algum lugar do mundo e você está sempre querendo conhecer, e sempre querendo conhecer né...isso é uma parte da maldição a outra parte é isso de você nunca conseguir se conformar né e aí parece...uma maldição porque você pode tá até bem sei lá trabalhando, estudando, enquadrado aí de repente numa vida que talvez a sociedade considere como exemplar e às vezes até numa vida confortável, mas você vai sempre se inconformar com alguma coisa” (Frederico, 26 anos).

O ser punk na atualidade (1996 em diante)

Os *punks* desta fase estão expostos a todo o tipo de informação sobre o grupo, que já está constituído há muito tempo. Têm um espaço de atuação e elementos definidos para a construção da *identidade punk*. Porém, muito mais do que enfatizar o conhecimento sobre a existência do *punk*, da quantidade de lugares existentes para *ser punk*, esses *punks* lembram a todo instante que estão num momento de escolha, de

construção de suas identidades. O *punk* é uma de suas escolhas e é uma forma de interagirem no espaço público e com o mundo adulto. Todos são unânimes em afirmar que a ligação com o *punk* veio através da música, como verificamos nas outras fases:

“Ah sim! O som, com certeza, a gente acaba começando com o som, né. Depois com as idéias, mas hoje eu penso mais nas idéias.(...) Eu comecei ouvindo o som, só que depois a gente vai se aprofundando nas idéias e sabendo como funciona o sistema, a sua própria idéia, você vai formando a sua idéia, com as idéias dos outros. Você não é obrigado a copiar o que o outro pensa, mas conforme o que ele pensa você vai criando a sua idéia” (Roberto, 24 anos).

Os *punks* desta fase são jovens, estão reestruturando suas identidades e incorporam a vivência no grupo, a *tradição punk*, às suas experiências anteriores e, com isso, elaboram novos significados que contribuirão para esta reestruturação. O *punk* os ajuda a tomar consciência de sua capacidade de descobrir e construir novos significados para o seu “eu”:

“Cara, o punk... me interessar entende, me interessar pelo punk, comecei a correr atrás, ouvir bandas, aí um dia eu fui num som punk e aí eu vi os punks tipo... agitando o som. Os punk lá e tal, aí eu falei assim: ‘É isso que eu quero ser.’ Os punks, as musicas também eu achei muito legal, o conteúdo das letras que falam uma coisa bem real mesmo, não é uma coisa de blá blá que nem essas bandas de rock nacional. Aí eu comecei a ouvir, gostei cara: ‘É isso mesmo!’ Aí eu comecei a frequentar o som, comecei a ler bastante zine, comecei, ué!” (Peter, 18 anos).

A música é o principal veículo da *tradição punk*, através dela os *punks* se identificam, cantam e dizem quem eles são:

“Eu não fazia nada, dava rolê assim rock’n’roll. Ah! O que me levou, cara eu conheci o som assim, aí eu comecei a ouvir aquelas letras assim do protesto, assim sabe, os caras assim falavam assim verdadeiramente, sabe, com garra. E falava tudo que a gente não tinha coragem de falar, eles falavam na música. Música de protesto mesmo, achei sensacional. Era tudo aquilo que a gente tava vivendo só que todo mundo com vendas nos olhos entendeu? A gente... eu comecei a enxergar: ‘Porra é verdade! É isso mesmo!’ Entendeu? Foi assim que eu comecei a gostar, a entender, foi assim” (Milena, 19 anos).

A música abre as portas para o *universo punk* e por meio dela, os jovens entram em contato com outros elementos desse estilo:

“Então porque foi assim eu já gostava de algumas bandas, mas eu gostava de rock no geral, aí eu fui num show em tributo ao Ramones com uma amiga, aí eu comecei a correr atrás. Aí foi!” (Julia, 18 anos).

O visual ainda compõe o *ser punk*, ainda é uma importante forma de emitir sinais sobre o grupo, mesmo depois de ter sido incorporado pela indústria de consumo. Usá-lo, porém, não determina a *identidade punk*, o determinante é assumir a *ideologia punk* e através dela ter uma *atitude punk*:

“Eu acho que é importante até ao ponto de um reconhecer o outro, mas falando assim: ‘Sou punk e vou andar sempre no visual exagerado.’ Eu acho que não é muito significativo não, mas até o próprio movimento você já se identifica com a ideologia entendeu? Isso aí vai de pessoa para pessoa se isto é importante ou não” (Carla, 21 anos).

O visual é o elemento do eixo comum que expressa a *identidade punk* para o mundo externo, e o discurso da *atitude punk*, que relativiza o seu uso, estabelece a *identidade legítima punk*, pois acabou se configurando como mais um elemento da *tradição punk*:

“Ah! Eu acho, mas não os caras que ficam usando só o visualzinho e só quer saber de visual. Eu acho que o visual é uma parte importante do punk. É mais é... o visual é importante. Tem uns caras que não usa nem o visual, nada, nada. Sei lá... Você vê esta pessoa na rua, como você vai saber que ela é punk? Sem o visual! Põe só um bóton, sei lá...mas o punk... Eu acho que o visual é importante. Não precisa ter o moicano, jaqueta preta, mas sei lá... senão! Mas acima de tudo mesmo o que vale é você mesmo, a sua idéia. Visual é importante, mas não é tudo. As relações que você faz, como você pensa, o nome da sua banda, punk é isso. Punk é revolta e atitude também. Nunca abaixar a cabeça para autoridade nenhuma, pra seja o que for, pra combater sempre neste espaço aí, estes políticos aí, e tentar mudar” (Peter, 18 anos).

Mesmo relativizado, o uso do visual continua sendo uma forma de entrar em contato com o estilo, ainda diz algo e possibilita que os *punks* se apresentem como tais. E, portanto, representa uma forma de reconhecimento dentro e fora do grupo, mas não é pré-requisito para o *ser punk*:

“Olha, foi engraçado porque assim em 99 eu gostava de rock, lógico, até hoje eu gosto né. Aí, aqui na quebrada não tinha nada pra fazer, aí eu ouvi falar do Sabateige. Aí fui no Sabateige, aí rolava show punk, um monte de coisa, aí eu chegava lá, nossa! Eu via os punks eu falava: ‘Cara! Quem que são estas

peças!’ Com cabelo espetado, aquele visual assim, chamava a atenção... assim eu fiquei conhecendo: ‘Ah! Esses aí são os punks’” (Milena, 19 anos).

A aparência externada pelas roupas e seus adornos ainda representa a estranheza e causa choque, elevando o potencial de distanciamento do indivíduo em relação à maioria. Aqueles que procuram ratificar sua diferença em relação à sociedade possuem uma identificação forte com o visual:

“Uma coisa assim que é fundamental, a música. Essa coisa de sei lá o punk como... a rebeldia do punk, que chocava todo mundo, normalmente o adolescente tem mais uma aproximação por essas coisas que chocam. E pra mim eu vi que o punk era o que mais chocava, o que mais escandalizava, era uma coisa bem assim fora do comum, assim bem... então acabei começando assim, mais por isso, sem saber o que tava fazendo direito, gostava do som, achava aquele visual pesado legal” (Hugo, 21 anos).

Neste momento em que estão procurando uma escolha que lhes traga um significado positivo às suas experiências, as atividades gratificantes que realizam dentro do grupo lhes proporcionam uma sensação de liberdade; fazem com que acreditem que podem romper com a imposição dos padrões pré-estabelecidos para construir suas identidades:

“Não, mais é assim tem aquele lado que logicamente têm muitos jovens, porque a pessoa quando é adolescente é jovem, ela busca uma identidade. Então tem o rock’n’roll, tem os góticos, tem vários movimentos, né. Então ele busca uma identidade, um grupo que ele se identifique, então por isso que o punk tem mais jovens” (Milena, 19 anos).

O estilo aparece como uma possibilidade de escolha diferente da que é imposta pela sociedade de consumo. Os punks desta fase realçam em suas falas o caráter de escolha em relação à ligação com o Movimento Punk, mas destacam o fato de terem optado pelo grupo dentre muitos outros grupos juvenis. Assim, acreditam que o *estilo punk* ofereceu a melhor proposta para expressarem suas identidades:

“Quem não conhece o lado underground do som acha que pra gente... o tipo de som pra gente ouvir só é aquele que tá na mídia, na MTV. Não é, entendeu? Quando você descobre que tem outras coisas alternativas aí, a gente vai descobrir nosso próprio gosto, o que a gente realmente gosta e não o que eles colocam pra gente. Entendeu? Aí que está, eu descobri o que realmente está camuflado e que ninguém coloca pra gente, né” (Roberto, 24 anos).

Os *punks* desta fase apresentam um desconforto muito grande em relação à mídia, com isso reelaboram as imagens veiculadas sobre a juventude e criam seu próprio modo de ser jovem através do Movimento *Punk*:

“A alienação que a gente tem é o que a mídia mostra pro jovem, dá a impressão que você não tem outra escolha e a partir do momento que você conhece o Movimento, que você conhece o Movimento Punk você vê outra realidade. Então você sai desses vícios, você não vai ser assim mais, esse jovem que o estado quer. Que é assistir Malhação, comprar roupinha de marca, então quando você entra no Movimento você abre as sua mente. Você conhece a verdadeira realidade, não essa que a sociedade prega: jovem padrão, modelo” (Helena, 16 anos).

A *ideologia punk* estabelece a *identidade punk* e provoca uma “revolução interna” libertando quem a assume dos padrões sociais, do consumo e possibilita uma forma de negar a sociedade:

“Eu acho que o punk se define na questão ideológica, eu não vou nem entrar tanto na questão de... vestuário, este tipo de coisa, mas eu acho que o punk, o anarquismo mesmo está mais na ideologia. No modo de pensar e de agir também (...) O que eu acho que eu posso dizer que me caracteriza como punk é não aceitar o que já vem pronto. Toda essa merda aí que a sociedade impõe pra gente o tempo todo desde pequeno” (Carla, 21 anos).

Ser *punk* é a escolha de algo diferente daquilo que a sociedade oferece para os jovens. O papel correto a ser escolhido é aparentemente simples, está vinculado ao modelo de vida das classes mais favorecidas, e por isso, na maior parte dos casos ele é impossível de ser realizado, deixando margem para que a culpa do fracasso recaia sobre o indivíduo:

“A nossa luta é através do trabalho né, que... não só através do trabalho, só que a sociedade só enxerga assim, que a gente tem que casar, ter filhos, trabalhar, sustentar os filhos, educá-los e morrer, né! É bem simples o que eles colocam pra gente, só que nem todo mundo consegue fazer isto, nem estudar, nem conseguir um trabalho” (Roberto, 24 anos).

Os *punks* desta fase já têm um Movimento estruturado para se identificar, porém escolhem o grupo para fugir dos padrões e acabam encontrando comportamentos impostos pela *tradição punk*. Por essa razão, muitos entram em conflito e acabam chocando-se com os *punks* mais velhos que ainda permanecem no grupo:

“A mídia tá trazendo o punk como moda, então a molecada que tá começando, uns vêem como moda, e tem um pessoal que leva pra um lado mais consciente.

Acordar pra aquilo, quem tá começando, não é aquilo que está na mídia. E os mais velhos ficam imprimindo a molecada que tá começando, então fica um conflito muito grande dentro do Movimento. E acaba piorando as coisas pra quem quer fazer e tanto pra quem tá fora e tá vendo o que está acontecendo. Então complica muito” (Roberto, 24 anos) .

Os mais jovens percebem que os *punks da antiga* se consideram detentores da *verdade punk*, mas nem sempre concordam com ela e com a forma como tentam impô-la :

“Assim é tem o pessoal do movimento, tem aqueles que te descriminam né, porque você tá começando, mas, porém, tem os outros que não fazem isto, que te dão uma força tanto pra você começar né! Te passam o que eles pensam você pega e digere isto, você absorve da melhor forma que você puder” (Roberto, 24 anos).

Os mais jovens querem continuar interagindo com a *tradição punk*, sua raiz, porém querem vivenciá-la a seu modo, querem contribuir também com novos elementos para o *ser punk*:

“Putá! Eu não tenho uma idéia certa do que é ser punk não! Mas o que eu penso sobre punk é você... é aquele velho clichê né: faça você mesmo. Você mesmo cria e passa para as outras pessoas. Sem ninguém te impor nada entendeu?” (Roberto, 24 anos).

A ligação com o grupo, através das atividades, possibilita ao indivíduo atuar no espaço público, transforma-o em produtor. A partir daí ele é reconhecido pelo que faz, acreditando que a ação do grupo traz uma possibilidade de participar da sociedade para melhorá-la:

“Lógico! Mudei bastante, depois que eu conheci o punk. Nossa, cara, eu comecei a ter vontade de me envolver mais com atividades, com as pessoas da comunidade, ajudar entendeu? Fazer o seu movimento no dia-a-dia, por que você ser punk não é só você ir em som, só você curtir, você tem que viver realmente, entendeu? Meu, você é um punk, você trocando uma idéia com uma pessoa mostrando a realidade, porque, às vezes, você conhece muitos jovens que são totalmente alienados à nada, a estas músicas que não dizem nada, sabe?” (Milena, 19 anos).

O *punk* proporciona uma mudança através da consciência de estar no mundo. A possibilidade de se tornarem produtores de sua existência, terem consciência de quem

são, contribui para ampliem seus campos de ação, fazendo com que visualizem novas soluções para suas vidas:

“Nossa! Mudou muita coisa, tanto é que eu respeito o Movimento também por causa disto, porque antes eu tinha uma imagem, uma posição muito diferente das coisas, do modo que eu enxergo hoje em dia. Aí depois que eu entrei no Movimento, eu comecei a aprender muitas coisas e isso aí me impulsionou a sempre tá crescendo assim, e tendo idéias diferentes, mais positivas sobre tudo o que acontece à nossa volta” (Carla, 21 anos).

Os encontros, as atividades que realizam, também possibilitam a criação de vínculos de amizade muito fortes. Criam-se novos laços sociais, novas amizades, que possibilitam o reconhecimento das escolhas de cada um, impressas em suas identidades:

“Tudo eu adoro minha banda, elas são tipo... além de curtir banda, companheiras de música assim, são muito amigas assim, que eu acho importante. Porque com a música, é a gente passando uma mensagem na nossa música. A gente faz e consegue passar uma mensagem pra mais gente” (Julia, 18 anos).

A música está ligada à diversão, mas é relacionada a um mecanismo que veicula a tradição *punk* e é vista como uma arma para expressar sentimentos, a *revolta punk* e provocar mudanças nas pessoas:

“Pelo menos pra mim era diversão também, além da expressão, qualquer pessoa que monta uma banda está pensando em se divertir com a música, porque música é isso, música é diversão acima de tudo (...) Música de protesto, mas antes de protesto vem a diversão, porque quando você ouve, você se diverte, mas não deixa de ser um protesto” (Hugo, 21 anos).

Participar da banda proporciona uma ação no Movimento e um reconhecimento pessoal, e é uma forma de transmitir a *mensagem punk* que irá conscientizar o próximo e o mundo:

“Acho legal a banda é... você colocar a sua letra. A sua letra assim, cê pega sua letra vira uma música, o pessoal começa a gostar, gosta de agitar seu som e cê tá passando uma mensagem de certa forma. Você tá... você tá tocando, você tá cantando, as pessoas tão ouvindo também, sabem o que você está falando, tal. Acho muito importante as bandas que falam a verdade, não banda que quer só falar de zoeira, banda que fala de amor isso... é só porcaria, pra mim isso não é punk nem... entende?” (Peter, 18 anos).

O significado que a banda traz é positivo, está ligado à união do grupo e às amizades. Significa, também, uma forma de ação ligada à batalha pela conquista de

lugares para tocar e, assim, transmitir a *mensagem punk*. Mesmo com mais espaços, com maiores possibilidades de gravar um CD, o que importa para esses jovens é a possibilidade de realizar atividades e produzir através do *faça você mesmo*:

“Pra mim foi legal porque era novo. Tudo quando é novo é assim bom, né. Pra mim era expor minhas idéias, passar o que eu pensava pras pessoas. Pra mim era isto, só que acabou não dando certo, não foi do jeito que eu queria. Mas foi uma experiência boa porque eu aprendi mais ou menos como é ter uma banda. (...) Não era uma banda que tinham 3 garotos e somente eu de garota, éramos quatro. Três homens e eu como mina no vocal. (...) É a banda assim, era bem underground, era mais pra camarada, a gente tocava pra camarada. Acho que nenhum de nós...a intenção da banda, o grupo formado não era nada de sucesso, era meio... bem underground, montar festival, chamar outra rapaziada das bandas. Era mais por diversão mesmo, passar as idéias através das letras, chamar os camaradas, era assim” (Helena, 16 anos).

Para estes jovens, o sentir *punk* é realizar atividades com o grupo e não apenas ir aos lugares onde se toca *música punk*. É realizar atividades com o grupo, para o grupo e em nome do grupo:

“Nossa! O significado pra mim de participar do coletivo é assim sensacional! (...) Eu aprendi a respeitar isso, aprendi muita coisa e aprendo, sabe? É um aprendizado, e aí não tem aquele padrão: isto é certo, isto é errado. A gente aprende junto, entendeu? E o que eu acho legal é que no coletivo que eu participo não é só pra punk, acho que o interessante é isso, punk não tem que fazer coisa só pra punk, pelo contrário os punks já sabem. Tem que fazer coisas assim, pros jovens que não têm noção que são um pouco assim...não porque querem, são pouco assim, alienados. Sabe é uma troca de idéia, troca de informação, sabe? É sensacional, eu gosto bastante, né. A gente poderia ter reunião toda a semana, pena que não é possível devido a espaço, infelizmente a gente não tem um espaço próprio. Assim, tem várias barreiras, mas a gente vai quebrando aos poucos, porque a gente é resistir é persistir, né! É isso aí! (Milena, 19 anos).

Os encontros proporcionados pelos sons, festivais, coletivos, ensaios de banda etc. são formas de se apropriarem do espaço público e interagir nele. Porém, uns já observam, à medida que a idade avança, que elas não são as únicas formas de expressão do “eu” e não representam um tipo de ação capaz de provocar mudanças no mundo externo:

“No coletivo eu não fazia nada, era só participar das reuniões e pronto, o intuito daquela reunião era marcar a próxima, mas cada um falava uma coisa, se juntava e cada um falava aquilo que queria, fazia um boletinhozinho que saía trimestral, sempre, só pra falar que tava fazendo alguma coisa” (Hugo, 21 anos).

Como era de se esperar, entre os participantes desta fase não se fala em falta de informação sobre o *punk*, mas o grupo não dá tanta importância às informações que os meios de comunicação de massa veiculam. As informações que valorizam são aquelas extraídas dos encontros, dos *fanzines*, dos eventos que organizam etc.:

“Eu gosto, cara, eu gosto de escrever, porque expõe tudo o que eu penso, sem medo, né. O punk é legal porque ele te dá toda uma abertura, cê fala o que você pensa, sem alguém te reprimir, você tem total liberdade, isto que é legal você escreve o que você pensa sem medo. Escreve na real mesmo o que você pensa. Eu gosto de escrever” (Milena, 19 anos).

O *punk* possibilita a participação do indivíduo com as ferramentas que ele possui, não é necessário ter qualificação para produzir as coisas, para falar em público, para escrever, para tocar, basta ter vontade e fazer:

“Tanto no fanzine quanto na panfletagem, quanto nos sons que a gente acaba organizando pra molecada que é do Movimento, quanto pros que não são, entendeu? Pro pessoal que não participa do grupo passar a participar, conhecer nossas idéias, as atividades que a gente faz. (...) Eu acho importante, né, porque o zine é uma forma criativa de você estar expondo suas idéias, que nem um jornalzinho, só que de forma mais barata, econômica, pra... O zine pode servir de divulgação tanto pra dentro do Movimento Punk, quanto pra quem tá de fora.(...) O fanzine você mesmo fez, você mesmo distribui, né, a coisa bem cooperativa” (Roberto, 24 anos).

Os conflitos que existem entre os grupos *punks* e *anarcopunks* refletem a preocupação em afirmar suas diferenças, gerando um discurso que leva a negação da legitimidade do outro. A legitimidade, pleiteada pelos *anarcopunks*, é conquistada pela maior politização e o estudo da ideologia anarquista. Enquanto para os outros a legitimidade é conquistada pela *atitude punk* que se refere a realização de uma gama de atividades consideradas coerentes com o *discurso punk*. Vemos, entretanto, que não há mais politização ou consciência anarquista nos diversos grupos *punks*, o que ocorre são as formas diferentes de lidar com a *vivência punk*:

“Dentro do punk eu acabei... eu li um pouco mais, acabei tendo uma preocupação política maior assim, aí eu conheci os anarcopunks e percebi que eles tinham mais envolvimento político, achei que eles estavam com mais seriedade. Aquela coisa de, no Primeiro de Maio, os punks iam com as garrafas, e os anarcopunks não. Os anarcopunks eram diferentes, eles tinham aquela visão de quem estava preocupado com a militância social, os caras que faziam, eram os caras menos ‘porra-louca’, mais coerentes, que levava mais a sério a proposta do anarquismo, o pessoal que estudava mais. Pelo menos é o que eu achava, hoje não acho mais isto.(...) É eu acho que pelo menos esses punks, tinham até mais coerência, porque são pessoas que pelo menos assim, não têm essa malícia de chegar e querer doutrinar os outros, trazer todo mundo, chegar e dizer quem é punk quem não é, dizer quem tá errado e quem tá certo. Essa pretensão que os anarcopunks têm, e eu não acho que eles sejam menos punks que os anarcopunks, muito pelo contrário, eu acho até que têm mais coerência” (Hugo, 21 anos).

Vemos que ainda os *punks* se ressentem com a confusão e a afirmação de que só os *anarcopunks* seriam anarquistas. Além disso, nessa fase há dois posicionamentos sobre a anarquia: existem aqueles mais apegados à *tradição punk* e que defendem esta ligação, enquanto outros questionam a validade da “imposição da teoria anarquista ao *discurso punk*”:

“Eu quero mudar, eu sou um cara que quer mudar. Pensei em várias coisas... eu sou anarquista. Sou anarquista. Hoje em dia até no Movimento Punk você tá usando a anarquia no peito os caras acham que você é anarcopunk. Sou anarquista, uso a anarquia no peito também. (...) E quanto a mim, assim, eu sou um cara que não admito autoridade. Autoridade para mim... ninguém é mais do que ninguém, é tudo igual. Tanto que eu já arrumei várias brigas com autoridade, com polícia, com segurança, porque os caras vêm implicar comigo, os caras vêm dar ordem em mim, eu não consigo, ninguém pode dar ordem em mim. Se pedir com educação, aí tudo bem” (Peter, 18 anos).

A partir da denúncia feita pelas *anarcopunks*, na fase anterior, sobre o machismo do Movimento *Punk*, os outros grupos *punks* passaram a se preocupar em ter um discurso que englobasse a questão feminina – da igualdade de direitos – e uma atitude mais democrática em relação às garotas. Esta mudança possibilitou a abertura de um novo espaço para as garotas *punks* desvinculado do papel de namorada. As *punks* conseguem identificar e repudiar a atitude discriminatória dos garotos e não

compartilham mais com as suas idéias sobre as mulheres (identificar a *atitude* da garota pela postura da “mulher honesta”) como acontecia nas fases anteriores:

“Ah! Eu não me ligo muito nestes lances de namorar assim tipo, ocupo minha mente com outras coisas. Mas se fosse para mim um dia namorar com um cara, eu ia querer um cara legal, que tivesse as idéias parecidas comigo, que me respeitasse, né. Que fosse agradável com meus amigos e que não fosse um cara ciumento, ou muito machista que é o que a gente vê muito nos caras punks. Se fosse pra eu namorar um cara que desse o mesmo rolê que eu, tivesse amizade com meus amigos e não quisesse atrapalhar a minha vida, tanto dentro do Movimento, quanto na vida particular com ‘obsessividade’ que a gente vê muito em cara, principalmente na cena punk” (Helena, 16 anos).

Houve uma mudança no discurso dos *rapazes punks*, mas as suas atitudes nem sempre estão de acordo com ele. Quando pensam num relacionamento mais sério, imaginam a possibilidade de encontrar uma garota que não seja *punk*:

“Ah! Tem que me respeitar... é... respeitar o meu gosto de som, é... porque não é porque eu sou punk que a pessoa que eu for casar vai ser punk, entendeu? Então vai ter que respeitar o gosto dela também, né! Isso já faz parte do anarquismo, você respeitar o gosto do outro, a idéia do outro, você não tem que impor a sua idéia sobre o outro. Então, se tiver que rolar, não precisa ser com punk, pode ser com qualquer outra pessoa” (Roberto, 24 anos).

Atualmente, existe uma diferença na forma de *rapazes* e *meninas punks* interagirem em relação ao espaço da garota. As atividades das quais elas participam lhes conferem o mesmo prestígio conquistado pelos *rapazes*, porém ainda hoje existe uma diferença de tratamento. Porém a maioria, homens e mulheres, acredita que esta diferença não está vinculada a uma discriminação dentro do grupo, e sim existe em decorrência de atitudes isoladas de uns poucos:

“Não, o punk não é um Movimento...a gente não pode generalizar, porque existem homens machistas, existem mulheres feministas, no caso que acha que mulher tipo... não gosta de homem, essas coisas. Não podem ficar com homem porque homem só quer rebaixar enfim. Mas não existe! Não é o Movimento Punk machista, assim acho que, aliás, é o movimento mais libertário, por isso que eu me encaixei nele, por isso que eu gosto” (Julia, 18 anos).

A tentativa de mostrar superioridade e querer impor respeito pelos *punks da antiga* também está presente na forma como as garotas se relacionam. A disputa entre as garotas aparece em um campo mais ligado a questões subjetivas, à vida particular,

relacionado à beleza e à conquista de um namorado. Isto faz parecer que as diferenças de pensamento apresentem-se como uma rivalidade, que existe entre elas uma inimizade, enquanto que os rapazes disputam em outro campo. Suas discussões estão ligadas a temas aparentemente universais, como os rumos do Movimento, o abandono ou não da “ação direta”, a situação da humanidade, fazendo com que as divergências apareçam como diferenças de idéias:

“Ah! Entre as garotas punks é o que mais tem, uma quer ser mais punk que a outra, as mais velhas quer tirar as mais novas. E a outra acha que tem mais autoridade só porque tá lá há vinte anos e a outra acha que é mais punk porque tem mais visual e a outra acha que é mais punk porque cata um cara que é punkão. E elas se preocupam e vão vivendo nisso, então rivalidade entre elas é o que mais rola, inveja por causa da aparência. Tudo isso! Nossa! Acho que a rivalidade entre as minas punks é o que mais rola” (Helena, 16 anos).

As garotas agora têm uma atuação mais ampla e pública, sendo reconhecidas pelo que fazem, o que faz parecer que existe hoje mais igualdade do que nas fases anteriores:

“É uma banda feminina, feminista assim tipo... é... é que assim, tem muita gente que distorce o feminismo, tem gente que acha que o feminismo luta por superioridade feminina, mas não é assim. Eu, tipo, acho que já passou dessa fase sabe, acho que a gente luta mais por uma igualdade social que eu acho que já tá conquistando” (Julia, 18 anos).

Contudo, algumas mudanças só aparecem no discurso, até porque a luta das mulheres é algo que pertence a elas, como se não pudessem ser misturadas às preocupações do Movimento. É algo a ser realizado em coletivos à parte, compostos só por garotas. A luta é delas e não do grupo:

“Tanto do lado feminista que hoje o preconceito é...contra as mulheres tá forte né, a sociedade que a gente vive é machista, então elas lutam pelo direito delas e isto é legal pra caramba. Só que elas além de lutarem pelo direito delas, feminista, elas ainda tem que lutar pelo direito da sociedade pobre que a gente vive. Então eu acho que não pode esquecer a idéia da luta punk em geral, mas elas têm a luta delas à parte. Eu respeito.(...) Havia não, acho que o machismo dentro do Movimento ainda existe hoje, mesmo elas lutando pelo lado da mulher. O machismo, tanto fora do Movimento, tanto dentro, ele existe. Então fica bem difícil você querer é ter seu lado consciente com outros punks se eles ainda têm preconceito, continuam com aquele machismo idiota. Isto dificulta,

às vezes, das punks, da menina e do rapaz, se entrosar para fazer alguma coisa produtiva dentro do Movimento” (Roberto, 24 anos).

As garotas têm um sentimento confuso sobre as atitudes que existem no grupo em relação a elas. Não sabem bem ao certo de onde vêm as diferenças de tratamento e de *status*, acreditam que sejam um reflexo da sociedade machista, ou então representam uma atitude isolada de algumas pessoas, homens ou mulheres, sem consciência:

“Então, infelizmente, assim que nem a minha banda é só de menina por causa disto, porque a gente vê mais bandas de homem, muitas... tipo, muita das vezes a mulher só ocupa o papel de namorada que nem você falou e a gente quer mostrar que não é só isso. A gente também pode ser tão podres quanto a deles, sabe... tão quanto eles! E não querer se distinguir: ‘Ai! Banda de mulher! Banda de homem!’ Sabe, eu acho que tipo... não tem nada a ver mesmo.”
(Julia, 18 anos).

Repete-se a fala sobre a “rivalidade feminina” ligada à inveja que umas têm das outras que as impossibilitava de montarem bandas representativas. Atualmente esta rivalidade não tem um foco definido, a crença na “rivalidade feminina” acaba por dificultar uma definição dos seus aliados ou adversários – o sistema, os outros grupos *punks*, a atitude dos rapazes ou das garotas:

“Só que eu acho que esse negócio só de mulher acaba sendo muito fútil, porque junta muita mulher assim, acaba não tendo uma idéia objetiva. Então eu acho que pra você estudar, assim, por exemplo, da mulher no Movimento Punk, da mulher na sociedade atual, não precisa ser um grupo só de mulher. Você pode reunir um monte de cara um monte de mina, definir um assunto e chegar a algum objetivo. Então eu acho que é muita assim, perda de tempo você fazendo um grupinho de menina pra falar um monte de coisa que não tem nada a ver, falando da roupa da outra, do namorado da outra, eu acho que... não generalizando, mas muitos grupos que têm dentro do Movimento Punk é isso. Então, eu acho que convém mais você participar de um grupo que tem homens e mulheres e que seja objetivo e que traga benefícios pra você, informação, não ficar montando grupinho pra falar coisa fútil” (Helena, 16 anos).

Vemos que existe nos diferentes grupos *punks* uma briga por status, os indivíduos que possuem mais prestígio são geralmente os mais antigos, aqueles que editam *fanzines*, organizam festivais e tocam em bandas mais conhecidas:

“Não que era a forma deles atuarem, mas a visão que eu tinha assim, não que os anarcopunks fossem isso mesmo, essa era a visão que eu tinha, mas eu achava que ali era um pessoal que tinha mais seriedade, um pessoal assim,

eram uns pessoal mais politizado assim, que eu achava.(...) Mas aí você começa a ver que o cara tá falando um monte de merda. Você começa a ver que é uma questão de status que acontece lá dentro mesmo, as pessoas tem mais interesse de aparecer mesmo, é aquela coisa, nós somos anarcopunks, e fazer também, porque as pessoas mais falam do que fazem. É tudo uma retórica mesmo: ‘A gente tá aqui, estamos fazendo isso, estamos há mil anos na luta’. É sempre o mesmo discurso. Mas o que é tá mil anos na luta? O que é tá do lado do povo pobre? São palavras muito vagas que eles usam e que não tem nenhuma concretude, sabe? ‘Estamos aí há mil anos do lado do povo pobre’. O que você entende por isso assim? Sabe? Estar tomando cerveja com a malandragem do bairro no bar, pra eles é tá há mil anos com o povo pobre da periferia na luta” (Hugo, 21 anos).

O status de que tanto reclamam são as posições definidas – *punks* da antiga, editor de um *zine* com muitas tiragens, vocalista de uma banda – que dão prestígio a determinados *punks*, permitindo que em seus discursos ou em suas ações cometam certos deslizos em relação à *atitude punk*, sem que sejam contestados pelo grupo:

“Porque você conhece bastante pessoas, rola bastante material, rola ainda aquele coletivismo entre o Movimento. Você conhece gente legal, pessoas que compartilham da mesma idéias que a sua, a mesma realidade, pessoas que têm as mesmas condições que você. E batalha pra chegar em um lugar, rola isso, rola amizade, rola aquela autonomia de você ir lá organizar um som, com as bandas aquela humildade, todo mundo começando. Assim todo mundo tá no mesmo barco, rola e eu acho isto legal. (...) A parte ruim é que a gente vê aí, o pessoal fica se importando com essas coisa de futilidade. Muita briga, muita briga de status, um quer ser mais punk que o outro. Muita vaidade no Movimento, isto que eu acho que é a parte ruim do Movimento. O pessoal briga muito por status, um quer ser mais punk do que o outro e rola treta, acho que isto é a parte pior do Movimento Punk” (Helena 16 anos).

As gangues que ressurgiram²⁴ nessa fase procuram recuperar aspectos da *vivência punk* que foram abandonados, já que utilizam elementos do *punk paulista* para fugir da imposição da *ideologia punk* e seus aspectos que beiram o discurso politicamente correto. É uma tentativa de recuperar a *tradição punk* através da

²⁴ Existem ainda muitas gangues em São Paulo, umas são remanescentes das antigas bancas dos anos 80 e início dos 90, mas nem todas adotam a postura de *punks ganguistas*. As gangues nunca foram abandonadas por completo no decorrer da *trajetória punk*. Ocorre que há momentos em que a sua presença não influencia nos acontecimentos do Movimento.

articulação em gangues e da adoção de um discurso confuso, niilista e politicamente incorreto, baseado no uso da violência como forma de destruir o sistema. Existe um descontentamento quanto ao surgimento dos *ganguistas* que fornecem mais um motivo para o abandono do visual:

“(....) Porque hoje pra mim é uma coisa que não me traz muito retorno, porque não vale mais a pena ficar arriscando minha vida, porque ficar andando com esses punks de hoje e com essas gangues que tem, tá arriscado a tomar uma facada. E ainda vamos supor que fosse uma coisa que movimentasse mesmo, um retorno naquilo até valia a pena se arriscar, mas como não tem isso, então tem essa puta violência acaba afastando os punks do movimento(...) Eles não têm noção. Às vezes você vê num sábado à tarde, um moleque andando assim, ele não tem noção do risco que ele tá correndo, sabe, geralmente a pessoa precisa tá um pouco mais calejada pra saber onde pisa assim” (Hugo, 21 anos).

A insistência em usar o visual não está ligada ao desconhecimento do perigo e sim a uma forte necessidade da afirmação da identidade do jovem que assume o estilo. Representa aquela pessoa que sente ser imperativo afirmá-la constantemente e levá-la para todas as esferas de sua vida:

“Eu usava uma coleira... acho ridículo hoje em dia, mas eu tava com uma coleira de prego num show no centro. Aí a tropa de choque: ‘Ah! Tira isso agora.’ ‘Por quê? não é meu?’ ‘Tira agora’. ‘Mas não é meu?’ ‘Tira agora’. Os caras começaram a brigar comigo, aí eu rasguei um policial lá daqui até aqui, o cara levou ponto e tudo. Sabe a coisa que eu acho em mim cara, acho que eu vou ter uma vida curta viu. Acho que vou ter uma vida curta porque tipo... eu acho que eu vou morrer cedo. Eu sou um cara meio suicida. Eu sou suicida, eu não tô nem aí pra... eu sou sem noção. Espero que não, mas isso que eu acho em mim cara. Um dia eu vou fazer uma coisa, um protesto. Um protesto que vai ter a polícia, aí eu vou brigar com os policiais, sei lá, vou ser preso... Ser preso eu não quero ser. Eu não quero ser preso, eu quero viver, eu quero lutar e mudar o mundo na verdade. Nem o Brasil é o mundo mesmo, mas pó, como eu vou fazer isso? Com as manifestações entende. Eu fico pensando: ‘Pô, se continuar assim, a polícia me enquadrando, me xingando, eu vou responder, porque eu não sou de ficar quieto’” (Peter, 18 anos).

Vemos, então, que ainda permanece o discurso sobre o uso do visual com o objetivo de chocar, de devolver para a sociedade sua podridão, usando o corpo como suporte:

“O visual era uma coisa assim que... era uma forma de eu me expressar corporalmente, que eu pensava, na verdade, é uma forma de os outros te verem como aquilo que você é. Na verdade quem olha para um punk, acha que tá vendo um personagem. Então é aquela coisa do visual, é usar aquelas jaquetas com as charges a achar que todo mundo vai ler aquilo. É achar que as pessoas vão se chocar e que esse choque vai levar ela a se influenciar. Achava que ia influenciar a pessoa, sobre isso ou sobre aquilo, ou mesmo chocar por chocar” (Hugo, 21 anos).

O visual ainda caracteriza o *punk*, diz algo sobre ele, mas há uma preocupação constante em se afirmar que para *ser punk* vale mais a ideologia. O visual tem importância quando ligado à ideologia que ele representa. Para *ser punk* é necessário ter um sentimento e o conhecimento das *causas punks*:

“Eu uso porque eu gosto e também a importância que eu acho é a forma de se expressar perante a sociedade, eu acho que isso aí é bem necessário, entendeu? Em outras questões dizer: ‘Ah! Só porque eu sou punk eu sou foda! Não sei o quê...’ Agora, nessa linguagem aí, eu já acho que é meio complicado pensar dessa forma, mas da forma de expressar pra sociedade que nós somos, que nós pensamos. Uma forma de pensar como nós somos contra tudo isso que acontece, eu acho que é importante sim nesta questão ideológica” (Carla, 21 anos).

Milena lembra que o visual já foi absorvido pela moda, e completa:

“Nossa! Falar em visual! Olha, particularmente eu sei que o visual tem tudo, todo um porquê, tem todo o seu lado de protesto, logicamente. Mas pra mim particularmente não é importante. O que conta mais é a sua idéia e não o visual. Até porque hoje em dia cara, cê sabe que o visual infelizmente virou moda, hoje você vê moicano, você vê calça rasgada, você vê até camiseta feita com A de anarquia, é o ‘logo’ punk, nas lojas aí cara! Entendeu?” (Milena, 19 anos).

Destacam constantemente um sentimento de tristeza de encontrarem o visual em qualquer canto, qualquer um pode usá-lo, assim como se entristecem pelo fato dele ter perdido o seu caráter artesanal:

“Olha, se me der vontade, eu posso, faço o meu visual, normal né! Só que, infelizmente tá muito fácil de se confundir né... o... a molecada mais nova que faz um visual. Cê vai lá tem é... Você vai na Galeria, você pode comprar todo o visual de um punk: jaqueta, rebite, cinto, coturno, isso aí tudo se compra, entendeu? Então acabou perdendo acho que o valor, né, do visual feito em casa. Acabou perdendo o valor do ‘faça você mesmo’, mas eu faria o visual sim. Não costumo fazer toda hora, mas eu faria” (Roberto, 24 anos).

Há também um sentimento constrangedor em usar o visual, só que se apresenta de forma diferente do que acontecia na primeira fase. Atualmente o visual é identificado com a moda jovem e gera o constrangimento naquele que usa por ser percebido como uma “pessoa fashion” e não mais como um *autêntico punk*. Resta a dúvida: como expressar discordância através de um meio que já está plenamente em concordância com a sociedade?

“Mas o que é o visual punk hoje? Você liga a televisão no Big Brother tem um cara de moicano, você vai na faculdade, o que tem de gente de moicano e não tem nada a ver com o punk, você vai em loja de grife, você vê cinto com rebite sendo vendido a trinta contos, bracelete vendido, calça que já vem rasgada da loja, tem até camiseta escrito punk.(...) Então eu não sei mais o que é o visual punk. O visual punk era aquele negócio que você costurava os pets na sua jaqueta, você colocava os rebites, era uma coisa mais artesanal, e hoje em dia daquilo que foi caracterizado como visual punk, não tem mais, não choca mais, pelo contrário. O povo critica mais agora, e ao mesmo tempo o visual punk hoje é aquela coisa mais fashion que o punk sempre tentou fugir, que era fugir da moda, se opor a isso” (Hugo, 21 anos).

Optar pela *ideologia punk* é uma forma de combater as imposições vindas de fora e esses jovens não cansam de acusar a mídia como sendo o seu principal porta-voz:

“Acho que minha posição tá mais voltada assim pra parte ideológica do Movimento Punk do que pra parte besteira, né. Tem esses dois lados, eu acho que eu tô do lado da iniciativa pra pregar minha idéia na sociedade que a gente mora. Eu colocar sobre o que eu penso, não só o punk, mas minha ideologia anarquista, sobre a sociedade para tentar mudar o que está acontecendo com a juventude porque a mídia caiu pra nós como uma massa alienadora né” (Roberto, 24 anos).

O *ser punk* ainda está ligado à idéia de liberdade. Consideram que, assumindo a *identidade punk*, conseguem se libertar das imposições a que são submetidos:

“Bom eu acho que o punk é não ter padrões, é você não ter uma linha a seguir. Você tem que ser autônomo, você tem que ser subversivo, você tem que ter opinião e senso crítico.” (Helena, 16 anos).

Para *ser punk* é imprescindível ter uma *ideologia punk*, mas também é necessário assumir-se como *punk*. *Ser punk* é definir-se e pensar como *punk*:

“Porque eu acho importante pra gente poder passar também uma mensagem, falar do Movimento Punk, por exemplo, que não é só bagunça, porque assim se você fala punk pra pessoa que às vezes não tem muita noção do que que é

mesmo, já pensa que é movimento violento, tal. Eu assumo o rótulo, mas pra mudar essa idéia e porque... pra poder me envolver com pessoas também do meio sabe. Porque tem muita gente que tipo se fala punk, mas não tem ideologia, sabe, não sabe nem o que que é...mas eu assumo o rótulo pra mudar” (Julia, 18 anos).

Ser punk expressa o direito de optar. Traz a possibilidade de ter uma escolha que não seja determinada apenas pela origem de classe, imposição dos adultos ou da sociedade:

“Ah! Eu acho que eu me defino sendo punk porque eu acho que eu não aceito que os outros me imponham as idéias deles sobre mim, né. Isso eu acho que isso é uma coisa básica do punk, né. Tipo eu ser eu mesmo, não deixar que os outros me reflitam, façam eu ser a pessoa que eles querem, né. Isso já é um começo para ser punk” (Roberto, 24 anos).

Ser punk é a tentativa de se diferenciar e burlar a imposição social, é a busca por algo que seja realmente construído pelo sujeito:

“Ah, eu acho que é ser você mesmo, assim tipo você é... ser o que você é, tá ligado. Não ligar pro que as outras pessoas estão pensando de você, do visual que você usa e ir contra o sistema. Tem que lutar contra a miséria, este governo, esta autoridade, essa polícia. O punk tá nas ruas aí e tá presente, luta contra o governo, contra o sistema. Punk é isso cara, é você ter uma postura diante desta burguesia, deste governo” (Peter, 18 anos)

Ser punk é ter consciência de si e da sua posição no mundo, ser contra tudo o que está instituído e manifestar seu desejo de não ser explorado:

“O significado pra mim de ser punk, primeiramente eu sempre gosto de falar isto, que é ideologia, o modo de pensar e de agir. Entendeu? Não aceitando o que acontece na nossa sociedade, que o governo impõe diretamente pra gente através da mídia, meios de comunicação, através da repressão também que é bem fudida, mas é camuflada” (Carla, 21 anos).

Para *ser punk* é necessário procurar mudar, diariamente, a forma como a sociedade está organizada, em qualquer tipo de atividade realizada:

“Porra! Como dá gosto às vezes de você ir num som, é um som beneficente, sabe? O pessoal faz o maior corre assim, arruma a aparelhagem de um, arruma de outro... Como até mesmo a gente já fez para arrecadar alimento, pra gente fazer fanzine é um... pega um real do outro, nossa cara é... isso é... isso é lindo! E de ajudar o próximo, e se envolver com a comunidade, punk é isto, é

solidário. É pensar no próximo, é ter uma visão e ter um senso crítico, não ser um parasita. Ser punk é isto” (Milena, 19 anos).

As práticas vão imprimindo sua marca na vida da pessoa, e onde quer que ela vá, procura realizar atividades que a reafirmem. Existem aqueles que sentem o peso desta marca, que como vimos na fase anterior, associam-na a uma “maldição”. O grupo proporciona experiências gratificantes que podem dar um novo significado à trajetória destes indivíduos:

“Agora tá participando lá dentro da faculdade mesmo, voltado para este sentido aí foi mais complicado, não posso falar que eu participei muito, a única coisa que eu fiz foi o TCC, o Trabalho de Conclusão de Curso, que eu tava, que eu fiz um voltado um pouco ao Movimento Punk e estas coisas, até também pra tá deixando a minha marca lá, entendeu? Até os professores gostaram muito mas deveu muita coisa, também pela minha imaturidade que eu cursei lá” (Carla, 21 anos).

O sentir-se *punk* pode estar presente em qualquer lugar, mas principalmente quando se realiza algo em favor da mudança deste sistema injusto. Pertence à *atitude punk* lutar pelo sonho da revolução interna e da possibilidade de mudar o mundo através da *consciência punk*:

“Eu gosto, eu adoro lidar com o público, assim troco várias idéias com os pacientes, sabe tem...é até legal, sabe... sou punk até no hospital, porque teve um dia que foi muito interessante... Teve um certo médico que deu o horário dele e ele não queria atender mais nenhum paciente. Tinha um paciente que tava lá há horas e médico é... infelizmente são todos estrelas, aqueles burgueses sabe...bem estrela mesmo, eles não se importam com as pessoas, infelizmente eu tenho conhecimento porque eu convivo com isso, né. Então foi superinteressante, porque teve uma paciente que ela ficou assim, super indignada sabe. Aí eu cheguei nela e falei assim: ‘Olha, mas a senhora tem o direito sim. Por que a senhora não faz um abaixo-assinado? Não conversa com a diretoria do hospital? Nós temos reuniões aqui com a comunidade, participa. Participa desta reunião também’. Comecei a trocar várias idéias, meu, a mulher criou assim... e falou: ‘É mesmo, eu vou fazer isso!’ Eu: ‘Não! Faz mesmo! Você tá no seu direito entendeu? Você é paciente, você paga por isso. Você paga o salário dele. A senhora não pode ficar calada.’ Aí ela foi conversar com a assistente social, falou que ia fazer abaixo assinado sei que deu... ela fez o maior reboliço. Aí no final o médico atendeu, a assistente social foi conversar com o médico e ele atendeu. Mas, nossa, vira e mexe assim, rola

assim coisas desse tipo. Eu logicamente não falo assim escancaradamente, né, converso de leve, sabe, mas vou instigando a pessoa, sabe? Vou instigando” (Milena, 19 anos)..

A identificação com o *punk* não exclui o dia-a-dia em sociedade, pelo contrário, negocia-se a vida em sociedade. Porém, muitas vezes, é necessário camuflar os aspectos da *identidade punk* principalmente aqueles ligados à maneira de se vestir e ao desejo de conscientizar o outro sobre sua condição de explorado:

“Não, nunca, aí eu acho também que a gente tem que separar as coisas entendeu? No meu trabalho eu sou uma pessoa, eu não vou ficar expondo minha imagem lá dentro porque eu posso tá prejudicando meu emprego, tá colocando em risco isto. Infelizmente é assim.. Infelizmente... tem uma coisa que nós não devemos aceitar entendeu mas... saber contornar a situação... mas tá fazendo nosso trabalho e nossa parte” (Carla, 21 anos).

Para os jovens, o *punk* é vivido como uma ação e assumir novos papéis, que limitam a atuação no grupo, pode ser considerado como um abandono do *ser punk*. Não se pode *ser punk* sem estar com o grupo e aqueles que passam ser mais receptores passivos começam a questionar suas *identidades punks*:

“Não sei se eu consigo ainda dizer que eu sou punk, assim, acho que no fundo, no fundo eu ainda sou punk. Eu ainda acredito, eu baseio a minha conduta naquilo que eu acredito que seja, mas o problema é que isso é uma coisa muito abstrata, não existe esse punk que eu acredito na prática assim. Assim o meu grupo de amizades são punks ou ex-punks, mas tem a ver com o punk, e o comportamento, lutar com essas relações preconceituosas, buscar as relações mais humanitárias pras pessoas, se juntar a essas instituições de luta e ter uma conduta individual mesmo assim, de ser punk assim. Acho que mais essa conduta mesmo, algumas concepções do mundo assim, são coisas que eu adquiri assim do punk e que eu acho que eu vou levar pra vida toda” (Hugo, 21 anos).

Percebem que o *punk* vai se tornando algo mais interno e individual, mesmo assim criticam os mais velhos que falam em nome de consciência e de uma atitude sem uma ação que as justifique. Neste momento da vida, em que realizam muitas atividades com o grupo, parece-lhes ser incompatível *ser punk* passivamente:

“É que nem eu já falei antes, eu acho que quando o punk ele chega a um grau mais elevado de idade ou ele passa a ter uma consciência mais intelectual ou ele tenta continuar fazendo parte do Movimento e abaixando a cabeça para as coisas erradas que estão dentro do Movimento, só pra continuar participando e

falar que é punk. Mesmo tendo as coisas erradas dentro do Movimento, então eu acho que vai de cada um, se ele quer tentar mudar o Movimento para melhorar ou se ele vai querer continuar fazendo parte daquelas coisas que estão erradas.” (Roberto, 24 anos)

Não acreditam que a consciência venha sem ação, que esta identidade e consciência poderá os fazer *punks* no futuro. Percebem a *ação punk*, necessária para *ser punk* e incompatível com a pretensa estabilidade da vida adulta:

“Porque eu não consigo me ver com cinquenta anos sendo punk, porque apesar de tudo eu penso que eu ainda tenho um vínculo muito grande com o punk, uma vez ou outra eu ainda vou no som, sei de tudo que tá acontecendo, fico por dentro de tudo, eu sei quando tem uma treta ainda, eu ainda tenho algum contato, e eu acho que quarenta ou cinquenta anos eu vou perder isso. Eu achei que eu falei errado, não é só essa coisa tão individual (...) Não acho que é só jovem, mas o que acontece é que dificilmente alguém consegue seguir o Movimento Punk senão for jovem, é uma coisa que é o movimento dos jovens, assim, porque o cara que tem família pra cuidar, que já tá com seus cinquenta não vai querer, ele não tem mais pique pra correr o risco de correr e ter que apanhar de careca, tem coisas assim no punk que é voltada mais pro jovem mesmo” (Hugo , 21 anos).

* * *

Faremos agora uma análise dos depoimentos dos informantes para sintetizarmos as diferenças e semelhanças existentes nas três fases, para que possamos ter uma maior clareza sobre elas, já que quando extraídas diretamente da fala dos entrevistados, como fizemos anteriormente, aparecem meio difusas.

Saber as diferenças e semelhanças existentes nas três fases tem como objetivo distingui-las e conseqüentemente compreender melhor as identidades nelas originadas. Serve também para visualizarmos como são utilizados os elementos do eixo comum e, principalmente, para deixar claro que não estamos falando de uma identidade *punk* fixa e universal, mas de diferentes identidades que retratam múltiplas experiências, significados e vivências.

A *identidade punk* está relacionada a um estilo de viver, que proporciona àqueles que se consideram *punks* um sentimento que os auxilia a superar as injustiças a que acreditam estar, ou que realmente estão, submetidos. É uma alternativa para vivenciarem o momento da juventude, como também oferece uma possibilidade de

escolha, de construção de suas identidades e uma forma de conduzir suas vidas. Percebemos, através das suas falas, que a construção desta identidade é articulada em torno de um conjunto simbólico que representa o eixo comum, permitindo uma homogeneidade na identidade e propiciando o sentimento de pertencimento a uma *comunidade simbólica punk*. Esta sensação de pertencimento, de uma certa forma anula o sentimento de exclusão, gerando um novo sentimento, o de *ser punk*, que une a consciência social e a consciência de si, permitindo aos indivíduos se libertarem das amarras sociais que os limitam ao prescrever uma forma de estar no mundo fixa à sua condição social. Com isto, podem ressignificar suas trajetórias através de uma transformação de si que lhes possibilita agir sem constrangimentos e aproveitar ao máximo suas potencialidades.

Ao assumir a *identidade punk* pretendem denunciar a exclusão dos direitos que deveriam estar acessíveis de forma igual para todos. O que desejam é viver em uma sociedade em que todos tenham seus direitos respeitados, querem uma vida digna para todos. Querem liberdade e o direito de poder escolher o rumo de suas vidas.

Trata-se também de uma expressão da juventude, uma vez que o espaço de ação aberto pelo *punk* propicia a vivência da experimentação típica da condição juvenil e a afirmação de “ser jovem” em um mundo adulto, que se apropria e consome a imagem da juventude. O estilo é uma forma de mostrar para o mundo externo que aquele que o assume é jovem e vive este momento de forma a concretizar esta condição. A vivência do *underground*, a adesão ao estilo – o domínio dos códigos, símbolos e mitos - e a sua produção cultural exigem certa dedicação e disponibilidade de tempo que acabam por delimitar as fronteiras entre o mundo jovem e o mundo adulto.

O jovem vai aos encontros, participa das bandas, escreve *fanzines*, atividades realizadas em grupo que possibilitam a construção de si e os torna sujeitos de suas ações, fornecendo, assim, uma dimensão positiva ao *ser punk*. Esta valorização do “eu” pelo grupo, que resulta naquilo que nomeamos de *subjetividade punk*, é o que torna possível o resgate da *identidade punk* na vida adulta.

Através da fala dos entrevistados foram selecionados elementos relativos a esta subjetividade dos indivíduos e podem ser consideradas como referentes à *subjetividade punk* que se repetiram nas três fases consideradas neste estudo.

Ser punk é:

- Uma sensação de ser diferente e que vem de dentro da pessoa, da individualidade, do pensamento. Não é algo externo, o que faz com que muitos considerem que *ser*

punk está no sangue. É algo que existe no íntimo da pessoa. Outros consideram ainda que já nasceram *punks*.

- Procurar ser livre de qualquer constrangimento social. É ter coragem de assumir sua diferença perante os outros e lutar por ela;
- Ter o sonho de igualdade entre as pessoas. Não ser omissos diante dos rumos da humanidade e fazer um dia-a-dia melhor para si;
- Sensibilizar-se com a *música punk* e expressar-se através dela e de toda *arte punk*. A *arte punk* engloba desde a música até os *fanzines*, a escultura de papel reciclado, a poesia, a arte de parede;
- É um sentimento presente, independentemente do lugar onde a pessoa esteja. Não importa em que local ela esteja.

Uma vez sintetizados os elementos principais do *ser punk*, e que foram extraídos a partir dos depoimentos, passaremos a analisar as *três fases punks* para termos clareza de como se configuram. Acreditamos que as diferenças na forma de expressar a *identidade punk* são decorrentes do momento em que elas são vivenciadas. Como exemplo, na primeira fase, existe um constrangimento em *ser punk*, ligado à forma como a sociedade percebia o *punk* naquele momento, relacionando-o a um marginal. Já as semelhanças que existem, são mais facilmente entendidas, uma vez que o *ser punk* é elaborado a partir de um mesmo repertório simbólico que é mediado pela *tradição punk*.

Vimos que *ser punk anarcopunk* não traz um diferencial muito significativo em relação aos outros grupos. Todos os significados encontrados nas falas dos nossos três informantes *anarcopunks* são compatíveis com a dos outros *punks*. Vemos que possuem trajetórias muito parecidas com as dos outros informantes desta pesquisa. Possuem uma similaridade ao falarem sobre o *ser punk* e como percebem as outras instâncias sociais como o trabalho, a família e a escola deixando, clara a influência do eixo comum para a construção da *identidade punk*.

Para facilitar a visualização dos aspectos semelhantes e diferentes que existem nas identidades e suas três fases, faremos uma revisão diferenciada por cada momento.

Vimos que na primeira fase *punk* os integrantes tiveram que construir um Movimento e uma forma de manifestar sua identidade. A manifestação da identidade estava centrada no visual, uma vez que o grupo estava surgindo e não possuía uma definição de si. O discurso ainda era confuso e englobava todos os tipos de idéias de esquerda. No momento em que o *punk* apareceu na mídia, o *visual punk* já dizia tudo sobre

o grupo. Sua identidade dava o seu recado e colocava aqueles que pertenciam ao grupo numa postura de resistência e denúncia.

Para *ser punk* usar o visual era suficiente e era preciso ter coragem para usá-lo. Ele gerava um sentimento de repulsa e ligava aqueles que o usavam à marginalidade. Nesta fase, o visual era constrangedor, tanto para aqueles que usavam como para aqueles que o repudiavam, considerando-o feio e de mau gosto por causa dos elementos escolhidos para compô-lo, como exemplo o uso da suástica.

O *punk* é o visual, ele é a externalização de sua identidade e vimos que seu uso irá se repetir nas três fases. É o elemento mais marcante e repetitivo da *tradição punk*, assim como o *faça você mesmo*, sendo que o visual revela para todos a *identidade punk* enquanto o *faça você mesmo* é um elemento importante para o grupo. O visual é o aspecto que revela para o outro a *identidade punk*, relaciona o *punk* com o mundo externo, e o *faça você mesmo* articula o grupo internamente.

A ideologia ainda não estava estruturada. Para *ser punk* ainda não era necessário ser anarquista, ainda que ela estivesse presente no discurso, a pessoa podia também ser comunista, socialista ou petista. Era uma questão de estar contra o que existia e compactuar com alguma idéia de esquerda.

Neste momento, a sociedade percebia e tratava o *punk* como um marginal, apesar da ânsia da mídia em explorá-lo como uma novidade. Com o passar do tempo, a exposição na mídia e a absorção pela moda retiraram os elementos que eram considerados repulsivos do visual que, depois de adaptado, passou a ser vendido em lojas.

A ligação com a violência existia tanto no visual como na forma do grupo de se organizar em gangues, mesmo assim a rivalidade existente entre os diferentes grupos não assumia a proporção que tomou na fase seguinte. Na primeira fase, a curiosidade sobre o grupo e a novidade que ele trazia estimulavam o surgimento de bandas, festivais e coletâneas gravadas em vinil. A violência que existia entre os grupos não articulava as suas ações da forma como aconteceu na “guerra de gangues”. O que articulava o grupo eram os elementos ligados à sua novidade, ao seu aspecto diferente, a uma nova forma de manifestar a revolta e a possibilidade de expressá-la através do *visual* e da *música punk*.

As garotas também participavam do grupo, mas seu espaço era difuso. Ao mesmo tempo que agiam livremente dentro do grupo, mantendo correspondências,

escrevendo em *fanzines* e montando bandas, só adquiriam visibilidade a partir de seus namorados.

A segunda fase reflete um momento onde já existia um Movimento, articulado em gangues, uma *identidade* e uma *ideologia punk*.

As brigas entre os grupos surgidos na primeira fase se acentuaram e os espaços que o *punk* havia conquistado se fecharam. Não havia mais a articulação em torno das *bandas punks*. O grupo não se organizava mais para realizar ações conjuntas, passaram a predominar os comportamentos agressivos como a destruição das casas onde as bandas se apresentavam e as confusões em manifestações que reforçaram a imagem do *punk* como sendo um grupo violento. Somado a isto, decaiu o interesse pelo grupo e veiculam-se poucas reportagens ligadas à *produção cultural punk*. O espaço que restou foi o das ruas, que reforça e centraliza a articulação através das gangues. Nesta fase, a sociedade ainda continua identificando o *punk* como uma forma de marginalidade juvenil, porém, agora, percebido como um dos grupos existentes em meio a muitas tribos juvenis.

Nessa fase, o visual é importante para compor a *identidade punk*, mas como muitos de seus elementos já foram incorporados, os seus integrantes precisam da *ideologia punk* para justificá-la. Outro fator que faz com que ocorra uma diminuição da importância do uso do visual como principal representante da *identidade punk* é a “guerra de gangues”. Muitas vezes ele tem que ser usado de forma camuflada, uma vez que, ao usá-lo, a pessoa pode ser identificada e tornar-se alvo de agressões.

A *identidade punk* passa a ser construída em cima da *ideologia punk*, esta ideologia estava baseada na liberdade de ser e de se expressar, aliada a alguns poucos conhecimentos da teoria anarquista. Para *ser punk* era necessário se proclamar anarquista mesmo que não se soubesse bem o que era isto, mesmo assim o visual continuou sendo o elemento de referência do grupo para o mundo externo.

As gangues brigavam entre si, era grande a violência entre *cidade* e *subúrbio*, mas também existiam outros grupos que participavam desta briga: os *Carecas do Subúrbio* unidos com os *Carecas do ABC*, os *SP oi!* e ainda os *White Powers*. Estar na rua era correr risco.

Contraopondo-se a esta guerra, surgem os *anarcopunks* que reforçam a ligação do grupo com a ideologia anarquista. O surgimento deste grupo marca esta fase e faz surgir a 1ª. Fase Anarcopunk: nela os novos *punks* surgiram com um discurso de paz procurando minimizar a briga que existia entre as gangues-grupos. Passaram a elaborar

uma identidade também baseada na ideologia, porém o visual era usado de forma mais ostensiva e o discurso anarquista passou a ser mais articulado e com uma atitude mais politizada. A modificação do discurso incluiu a luta pelas minorias, inclusive a dos homossexuais, ao mesmo tempo passaram a ser intolerantes com qualquer outro discurso ou atitude que consideravam suspeitos.

A partir dos *anarcopunks* o espaço das garotas se modifica. Antes muito centrado no papel de namoradas, passam a ser identificadas como uma das minorias que merecem respeito e que possuem uma causa a defender. Porém, esta modificação acontece mais no plano do discurso do que no plano da ação. Tanto rapazes como garotas permanecem presos a comportamentos do passado, que favorecem uma posição privilegiada para os rapazes.

Na terceira fase temos uma identidade construída a partir de uma *tradição punk*. Ela modela o *ser punk*, mas ao mesmo tempo é sentida por alguns como uma camisa de força. A *tradição punk* tem como elementos principais o uso do visual, o *faça você mesmo*, a música percebida como veículo de sua revolta e conscientização, e a incorporação da ideologia anarquista ao *discurso punk*.

Neste momento, a sociedade não vê mais o *punk* apenas como um marginal. Torna-se uma representação corrente relacionada a uma forma de manifestação da juventude. É uma forma de ser jovem. Há muitas reportagens sobre as bandas de jovens com influência de *punk rock* e elas têm livre acesso à mídia. Os *símbolos punks* adaptados passam a compor algumas imagens da juventude. Podemos citar dois exemplos dessa relação amistosa com o estilo e seus símbolos:

1º) Bandas consideradas *punks* participam das festividades oficiais pela comemoração dos 450 anos da cidade de São Paulo.

2º) Veiculou-se, no ano de 2004, uma série realizada por uma grande emissora de televisão que procurava retratar a juventude e se chamava “Adolescente”. Na inicial do seu título, o “A” era grafado com o símbolo da anarquia.

Contraditoriamente, nesta fase, nem sempre aqueles que se dizem *punk* acreditam que é necessário ser anarquista, o novo *discurso punk* apresenta uma confusão entre ideologia anarquista e ideologia libertária. Enquanto alguns defendem como podem a ligação do *discurso punk* com a anarquia, outros já a consideram desnecessária esta ligação, pois “a ideologia *punk* é libertária por natureza”.

Ao mesmo tempo em que todos usam o símbolo da anarquia, nem todos acham importante se considerar anarquista. Preferem proclamar um discurso da liberdade e

posicionam-se contra a violência, abraçando a causa das minorias e lutando pela proteção dos animais.

A negação da ideologia anarquista, como sinônimo de *ser punk*, também se deve a uma tentativa de contraposição aos *anarcopunks* e ao fato de que o discurso anarquista abre margem para qualquer um se dizer *punk*, por se considerar anarquista. Esta negação rompe com um elemento da *tradição punk* que desde os primórdios liga o *discurso punk* à anarquia, gerando conflitos entre os *novos punks* e os *da antiga*.

Chegou um momento em que os *anarcopunks* se tornaram a referência de *punk* anarquista, e obtiveram respaldo para que se proclamassem “os verdadeiros *punks*”. Para o grupo, o *ser punk* era estLauramente vinculado ao “ser anarquista” e falar em nome da anarquia era rigidamente exigido de seus membros. Todos que não tivessem um discurso minimamente articulado com a ideologia anarquista e não seguissem os padrões impostos pelo grupo eram considerados traidores ou fascistas. Os *anarcopunks* passaram a ser os inquisidores do Movimento *Punk* e, numa verdadeira “caça às bruxas”, procuravam, perseguiram e acusavam de traidores até mesmo os integrantes do próprio grupo.

Com o surgimento dos *anarcopunks*, o *ser punk* passou a representar, para alguns integrantes do Movimento, algo oposto à liberdade. Deveria estar muito bem enquadrado nas “regras anarquistas”, fazendo com que muitos *punks* desejassem se libertar da ideologia anarquista. Formularam o desejo de desobrigar a ligação da *identidade punk* à ideologia anarquista através de um novo discurso despreendido de teorias e baseado na liberdade, no protesto e no engajamento comunitário.

Por outro lado, outros *punks* queriam livrar o *ser punk* dos jovens de classes mais favorecidas, que começaram a participar amplamente do Movimento a partir de sua abertura em 1996. Houve uma democratização do *ser punk* com a ampliação e consolidação do *underground paulista*, o que fez com que muitos jovens pudessem *ser punks* sem obedecer às restrições da *tradição punk*. Para contrapô-los surgiram os *punks ganguistas*, que ressuscitaram as gangues e as atitudes violentas. Alguns de seus integrantes usavam o símbolo da anarquia de cabeça para baixo. Aparecem como uma forma de recuperar a marginalidade, o andar pelas ruas, a aventura de correr risco, procurando desligar o *punk* do mundo jovem das bandas e do *underground*. Aparecem como uma forma de recuperar aspectos da *tradição punk paulista* que foram sendo abandonados: o andar em bando, a articulação através das gangues e o reforço de atitudes ligadas à masculinidade, como a coragem, a brutalidade e o escracho.

Quanto ao espaço das garotas, ele se pulveriza entre os diversos grupos que se relacionam com o *punk*: *straiht edge*, *riot girl*, *anarcopunks* e *punks*. Elas reivindicam direitos e um espaço igual, porém, cada qual com sua ação separada, não se unem para mudar realmente o espaço da garota na *cena punk*.

Na segunda fase *anarcopunk* o grupo se amplia e perde suas fronteiras, uma vez que o discurso anarquista a favor das minorias fez com que o *punk* fosse incorporado por estes discursos. Chegou um momento que qualquer um que simpatizasse com tais idéias poderia ser considerado do grupo. Isso fez com que uma legião de pessoas que nem sempre se utilizava da *simbologia punk*, fosse identificada com um *anarcopunk*. O grupo perde sua *feição punk* e tenta recuperá-la através da aceitação de um elemento da *tradição punk paulista*: “o chamado para a união”²⁵. A aceitação para o “chamado de união” demonstra uma nova postura do grupo em relação aos outros *punks* e revela uma vontade de inclusão. Levou também a formulação de um novo discurso entre os *anarcopunks*. Passam a afirmar que não existem homossexuais no grupo, procuram recuperar aspectos relacionados aos *punks do subúrbio* e utilizam-se argumentos carregados de símbolos da masculinidade.

Enfim, após esta revisão, podemos perceber que o que muda nas três fases *punks* na *identidade punk* é a forma como ela é elaborada. Como os diferentes indivíduos, no decorrer do tempo, articulam o *faça você mesmo*, o uso do visual, o desejo por liberdade e uso do protesto. O que muda é a forma de vivenciar os elementos que constituem seu eixo comum.

O *faça você mesmo* é o elemento que se repete nas três fases *punks*, o lema se repete e o seu significado praticamente não se modificou. O *faça você mesmo* ainda conta aos integrantes do grupo que eles estão livres para realizarem o que desejam sem esperar por ninguém, continua a afirmar que cada um pode aproveitar suas potencialidades ao realizar qualquer atividade e tornar-se sujeitos de suas ações.

O uso do visual também se repete e, como todos afirmam, é uma importante forma de expressão e reconhecimento, mas percebemos que seu significado é diferente nas três fases. Como vimos, para os primeiros era uma forma de expressar a *identidade*

²⁵ O “chamado para a união” é feito pelos *punks* em diferentes momentos de sua existência e é um discurso recorrente entre os *punks*. A união entre os *punks* também costuma ser tema das *músicas punks*: “Governantes se preparem vocês logo vão cair, pois a união *punk* está aqui. Se juntando, reunindo, se agrupando para lutar, para o sistema poder exterminar. Nós somos fruto de um governo ladrão, somos filhos da desordem trazendo a revolução” (Trecho da música “Filhos da Desordem”, da banda Filhos da Desordem).

punk, era uma forma de se posicionar contra e agredir a sociedade pelo inusitado, o extravagante e o agressivo; para os segundos estava relacionado a uma das formas de expressão da *identidade punk* e ainda tinha importância, pois expressava através dele uma forma de utilizar o *faça você mesmo*; já para os últimos é uma forma de complementar a *identidade punk*. Não é o que identifica o *ser punk*, já que o visual pode ser comprado em qualquer loja e faz parte da moda jovem. Tanto para os *punks* da primeira fase como da terceira fase, usar o visual traz um certo constrangimento. Para os primeiros o seu uso os ligava ao mundo da marginalidade, enquanto para os segundos, o visual os remete ao mundo fashion.

O *discurso punk* também apresenta modificações ao longo dos anos e nas diferentes fases. Consolida-se o símbolo da anarquia como representativo do *ser punk*, porém no discurso, a inclusão da ideologia anarquista apresenta variações. Na primeira fase ela estava diluída em meio ao discurso de esquerda proclamado pelos *punks*; na segunda era o que identificava a *ideologia punk* (muitos de seus integrantes abandonaram o grupo para militar entre os anarquistas); já na terceira foi dissolvido pelo discurso das “idéias libertárias” e a ênfase é dada ao pacifismo, à luta das minorias e dos excluídos. O símbolo da anarquia continua a ser usado para compor o visual, em capas de cds e *fanzines* e, portanto, continua a representar a *identidade punk* em todas as fases.

Apesar desse discurso ligado à anarquia, vemos que os grupos *punks* possuem uma hierarquia dentro do Movimento. Nela uns têm mais direitos e possuem um status diferenciado. Recriam no grupo os aspectos que procuram denunciar e destruir através da assunção da *identidade punk*. Vimos que o que traz prestígio a estes indivíduos em geral é o tempo de permanência no grupo e o pertencimento a bandas, *fanzines*, bancas ou coletivos influentes. Mas também pode ser conquistado pelo carisma de uma pessoa, pela sua facilidade de se expressar, ou pelo fato de usar um “visual carregado”. Muitas dessas pessoas que adquirem prestígio acabam se configurando como “líderes”, passam a ser isentas de julgamentos de traição e seus comentários passam a ser repetidos como verdade por alguns integrantes do grupo.

Entre *anarcopunks* esta característica é reforçada, já que possuem ditames sobre a *identidade punk* baseados na teoria anarquista e aqueles que a dominam têm mais prestígio no grupo. Dos três *anarcopunks* entrevistados e que nos forneceram as diretrizes para compormos o grupo nesta pesquisa, dois romperam com o grupo – Mario e Hugo – por acreditarem que a rigidez a que os integrantes do grupo são submetidos é

castradora. E ambos, por caminhos diferentes, acabam por concluir que os outros *punks* tinham mais coerência e espontaneidade. Pedro, que não rompeu com o grupo, também não concorda com alguns aspectos desta rigidez, mas concorda menos ainda com o “niilismo dos outros *punks*”²⁶. Ana foi a única mulher entrevistada que chegou a pertencer ao grupo, mas se desligou logo que houve a incorporação de questões ligadas ao homossexualismo ao *discurso punk*, por considerar que este posicionamento ia contra a sua forma de pensar.

Os grupos lidam bem com esta *hierarquia punk*, uma vez que ela é constituída de forma menos rígida e pode ser questionada e modificada, garantindo aos seus integrantes uma participação e intervenção de uma forma que não ocorre em outras esferas do cotidiano. O mesmo acontece com as *garotas punks*, além de existir uma hierarquia entre elas, que se estabelece nos mesmos moldes que a dos *rapazes punks*, ela ainda está subordinada à hierarquia deles. As posições na *hierarquia punk* são fluídas, todos podem fazer as mesmas atividades, têm as mesmas responsabilidades, a diferença se estabelece no plano do reconhecimento da legitimidade, os mais legítimos têm mais prestígio, porém uma pessoa pode ter prestígio hoje a amanhã ser considerada “traidora”. Com isso, as garotas possuem um espaço amplo de atuação, acontecendo, inclusive, de algumas adquirirem mais prestígio do que muitos dos rapazes.

Quanto ao espaço das *garotas punks* e suas *identidades punks* observamos mudanças nas três fases. Os elementos que constituem o eixo comum permitem a construção de uma *identidade punk* tanto masculina como feminina, o que vai diferenciar são as condições em que estas identidades serão geradas das vivências e dos arranjos individuais. No caso do *punk paulista*, a gangue é uma característica marcante do grupo e é um espaço onde a “masculinidade hegemônica” (CONNELL,1995) é plenamente exercida: existe o culto à superioridade corporal dos homens e à sua supremacia no domínio da violência. As garotas devem construir uma *identidade punk feminina* a partir dos elementos do eixo comum, que possui características universais, aliados aos elementos trazidos pelas gangues.

²⁶ Veja na letra da música “Manifestação” da banda Esgoto, os punks aparecem como aqueles que vão salvar o mundo, mas o conflito eminente é tratado como uma festa: “Na manifestação não demoram a aparecer; erguendo suas armas mostrando seu poder; a tropa de choque começa a espancar, com sua ignorância por as coisas no lugar (...) Uma bandeira negra começa a surgir, são os punks prontos para reagir; com sangue nos olhos, estão prontos para a guerra; é o conflito urbano, vai começar a festa”.

Desde sua origem inglesa, o *estilo punk* é constituído de símbolos da masculinidade e gera um espaço onde ela é plenamente exercida e, portanto, a identidade construída no grupo utiliza-se de seus atributos. É centrada na força, no poder, e, com isso, na submissão e destruição do outro, aquele que o oprime ou que lhe é diferente. As garotas, mesmo sendo *punks*, apresentam um componente da diferença e devem ser subjugadas e domesticadas, restando para elas o papel de namoradas.

Vemos, entretanto, que a roupa que elas usam é o visual de guerra: calças ou blusas camufladas, coturno, muitas correntes pesadas, longe dos enfeites femininos. É o visual dos rapazes adaptados para elas, nada que lembre sensualidade, nada que as leve a ser potenciais “objetos de troca”, perdem, portanto, seu “capital simbólico” (BOURDIEU, 1999). O uso do visual representa uma forma de resistência, pois faz com que não entrem no grupo como apenas “objetos de troca” (BOURDIEU, 1999) por mais que os rapazes insistam neste aspecto.

O rompimento com o “papel esperado para uma garota” revela o espaço ocupado no grupo, gerando um desconforto tanto entre as garotas como entre os rapazes. Este espaço é sempre contestado, através de críticas, risos e isolamento. Trata-se de um esforço feito por parte dos rapazes para colocá-las de volta no seu lugar, o espaço do diferente que deve ser controlado e dominado.

Aparecem como namoradas ou então como “cabelereiras”. Aquelas que ajudam a cortar e tingir o moicano dos rapazes, carregam o sabão para levantar o cabelo, ajudam na elaboração de camisetas e “bótons”, práticas ligadas ao “cuidado” e portanto à feminilidade (GILLIGAN, *apud* CARVALHO, 1999). Mas também aparecem como integrantes das bandas, organizam eventos e são *fanzineiras* e com isto almejam aparecer no cenário público para também atuarem como porta-vozes da *ideologia punk*. O seu discurso é o mesmo que dos rapazes, o da anarquia, da liberdade e acreditam que ele permite englobar suas reivindicações. Não querem formar um grupo à parte, querem ser um grupo dentro do *punk* e junto com os rapazes *punks*: desejam a *igualdade punk*.

O espaço das garotas permite o exercício da sociabilidade por meio de encontros e atividades ligadas ao *protesto punk*. Lidam com o “fora” dentro do *punk*, ao exercitar as regras de reconhecimento e de lealdade, ligados à masculinidade, para construir sua feminilidade. A sua participação no grupo é cheia de dissonâncias, manejam códigos e símbolos ligados à “masculinidade hegemônica” (CONNELL, 1995).

A velocidade das mudanças que desestrutura as referências faz com que ocorra um desencaixe no panorama oferecido para as mulheres. São coagidas a viver segundo

os padrões sociais – serem bonitas, casar e ter filhos – mas ao mesmo tempo os novos desígnios as impelem a se tornarem autônomas, vencer profissionalmente e serem livres. É refletindo esta contradição que se formam as *identidades punks femininas*. Não desejam ser a “mulher objeto que dança a bundinha do Tchan” e nem ter um papel passivo de ficar esperando em casa enquanto as coisas acontecem lá fora. Querem sair à noite, passear, curtir, protestar, lutar por um mundo melhor. Querem respeitar e serem respeitadas. Mas a única forma que concebem o respeito é à maneira da sociedade machista, associado à mulher honesta. Com isso, não se rebelam totalmente contra as representações sociais esperadas para uma mulher, assumem uma postura ambígua e ambivalente no grupo, reafirmando o seu lugar como o lugar da diferença.

O “espaço da diferença” gera significados diferentes sobre o papel da *garota punk*, que acaba proclamando discursos e valores que flertam com o machismo ao mesmo tempo em que desejam se libertar deles, estimulando uma competição entre elas muito mais do que um sentimento de igualdade. Com isto não conseguem articular uma ação conjunta²⁷ para modificar as práticas do grupo, ainda muito centradas na masculinidade hegemônica e que lhes reserva um lugar secundário no grupo e, geralmente, dependente dos rapazes.

²⁷ As *anarcopunks* possuem uma vivência diferenciada, pois se unem em coletivos que discutem a posição da mulher na sociedade e no grupo fazendo com que possuam uma consciência mais nítida de sua condição. Neves (2001) analisou a redefinição da identidade feminina a partir das experiências geradas no coletivo “Oribim Onija”. Estas experiências fazem com que tenham uma postura mais ativa do que as outras *punks*, procuram mudar seus papéis no grupo e nas suas relações cotidianas e apresentam uma clareza de sua condição em seus discursos. Uma de suas informantes afirma: “Mas a partir do momento em que eu comecei a falar como uma mulher, a partir do momento em que eu passei a negar os estereótipos de feminilidade, e o *punk* me trouxe muito isso, de não me importar, de não ter que estar o tempo todo com uma saíinha, batonzinho, porque eu não ia ser aceita pelos homens, a partir do momento em que eu tive força para não me comportar de uma maneira, que era a maneira que os homens iam me aceitar, o conflito foi imenso, eu tive que formar uma nova identidade, uma identidade que exige força e uma identidade que vai refletir tudo aquilo que é ser mulher, mas que não é o que a sociedade pensa que é ser mulher. É toda uma busca de toda uma identidade que é de todo dia, porque você vai destruindo e construindo ao mesmo tempo. Então pra mim é assim, o feminismo é a filosofia, cultura e educação. E passa por análise da economia, de tudo. E ele deu um sentido totalmente diferente pra minha vida, ele mudou minha vida, a vida das pessoas que estão a minha volta. Porque como diz aquela frase, quando os que estão em baixo se movem, os de cima caem. Eu me movi” (Neves, 2001, p.82).

A *identidade punk feminina* é contraditória, ao mesmo tempo em que resiste, aparece subordinada a padrões sociais rígidos destinados às mulheres, e apesar do visual agressivo ela deve ser frágil e dependente do homem, sua imagem deve estar ligada à da mulher que zela pelo bem estar do homem e pelo espaço privado da casa. Essas representações também são levadas para outros âmbitos da vida.

A *identidade punk feminina* funciona nos mesmos moldes da *identidade punk*, as garotas conquistam a posição de produtoras de suas ações, ajudando a organizar os sentidos para sua vida, de forma a satisfazer suas inquietações e com isso adquirir uma definição satisfatória de si. Ela denuncia aspectos da sociedade que lhe dá uma posição de inferioridade, encontra novos significados para esta situação e conquista uma forma para vivê-la. As garotas procuram construir o seu “eu” de forma a superar as marcas da discriminação, se apropriando do espaço público para falar da igualdade, da responsabilidade e da afetividade. Através da *identidade punk feminina* a garota negocia um novo espaço da mulher para poder agir de acordo com suas aspirações, avança quando é possível e recua diante de grandes obstáculos.

Constroem, portanto, sua identidade na ambigüidade de aceitar e romper com padrões sociais que privilegiam a posição dos rapazes. Aceitam quando procuram dar ao seu espaço características ligadas à feminilidade, envolvendo a “ética do cuidado” (GILLIGAN, *apud* CARVALHO,1999). Mas rompem com eles quando articulam elementos da masculinidade para construir um visual criando uma nova relação com seu corpo e aparência, mantendo uma relação com o “corpo para si” (BOURDIEU, 1999). E como estão sempre dispostas a participar das bandas, escrever panfletos, organizar protestos e shows beneficentes, assim invadem o “espaço da violência” utilizando-se da “ética da justiça” (GILLIGAN, *apud* CARVALHO,1999).

Com isso assumem uma posição ambígua no grupo, devem aceitar suas regras e ao mesmo tempo tentar subvertê-las. Ao aceitarem o papel de namoradas e realizarem atividades relacionadas ao cuidado encontraram uma maneira de serem aceitas e de pertencerem ao grupo, adotando uma atitude prudente e evitando as conseqüências de sua diferença. Adaptam a feminilidade aos seus próprios objetivos, jogando as regras do jogo, aceitam os limites que lhes são impostos, mas deixando claro sua resistência por meio do visual e da adoção do *discurso punk*. Aparecendo ou não como namorada, a presença das garotas no *punk paulista* trata-se, na verdade, de uma invasão das *garotas punks* no Movimento dos *rapazes punks*.

A presença nas bandas, nos eventos e editando *fanzines* concretiza sua posição no grupo, porém o espaço que conquistaram é repleto de ambigüidades já que as práticas ligadas à masculinidade são predominantes e regem este espaço. Vimos que num primeiro momento mantêm correspondências e montam bandas, porém esta atuação não lhes confere o mesmo respeito e o prestígio que adquirem quando arranjam um namorado dentro do grupo. O prestígio vem por meio de seus companheiros, são os namorados que afirmam sua *atitude punk*.

Na segunda fase esta situação não se modifica, e ainda se agrava. A briga que ocorria entre os diferentes grupos faz com que o número de garotas fique ainda mais reduzido, diminuem as bandas e o espaço de atuação prioritário passa a ser a gangue. Neste momento precisam se ancorar em seus namorados para passarem livres das práticas ligadas à força e à violência típicas da masculinidade. O diferencial que ocorre neste momento é o surgimento dos *anarcopunks* que aparecem contra esta guerra, com um discurso pacifista e com um interesse pela luta das minorias. Neste grupo, as garotas passam a ter um outro espaço ligado à consciência de serem mulheres e com isso são impelidas a lutar para conquistar um espaço na sociedade e no grupo.

Na terceira fase a questão feminina ganha novas dimensões, os espaços onde sempre atuaram (bandas, *fanzines* etc.) lhes trazem prestígio e não precisam mais do aval do namorado. Porém, a maioria ainda não adquiriu a consciência de ser mulher em um grupo onde se reforça a masculinidade e muitas ainda estão presas a práticas do passado, querendo arranjar um namorado que lhes traga prestígio e brigando por questões consideradas como sendo “ligadas ao mundo feminino”: disputa de quem é mais bonita, de quem tem o namorado mais *punk*, entre outras coisas.

Apesar de terem conquistado um espaço mais igualitário, mesmo entre as *anarcopunks*, a questão feminina não evoluiu muito dentro do Movimento *Punk*. Entre os rapazes, seja de qual grupo pertençam, ainda vemos práticas ligada à discriminação. Ainda existe uma vontade de que elas se “respeitem como mulheres”, o que significa que “não saiam ficando com vários rapazes”. Entre as garotas, o discurso feminista muitas vezes aparece como uma imposição ou uma idéia equivocada, pois prega a separação entre homens e mulheres quando o que desejam é *ser punk* dentro do grupo *punk*, desejam que se concretize a *igualdade punk*. A questão da discriminação, da incorporação da feminilidade no *punk* e da supremacia da masculinidade não são questionadas a fundo e aparecem como problemas a serem resolvidos pelas garotas e não pelo grupo.

Mas, enfim, sendo *punks* da *cidade*, do *subúrbio*, ou *anarcopunks*; homens ou mulheres; da *antiga* ou *for funs*; vimos que o *ser punk* é gerado por um eixo comum que propicia a construção das identidades e fazendo com que aqueles que as assumem sintam-se pertencentes a uma comunidade. Vimos que este eixo comum permite que esta identidade apresente semelhanças reconhecidas onde quer que ela seja gerada, configurando-se como um patrimônio cultural comum que compõe o *mundo punk*. O eixo comum também permite articular novos elementos relativos ao momento e ao local em que o *punk* se estabeleceu e que irão definir quais as idéias que são possíveis de adaptação, e quais não são. As circunstâncias em que tais idéias serão articuladas farão com que sejam reelaboradas, fazendo com que se tornem elementos adaptáveis à cultura local, e com isto irão gerar características próprias ao *punk*, possibilitando a criação de uma *tradição punk local*.

As experiências vividas no *punk* articulam-se aos desejos, às frustrações, às histórias dos indivíduos, permitindo que vivenciem situações significativas, nas quais podem se expressar e se revelar como produtores de si próprios e de suas vidas. O sentimento da exclusão é superado pelo sentimento de participação e pelo reconhecimento proporcionado pelas atividades que realizam e que adquirem no grupo um significado positivo.

A *identidade punk* surge como uma maneira que determinados indivíduos encontraram para se construírem e se realizarem, independentemente da posição social que ocupam. O sentimento de pertencer a uma comunidade e a constituição de um conjunto de significados positivos sobre si são transportados para outras esferas da vida e permitem fazer escolhas possíveis de se realizar no seu cotidiano.

CAPÍTULO V - A IDENTIDADE PUNK EM RELAÇÃO À FAMÍLIA, ESCOLA E TRABALHO

No capítulo anterior vimos como se constitui a *identidade punk*, as diferentes formas de vivenciá-la e as mudanças ocorridas com o decorrer do tempo. A partir de suas falas, pudemos saber como os integrantes do grupo contam quem são, os significados que atribuem ao *ser punk* e o que os leva a adquirir uma *subjetividade punk*. Agora iremos examinar como essa identidade repercute nas outras esferas da vida, como influencia a vida em família, no trabalho e na escola. Iremos saber se os significados construídos no grupo fornecem sentidos ou não para as suas vidas cotidianas e como regulam as suas escolhas e ações.

Ao assumir a *identidade punk*, assumem a percepção da situação em que vivem e de si próprios e, com isso, pretendem denunciar a exclusão de muitos dos direitos que deveriam ser acessíveis para todos. O que desejam é viver em uma sociedade, na qual todos tenham seus direitos respeitados, “o *punk* é solidário”. Querem uma vida digna para todos. Querem liberdade e o direito de poder escolher o rumo de suas vidas. Abominam o destino que a sociedade lhes reserva, são *punks* para mudá-lo. Entretanto, muitos afirmam que os *punks* são “pessoas sérias”, “pessoas normais” que querem ter direito à família, uma casa, à saúde, educação, segurança, alimentação e, principalmente, querem ser respeitadas. Mas, se todos têm família, vão à escola e trabalham, como se processa essa mudança?

Procuraremos responder essa pergunta ao saber como conciliam o desejo de ter uma vida digna e a percepção que adquiriram do mundo. Buscamos entender como desejam mudar seus destinos nesta sociedade e, também, como administram a sensação de se considerarem diferentes com a vida em família, em função da frequência escolar e do trabalho.

A *identidade punk*, como todos os informantes fazem questão de afirmar, está relacionada a um modo de viver. Ao adotarem o *estilo de vida punk*, pretendem conquistar uma vida digna e, através deste, superar as injustiças, as quais acreditam estar submetidos. Examinaremos, então, como este estilo de vida irá repercutir nas várias esferas de suas vidas; como agem os aspectos identitários adquiridos na experiência juvenil *punk* no cotidiano dessas pessoas.

VI.1 - A Família de Origem e o Casamento

Família de origem

Os informantes da primeira fase, pela idade e pelo grau de autonomia que já possuem, não têm uma relação tão imperiosa com a família de origem, mas a consideram como algo bom em suas vidas. Porém, veremos a seguir que o significado da família nem sempre foi este. Há uma redefinição, já que na juventude era percebida de forma negativa, tendo em vista representar um entrave para a liberdade individual.

Na juventude, a vontade de agir, de acordo com seus desejos era barrada pelas relações familiares rígidas e este é um dos fatores que gera seu significado negativo. Com o passar do tempo, a aquisição da autonomia e a entrada na vida adulta fazem com que a família de origem passe a ter um novo significado, agora positivo. Em um primeiro momento, formulam a crítica de que a família reproduz as desigualdades sociais a partir da submissão dos filhos à hierarquia familiar. Com o tempo este pensamento se transforma. A família passa a ser percebida de forma positiva para o indivíduo, pois evita que fique a mercê da completa falta de referências. Para muitos, esta redefinição também ocorre a partir do momento em que constroem uma nova família e do papel que nela assumem. Manter uma casa e garantir o bem estar dos filhos redefinem o significado da família de origem; este novo significado serve, inclusive, como justificativa para as atitudes que toma dentro da sua família.

Nos deteremos um pouco sobre o tema, conhecendo a família dos entrevistados, pois conhecer as origens dos nossos informantes nos ajudará a compreendê-los melhor.

A escolaridade dos pais dos entrevistados da primeira fase varia de analfabetos a aqueles que possuem nível superior completo. A maioria, porém, possuía o ensino médio completo, sendo que apenas o Geraldo tinha pai e mãe analfabetos. Poucos completaram o ensino superior; o pai de Edgar que era militar e religioso, e o pai de Bia, que só concluiu os estudos depois de ter se separado da esposa, e com os filhos já adultos. Suas profissões são variadas, como as de cobrador de ônibus, garçom, alfaiate, funcionário de indústria e artista plástico.

As mães, no geral, completaram o ensino médio. Laura afirma que sua mãe fez o Mobral e as mães de Edgar e de Otavio possuem habilitação para o magistério, mas apenas a última atuou na área. A mãe da Bia estudou até a 4^a. série do ensino fundamental e trabalhava como faxineira. A maioria ficava em casa cuidando dos filhos

e dos afazeres domésticos. Aquelas que trabalhavam fora geralmente eram chefes de família, com exceção da mãe da Laura que ajudava a aumentar a renda familiar, trabalhando como faxineira.

Para os entrevistados, o significado mais importante da vida familiar é a formação do indivíduo. Todos relacionam a experiência familiar como algo bom que possuem.

Havia dentro da família restrições para que eles vivessem da forma como desejavam o momento da juventude. Suas atitudes muitas vezes negavam os valores e os desejos da família. Para não terem que esperar a permissão dos pais para viver de acordo com suas crenças, a *identidade punk*, naquele momento, serviu para que pudessem expressar o desejo de liberdade e rebelião em relação à família.

Alguns relataram que um dos pais era muito severo, mas o passar dos anos e a vivência no presente sublimaram estes acontecimentos que pertencem ao passado. Então passam a realçar os aspectos positivos da família, relativizando os negativos, como vemos no relato abaixo:

“É depois que cresce, aí já muda o pensamento. Aí uns já... sai fora, não quer conversar com... É aquele negócio, família né! (...) Ah! Significou tudo né! Porque sem família ah...né...às vezes...é, às vezes você precisa da família e ela tá lá e tem muitas pessoas que também precisa da família e a família não está nem aí, né. Sei lá cada um é cada um...Pra mim sempre eles...o que eu queria fazer eles apoiaram deram força. (...) É teve uns problemas é, mas isto daí acho que faz parte ...que...é igual, né, com minha família, né, meu pai pegava no pé, né! (...) Agora é tranqüilo que ele faleceu, né! Então aí que tá! Que eu quase não conversava com ele, depois que eu casei aí eu comecei a conversar com ele. Por que? Porque não mora junto, não se vê toda hora, certo? Então tem mais papo.” (Miguel, aproximadamente 55 anos)

O passar do tempo e a autonomia adquirida na vida adulta levam à em relação às normas familiares e, com isso, alteram o modo de vinculação e de relacionamento com os membros da família. O indivíduo que não é mais dependente, passa a ter um papel ativo em relação a ela. Muitas vezes adquire novos vínculos, uns muito impessoais e outros ainda mais rígidos do que encontrava na sua família. Esses constrangimentos, que são mais difíceis de contestar e por isto são causadores de maiores frustrações, do aqueles experimentados em família, acabam dando um significado positivo a esta.

As decepções, os fracassos e as relações competitivas existentes fora da família fazem com que mudem sua visão sobre ela, realçando os aspectos positivos do ambiente

solidário que ela propicia, bem como os laços afetivos nela presentes. A família traz uma sensação de amparo e afetividade que intermedia as relações do indivíduo para a vida social, que são permeadas pela indiferença e pela competitividade. Laura ameniza o conflito surgido na época em que ficou grávida e prefere se lembrar do esforço que seus pais faziam para que os quatro filhos se desenvolvessem:

“Tudo. Tudo pra mim. É a minha base, a minha sustentação é a minha família. É a minha base, a minha sustentação. Meu pai, minha mãe, apesar de não terem estudo eles sempre incentivaram a gente. Todas nós, todas nós estudamos. Todas nós estudamos, é só o meu irmão mais novo que ainda não tem faculdade e a minha segunda irmã que se casou cedo, mas ela fez o colegial. Terminou o colegial. Então meu pai e minha mãe sempre incentivou a gente estudar. Agradeço muito a eles quem eu sou hoje. Agradeço muito, porque eles também são muito punk. E nem sabiam o que era isso! (Laura, 40 anos)

Geraldo, o mais novo de uma família de seis filhos, lembra-se de um relacionamento conflituoso com os irmãos. Já com pais, acredita que, por estarem com uma idade avançada quando ele nasceu, a relação foi boa e afirma ter usufruído de muita liberdade. Na família tinha pouca privacidade e experimentou a privação de bens materiais, advindas do fato de pertencer a uma família pobre e com muitos filhos. Quanto ao relacionamento familiar, afirma:

“Todos homens. É o relacionamento era... ele era conflituoso assim entre aspas, mas era um relacionamento que você tinha uma aprendizagem bacana, porque você tem que lidar com a questão coletiva.(...) Então você tem que fazer aquelas negociações e, é diferente das famílias de hoje, das famílias menores que ao cara, às vezes, ele é filho único ou quando são dois filhos, cada um tem seu quarto. (...) Então, é... eu já fui criado de certa maneira numa casa anarquista, né, no sentido que você tem um certo espontaneísmo. Não tem essa intervenção de ‘não’, aquela coisa de repressão: ‘Não faça isso, não faça aquilo’. Era uma casa que não tinha muito, entendeu? A palavra ‘não’ não era usada.” (Geraldo, 34 anos)

Os motivos alegados pelos informantes para terem saído de casa foram variados: Miguel, Dulce e Geraldo saíram de casa para casar; Edgar, para estudar. O casamento é uma forma de deixar a família, o que muitas vezes coincide com suas aspirações, principalmente no que tange às mulheres. Geralmente, estudar e ingressar em uma faculdade são as maiores aspirações familiares, e neste sentido, Otavio afirma ter estragado o sonho dos pais que queriam o título de “doutor”, e completa:

“Mas foda-se! Fui punk ontem, sou punk hoje e morrerei punk amanhã. Essa é minha vida e sou feliz assim!” (Otavio, 36 anos)

Bia também não conseguiu conciliar o desejo de viver a juventude da sua maneira, queria “ser doida”, com as aspirações familiares e por isso fugiu da opressão paterna aos 15 anos. Agir de acordo com suas preferências, muitas vezes, implicava na

dissolução das relações familiares para afirmação do “eu” e a *identidade punk* servia de apoio para esta empreitada. Bia fugiu pela primeira vez aos 12 anos, ficou três meses viajando com uma colega por Minas, Bahia e Pernambuco. Voltou para casa e fugiu novamente, sendo que dessa vez foi morar com crianças de rua. Aos 15 anos, saiu definitivamente de casa e logo se casou:

“É eu não queria mais voltar, eu não queria. Eles não me deixavam fazer o que eu queria, eu queria ser doida. Eu queria ser roqueira, queria a liberdade, eu queria independência. Não queria ser aquela menina submetida que ele queria, né. Eu tinha dó da minha mãe, porque minha mãe sofria muito com isso, mas do meu pai eu não tinha um pingão de dó. Minha irmã... aquilo, né! Aí chegou um belo dia, cê na rua... Aí não, eu falei: ‘Vou voltar, a única opção’. Aí voltei. Aí cheguei de madrugada, bati na porta. Aí ah!... Minha mãe chorou... minha madrinha morava com a tia... Aí fiquei um tempo planejando pra sair de novo, né. Aí eu já não valia mais nada mesmo, meu pai me chamava de vagabunda. (...) Aí peguei, fui embora de novo de casa. Aí minha mãe ficou mal, mal. Até minha irmã fico me procurando, eu tava em São Paulo ainda. Aí minha irmã me procurando até que me achou: ‘Que a mãe tá mal’. Aí voltei. Não ia deixar minha mãe mal, né? Voltei por ela e fiquei uma cara em casa. Aí quando fiz 15 anos foi a hora que eu fui. Foi toda aquela história, né?” (Bia, 41 anos)

A família propicia uma sensação de amparo e afetividade, oferecendo uma referência positiva à vida das pessoas, que passam a identificá-la com o significado social da família, vista como o lugar indispensável para a boa formação dos indivíduos.

Otavio até agora não saiu de casa. Seu pai é falecido e ele não consegue trabalho fixo, por essas razões reside com sua mãe. Lembra que, na adolescência, o significado era negativo por causa da relação conflituosa com o pai, mas depois alterou para positivo baseado no relacionamento materno que é menos rígido e mais compreensivo. Para Otavio, a família inspira um porto seguro, com sentimentos fraternos e amáveis considerados como positivos que o transfere para outros momentos de sua vida onde acredita encontrar esses sentimentos, como aqueles vivenciados no relacionamento com os integrantes de sua banda:

“A família é a base da construção do caráter e personalização do indivíduo, quando eu era adolescente foi um tanto conturbado, principalmente com meu pai. Mas hoje é normal, pois sou eu que assumiu, junto com minha mãe a chefia da casa... Eu acho que a família é importante, mas não deve ser vista como a única entidade na vida de uma pessoa...assim, eu digo...como eu te falei, família pode ser os amigos, o pessoal da banda, que eu considero assim” (Otavio, 36 anos).

Os informantes da segunda fase também têm uma certa autonomia em relação à família de origem, mas possuem uma relação de maior proximidade com ela, diferentemente do que os entrevistados da fase que acabamos de analisar.

Apesar dos integrantes desta fase já viverem um momento onde as relações familiares começam a se modificar experimentando relacionamentos menos rígidos dentro dela, ainda vivenciaram-na como uma barreira para as suas aspirações de viver a juventude de acordo com seus ideais. O relacionamento com a família também é marcado por relações rígidas o que fez que alguns deles tivessem que romper os laços familiares: Marcos foi expulso, enquanto Ana, Pedro e Mario saíram de casa. Isso faz com que a família, em um primeiro momento, tenha um significado negativo, mas depois, com o tempo, há uma resignificação como se tivessem feito um novo acordo com os familiares e lhe dando um sentido positivo.

Seus pais possuem níveis variados de escolaridade. Quatro fizeram o ensino fundamental completo, três o ensino médio completo, e apenas um tem curso superior completo. Nenhuma das mães tem curso superior completo, três possuem ensino médio completo e cinco o ensino fundamental completo.

A profissão da maioria dos pais dos informantes é a de trabalhador em fábrica (3), mas também há um mecânico, um trabalhador da construção civil, um proprietário de banca de jornal e um publicitário. As mães, da maioria, são donas de casa. Duas costumam fazer artigos para vender e complementar a renda familiar e as outras realizavam os seguintes trabalhos: funcionária de fábrica (2), uma faxineira e outra professora de teclado, esta última passou a realizar esta atividade depois que os filhos saíram de casa.

Os pais são, na sua maioria, casados (7), sendo que apenas um informante tem pais separados.

Renato, o informante cujos pais são separados, afirma que o rompimento causou um forte abalo emocional, que se estendeu para a situação financeira. A visão positiva da família, apesar da separação, lhe traz sentimentos contraditórios e um certo ressentimento, uma vez que a separação acentuou a falta de recursos materiais para a família que passou a ser formada pela sua mãe, suas irmãs e um sobrinho:

“Com minha mãe é beleza, é ótimo, agora com o meu pai é mais complicado, apesar da situação da separação, do que acabou acontecendo com a gente. (...) Tá sendo agora, por questão financeira, cesta básica, o auxílio que ele não dá pra gente. Apesar dele tirar uma boa condição financeira com o transporte escolar, porque ele trabalha tanto na escola particular, quanto na escola estadual. (...) Deixou, lá pra casa ele nem liga tanto, ele liga mais por causa da minha irmã, que é a xodó da família, tem mais consideração, e apesar disso ele não paga pensão. Já vai fazer quase 3 anos e 7 meses, aí que ele, que ele nunca pagou pensão. (Renato, 25 anos)

A maioria alegou que a família é algo bom. Entre aqueles que relataram existir muita repressão em seu interior, o motivo alegado para terem saído de casa foi este. Mesmo estes, depois de algum tempo, voltaram atrás em suas considerações.

Pedro é nascido em São Paulo, mas seus pais retornaram para o Ceará por não conseguirem se manter. Pedro seguiu com os pais, mas retornou para viver com os *anarcopunks* e nunca mais voltou a viver com os familiares:

“É também... pra poder dar... assim antigamente é... eu tinha esta idéia de que muito ‘ah família e tal’ assim, eles nunca me fizeram mal. Eu acho que tem pessoas que tem motivos realmente pra não gostar, né, do pai que é... do pai, que apanhou do pai. Eu apanhei do meu pai, mas não foi tanto assim. Até agradeço pelas coisas que ele me deu. E assim, antigamente eu não tinha muito este apego, né, mas hoje eu já sinto mais sabe, assim, eu vejo, por exemplo, a velhice da minha mãe, eu fico preocupado. Com as minhas irmãs e foi uma coisa que a pouco tempo atrás eu reatei este laço, porque desde que eu vim pra cá em 95 que a gente meio que não tinha muito contato. Aí de uns tempos pra cá eu tenho tido contato, e tenho visto que de certa forma foi uma bobagem que eu criei. Na verdade eles não têm culpa de nada, pelo contrário, sempre... sempre me ajudaram dando força no que eu pude fazer, mas assim sempre tem aquela coisa da... ‘Ah! você tem que falar mal da sua família, porque família não presta. Eu acho que não é bem por aí, tem boas famílias’ (Pedro, 29 anos).

Mario e Ana também saíram de casa para morar com os *anarcopunks*, grupo que tem o costume de montar *comunidades*²⁸. Todos tinham a vontade de viver uma liberdade que não tinham em casa, onde as regras familiares eram rígidas, a ponto de ser imprescindível um rompimento para poderem afirmar suas escolhas e a construção do seus próprios “eu”: a *identidade punk* novamente aparece como um ponto onde se pode ancorar.

Mario sentia a repressão por parte da mãe, que é muito religiosa. Conta que ela implicava com seu jeito de vestir e de se comportar, o que fez com que ele se afastasse do convívio familiar.

²⁸ Comuna é o nome que os *anarcopunks* dão às comunidades que montam para viverem juntos a semelhança dos *squats*. Porém os *squats* são casas abandonadas que os *punks* europeus invadem para morar e as comunas são feitas em casas alugadas ou de propriedade de algum integrante do grupo.

Já Ana queria “curtir a vida longe das regras de casa”. Foi morar com os *anarcopunks*, em seguida se casou com um *punk* e foram viver juntos. As conseqüências desta emancipação realizada de maneira abrupta foram pesadas e hoje ela possui um olhar arrependido em relação a certos momentos do passado. Alterou o significado da família e demonstra um certo arrependimento pelo que fez de forma impetuosa.

Inversamente, dois dos informantes foram enfáticos em afirmar a importância da família em suas vidas. Um deles é Frederico, casado, com um filho recém nascido. Só saiu de casa para estudar, mesmo assim relata os conflitos que existiram na família:

“Minha família pra mim significa muito, porque embora a gente tenha problemas, como todas as famílias eu acho que tem, né...a gente sempre foi muito unido nas coisas, a gente sempre foi muito unido quando aconteceram problemas, né. Talvez o único revés, assim, da minha família tenha sido um pouco o comportamento do meu pai, que durante um certo tempo ele não deu muita bola pra família. Ele saía, ia jogar bola ou ficava no bar e aí minha mãe ficava meio triste com isso. Meus irmãos... eles também... A gente teve uma relação um pouco mais complicada com ele, era meio agressivo, né. Mas no geral, assim, eu, minha mãe, meus irmãos a gente se dá muito bem.”
(Frederico, 26 anos)

O outro, João, também dá muita importância para sua família. Como tem Depressão e Síndrome do Pânico, afirma que ela o ampara e o mantém vivo. Nutre forte gratidão e um compromisso de retribuição pelo apoio e compreensão que seus familiares lhe dão. Não se sente pressionado para encontrar um emprego. Quem mantém a casa é o pai, que é mecânico, e a irmã mais nova, que fez magistério e trabalha como educadora. Afirma que o mundo externo ficou mais cruel para ele depois que entrou em contato com o Movimento *Punk*. Ele experimentou a sensação de dominar a forma como os fatos acontecem e ao mesmo tempo a sua impotência para mudá-los.

Aqui, vemos que as formas como se manifestam as relações familiares vão em dois sentidos: a de barrar as aspirações do jovem e, ao mesmo tempo, a possibilidade de concretizá-las no interior delas. A emancipação desejada à construção do “eu” pode originar conflitos que levam ao rompimento com a família. No entanto, há os que relatam ter sido aceitos não precisando a emancipação ser realizada à revelia dela.

Renato também é muito ligado à família, mas relata o conflito que existiu quando optou por *ser punk*:

“Minha família enfrentou muitas coisas assim, tipo, o Renato vai usar drogas. O Renato vai virar a cabeça. Porque assim, eu sempre fui educado, então eu queria uma coisa diferente pra mim. Porque aquilo... eu não tava mais suportando aquilo, aí foi quando eu conheci o rock, até comecei a me sentir mais assim... porque adolescente quer sentir tudo. Mesmo assim a causa da família foi grande.” (Renato, 25 anos)

Os informantes da terceira fase, os *punks* da atualidade, ainda estão muito ligados à família de origem. A maioria não se casou e nem saiu de casa. Moram com os pais. As diretrizes familiares, a ajuda mútua e o respeito pelas orientações dos pais estão muito presentes na vida destes jovens. As relações recíprocas e os vínculos que os prendem à família são muito mais complexos do que a vontade de emancipação que está ligada à sua condição juvenil. O jovem está em um momento, no qual procura reestruturar sua identidade, pois ainda não tem compromissos firmados com emprego e filhos e procura se divertir e curtir este momento, fatos que impõem uma vivência no grupo familiar.

A maioria dos pais dos entrevistados tem o ensino médio completo e dois possuem o ensino superior completo. O tipo de trabalho que a maioria realiza está relacionado ao comércio (3), dois estão desempregados e o último é funcionário público.

Entre aqueles que possuem o ensino superior, um deles não trabalha na área em que se formou e sim como funcionário público. Seu filho, que faz o curso de Sociologia, também trabalha desde os 18 anos como funcionário público.

Já o outro que chegou à faculdade está desempregado. Fica em casa cuidando dos quatro filhos que possui do atual casamento, enquanto a sua esposa sai para trabalhar.

A escolaridade de três das mães dos informantes é o ensino médio completo, destas duas abandonaram a faculdade ao se casarem. As outras quatro completaram o ensino superior. Duas possuem curso superior em Pedagogia e trabalham nesta área e a filha de uma delas, que foi entrevistada nesta pesquisa, seguiu os passos da mãe e fez curso superior na mesma área.

As outras duas são formadas em enfermagem, uma trabalha no Hospital Albert Einstein e a outra no Hospital das Clínicas. Esta última conseguiu um emprego neste mesmo hospital para a filha, que também foi entrevistada nesta pesquisa. Ela afirma: “A

mãe conseguiu este trabalho em razão de “QI, quem indica”. Uma outra mãe de uma entrevistada fez curso técnico em enfermagem, trabalha na área e é concursada.

Todas as mães dos entrevistados trabalham fora, nenhuma se dedica apenas aos cuidados da casa e algumas, após a separação, tornaram-se chefes de família.

Vimos que quase todos os entrevistados, das três fases consideradas, concluíram ou estão concluindo o ensino médio, reflexo do processo de democratização do acesso à educação básica. Uma única entrevistada completou apenas o ensino fundamental, mas isso ocorreu devido à forma como os acontecimentos ocorreram na sua vida e não pela dificuldade de acesso à escola.

Este acesso facilitado à educação pode ser percebido também entre os pais dos entrevistados. Aqueles das primeiras fases tinham escolarização mais baixa, existindo entre eles muitos que tinham concluído apenas o ensino fundamental e até aqueles que eram analfabetos. Já entre os pais dos informantes da última fase todos concluíram o ensino médio.

As mães dos entrevistados das duas últimas fases também têm uma escolaridade maior do que as da primeira. Inclusive, maior escolaridade do que de seus maridos ou ex-maridos. A maioria das mães dos informantes da Primeira e Segunda fases eram donas-de-casa e as que trabalhavam fora, em geral, eram chefes de família. Já entre as mães dos jovens da Terceira Fase todas trabalham fora. Resta-nos saber se, isto se deve ao avanço do papel da mulher na sociedade brasileira, ou a um empobrecimento desta.

Os pais de dois dos jovens entrevistados – Hugo e Carla - são casados, enquanto os outros cinco são separados.

Todos, sem exceção, afirmaram que a família é a base do indivíduo, forma o seu caráter e uma das entrevistadas acrescentou que a família traz dignidade à pessoa.

A separação dos pais nem sempre foi aceita como uma alternativa boa individualmente, mas, no geral, foi vista como boa para solucionar os conflitos familiares. A separação não anula o significado positivo da família, apesar da distância de um dos pais trazer um ressentimento para alguns:

“Assim foi bem melhor, eles terem se separado, do jeito que tava num... não dá pra ter uma vida a dois legal. Eu senti, senti meio que é...como posso dizer, hoje em dia, foi assim é... eu senti meio inconsciente entendeu? Porque assim, quando eles se separaram eu comecei a ter certos tipos de atitude, assim... rebelde sabe. Foi meio que inconsciente, hoje eu posso falar disso, assim na boa, mas eu senti. Eu senti bastante, assim, porque ... uma porque eu sempre fui

apegada ao meu pai, né. Então com a separação deles, eu senti muita falta dele” (Milena, 19 anos).

Este sentimento é demonstrado claramente por Julia, que evitou em falar no assunto. Ela mal sabe o paradeiro do pai e afirma apenas que está desempregado. Pela sua fala vemos que nem sempre a família tem dificuldade em aceitar a opção pelo estilo, a maior dificuldade é interna muito ligada à falta de tempo para conversar por causa dos compromissos diários e a distância, que no seu caso, é em relação ao pai:

“Separaram há uns três quatro anos. Três anos mais ou menos, é três quatro anos. É uma relação complicada mesmo, como toda família sei lá... Não sei nunca falaram nada pra mim... É normal, porque ele gostam de rock também, é roqueiro doidão da época, então...” (Julia, 18 anos).

Nem sempre a ausência é paterna. Roberto, com seu irmão mais novo, mora e trabalha com o pai. Visita a mãe de vez em quando, geralmente em finais de semana. Sua situação revela o sentido ambíguo da dependência: o trabalho familiar no comércio do pai, ao mesmo tempo que restringe, fornece uma sensação de amparo. Afirma que os compromissos familiares vêm em primeiro lugar, depois sobra espaço para desfrutar sua liberdade e viver como jovem:

“Ah! De semana que é mais família, né, e os amigos fica mais difícil de ver. Nos finais de semana sim dá tempo da gente se encontrar, né. Ah! No meu caso, comigo, com meus pais é uma boa, não tenho nada contra. Só que eu moro com meu pai, minha mãe eu preciso visitar ela, nos finais de semana. Com meu irmão é boa, né. Só que, como todo mundo trabalha, a gente não se vê muito. Eu acho que é estável. Tem aquelas briguinhas bestas, mas eu acho que é coisa de irmão mesmo, não é nada sério. Tipo aquela coisa que um gosta de uma coisa, o outro não gosta, tem que saber dividir os gostos. Tem que saber aceitar um pouco o gosto do outro e saber aceitar o seu gosto também, né! O que você gosta, tem que dividir senão dá briga” (Roberto, 24 anos)

Já Peter foi criado pela avó, mas não sente ressentimento com este fato, até sente saudades do tempo que morava com ela. De uns três anos para cá, quando passou a se envolver com o *estilo punk*, foi morar com a mãe. Afirma que a relação é boa e que gosta de ter seu próprio quarto.

O cotidiano destes jovens é centrado na família de origem, no trabalho, na escola e na diversão com os amigos. Estes vínculos de dependência ultrapassam a questão da independência financeira, pois são mais complexos e ligados à condição juvenil. A maioria relata que a diversão e os amigos estão reservados para os finais de semana, já

que nos demais dias o que é mais imperioso são as imposições e as necessidades familiares:

“É, durante a semana, família. Não dá tempo de se relacionar muito devido a correria que é o trabalho, escola, mas, assim, eu convivo com tudo quanto é pessoas, que nem eu falei. (...) Ah! Nos finais de semana dá pra trombar os colegas, assim os camaradas...o pessoal que tem mais costume de dar rolê juntos, tem alguns punks. Foram esses amigos que eu convivo e me influenciaram bastante”(Helena, 16 anos).

A reestruturação do “eu” que se processa na juventude é transformada numa busca por liberdade. Os jovens procuram vivenciar este momento de acordo com suas escolhas. Para os integrantes dessa fase, a estrutura familiar permite que se conciliem estas aspirações e, apesar de existirem os conflitos, não é necessário que rompam com a família.

A velocidade das mudanças, que alteram o quadro de referências, e a sociedade capitalista impõem normas e regras conflitantes para esses jovens que estão em um momento de escolha e reestruturação do “eu”. Acabam transformando as incertezas do momento em que vivem e o desejo por emancipação em críticas ao sistema, a busca por liberdade e o desejo de reforma em âmbitos da vida.

Nem sempre a família concorda com a opção pelo “grupo de estilo” (Kemp, 1993). Ela apresenta barreiras, questiona e reprime o jovem desta fase, que procura compreender e ser tolerante com a opinião dos seus pais. Os conflitos familiares são mais amenos e não causam situações extremas, como vimos nas fases anteriores, que geravam o rompimento com a família:

“A vontade primeiramente é fazer o que eu gosto entendeu? É criar autonomia de coisas que eu acho que é certo. Acho não, tenho certeza que é certo, entendeu? Senão não pensaria como eu penso. E até esta questão da preocupação dos meus pais em relação a mim que, às vezes, é exagerado um pouco. Mas eu não tiro a razão deles, mas isso aí atrapalha um pouco de tá saindo, fazendo uma coisa concreta. Por isso, que nem eu falei da questão ideológica, que o governo impõe, isto aí vem desde a raiz, desde que você nasce todo mundo já tem uma visão negativa do anarquismo, e do punk principalmente.” (Carla, 21 anos)

Peter não chegou a romper com a família, mas mudou da casa da avó na mesma época em que resolveu *ser punk*. Afirma que foi por causa de umas atitudes “meio psico” e relata um episódio conflituoso com o tio:

“A minha é legal! É legal, com exceção de um tio meu que raspou meu moicano a zero uma vez, a força... Disse que não era cabelo de gente, me pegou a força, me amarrou e cortou meu moicano. ‘Porque não pode’. Quando... agora a gente... ele ficou bonzinho comigo, né, eu peço uma grana pra ele: ‘Oh tio! Eu quero uma jaqueta pra mim, você compra?’ ‘Oh! Eu compro!’ ‘Aí dá dinheiro, larga de ser trouxa!’ Eu peço dinheiro pra ele, meu tio é policial, né, por isso é foda, né” (Peter, 18 anos)

A forma de lidar com a opção de *ser punk* é variada, vai desde o repúdio à aceitação. Se os pais gostam de rock, ou simpatizam com as idéias de esquerda, a opção não se apresenta tanto como um problema:

“Minha mãe achava uma merda. Falou que eu perdi tempo, que não levava a lugar nenhum, que não tinha a nada a ver com nada. Meu pai achava que tinha um pouco a ver, que era uma coisa que tinha um conteúdo político, uma crítica social, até que tinha um pouco a ver. Ele achava interessante, mas o visual pra ele não tinha nada a ver, ele achava que podia ser punk sem andar no visual, ou coisas assim. Era o que ele achava, mas o fato de ser punk ele achava legal. Até no começo, a primeira coisa que ele fez foi me trazer um livro sobre anarquismo, jogou na minha mão, depois comprou um ‘O que é Anarquia’ e me deu, assim, e falou: ‘Já que você tá nessa corrente, precisa estudar um pouco sobre o assunto’ (Hugo, 21 anos).

De acordo com alguns *punks* desta fase, como aconteceu com Peter, a influência para *ser punk* veio da própria família:

“Ah! Cara, ajudou né meu! Comecei a ver ele assim: ‘Ah! O cara é punk. Meu pai é punk.’ Aí eu falei pros meus amigos na escola que meu pai era punk e tinha um cara lá, que era punk também, Tio Chico, aí ele falou: ‘Ah! Seu pai é punk?’ ‘É dos Excarros Punks.’ ‘Oh, que legal cara conheço essa banda. Essa banda é antígona.’ Aí eu comecei a ir tal, aí eu lembro: ‘Teu pai? Teu pai é punk?’ Aí eu ia em sons com o cara, vários sons, dou rolê com o cara também, é mó legal” (Peter, 18 anos)*

A família constituída e o casamento

Um aspecto da identidade punk é que ela não leva ao rompimento com as outras esferas da vida. Ela cria uma forma diferenciada para se lidar com as demais esferas.

* O nome da banda foi alterado.

Não é necessário abdicar da vida em família para ser punk. Constituir família, muitas vezes, aparece como um fato natural da vida, que ocorre inevitavelmente para todos. Pertence ao mundo de todos, sendo punks ou não:

“Faz parte do ciclo da vida, ser mãe, ser pai, é o ciclo da vida. É uma coisa que continua independente de ser punk, hippie, gótico, black, block, bluck, independente. É um ciclo da vida, tô seguindo o ciclo da vida, seguir o ciclo da vida. Só que eu tenho um tipo de vida diferente, um tipo de pensar diferente, um modo de ver a vida diferente. (Laura, 40 anos)

Constituir família está relacionado a uma etapa da vida onde as responsabilidades se potencializam, uma vez que nascem os filhos, que se tornam dependentes do destino do adulto. O casamento e, principalmente, o nascimento dos filhos, funciona para alguns dos informantes como um reconhecimento da sua condição adulta. Tendo que criar os filhos, não podem encontrar alternativas de vida que os “desliguem do sistema”, como trabalhar durante seis meses, juntar dinheiro e parar por outros seis. As demandas de uma família são muito mais imperativas do que as de uma pessoa sozinha, que pode aceitar passar por privações para não ter que modificar sua forma de ser e de viver.

Entre os homens, três se casaram e só o Otavio continua solteiro. Daqueles que se casaram, todos estão no primeiro casamento e apenas dois têm filhos. Edgar, casado recentemente, tem um bebê recém-nascido, sente o peso da responsabilidade que está ligada à constituição de uma família, e ainda não conseguiu conciliá-la ao seu modo *punk* de ser:

“Cê acredita que eu não pensei nunca nesses termos assim, família, depois que vai caindo a ficha um pouco. Ah... família começa pela grana, tem que ter grana, por exemplo, minha esposa quer largar a escola. No início tem a licença e tal que ela recebe, mas depois ela quer ficar um ano sem trabalhar, para poder cuidar melhor da nenê. Aí eu tenho que trabalhar mais, para mim tudo bem, correr mais atrás da grana, até virar um punk capitalista agora.... sei lá... Não sei, tem que dar mais aulas talvez, eu passei no concurso do Estado e vender coisas para cuidar da família. Aí eu vou ficar louco também, né! É meio estranho a coisa, e agora eu tô ficando contra o trabalho também, né, tô com medo de começar a dar um tilti na minha mente sobre isso, ou vai fazer o que você gosta, porque grana precisa, ou vou virar um empresário punk rock, por exemplo, ia ser uma coisa legal.” (Edgar, 41 anos)

Miguel tem duas crianças, uma com 12 anos e a outra com 2 anos. Morava no fundo da casa dos sogros até pouco tempo. Quando estes foram morar no litoral, ele e a família passaram a morar na casa da frente. A responsabilidade para com a família e a garantia da sua manutenção já aparecem para ele como uma condição óbvia:

“Ah! O que significou? Encontrei a cara metade né! Sei lá! (...) É muda porque é você que agora tem que levar pão e leite pra casa né! Muda né! Porque antigamente eu não levava nada pra casa, trabalhava e se eu quisesse dar dinheiro eu dava, se eu não quisesse dar dinheiro eu não dava. Aí, quando você casa, você tem que levar pão leite e tem obrigações pra pagar as contas. Sei lá... você que é agora... é você sozinho, né... cê que tem que...caiu no mundo agora é pra meter bronca, né.” (Miguel, 55 anos)

Apesar do casamento, e mais enfaticamente o nascimento dos filhos, fazer “parte do ciclo da vida” e, portanto, ser algo independente da vontade humana, a forma como ele se apresenta atualmente na vida das pessoas faz com que seja percebido também como uma escolha (identitária). O casamento está ligado a uma decisão de buscar algo de si no outro.

A relação de companheirismo que existe quando a pessoa encontra sua “cara metade”. O companheirismo e a autenticidade da relação são motivos que levam ao casamento. É uma mudança em relação ao seu significado e sua finalidade que vem se processando ao longo dos tempos. Ela aparece mais como um desejo e uma escolha individual, onde o casamento significa uma busca de si. Significa encontrar seu outro “eu” na sociedade e optar por conviver com ele:

“Casamento? É o casamento é a possibilidade de se ter um... uma companheira, mas uma questão de companheirismo mesmo. Eu acho importante... mas você também tem que manter sua individualidade no casamento. Porque aí tem um problema porque o individualismo é uma coisa e individualidade é outra. Eu acho que o ser humano tem que ter a questão da individualidade.(...) É... a gente... tá esperando um pouco, estudando. Não sei se quero ter um filho ou não, eu ainda não decidi” (Geraldo, 34 anos)

Já entre as mulheres que se casaram apenas uma assim permanece, Bia, que está esta no seu segundo casamento, o qual já dura 20 anos. Possui dois filhos, um é desta união e está com 18 anos, o outro é da primeira e está com 24 anos. Por ter saído de casa muito cedo, potencializaram-se as dificuldades originadas pela sua classe social, fazendo com que perdesse um dos filhos do primeiro casamento, fato que ainda a faz sentir muita mágoa.

Para as mulheres, o casamento e a família estão intimamente ligados à maternidade. Isso advém da representação simbólica da família, na qual a mulher é aquela que zela pelos filhos. Essa vinculação também pode revelar o enfraquecimento da obrigação que antes levava as mulheres a se casarem: elas podem privilegiar os

filhos; não necessariamente o casamento e o marido. As relações desiguais dentro do casamento e as frustrações que dele decorrem fazem com que os riscos existenciais e, muitas vezes, também os econômicos recaiam sobre a mulher. Com isso, a partir de um certo momento, o significado positivo do casamento passa a ser os filhos, passando a mulher a privilegiar a maternidade e tudo o que isso implica. Esta transformação aparece como uma atitude conformista, mas é também uma atitude reformista.

Dulce foi casada apenas uma vez e está separada há uns 4 anos. Seus filhos têm 11, 8 e 3 anos a são todos do mesmo pai, como faz questão de afirmar. Apesar do declínio do modelo familiar com papéis sociais e sexuais padronizados, ainda há identificação com ele, como vemos por meio das palavras de Dulce que, mesmo tendo sido abandonada pelo marido quando estava grávida, acredita que os filhos justificariam a continuidade do casamento. O casamento de uniões estáveis que leva à construção de uma família e propicia amparo econômico e afetivo para prole ainda tem uma forte eficácia simbólica:

“Tudo! Eu sou muito mãezona. Eu sou absolutamente, que nem eu trabalho aqui no final de semana e estampo em casa. (...) Porque eu posso cuidar dos meus filhos, educá-los, enquanto eu trabalho e faço comida, limpo a casa, vou no banco, volto. O importante pra mim é ficar com os meus filhos. (...) E o meu casamento não teria acabado, não que eu goste dele, mas se dependesse de mim e dos meus filhos eu teria dado continuidade sim. Do ponto de amizade maior que a gente tinha vai, entendeu? Porque pra mim a família vem sempre em primeiro lugar, sempre foi assim... (...) Engravidei três vezes e tive três filhos, nunca fiz um aborto. Cê entendeu a importância que eu dou a isso? E tem que ser assim.” (Meire, 40 anos)

Laura não se casou, e afirma que sempre namorou *punks* (o pai de sua filha também era um *punk*). Não permaneceram juntos na época, devido à imaturidade do casal, pois eram adolescentes. Ela tinha 17 anos quando engravidou. A responsabilidade em relação à filha, foi um dos motivos que justificaram para ela os momentos em que se distanciou do *punk*. Ainda hoje, já avó, sente o peso da responsabilidade em relação à filha que também teve seu bebê com 17 anos e hoje está no seu segundo casamento. Laura oferece a ela um auxílio financeiro:

“Ou então se afastava e simplesmente continuava, porque pelo que eu me lembro da época... eu fiquei grávida muito cedo... então tinha coisas que não tinha como eu ir porque eu tinha o meu bebê. Então eu tinha que cuidar, eu tinha compromisso com a família, com blá, blá, blá... Então o que você tinha que lutar? A sociedade, a família, é... tudo, tudo.(...) Criei, criei. Ela ouvindo som, às vezes, eu ia... depois quando ela tava maior, cheguei a levar ela em vários locais que a gente freqüentava, quando ela era mais grande, dez anos. A partir dos sete anos que eu comecei a sair com ela mesmo. Não levar ela em som, mas em reuniões que, às vezes, a gente fazia. Eu tocava e levava ela pra

ver os ensaios. Aí ela fala assim: 'Mãe sabe porque eu não sou punk? Porque eu ouvi tanto mãe, eu ouvi tanto que agora eu não consigo mais ouvir!' Bom, tem sentido não!'" (Laura, 40 anos)

A relação com os filhos é sempre permeada pelo Movimento Punk. Miguel afirma que sua filha quer montar uma banda e fazer tatuagem. Possuem um ideal de vida para os filhos que passa longe dos obstáculos que enfrentaram, gerando uma ambigüidade entre proferir um discurso que fala em liberdade e agir de forma autoritária. Este desejo faz com que se curvem a uma pressão social, que os faz criar seus filhos de acordo com padrões e valores tradicionais:

"Não! Com dez anos não! Eu falei pra ela, quando você tiver mais de 18 anos e saber o que você vai fazer, aí cê pode fazer tatuagem. Que já pensou, fazer uma tatuagem num lugar e aí cê vai procurar serviço, aí cê num vai encontrar porque você tem uma tatuagem. Então cê tem que fazer com mais de 18 anos, 20 anos, né! Pra você saber o que você vai fazer, o que você vai estudar e aonde você vai fazer a tatuagem. (...) Ah! Eu falei que eu fiz a tatuagem quando eu tinha vinte anos, né!" (Miguel, 55 anos)

Esta pressão e a imagem tradicional da família geram uma contradição que podem levar a tentativa de transformar a família que possuem em uma "família normal". Aqueles que não conseguem se desligar do grupo, mantendo um contato muito próximo com ele, não cumprem com este objetivo. Esta situação contraditória faz com que ajam de uma forma, mas estão preocupados em agir de uma outra – de acordo com os modelos tradicionais:

"É eu acho que é aquele umbigo que nunca foi cortado. Não consegui cortar, desligar, cortar o cordão umbilical, né? Eu acho que por mais que a gente tente...Ah! Porque tem horas quer, né! Uns altos e baixos da sua vida, você se empapuçá de tudo. Ah! Não! (...) É, mas não consegue, não consegue por mais que tenta. Não ser uma família punk... É que nem eu falei, eles estão acostumados, eu acho que se a gente tentar sair fora, eles vão cobrar sabe. Porque já tentamos, tentamos. 'Não, perai, vamos.' 'É isso que vocês querem uns pais caretas?' Uns pais... porque né! 'Vamos tentar, vamos dar'. Só que aí começaram uns conflitos. Todo mundo fica perdido, sabe? Todo mundo parece barata tonta, não entende nada, porque nasceram nisso, cresceram nisso, viram a vida interia isso, né? Apesar de terem estudado lógico, de terem vistos outros..." (Bia, 41 anos).

Dulce é uma das que mais reforça, em suas falas, a concepção de família tradicional, com papéis definidos para homens e mulheres, associados ao homem provedor e da mãe afetiva e protetora do lar. Há uma predominância dos direitos masculinos e uma posição subordinada das mulheres, geralmente relacionada ao cuidado dos filhos. Vemos que muitos dos informantes acreditam que são funções específicas da mulher, a responsabilidade com os filhos e os afazeres domésticos:

“Mas a mulher que tem que fazer isso! O homem é do mundo, o homem não vai ficar em casa educando os filhos. (...) Então é o que eu tô falando. Mas a mãe é que sempre foi a educadora, eu fui educada pela minha mãe. Meu pai não ficava em casa, pra mandar tomar banho, pra mandar trocar o sapato... (...) Eu gosto da minha função de mulher, eu só gosto de ter essa função diferenciada mesmo, essa coisa de igualdade não me interessa. Sou diferente sim, sou mais frágil sim, sou mais forte na rotina. A mulher agüenta mais a rotina de casa do que o homem e faço o que posso com a educação de meus filhos. Eu tenho que estar presente, as mulheres feministas elas pensam que quanto menos elas ficarem com os filhos mais elas serão livres. Errado! Você tem filho, você tem que converger a sua vida para um lado que você possa ficar mais com eles e não o contrário, não arrumar outros...porque você sabe que se a gente quiser arrumar coisa pra não ficar em casa, você arruma, né! (...) Porque? Para vadiar, para não fazer mais nada. Então a putaria tomou conta de tudo. Então elas querem ficar cada vez menos, mais longe... e eu sou o contrário, eu quero ficar cada vez mais perto de... tá muito perigoso aí fora, entendeu? Vamos conversar. Vamos dar carinho, agora. Por isso que eu não sou, neste aspecto de feminismo, tô fora. Não tenho nada a ver com nova era, acho que mulher tem que ter marido para ajudar a criar filho, e eu é por que eu fui abandonada. Com essa história de ficar... Não é três do mesmo pai, porque sempre fui muito fiel. Mesmo ele indo embora ele registrou os três filhos, entendeu a diferença? Então assim, homem, mulher e criança, eu acho muito legal...” (Dulce, 40 anos).

Entre os informantes da segunda fase, vemos, também, que a constituição de uma nova família assusta pela responsabilidade que ela demanda, reduzindo as atividades com o grupo. Aqueles que já se casaram relatam que o lazer se modifica, ocorre um maior recolhimento à vida privada e que passam a desenvolver outros relacionamentos de acordo com as novas necessidades:

“Atualmente eu me relaciono mais com a minha família, que é minha mulher e meu filho e com os meus colegas estudantes da universidade que é... eu sempre encontro no bandejão e a gente sempre mantém aí um bate papo e em menor grau assim com as pessoas do meu trabalho. (...) Porque, como eu falei, tô numa fase muito conturbada da vida e...e acaba, assim, o pouco tempo que resta, como agora eu tenho uma família, eu acabo meio que me dedicando a esta família. Ah! Eles significam tudo pra mim praticamente agora, porque a gente vive junto, a gente compartilha tanto as alegrias quanto as tristezas junto, as dificuldades, né. E a gente invariavelmente sai junto também, o lazer agora é pensado de forma que possa ser curtido pelos três, né. Não mais só por mim ou só pela Mirella, mas pelo três”. (Frederico, 26 anos)

Entre os seis rapazes entrevistados, quatro já saíram da casa dos pais, sendo que apenas dois são casados e têm filhos. Vemos que o casamento não tem a mesma

implicação social que tinha antes, sendo percebido como uma escolha e até como um momento de experimentação. Mas, mesmo entre os integrantes desta fase, ele está relacionado aos filhos, que dão à constituição de uma família um caráter ligado a uma “etapa natural da vida”.

Mario está no segundo casamento, com uma moça “não *punk*”. Seu filho tem 7 anos, é do primeiro casamento e mora com a mãe *punk*.

Frederico, mora com a esposa, uma simpatizante do *Movimento Punk* e anarquista. A responsabilidade que uma família traz o faz ser enfático em relatar as mudanças em sua vida:

“Porque...ah! Porque é assim...é muito mais responsa né meu! Assim é muito mais responsabilidade é...por exemplo é... quando eu entrei na USP é.. .eu tinha saído, assim... participava ainda do Movimento Punk, ia mais em show estas coisas. Aí, assim, entrar na Universidade acabou me tolhendo um pouco. Aí eu comecei a namorar tudo, comecei a ficar com a Mirella uma pessoa assim... que eu gosto bastante, a gente acabou se curtindo, acabou rolando o lance de ter o neném. Aí a gente teve que pensar um pouco em algumas coisas, né, porque é...ter esse filho pra gente, implicou assim ...na gente começar a pensar um pouco mais pro futuro que era uma coisa que eu não pensava muito. Eu ia vivendo um dia após outro, sem muito planejamento, né. Ia vivendo meio que ao acaso, vivendo o tempo presente.” (Frederico, 26 anos)

Marcos e Pedro moram sozinhos e são solteiros, já João e Renato, que também são solteiros, moram com a família de origem.

Marcos mora no Conjunto Residencial da USP – Crusp – e como não trabalha, sobrevive dos auxílios assistenciais que a universidade lhe proporciona. Consegue um dinheiro extra para lazer e gastos próprios com a venda de Cd’s, que ele mesmo produz, de sua banda. Com objetivo de denunciar a extorsão praticada pelas “grandes gravadoras”, o preço do Cd é mínimo: “Preço Máximo: 3 reais. Não Pague Mais.”, diz a epígrafe estampada na capa.

Pedro não tem onde morar, pois não tem rendimento fixo para pagar um aluguel, vivendo da venda das esculturas que faz em papel reciclado. Dorme um dia aqui outro lá, conseguindo abrigo na casa de seus amigos *punks*.

Entre os informantes desta fase, o casamento, além de representar responsabilidade, também pode estar ligado à necessidade de se encontrar um companheiro, a “cara metade”. A parceria baseada no amor revela a autenticidade da relação e da escolha:

“Já, já...já com uma pessoa mas aí não deu certo com ela, eu tô esperando a outra...mas é difícil, é difícil também porque você tem que ter...Hoje eu já penso assim, ainda bem que eu não fiz isto antes, porque cê tem que ter uma certa estabilidade econômica e eu ainda não encontrei isto. Mas já pensei sim, mas ainda bem que num... não sei se ainda bem né... mas eu já pensei, mas não

constitui... (...)É eu acho que... eu sempre falei isso muito, que eu não ia casar nunca, mas... mas assim, chega numa certa idade, nesta idade assim de 30, né, que você vai passando aí pelo meio do caminho, cê sente falta aí de alguém próximo, né, de compartilhar estas coisas, de construir também de poder projetar um futuro, assim, junto com alguém tal. E, às vezes, você...você pensa mesmo assim.” (Pedro, 29 anos)

Já as duas mulheres estão no segundo casamento. Marta, a mais velha, com 34 anos, casou-se muito jovem (16 anos) e, devido às agressões sofridas por parte do marido, separou-se em seguida. Ela tem um filho, hoje com 18 anos, deste casamento. Casou-se pela segunda vez, com o vocalista de uma banda importante da primeira fase do *punk* e hoje mora com o seu filho natural e o enteado. Sempre tentou conciliar o papel de mãe com sua *identidade punk*, afirmando que até em reuniões da escola ia de visual. Acredita que o fato dela permanecer ligada aos *ideais punks* faz com que haja uma maior liberdade nas suas relações familiares:

“Sou mãe, tenho um filho de 18 anos, né, tenho um enteado que mora comigo, já tens uns cinco meses. A mãe dele não apoiava ele no Movimento aí eu falei: ‘Mas não adianta, filho... se filho quer curtir, ele vai curtir de qualquer jeito.’ Meu filho, ele com um ano já ia em show comigo. Ele já ia em show, mas não de virar a noite, porque se fosse o pessoal falava: ‘E essa criança?’ ‘Ah! É seu filho? E o que que ela tá fazendo aqui?’ Ele é... quando ele tinha 11 anos ele ainda participava de som. Aí ele foi encontrando outros mundos, negócio de pichação e aí se afastou. Hoje ele não curte mais. O filho do meu marido também! Na época só ficava no disquinho, na bateria e tudo, só que a mãe dele falou: ‘Você, você o que é? É a copia perfeita do seu pai!, mas não adianta você querer impedir dele morar com o pai dele. Mas durante muito tempo ele pagou pensão pro filho dele: ‘Eu quero morar com meu pai’. ‘Porque?’ ‘Porque eu quero a liberdade, eu quero uma vida igual a que meu pai tem.’ Tá com a gente até hoje” (Marta, 34 anos).

Ana, com 30 anos, casou-se pela primeira vez com um *punk* e teve uma filha, hoje com 13 anos. Na época, levava o bebê para sons e festas, mas, com o passar do tempo, foi mudando e pensando mais no bem-estar da criança, fato que fez com que se separasse do pai dela. O significado da família, baseado na sua representação tradicional, distribui as responsabilidades, de forma desigual, para homens e mulheres. A maternidade expõe as mulheres ao encargo de criar os filhos e gera mais riscos e responsabilidades do que a paternidade. Vemos que, entre nossas informantes, a relação entre homens e mulheres aparece, quase sempre, com uma grande desvantagem para elas. No geral, a mulher fica à mercê da vontade dos homens, que têm, inclusive, a possibilidade de não se responsabilizarem pelos filhos, revelando uma distribuição

desigual das atribuições da maternidade e da paternidade e expondo as mulheres aos maiores riscos e privações:

“Ele era punk mesmo, ele faz tatuagem e vive disto até hoje. Ah! Não deu certo, acho que a gente era muito novo, aquela coisa de responsabilidade... de achar que é só passear e só... Depois que a gente tem filho, a gente que é mulher pega responsabilidade, mas normalmente o homem não tá nem aí. (...) Eu, a mais velha, eu levava ela no começo, ela tinha quatro, cinco meses, eu levava até de noite. Não tinha juízo né! Eu levava cobertor, travesseiro, encostava ela no cantinho e ficava lá. Aí foi caindo a ficha, você vai ficando mais velha e não vai mais levando. Hoje em dia ela curte também, ela tem 13 anos” (Ana, 30 anos).

Para a mulher, constituir família tem um grande vínculo com a maternidade. É reflexo do seu significado ser baseado na sua representação tradicional da família, que distribui as responsabilidades de forma desigual para homens e mulheres. Por isto, os filhos fornecem o seu principal significado e são os motivos para que muitas abandonem o grupo:

“Agora as mulheres...um conselho que eu vou dar... elas nunca desistirem do Movimento, elas sempre estejam dentro: ‘Oh! Eu casei, eu tô fora!’ Que nem a minha amiga casou praticamente tá fora, no começo, até na gravidez, ela agitava no som. Hoje ela tá fora (...) Eu dona de casa tô sendo punk do mesmo jeito, eu lavando a casa e tô ali escutando, eu tô ouvindo: ‘Ah! Cê lembra desta música?’ (Marta, 34 anos)

Mas, apesar dessa atitude conformista em relação ao papel da mulher, ele é ressignificado e elas procuram conciliar o papel de mãe à *identidade punk* e, então, numa atitude reformista, podem sair, curtir e ainda assim serem “muito mãezonas”. Reformam o papel de mãe, que não é só aquela que cuida do lar, mas são aquelas que procuram cuidar, também, de suas aspirações. É por isso que muitas procuram levar os filhos para as atividades realizadas pelo grupo, e também criar novos significados para o pertencimento e o envolvimento com este:

“Aí eu deixei um pouco, mas eu continuei dando rolê e tudo. Aí depois eu casei de novo com o pai desta minha menina, aí eu também parei um pouco. Aí, agora eu tô indo em som assim, quando é a tarde, de noite eu vou pouco por causa da criança. Aí eu vou levando mais devagar né, mas eu sempre gostei, tá no sangue, não dá pra abandonar” (Ana, 30 anos).

Como vimos, a maioria dos entrevistados da terceira fase mora com a família de origem. Entre os rapazes, só o Hugo saiu da casa dos pais para experimentar viver de forma independente, esta decisão coincidiu com seu ingresso na faculdade.

Já entre as mulheres, só Milena saiu de casa para morar com o namorado, por 6 meses. Hoje está separada, não teve filhos e voltou a viver com a mãe. Não falou muito

sobre o assunto, mas afirma que a separação ocorreu porque acabou o respeito entre os dois.

O significado do casamento está associado a uma escolha, que complementa o “eu”. O amor tem o sentido de realçar a autenticidade da futura relação e a aspiração por uma parceria baseada no respeito.

Pensam em viver o presente, é nele que procuram se divertir, que desejam encontrar os amigos e organizar os eventos que lhes trazem satisfação. Mas é no presente, também, que vivem as incertezas dos rumos que o futuro lhes impõe. Estar no *Movimento Punk* é uma forma de conciliar as alegrias e as tristezas desses jovens.

Como ainda existe o pensamento de que casar faz parte da vida da mulher e sua conseqüência à maternidade seria uma obrigação, reformam o papel da maternidade e elegem o casamento como aspiração. Desejam um outro tipo de realização pessoal através do desenvolvimento de suas potencialidades, que muitas vezes foram descobertas no contato com o *estilo punk*.

Verificamos, através dos depoimentos, que o casamento estável, possibilitador do acesso à família nos moldes tradicionais, ainda tem uma eficácia simbólica entre os jovens. Como ele nem sempre se realiza dessa maneira, vemos que Milena, a única que experimentou um relacionamento, não pretende repetir a experiência tão cedo, mas sim se dedicar aos estudos:

“Pra mim? Sinceramente eu não pretendo me casar hoje. Hoje em dia, também a gente vê que o casamento também é uma coisa... virou uma coisa, por causa das pessoas, uma coisa muito descartável, você junta hoje, amanhã já se separa, enfim virou uma coisa muito descartável. (...) Hoje em dia, é meio complicado você falar sobre isto assim, as pessoas não pensam iguais, iguais às pessoas de antigamente. Não tem mais aquele casamento durador, aquela coisa de amor mesmo, de ser fiel, sabe não existe mais isto.” (Milena, 19 anos)

Todos os outros informantes são solteiros e moram na casa dos pais ou de um deles. O casamento para eles é uma coisa que pode ocorrer no futuro, mas não é uma preocupação atual. E como afirma Carla: “está longe da minha realidade:”

Como pensam em viver o presente e se divertir, há uma certa fragilidade em alguns dos compromissos que estabelecem, prevalecendo neles o caráter de experimentação:

“Ah! Porque eu acho que ainda não encontrei a pessoa certa. Nunca tive a intenção de casar com minhas namoradas não. Acho que elas... o namoro que eu tive foi muito superficial, não teve nenhuma.” (Roberto, 24 anos)

Mas viver o presente, inclui, também, compromissos mais sólidos ligados ao futuro e que envolvem a responsabilidade com família de origem, a escola e o trabalho.

A preocupação com a escola está relacionada à continuidade aos estudos e à incerteza sobre a carreira que vão seguir. A indecisão se exprime em, investir ou não no emprego que já conseguiram, ou então sair à procura de um outro, que lhes traga mais satisfação. E ainda, os compromissos com a família, são refletidos nas relações de ajuda mútua, onde cada um contribui com o que pode para a construção de uma vida melhor para todos.

Na fala de Carla percebemos que, o fato das relações familiares estarem mais flexíveis a emancipação desejada pelo jovem se realiza de acordo com as aspirações da família, e não através da dissolução dos seus vínculos. Carla deseja a independência futura desde que possa colaborar com sua família, como se houvesse um compromisso de retribuição:

“Porque eu acho que é isso aí... nem me sustento direito, quem dirá casar! Sair da casa dos meus pais! Tanto é que eu te falei antes, que não vou sair da casa dos meus pais pra viver em outro lugar, sendo que eles moram de aluguel, se fudeu a vida inteira pra conseguir dar alguma coisa pra gente, simplesmente dar as costas, sair. Eles moram de aluguel, eu acho isto daí um absurdo. Eu tô lutando pra isto, estudando pra tá ajudando a construir lá a casa pra depois eu ficar mais sossegada e ver meu lado também.” (Carla, 21 anos)

* * *

Vimos que os informantes não dissociam a *identidade punk* da constituição de uma família, mesmo que relatem ter vivido momentos de opressão no seu interior. Estes fatos não são decisivos para que neguem a vida em família, até porque seu significado é alterado com o passar dos anos, tornando-se positivo.

A representação mais comum que possuem da família é aquela tradicional, com longos casamentos, onde o pai é o provedor e a mãe se responsabiliza pelo cuidado dos filhos, mesmo que esta não seja a situação vivida pela maioria dos informantes. Diante da visível mudança nas formas de organização das famílias, esta representação ainda está presente até entre os mais novos e a vemos refletida nas palavras de Milena, que já vivenciou uma união consensual e acredita que: “o casamento de hoje não é durador, não existe o respeito entre as pessoas como acontecia antigamente”.

Tanto os entrevistados da primeira, quanto os da segunda fase do *punk*, relatam a existência da opressão familiar, que fez com que alguns saíssem de casa, rompendo com a família e suas orientações. Esta queixa não existe com tanta ênfase entre os entrevistados mais jovens. Percebemos esta alteração como reflexo da transformação

nas relações familiares, fazendo com que pais, menos rígidos, proporcionem uma convivência mais democrática, sem que os jovens sejam submetidos a relações hierárquicas muito inflexíveis, fazendo com que os conflitos sejam mais facilmente contornáveis. Esta flexibilidade nas relações familiares gera conflitos menos intensos, uma vez que permite aos jovens uma maior liberdade e autonomia em relação às decisões que dizem respeito às suas vidas.

Apesar disso, existe a vontade de independência manifestada na fala de alguns dos entrevistados, que não podem sair de casa, uns porque dependem da família, outros porque a família é que depende deles. A condição jovem, as modificações na família, as alterações nas relações do mundo do trabalho – dificultando a inserção no mercado e a estabilidade financeira – ocasionam, ainda mais, o prolongamento da situação de dependência dos mais jovens em relação à família de origem. Estes fatores também podem ser decisivos, para que compreendamos porque os jovens não saem de casa e não pensam em se casar tão cedo. Alterações que não decorrem de uma nova atitude, advinda da *identidade punk*, e sim das alterações que já ocorrem na sociedade.

Apesar do casamento não aparecer como uma imposição na vida dessas pessoas, como declarou a maioria dos entrevistados, um deles resume o pensamento de todos com a seguinte frase: “é a ordem natural das coisas”. O *estilo de vida punk* não é incompatível com a formação de uma família, que está ligada a uma etapa da vida, é percebida como um caminho comum a ser percorrido por todos. A família não está entre os alvos preferenciais da crítica elaborada pelo *discurso punk*.

Aqueles que ainda não se casaram não se preocupam muito com isto, principalmente os mais jovens. Alguns desejam encontrar a “cara metade”, principalmente aqueles da segunda fase, mas temem o peso da responsabilidade que isto implica. E, no geral, o pensamento é viver o presente e encontrar formas de se realizar no futuro.

Entre as mulheres, o casamento não aparece como a única aspiração ou uma imposição social, refletindo mais a mudança na sociedade em relação ao papel da mulher do que um resultado da *identidade punk*. O casamento não é mais um destino inevitável para as garotas, pode ser uma escolha, se ligada a uma realização pessoal, e, muitas vezes, está associado ao papel de mãe. Ter filhos parece agradar a todas desde que isto não as condicionem ao papel de “dona de casa”. Aquelas que já são mães não abdicaram de viver sua identidade no estilo e com isso reformam o papel de mãe, já que podem ser boas mães e ser *punks*; podem curtir, sair, passear sem se restringir apenas ao

lar e aos filhos. Percebemos, então, que para as garotas, a vivência no estilo não altera as relações entre homens e mulheres no casamento, o que pode alterar é a forma como se percebem como mulheres e mães dentro de um casamento nos moldes tradicionais. Isso revela uma contradição em relação ao que idealizam do casamento e da maternidade – relacionada a uma escolha -, já que, ao mesmo tempo que aspiram por mais liberdade, têm uma representação do casamento com papéis tradicionais e rígidos tanto para homens como para mulheres.

Para os homens, a representação tradicional do casamento e suas conseqüências não exercem uma pressão negativa. Vemos que, para alguns, o que pesa são as responsabilidades advindas do papel de provedor, mas não manifestaram o desejo de mudança. Tanto os homens, quanto as mulheres, criticaram a hierarquia familiar para poderem construir suas identidades, mas com o tempo a maioria abrandou os significados negativos procurando realçar os positivos.

É a partir das representações da família tradicional que criam seus filhos e, apesar de fazê-los conviver amplamente com o estilo, não possuem expectativas de que sigam seus caminhos. Ao optarem por manifestar sua identidade do *estilo punk*, acreditam que fizeram uma escolha autêntica, e que seus filhos serão livres para fazer as suas próprias escolhas. Além do que, muitos dos nossos informantes aderiram ao *punk* em resposta a obstáculos, os quais não desejam que seus filhos se deparem e, portanto, acham viável que façam uma outra escolha.

Sendo assim, assumir a *identidade punk* não impede o convívio familiar, casar e ter filhos. Faz parte de uma etapa da vida, que é proposta aos indivíduos, mas que eles têm o direito de escolher, se querem ou não, se comprometer com ela. O que ocorre quando um *punk* constitui família é uma mudança na forma de engajamento no estilo, tornando-se muito mais passiva do que aqueles que não têm compromisso com a família e com filhos. Tanto para as mulheres, quanto para os homens, a família tem um significado positivo; é vista como a fundamental provedora do caráter humano, da afetividade e é lembrada pela ajuda mútua. O seu significado negativo advém do momento em que, quando jovens, procuram se libertar das orientações familiares, que apareceram como obstáculos para as suas aspirações. No momento em que procuram novos parâmetros de identificação, o *punk* surge como uma forma de superar a busca por liberdade e por uma nova definição do “eu”.

V.2 - Escolaridade e profissão dos entrevistados

A escolaridade e a profissão dos indivíduos estão muito imbricadas. Veremos, então, como nossos informantes lidam com a escola, e o conhecimento que os instrumentaliza para competir no mercado de trabalho. E, também, como se relacionam com a escola e o conhecimento nela adquirido, como uma forma de se tornarem autônomos através do conhecimento útil para seu cotidiano.

Com exceção do Geraldo, que está fazendo mestrado na USP, todos os informantes da primeira fase já saíram da escola ou da Faculdade há muito tempo e possuem uma relação de distância em relação à educação escolar. A escola, ou a faculdade, é meta para seus filhos, mas para eles, adultos, o que se impõe mesmo é o mundo do trabalho.

A escolaridade dos entrevistados varia entre aqueles que fizeram apenas o ensino fundamental (1) e aqueles que chegaram ao ensino superior (3): Miguel, Otavio e Dulce completaram ensino médio; Edgar, Geraldo e Laura chegaram à universidade. Aqueles que chegaram ao ensino superior percebem que ele atua como um diferencial positivo em suas vidas, mesmo que só esteja relacionado a uma valorização pessoal.

Bia cursou o ensino fundamental, gostaria de ter prosseguido nos estudos, imagina que poderia ter uma profissão ligada à Psicologia ou ao Direito, mas sente que não consegue se adaptar à forma como está proposto o ensino. Às vezes acredita no seu potencial e que poderia ter se dado bem, já que tirava boas notas, em outras, transfere o fracasso para si mesma e na sua forma de ser:

“Não! Eu odeio escola, eu não gosto de estudar. Até hoje eu não suporto ficar na frente de um professor e ele falando, falando, falando. Aquilo era tedioso... e eu faltava. E quando eu entrava fazia as provas, eu tirava nota azul. Na época, era nota azul que falava né? Sempre tirei nota dez. ‘Ah! Hoje tem prova, cê vai entrar?’ ‘Hoje vai ter prova?’ Entrava. Um ano eu repeti. Repeti por causa de falta. Eu tive 63 faltas num ano letivo. Aí foi quando eu desencanei, falei: ‘Ah! Não quero mais estudar’. Aí fui pro mundo” (Bia, 41 anos).

A maioria dos entrevistados estudou em escolas públicas. Para seus pais, a escolaridade tinha um sentido de ascensão social e alguns deles reforçam o pensamento de sua família.

Apenas dois, nos primeiros anos de sua escolaridade, estudaram em colégios particulares. Edgar, que era filho de um militar e religioso, estudou em um colégio de

padres. Afirma que chegou a fazer a prova de admissão para ingressar na escola pública. Passou a estudar em colégio público até chegar à universidade também pública (História –USP). E Miguel, filho de um alfaiate do Bom Retiro, estudou nos primeiros anos de sua escolaridade em colégio particular, pois o pai queria que os filhos superassem sua condição social. Completou os seus estudos em escolas públicas e não chegou a ingressar no ensino superior.

Entre aqueles que chegaram à faculdade, Edgar e Geraldo freqüentaram uma pública e Laura fez uma particular (Universidade de Guarulhos).

Geraldo é filho de pais analfabetos e foi torneiro mecânico por muito tempo, entrou na USP, no curso de Geografia e, atualmente, cursa Mestrado. Trabalha como professor na rede pública e considera que a escolaridade lhe trouxe a possibilidade de dirigir a sua vida. Afirma, também, que ganha quase o mesmo salário que ganhava seu pai, cobrador de ônibus. Entretanto diz que possui mais tempo para fazer o que gosta:

“Ah! Hoje já não né! Hoje...quer dizer tem a questão da sobrevivência né, mas eu tenho a possibilidade ganhar tempo. Eu tinha aquela visão há...sei lá, até pouco tempo atrás, que eu deveria trabalhar muito...hoje não, hoje eu prefiro ganhar tempo, ganhar o mínimo mesmo e ter mais tempo pra mim. Tempo pra ler, pra estudar, pra andar,circular. (...) Eu vou mais pra conversar com os alunos, fico fora do período de aula conversando com eles. É... ontem mesmo não era dia de eu dar aula, fui lá na escola. As pessoas até estranham: ‘O que você tá fazendo aqui? Não é o seu dia de dar aula!’ Porque as pessoas têm uma relação negativa com o trabalho, de coisa. Que nem você falou, negativa, porque pra eles é um trabalho, pra mim não é só um trabalho é trabalho e atividade. Então é uma coisa que eu escolhi fazer e tal. E quando eu era torneiro mecânico era o que tinha pra mim fazer, era aquilo, entendeu?”
(Geraldo, 34 anos)

Laura fez curso de Educação Física numa instituição particular, através do Crédito Educativo. Nunca trabalhou na área, vive de sua loja de fotocópias, mas vê a conclusão da faculdade como uma vitória pessoal:

“(...) Dentro de uma faculdade com 70 garotas, a maioria... imagina só. Quando eu entrei na faculdade?... Eu já entrei velha na faculdade, eu entrei com 28 anos, na faculdade. E tinha garotada lá que ia de carro e eu pegava o busão! (...) Paga, porque não consegui entrar na USP. Mesmo porque eu não tive um aparato, não tive tempo pra estudar porque eu sempre tive que trabalhar. Sei que tinha capacidade de entrar numa USP, qualquer pessoa tem. Qualquer um tem, com tempo pra poder estudar, para se dedicar aos estudos, pra poder chegar lá, senão não chega. Não adianta viver de ilusão que não vai entrar. Aí eu fiz um cursinho de um ano, porque eu tava parada... eu me formei no colegial em oitenta e três, que eu fiquei parada um ano e depois eu voltei... que eu tive minha filha eu não parei de estudar, ela não me atrapalhou em nada, sempre estudei. Eu só fiquei um período sem estudar porque eu realmente tive problemas financeiros, eu tive que trabalhar para ajudar, comprar casa ah, ah, aquela coisa... Sustentar filho, aí quando deu, mas mesmo assim eu parei

dois...eu parei dois semestres pra fazer a faculdade e foi crédito educativo” (Laura, 40 anos).

Edgar cursou a USP (História), também é professor da rede pública e ainda possui um comércio informal de artigos *punks* e de rock. Na verdade, este informante gosta mesmo é de trabalhar com artigos *punks*, sobretudo, organizar coletâneas de bandas. Mas não são atividades muito rentáveis, e como ele é pai de bebê recém-nascido, precisa complementar sua renda com o salário de professor.

Bia tem a menor escolaridade entre todos os entrevistados dessa fase, sempre trabalhou em serviços domésticos em casa de terceiros, porém de uns anos pra cá, devido à efervescência da *cena punk*, parou de trabalhar fora, pois seu marido, que tem uma banda de prestígio no Movimento *Punk*, montou um estúdio no fundo da casa do qual ela cuida.

Todos, principalmente os que têm filhos em idade escolar, têm uma expectativa de que a escola proporcione um futuro melhor para aqueles que a freqüentam. Aqueles que têm filhos não pensam apenas na questão de mobilidade, mas de inserção social, “é importante para se viver em sociedade”:

“Na escola eu aprendi assim. Se vocês fizerem bagunça, vai os dois para a diretoria. Não adianta punir só um, porque aí o outro se cresce.(...) Mas é importante. Te dá muito conhecimento, te abre muitas portas. (...) Não vai! Vai achar que estudar não é importante? Tem filhos? Tem que ter filhos no mundo pra saber. Vou chegar para sua filha lá de seis anos e falar que não é legal estudar? É impossível! Você está querendo o que para o futuro dela? A morte? Não a morte física, mas a morte social. Por que fica morta entendeu? Não! Eu poderia ter feito uma faculdade sim, mas eu sou... eu não sei ainda... eu pretendo ainda estudar, por causa da arte. Tanto que a minha casa é na praia. Por que que é na praia? Porque lá eu pretendo ficar velhinha pra pintar quadro e vender na pracinha, sabe assim... É verdade porque o que me dá prazer é pintar.” (Dulce, 41 anos)

Bia tem noção de que a pouca escolaridade só lhe trouxe desvantagens e percebeu que sem ela é ainda mais difícil ter acesso aos bens e direitos sociais, por isso acredita na importância do estudo para seus filhos:

“Assim, hoje, hoje... hoje eu acho que me faz falta. Podia ter aproveitado tudo. Tudo o que eu tinha, eu não soube aproveitar naquela época. Então eu acho que eles, é necessário pra eles. (...) Eu acho que tem mais que estudar mesmo, sabe? Estudar, fazer faculdade. Eles vão fazer o que eles querem. Um é fascinado pra fazer faculdade, o outro... também não vou forçar. Eu acho que, o que ele estudou tá ótimo, sabe! Concluiu o terceiro ano, se ele quiser fazer uma faculdade, nunca é tarde. O outro não, ele é fascinado, quer, quer. Pô! É que eu não tenho condições, se eu tivesse condições, eu daria uma faculdade pra ele.” (Bia, 41 anos)

Otavio atribui a sua condição de desempregado à falta de escolaridade e possui um sentimento contraditório em relação à escola. Repete o discurso punk, que acusa a escola de ser um agente de controle ideológico dominante e de reprodutor de desigualdades, mas se ressentido com o fato de não ter tido condições de prosseguir os estudos:

“A minha é o segundo grau completo. Eu só não tive oportunidade, tentei até fazer uns cursinhos, mas não tive oportunidade de entrar numa faculdade. Porque na época eu também trabalhava direto, trabalhava em dois empregos, então é muita coisa na cabeça, aí fica complicado. (...) Eu sou meio contra, aquela idéia que o pessoal tinha no início dos anos oitenta, que falava assim, que punk tem ficar todo podre, que tem que cabular aula, punk não deve ir pro colégio. Aí tudo bem, eu até concordo de uma certa maneira, que a própria sociedade em si, ela manipula muito estudante por interesses da classe dominadora, burguesa e coisa e tal. Só que, quer queira, quer não, como diz assim, você viver na sociedade, hoje em dia, você tem que ter um estudo, se você tem um estudo, o segundo grau completo é complicado, se você tentar manter um emprego, até pro pessoal universitário é complicado. É difícil conseguir um emprego, então. Quer queira, quer não, o estudo é a base de tudo. De repente, você pode ser um bom aluno, mas não seguir a cabeça dos professores, cabeça que os governantes querem que você siga, mas se você aproveitar no estudo, para ter algo mais interessante, que venha da fonte do conhecimento, porque se você adquirir um conhecimento, em estudo, pode ser utilizado a favor de um benefício, a favor de alguma coisa no futuro que você necessite.” (Otavio, 36 anos)

Há um descontentamento geral com a escola, mesmo para aqueles que a vêem como uma boa alternativa para o futuro de seus filhos. Percebem que a escola no cotidiano, desmente suas promessas. Reconhecem que tanto a escola, como a faculdade, não proporcionam instrumentos para que possam competir de maneira igual na sociedade. Muitas vezes, a escolaridade não proporciona condições de melhoria de vida e de realização pessoal através do trabalho:

“Trabalhar? Trabalhar numa firma? Trabalhar? Porque hoje em dia é assim... se o cara se formar nisto, ele tem que continuar estudando, se aperfeiçoando... todo ano, todo ano, pro resto da vida ... porque, hoje em dia, vão passar a perna nele. Então, hoje em dia, você trabalha numa firma, você trabalha com o pé atrás, além de ganhar pouco né! Cê trabalha mais só pra poder viver né! (...) Ah! Mas daí ... eu trabalho por conta né, eu gosto do que eu faço, aliás todo o trabalho que eu fiz, eu gostava de fazer. O trabalho que eu estava fazendo e fazia bem. Mas só que eu achava que eu merecia mais, né!” (Miguel, aproximadamente 55 anos).

Para os entrevistados da segunda fase, a relação com os estudos ainda é muito presente. Todos terminaram o ensino médio, mas João, Marta e Ana não estão pensando

em dar continuidade. As duas mulheres já estão estabilizadas em seus trabalhos, enquanto João está desempregado e também desesperançado.

Frederico, Mario e Marcos estão freqüentando o ensino superior, todos na USP, os dois primeiros são estagiários da própria Universidade, enquanto Marcos está desempregado, por opção. Os três fazem cursos na área de humanas: Marcos acabou a graduação em Geografia e faz Mestrado; Frederico faz Filosofia e Mario, História. Este último, entrou na faculdade depois de quase dez anos sem estudar. Fez um supletivo e sem curso pré-vestibular, ingressou na USP.

Todos os entrevistados estudaram em escolas públicas, tanto no fundamental como no ensino médio; entre eles, existem aqueles que terminaram os estudos em supletivo (Marta, Ana e Mario). Relacionam a escolaridade a uma forma de arranjar um emprego melhor, mas também a relacionaram à coação. Acreditam que são obrigados a estudar, porém não se esqueceram da importância do aprendizado que adquiriram.

Pedro percebe que o tempo em que passou na escola foi muito rico para seu aprendizado, também afirma que a permanência na escola facilitou uma abertura para o mundo da cultura, possibilitou o estabelecimento de relações positivas e significativas, além do contato com o Movimento Punk:

“Ah na época, pô foi onde eu descobri mais coisa foi na época em que eu estudava. Eu estudava no Liceu... (...) Não, uma escola estadual, maior do Estado...é de lá... E lá...(...) É... Muita gente interessante estudou lá tal e até outros punks estudaram lá. Então tinha uma efervescência cultural muito grande. Significou muita coisa, foi lá onde eu fui descobrir a literatura, o cinema... É tudo,tudo na escola, as namoradas, fui descobrindo lá... foi um ambiente... (...) É...não era assim... pra mim, naquela época, era legal ir pra escola, porque tinha um Movimento pra fazer, que, na época, assim, tipo, na década de oitenta, né, tinha aquela...oitenta e nove, oitenta e sete, ainda tinha aquelas monte de coisas acontecendo. Então a gente ia pra escola tinha um monte de coisa acontecendo, muita coisa pra fazer, greve disto e daquilo outro, tinha muita literatura nova, filme, tinha muita coisa, na escola...” (Pedro, 29 anos)

Já numa situação oposta, Renato não conseguiu extrair muita coisa da sua vivência na escola, nem mesmo um bom convívio com os amigos. Sua vontade de conhecer não foi satisfeita na escola, que fracassou mas conseguiu convencer que foi o indivíduo quem fracassou, pelo “seu jeito reservado de ser”. O modo como são transmitidos os conteúdos acaba não permitindo que se tornem instrumentos úteis para a vida de alguns deles. Renato não conseguiu conciliar seu jeito de ser, sua forma de se relacionar com o mundo, ao aprendizado escolar:

“A escola, sinceramente, mesmo, a escola pra mim sempre foi aquela educação base, a sociedade ainda fala hoje, a educação básica. E eu não se

dava muito bem na escola... Por essas coisas e pelo denominado local que eu morava, que era a Cidade Tiradentes, que era considerado um dos lugares mais pobres da cidade e ainda é considerado hoje, pelos índices aí que fazem as pesquisas e a educação daqueles tempos lá foi super precária.(...) Não era só a educação também, mas era a questão da amizade, do comportamento, de como eu via ali, porque eu sempre fui uma pessoa muito fechada.(...) Eu não tinha muitos amigos na minha escola, eu sempre fui reservado pra mim e muita gente diz que eu sou individualista. Mas eu nunca fui individualista. Fui movido à leitura. A leitura sempre me distanciou dessas coisas, pra mim então eu... que a escola era nada, não era porcaria nenhuma. Claro, eu tinha que aprender e saber o que é certo o que é errado” (Renato, 25 anos).

Marcos relata que na escola teve maiores oportunidades de estabelecer relações significativas entre os pares do que se apropriar do conhecimento e julga que na faculdade as pessoas são mais dissimuladas, fazendo com que se sinta diferente. Seus verdadeiros amigos, e com quem se relaciona melhor, são aqueles relacionados ao *Movimento Punk*:

“Mais na faculdade, acho que no colégio eu tinha mais afinidade com o pessoal. (...) Porque eu acho que a gente tinha os mesmos objetivos, as mesmas... a gente não era tão competitivo, sei lá... acho que isso aí. Não tinha competição, o pessoal era mais sincero, era mais honesto... (...) Eram mais iguais, era um pessoal que... tipo um pessoal que tinha a ver com o Movimento Punk. Então, a gente tinha mais afinidade neste sentido, a gente conversava de música, sei lá o mesmo universo... (...) Com o pessoal que é do Movimento, com o pessoal punk, que são assim que eu considero mais verdadeiros que o pessoal da faculdade. Então esse pessoal que eu conheci aí que são mais verdadeiros.”
(Marcos, 31 anos)

Frederico não tem a mesma percepção de seus colegas de faculdade, pois acredita que são pessoas mais esclarecidas, o que facilita o contato, mas afirma que o fato de existirem *punks* na Universidade o ajuda muito a estabelecer relações significativas e lembra da importância do ensino superior para conseguir um emprego melhor:

“Na faculdade acredito que tenha pessoas que... compartilham um pouco deste ideal que eu tenho. Tem mais punks hoje na universidade, e têm pessoas que mesmo não sendo punks, tem uma visão um pouco mais crítica das coisas né...Então eu acredito que na faculdade eu encontre talvez mais pessoas que compartilham desta mesma visão um pouco mais crítica do mundo. (...) Mas é lógico, com a necessidade prática de ter um emprego é... aliou a este desejo de ter essa formação mais sólida, aliou também a necessidade de se ter um

diploma pra ver se você... pra ver se eu consigo um emprego um pouco melhor aí. Que é uma coisa que, hoje em dia, se você não tem um diploma universitário, é quase impossível, tendo, já é difícil, a gente já sabe, mas, se você não tem esse diploma, a coisa fica mais difícil” (Frederico, 26 anos).

Pedro vê na continuidade dos estudos uma forma de se instrumentalizar para o trabalho e, também, de compensar os erros que acredita ter cometido em relação à sua família. O desejo de cursar uma faculdade seria uma forma reparar um erro passado, recompensando seus pais, ao seguir suas aspirações de ver os filhos formados:

“Não... Por mim e pelos meus pais assim... porque eu hoje, eu vejo que de certa forma ela te dá instrumentos para que você no futuro possa ter uma situação de vida melhor mesmo. Mesmo esta questão do diploma, você vai ter mais oportunidades sendo uma pessoa formada do que não. E pelos meus pais, porque hoje é que eu vejo que muito do futuro deles depende da gente. né... Hoje, por exemplo, minha mãe, hoje cê vê não existe mais quase aposentadoria né... Eles moram numa região bem difícil e que eu começo a ver assim, que eles, de certa forma dependem do nosso desenvolvimento aí... por isto que eu penso neles também” (Pedro, 29 anos).

Marcos já está formado e agora está no Mestrado estudando o MSTC (Movimento Sem Teto do Centro). Ainda não tem certeza de que a faculdade lhe trará alguma vantagem, não tem certeza de que a escolaridade lhe dará condições de competir em pé de igualdade nesta sociedade injusta:

“Estudo? Significou sei lá... Significou mais um título, mais uma formalidade aí da sociedade, mas assim não acrescenta em nada em você como pessoa. É... porque eu faço faculdade? Primeiro porque todos fazem, segundo, pra fazer alguma coisa, né... (...) É... pra ganhar um dinheiro aí quem sabe... futuramente, sei lá se isto dá dinheiro.” (Marcos, 31 anos)

Aqueles que terminaram o ensino médio exercem atividades no ramo de prestação de serviços ou indústria: Ana é operaria em uma fábrica de plástico; Marta é gerente na loja de seu irmão; Renato é ajudante geral em oficina de motos. João está desempregado e afirma que não costuma sair para procurar trabalho, pois além de não ter condições financeiras de pegar a condução, não acredita que irá encontrar emprego.

Pedro, também desempregado, afirma que já fez todo tipo de trabalho, mas atualmente está aguardando respostas em empregos que considera gratificante: lidar com reciclagem de papel, atividade que aprendeu no *Movimento Punk*. Deseja ingressar no ensino superior para validar as atividades que realiza como educador e poder procurar um emprego nesta área:

“Eu tinha até um tempo atrás e perdi. Perdi assim, acabou... que na verdade eu tenho trabalhado com Arte e Educação, então é um campo muito... chamado terceiro setor, cê trabalha dando oficinas, tal. Então, tem época que tem e tem época que não tem. E eu também tenho procurado entrar na universidade,

justamente pra sanar este dilema de encontrar uma profissão” (Pedro, 29 anos).

O trabalho, muitas vezes, atua como uma atividade desestruturadora, na medida que lhes rouba tempo e disposição para o estudo. Milena identifica o trabalho como um fator que a fez desistir do curso pré-vestibular, mas atribui a desistência à indecisão que ele gerou em relação à carreira que pretende seguir, e não ao cansaço, causado pelo longo trajeto do local de moradia até o trabalho.

Renato também gostaria de fazer uma faculdade para conseguir um emprego melhor, vem prestando provas, mas percebe que são altos os pré-requisitos necessários para passar os exames. Percebe que o trabalho lhe rouba o tempo necessário para estudar e se preparar para os exames vestibulares:

“É... depois que terminei o colegial em 97, aí fiz durante 3 anos e meio o pré-vestibular, até eu tentar fazer, na PUC, o meu primeiro vestibular. Porque isso já foi no ano de 2000. Aí, feito o vestibular, vi o resultado, foi inconseqüente, foi abaixo do esperado, né? (...) Terminado em 97, fiquei prestando o vestibular, aí, no ano de 2003, comecei a fazer o curso técnico por questão de opção, para o emprego, né? (...) É... um desafio à frente, isso porque eu tentei anos atrás, mas não foi possível, mas quem sabe daqui mais alguns anos, apesar desse novo emprego eu vou tentar ver à frente. (...) É essa sobrevivência que a gente vê, que é a questão que a sociedade coloca, se você não tiver cursos, você não consegue emprego. Se não tiver o que optar para você, não vai ter nada de bom pra você” (Renato, 25 anos).

Para os entrevistados da terceira fase, a escola está muito presente em suas vidas, dois deles estão cursando o ensino médio e outros acabaram de concluí-lo. Questionam sua validade, mas todos afirmam que gostariam de cursar uma faculdade e a maioria ainda está em dúvida sobre qual profissão irá seguir. Existe uma distância entre as aspirações pessoais dos entrevistados e os reais obstáculos que devem superar, entre o querer ser e o poder ser. Muitos não conseguem chegar a uma faculdade. Algumas das frustrações geradas por estes obstáculos, que impedem a realização de suas aspirações, são superadas no convívio com o *Movimento Punk*, ali seus desejos são acolhidos e podem até ser realizados nas atividades que o grupo realiza.

A escola representa uma forma de interagir com as demandas do presente, é um espaço de sociabilidade privilegiado para os jovens, é vista como um espaço de lazer, um espaço para ser jovem. Tanto para o presente, como para o futuro, é importante para a conquista de um emprego. É vista como a possibilidade de adquirirem instrumentos para competir, de maneira igual, no mercado de trabalho.

Entre os informantes desta fase, Peter é aquele que mais tem conflito em relação à escola, não concorda com a forma como estão distribuídas as matérias, nem com as

regras que existem em seu interior. A escola não tem nada a ver com suas aspirações, sua vida, seus problemas e suas preocupações. Tudo aquilo que sabe e gosta não é levado em conta pela escola, o que não lhe traz motivações para estudar, apenas para apontar seus defeitos:

“Ah! Eu fui expulso porque o seguinte, a escola... a escola era fascista. A diretora da escola, a diretora da escola ela... eu tava no pátio lá, ela: ‘Vai pra sala! Vai pra sala! Eu vou dar suspensão pra você’. Tal e aí um dia eu fui na segunda aula e me mandaram embora: ‘Volta pra casa, não vai assistir aula’. Aí eu falei assim: ‘Ah, por que eu vou embora?’ ‘Ah, porque todo o dia você chega na segunda aula, vai embora. Vai embora’. A coordenadora da escola mandando eu embora, aí eu falei: ‘Eu vim hoje para escola, eu quero assistir aula. Eu tenho prova aí’. ‘Vai embora, vai embora’. Aí eu fiquei puto, com minha cabeça... e dei um soco no ouvido dela. A porta abriu já...Cortei minha mão. Aí eu fui expulso” (Peter, 18 anos).

A maioria dos entrevistados estudou e dois ainda estudam em escola pública. Hugo foi o único que fez seus estudos em escola particular, também é o único *anarcopunk* entre os entrevistados desta fase.

Entre aqueles com idade para frequentar a faculdade (4), apenas dois, Hugo e Carla, conseguiram passar no vestibular. Ele faz Sociologia numa faculdade pública (USP) e ela acabou de cursar Pedagogia em uma particular (UniCastelo).

Roberto e Milena já saíram da escola e não sabem bem o que fazer. Ele gostaria de cursar Biologia ou Jornalismo. O primeiro curso vem da sua curiosidade em saber como se desenvolvem a vida e a natureza. Sua segunda opção está ligada ao fato de editar um fanzine, sente que na prática é um jornalista. Porém, trabalhando com o pai, com venda e instalação de auto-peças, não encontra tempo nem incentivo no seu dia-a-dia para continuar os estudos.

A relação com a escola aparece de forma contraditória. Desejam prosseguir os estudos, aspiram profissões de nível superior, mas não conseguem conciliar suas aspirações com as demandas do dia-a-dia. Além disso, percebem que nem sempre frequentar a escola proporciona uma mudança real em suas vidas. E, numa atitude conformista, rendem-se às evidências da “sociedade de cartas marcadas” e desistem de continuar os estudos, ou pensam em continuar mais adiante, sem data para reiniciar.

Milena está motivada em dar continuidade aos estudos, chegou a se matricular num curso pré-vestibular, mas não conseguiu dar continuidade, em virtude do emprego

que arranhou. A distância, entre o local de moradia e o trabalho, faz com que lhe sobre pouco tempo para estudar. Este trabalho, além de não permitir que se dedique aos estudos, trouxe-lhe incertezas:

“Bom eu tô em um momento bom, assim, um momento assim, também de muita incerteza, principalmente no lado assim de estudo sabe. Por um lado, eu quero fazer psicologia. É uma coisa que eu gosto, que eu me interesse e por outro, como eu trabalho na área administrativa do hospital, tem aquela... tem um curso que ia ser ótimo pra mim, que é Administração Hospitalar. Então é uma coisa assim, que eu não gosto, mas seria mais pelo lado financeiro. Seria uma área que me daria retorno. Então eu estou naquela dúvida, de fazer psicologia ou administração, eu não sei qual eu opto. Logicamente que psicologia eu vou fazer com certeza, mas eu não sei se vai ser agora” (Milena, 19 anos).

Julia faz curso pré-vestibular em uma entidade particular e pretende cursar Serviço Social. Como não sente a pressão para trabalhar, tem seu tempo livre para estudar e se preparar para entrar na USP:

“Eu tô meio sossegada, agora, mas porque eu quero estudar e minha mãe não tem condições de pagar uma escola particular pra mim...um colégio... uma faculdade particular. Então eu tenho que fazer uma faculdade pública mesmo. Então neste momento eu estou mais sossegada por causa disto, porque eu estou estudando pra passar. Porque é difícil, também porque enfim, é... me perdi!” (Julia, 18 anos)

Helena, que ainda não terminou o ensino médio, pretende fazer o mesmo curso, ou então algo na área de Educação. As duas acreditam que, através do trabalho, poderão ajudar a melhorar vida das pessoas e a sociedade:

“Pretendo, mas assim ainda não tô decidida qual é a certa, às vezes eu penso em fazer Serviço Social ou algo assim na área de Educação. Eu ainda não tenho assim certeza. Eu ainda tenho este ano pra decidir, porque faculdade eu quero sim fazer” (Helena, 16 anos).

As afirmações quanto à importância da escolaridade variaram: Roberto e Milena afirmaram que não tinha valor algum, a não ser aqueles usados para alienar as pessoas e fazer com que façam parte de uma falsa sociedade. Não estão contentes com a escola que eles conheceram e frequentaram, gostariam que ela funcionasse e cumprisse o seu papel de dar conhecimento para todos. Gostariam que ela possibilitasse uma vida e um emprego melhores, mas vêem que no dia-a-dia, não é isto que acontece. A frequência à escola não é mais uma garantia de aquisição de conhecimento. A má qualidade do

ensino não garante o aprendizado dos alunos e não possibilita melhorias em suas vidas. Criticam, inclusive, o fato de não ocorrer a reprovação, que percebem como mais um tipo de descaso que vivenciaram na escola: “te empurram logo para fora da escola”. Gostariam que o diploma e o conhecimento viessem juntos, mas saem da escola sem qualquer qualificação. Aprendem pouca coisa que consideram útil para sua vida e seu trabalho.

Utilizam-se do *discurso punk* para criticar a escola, afirmando que nela não se aprende nada, a escola não faz o que promete, não educa ninguém, não instrumentaliza ninguém, só reproduz a ordem social injusta. Mas em alguns momentos, há aqueles que desconfiam que poderiam ter aproveitado mais o tempo que passaram nela, jogando a culpa do fracasso em si mesmos:

“A escola hoje? A escola hoje eles te empurram né, você não repete de ano. Você estuda, você pode ter uma certa frequência na escola tudo, pode ter notas ruins e você passa de ano, né. Se tiver grande quantidade de falta, você passa de ano, eles te empurram. Porquê? O governo quer isto, quanto mais rápido você sair da escola, menos gasto eles vão ter dentro da escola (...) Quando você é moleque você só quer... não quer estudar, né. Aí chega um certo tempo e você vê: ‘Pô, já fiz muita cagada agora vai, ou eu estudo...ou agora vai, ou racha’. Teve fases que eu estudei e as fases que eu me diverti na escola” (Roberto, 24 anos).

Acreditam que aprendem fora o conhecimento que deveria ser passado na escola ou, pelo menos, o aprendizado que consideram válidos para suas vidas. A escola é vista mais como um lugar de passeio. A *identidade punk* e a crítica à escola ajudam a compreender que quem fracassa é a escola e não eles. Faz parte de um sistema que procuram combater, pois insiste em excluí-los:

“Nossa cara... escola você sinceramente não aprende nada, nada. Escola, o ensino, a educação aqui no Brasil infelizmente é fraca. Então na escola você não aprende nada, então você indo e tendo frequência você passa de ano sabe. Você passa de ano se você vai, não tem ensino. Você não aprende nada, os professores não têm aquele interesse, até porque são mal remunerados. Então tem várias coisas, várias situações na escola. Então a escola pra mim não foi importante, a maioria das coisas que eu aprendi foi fora. A escola é bem padrão assim, é tipo um rolezinho, aquela coisa.” (Milena, 19 anos)

A escola não oferece conhecimento e nem motivação para se frequentá-la. A frequência à escola se resume em adquirir um diploma e para dar “rolê”. O modo como

a escola transmite os conteúdos não convence de que eles são úteis para a vida da pessoa, além do que são amparados em valores das classes mais favorecidas:

“Olha, assim, eu na verdade escola mesmo eu acho que hoje em dia o significado é mais pras pessoas ir e dar um rolê, sair de casa, porque a escola não está te oferecendo, não te oferece um verdadeiro conhecimento, uma motivação para você conseguir ser alguém, subir, ter assim... conhecimento. Eu acho que a escola é mais...que hoje em dia todos vão, mas é pro certificado mesmo que é cobrado. Quando você vai pro mercado de trabalho as pessoas te cobram se você terminou o ensino médio. Pra mim eu acho que é mais isso, porque na escola a questão de aprender, eu não aprendi nada útil” (Helena, 16 anos).

Peter realça muito o tratamento injusto que vem recebendo na escola, fazendo com que se desinteresse dela, as lições que aprende são: o fracasso, a desigualdade expressa pelas relações baseadas no poder e na humilhação. Convenceu-se de que a “escola é fascista”. Critica a forma como está estruturada a instituição escolar, reclama da opressão que existe dentro dela e acredita que a distribuição das matérias é feita incorretamente, não respeitando as características e motivações individuais dos alunos:

“Acho que a escola... a escola tem que mudar o sistema da escola, a escola é toda errada meu! Diretora, professores também, tudo... te oprimem lá, você não pode... Na escola que eu tava antes, eu fui de moicano, me mandaram embora da escola. Eu tava de moicano levantado: ‘Vai embora, ou você abaixa o moicano ou vai embora’. A escola tá muito... fora que os professores também, dão umas matérias muito chatas, de vez em quando eu saio. Física, matemática isso aí não serve pra nada, é uma coisa que... o que tema a ver comigo é geografia e história, só que só tem duas aulas por semana só. Matemática tem cinco! Acho uma porcaria isso aí...” (Peter, 18 anos).

Peter encontra motivação no *Movimento*, ao organizar eventos, protestos, shows que são experiências gratificantes e produzem a sensação de vitória pessoal. No grupo, é reconhecido pelo que faz e suas opiniões são respeitadas, colaborando para afirmar sua auto-estima. Acreditam que estão dando uma parte boa de si para o mundo e isso retornará para eles mesmos:

“Sou anarquista, cara eu quero um... não precisa ser a anarquia... eu quero o meu melhor e eu não consigo ver gente passando fome, morando em barraco, com esgoto a céu aberto, isto me indigna muito, muito mesmo. Eu quero mudar isso. (...) Organizei um protesto na Paulista lá, rolou uns punk rock, rolou um som punk, colou uns 150 punks lá. Foi uma pequena ação, né, mas foi legal, pô!

Fiz um negócio que pô... eu gostei, gostei mesmo! Podia ter ido mais gente, né, mas o que veio representou. Saiu no jornal e tudo. Eu curto pra caramba fazer protesto, protesto é legal pra caramba” (Peter, 18 anos).

Carla também considera que aprendeu pouco na escola, mas acredita que não foi em vão. Percebe que interiorizou um conhecimento, que pode ser útil para sua realização pessoal. Afirma que aprendeu mais na faculdade, quando pôde articular os conhecimentos adquiridos ao que aprendeu com o estilo, e agora procura se aperfeiçoar sempre. A situação de estar no grupo representou um desenvolvimento de suas potencialidades, que, até então, não tinham sido aproveitadas. O grupo valorizou seus conhecimentos, fazendo com que pudessem ser utilizados:

“Significado importante eu acho que sempre tem, porque eu acho que não é anos em branco que você passa, entendeu? Mas a questão de aprendizagem, conteúdo dentro da escola, terrível! Aprendi pouca coisa, comecei a aprender mesmo quando eu entrei na faculdade, que minha cabeça começou a ampliar mais um pouco. Nisso, eu já tava dentro do Movimento há algum tempo e isso me ajudou a tá fortalecendo o que eu pensava; e agora os anos vão passando e tá melhorando cada vez, que nem você perguntou, tem idade pra ser punk ou não? Eu acho que isto não tem nada a ver” (Carla, 21 anos).

Hugo já estudou em uma escola particular, onde os problemas são diferentes da escola pública, não estão tão centrados no descaso pela educação. Vê positivamente o conhecimento adquirido na escola e acredita que ele possibilitou o seu ingresso em uma faculdade pública:

“Eu achei que o estudo do primeiro e do segundo serviu mais pra colocar eu na USP, sei lá... é um instrumento de reflexão assim, me ajuda a pensar nas coisas que estão ao meu redor assim. (...) É... eu acho que sim, é o conhecimento, é uma forma de eu compreender o que está a minha volta, assim eu consigo entender melhor as coisas.” (Hugo, 21 anos)

Além de não favorecer o aprendizado, a escola não oferece relações significativas para alguns dos entrevistados. Helena considera seus colegas “uns alienados”, que vão à escola mais preocupados em reproduzir o modelo do jovem burguês que com o conhecimento que ela pode oferecer. Helena acredita que seus colegas não percebem a situação em que vivem, possuem uma imagem errada de si e da sociedade, reproduzindo um mundo que não lhes pertence:

“Ah! Me diferencio! Nossa! Me diferencio assim totalmente, porque que nem eu falei, eu acho que o pessoal vai mais pra escola assim mais pra passeio, pra dar rolezinho mesmo, porque os jovens estão muito alienados em questão, principalmente, vestuário assim, investem assim muito na aparência e tudo,

quer viver num mundo que não, não... a gente não pertence a este mundinho de Malhação então... o pessoal acaba rolando assim, aquela futilidade, é muita futilidade onde não deveria ter, principalmente aqui na periferia, entendeu?"
(Helena, 16 anos)

Carla não identifica muito bem porque não conseguiu estabelecer relações significativas durante o tempo que passou na faculdade, mas acredita que era pelo fato de suas colegas não compartilharem as mesmas idéias que as suas. Para alguns destes jovens, que estão começando a se envolver e entender as origens dos problemas sociais, a mudança começa pela aquisição de conhecimento e pela reflexão, mas não se esquecem da ação e alguns, como ela, pensam em nunca deixar de lutar pela causa do *Movimento Punk*:

"Olha muita coisa, eu não sei se é mais voltado à pedagogia, mas eu sofri muito em relação... Em questão de amizade, porque a maioria.. .era tudo senhoras de idade, donas de casa que já tinham aquela visão bem sistemática do que realmente o sistema quer. Aquilo lá era muito enraizado, eu senti muito isso ali durante os três anos e meio que eu estudei lá e infelizmente isso aí influenciou muito ali também (...) Hoje eu quero sempre tá evoluindo nos estudos, eu sou pedagoga, tô querendo fazer uma complementação e também estar mais inserida dentro do movimento libertário anarquista, entendeu? Estar fazendo alguma coisa aí bem concreta e produtiva pro Movimento, que tá meio complicado" (Carla, 21 anos).

Inversamente, Hugo se decepcionou com o *Movimento Punk* ao entrar na faculdade, não que tenha encontrado novos amigos, ainda se relaciona com *punks* e *ex-punks*, mas vê muita rigidez na postura dos *anarcopunks*. Acredita que esta rigidez é uma forma de tolher o desenvolvimento do pensamento. Por essas razões desinteressou-se:

"Na verdade, eu não percebia isso, pra mim era uma coisa que... tava no meio disso, não ficava claro tudo isso pra mim, mas isso durante um tempo. Até pra passar no vestibular eu acabei me afastando pra ficar estudando e aí, quando você se afasta e quando você volta, você começa ver a coisa de fora e aí eu comecei a pensar que não era certo e acabei me afastando. E conheci outros meios, outras pessoas, e você acaba vendo outros grupos, outras coisas e você acaba tendo um parâmetro para comparar aquilo lá e acaba vendo que não era aquilo" (Hugo, 21 anos).

Assim como sua mãe, Carla é pedagoga e percebe que a posse de um curso superior não trouxe alterações significativas para a sua família. Fica indignada ao ver que a maioria de seus colegas de escola, e agora sua irmã, estão ingressando em faculdades particulares, um fato que considera uma inversão, uma contradição. Ingressam em faculdades particulares que também não garantem oportunidades iguais para todos, dando uma sensação de impotência, causando indignação:

“Isso aí dá vontade de dar risada, quando você me pergunta isso! Porque faculdade pública é pra quem? Pra quem não tem condições financeiras. Quem é que tá numa faculdade pública hoje? É a classe de elite! Quem tem condições desde pequeno de estar estudando numa escola boa, tá aprendendo de tudo. Isso é ridículo! Faculdade pública até o nome! Isso nunca foi faculdade pública! São pouquíssimos que conseguem ter acesso à faculdade pública, isto é ridículo! Eu acho que até tem uma inversão disso, porque, hoje em dia, faculdade particular tá virando o quê? Faculdade pública. Com essa questão aí das bolsas que o governo tem dado, né. Minha irmã é mais uma que entrou na faculdade estes dias, na UniABC e conseguiu metade da bolsa, só não conseguiu integral porque minha mãe é funcionária pública. Então eu acho que tem uma inversão dos valores aí também, porque a faculdade pública é a faculdade particular, é pra quem não tem condições. Então que isso? Que merda é essa que tá acontecendo?” (Carla, 21 anos)

Na escola, Peter não se sente recompensado e nem valorizado, não sente motivação para estudar, no entanto tem o desejo de ingressar numa faculdade sem os pré-requisitos necessários para prestar os exames vestibulares. Ainda não tem certeza de qual será o curso que irá optar quando terminar os estudos, mas tem certeza de que não vai querer pagar para estudar, quer ter acesso à USP:

“Ah! Eu não sei não viu...vou fazer Comunicação e Arte, não sei pra que também, mas ia ser legal. O outro que eu queria fazer era ser Geógrafo, é legal. Geógrafo faz pesquisa...tipo é... sobre os problemas da cidade, eu acho legal. Acho bem interessante, legal. Mas eu quero fazer alguma coisa assim, mas só se for na USP né! (...) Ah! Pretendo só a USP só...porque pagar faculdade é uma merda, ficar pagando aí, ficar dando dinheiro aí. Prestar USP, só na USP mesmo” (Peter, 18 anos)

Hugo, que conseguiu ingressar na USP, percebe a faculdade como um meio eficaz de conseguir um emprego. Se tiver disposição para trabalhar, vai conseguir sobreviver:

“Ah... eu acho que sim, né? Agora eu tô na faculdade, acho que se eu for ali e por a mão na massa, alguma coisa rola, morrer de fome eu sei que eu não vou.

(...) Pelo menos, eu vou conseguir me sustentar ou alguma coisa assim, eu vou... (Hugo, 21 anos)

* * *

A trajetória escolar dos entrevistados é bastante variada e vimos que ocorreu um avanço em suas escolaridades ao compararmos todas as fases. Quase todos os entrevistados concluíram, ou estão concluindo o ensino médio, reflexo do processo de democratização do acesso à educação básica. Uma única entrevistada completou apenas o ensino fundamental, mas foi mais devido à forma como os acontecimentos ocorreram na sua vida do que pela dificuldade de acesso à escola.

As representações mais comuns sobre a escola a relacionam a uma “fonte de saber”. Ao ampliar o conhecimento, deveria capacitar o indivíduo para competir de forma igual no mercado de trabalho. Vemos, entretanto, que a ênfase de sua importância está ligada à conquista de um emprego melhor e até de ascensão social, mais do que a aquisição de conhecimento. Acreditam que a escolaridade possibilita a conquista de um emprego melhor, ou até a garantia de um emprego qualquer.

Todos gostariam que a escola fornecesse instrução, além de qualificação e de instrumentos para uma colocação no mercado de trabalho, mas o que percebem é a ineficácia do ensino frente à realidade. Não adquirem conhecimentos que consideram úteis para suas vidas, sentem que não adquirem cultura ao frequentar a escola.

Apesar de trazer benefícios ligados à conquista de um emprego mais estável, para aqueles que possuem escolaridade mais alta, no geral, eles afirmam que nem sempre realizam atividades que lhes tragam satisfação. Mesmo entre aqueles que já possuem nível superior, que nem sempre conseguem empregos que coincidem com suas expectativas, não traz muita satisfação, a não ser o da possibilidade de sobreviverem deles.

Existe um abismo entre o papel da escola - instruir a todos e melhorar suas vidas – e a realidade entre os desejos e os fatos. O estudo seria a grande oportunidade oferecida a todos para compensar as desigualdades, mas a escola que frequentam não tem qualidade e eles pouco conseguem aproveitar de sua cultura. A escola está inserida na sociedade e organizada a sua maneira, reproduz a hierarquia, a indiferença pelo destino da maioria.

As aspirações dos informantes da primeira fase quanto à escola estão associadas aos seus filhos, realçam a importância da escolaridade desejando para eles um futuro melhor através da possibilidade de um emprego. Também pensando no futuro, alguns dos jovens da terceira fase do *punk* vêem na escola uma forma de inserção social, possibilitada por um emprego, ou até uma forma qualquer de se sustentarem e se tornarem independentes.

Os informantes da segunda fase estão numa posição intermediária, não ingressaram totalmente na vida adulta. Muitos ainda estão estudando e outros já se formaram, mas poucos estão com a vida estabilizada. Apesar de termos quatro informantes casados, só as duas mulheres estão estabilizadas em suas vidas, os dois homens ainda não tem um emprego estável. Apesar de estudarem, muitos não consideram o ensino útil para suas vidas, e outros não conseguem colocação no mercado de trabalho, contradizendo a esperança de que a escola poderia servir como um meio para que todos consigam melhorar de vida.

Como os efeitos negativos da posse da escolaridade, em relação à aquisição de um emprego melhor, ainda não se manifestaram de forma contundente entre alguns dos mais jovens, eles ainda crêem na possibilidade de conseguir um bom trabalho, que concilie suas aspirações pessoais e seus desejos de ajudarem o próximo. A escola apresenta uma possibilidade de escolha e de realização pessoal. Podem escolher uma profissão que lhes dê gratificação e ainda realize seus planos de melhorar a sociedade.

A escola é uma esperança, que daria a possibilidade de uma atividade rentável, com satisfação pessoal. Desejam competir no mercado de trabalho e conquistar emprego de maior qualificação e remuneração, mas percebem que ela, muitas vezes, só reafirma as desigualdades e confirma o *discurso punk*. Diante disto, alguns a abandonam, ou vão para a escola com descaso. Há aqueles que continuam os estudos e afirmam que a sua conclusão modifica sua trajetória, alegam que, já que não vão conseguir um trabalho da forma como imaginam, ao menos, estudando, vão sentir menos o peso da exploração.

O abandono, na verdade, se manifesta mais como uma desistência em prosseguir os estudos, através de um curso superior, já que entre todos os entrevistados, apenas Bia não chegou ao ensino médio. Os outros, que abandonaram a escola, retornaram depois para concluir os estudos em cursos supletivos. Aqueles que desistem é porque não se sentem recompensados pelos seus esforços, somado ao fato das suas condições de vida e a má qualidade do ensino os barrarem nos exames vestibulares. Verificamos também que existe um acesso desigual ao ensino superior, pois nem todos os informantes, apesar

de terem concluído o ensino médio, chegaram ao ensino superior. Entre aqueles que conseguiram, percebe-se uma concentração em cursos menos procurados nas universidades públicas, aqueles considerados menos privilegiados, ou então ingressam em faculdades particulares.

Ainda assim, a garantia de um emprego dá um sentido positivo à escola, de uma forma ou de outra oferece a quem a frequenta uma oportunidade, uma espécie de bônus ou até uma esperança. A escola traz, mais do que conhecimento, a possibilidade de um trabalho idealizado; eles julgam que terão em trabalho superior àquele obtido sem ela.

Estar no *punk* os faz entender que, independente do esforço que façam para se dar bem na escola, a sua condição social os tolherá. Esta percepção os isenta do peso que o fracasso acarreta, fazendo com que entendam que a escola reproduz as normas injustas da sociedade. O *discurso punk* afirma que ela não passa de uma peça em uma engrenagem maior, que é o “sistema”. Reproduz a situação, onde os mais frágeis são marginalizados, ficam excluídos dos benefícios da escolaridade, são explorados no plano das relações de trabalho e mal podem participar das decisões políticas. Quem fracassa é a escola e não eles, é ela que não oferece o que promete. Mesmo assim, vemos que muitos ainda se culpam pelo abandono, da escola achando que poderiam ter aproveitado melhor o tempo em que estiveram nela.

A experiência no estilo não exclui o aprendizado escolar, muitas vezes, ele é aproveitado, através do contato com o grupo, reforçando o significado positivo da escola. A partir da vivência e da aquisição da *consciência punk* o que se aprende na escola ou na faculdade pode ser aproveitado por esses indivíduos. Podem, então, articular os conteúdos escolares com as demandas de suas vidas. Sempre lembram que o envolvimento com o grupo abriu as portas de “novos universos”, possibilitou o acesso à cultura e uma nova “consciência do mundo”, propiciadas pelas atividades que sentem prazer em realizar:

“Vou pro trabalho, depois eu revejo as cartas porque diariamente sempre tá chegando carta lá em casa.. (...) Então, eu respondo as cartas, que dezenas de cartas, por semana, chega em torno de dez, doze, até quinze cartas por semana, mas claro que eu respondo todas as cartas, porque é essa a comunicação que o punk tem. (...) No sábado e domingo vou pra umas palestras, alguns debates, frequento algumas faculdades, que têm alguns debates, vou lá pra ficar conhecendo, saber como que é” (Renato, 25 anos).

E se a forma como está estruturada a escola não traz a possibilidade de desenvolverem suas potencialidades, adquirir cultura e melhorar suas vidas, o *punk* torna-se uma escola alternativa. Muitos encontram no grupo soluções para suprir seus desejos por conhecimento, tomam consciência de sua própria força e podem realizar suas capacidades e descobrir idéias novas. E com poucas palavras, Milena resume o que ganhou em *ser punk*: “Eu ganhei conhecimento, me tornei uma pessoa mais humana... houve uma mudança grande dentro de mim”. O *punk* ensina uma nova atitude e uma nova maneira de agir frente ao conhecimento: não esperar pela escola para estudar, o *punk* exalta o auto-didatismo²⁹.

V.3 - O mundo do trabalho

O trabalho pode ser considerado como um recurso social, que possibilita a emancipação do indivíduo. Gera mecanismos sociais que estimulam a ampliação de contatos, que poderiam desencadear efeitos formativos na medida em que o indivíduo participa de grupos maiores, com relações mais complexas. Porém, não é esta a percepção que têm os nossos informantes, que realçam a exploração existente até no trabalho. Criticam o seu aspecto rotineiro e pouco gratificante. O trabalho significa apenas uma forma de ganhar dinheiro e converte-se em alvo de crítica.

A maioria dos informantes, de todas as fases, começou a trabalhar com idades variando entre 15 a 18 anos. Os integrantes homens da primeira fase começaram a trabalhar como office boy, e um como torneiro mecânico. As mulheres, como recepcionista, bancária e doméstica. Já os homens e mulheres da segunda fase iniciaram em atividades diversas: atendente de lanchonete e de livraria, vendedor ambulante, office boy, recepcionista. Apenas Ana está há 10 anos no mesmo emprego, trabalhando como operária em uma fábrica.

Entre os informantes da terceira fase, com exceção de Peter e Julia, todos trabalham. Entre os rapazes, as atividades que realizam são as de vendedor de auto-

²⁹ O auto-didatismo é um discurso recorrente entre os *punks*, configurando-se, inclusive, como uma *tradição punk*. Veja trecho da música “Punk Rock” da banda Fecaloma: “E se canto em português errado, é porque não pude aprender, mas não preciso ter um diploma, pra dizer o que está errado; e não conheço o mundo pela TV, pra poder criticar as injustiças. Pois já vi tudo nas ruas de São Paulo(2x)”.

peças e funcionário público. Já as moças trabalham como auxiliar de desenvolvimento infantil, auxiliar administrativo e recepcionista.

E sobre o primeiro contato com o trabalho, Edgar afirma que:

“Trabalhei, sempre tive que trabalhar... fazer bico... (...) Trabalhei um ano como office boy, acho que foi meu único trabalho registrado até muito tempo, depois eu não trabalhei mais registrado. Comecei a pegar um pouco de aversão ao trabalho também” (Edgar, 41 anos).

A maioria dos entrevistados relaciona o trabalho à sobrevivência, acredita que é a única forma possível de garantir o sustento próprio e o de sua família. Existe uma separação entre o interesse do indivíduo, suas aptidões e o trabalho que realizam. Isto gera uma tensão, que é superada pela necessidade de sobrevivência. A distância entre o trabalho desejado e o trabalho realizado faz com que a sobrevivência defina o seu sentido:

“Já trabalhei de tudo o que você pode imaginar, tudo! Já trabalhei de empregada doméstica, já trabalhei de diarista, já trabalhei de balconista. Eu nunca tive uma coisa específica, sabe, eu sou isso, minha profissão é essa. (...) Até minha amiga falava: ‘Aquela mulher, tão precisando lá. Cê não quer ir lá?’ ‘Olha sabe, eu tô pegando, eu tenho filho. Eu preciso sustentar meu filho’. E fui. E eu ia trabalhar de punk lá, cabelo arrepiado, ia com minhas roupas punks. E fazia o serviço muito bem, que quando eu saí de lá, a mulher: ‘Não! Cê não vai me deixar, né? Cê não vai me deixar’. Em todas as casas de família que eu trabalhei, até hoje se eu falar: ‘Tá dando pra ser empregada? Tá precisando?’ Me pega. E eu sempre fui do meu jeito” (Bia, 41 anos).

O trabalho tem duplo sentido: de emancipação e de dependência. Tira da miséria e garante a sobrevivência, através do salário, mas traz a pobreza de contatos, a rotina e a falta de respeito. Rouba tempo dos indivíduos e se torna um obstáculo à realização pessoal.

Acreditam que no capitalismo não existe outra forma de ganhar dinheiro, a não ser através do trabalho assalariado, portanto relacionam o trabalho à sobrevivência, porém denunciam as relações de poder a que são submetidos:

“É, você tinha que viver a estrita sobrevivência, né. E aí, você via os mecanismos de exploração. Então aquela coisa, têm dias que você, sei lá, tá com a diarreia, e aí você começa a ir no banheiro, e aí você vai vendo toda a estrutura espacial da dominação. Você vê que o banheiro, ele tem porta cortada em baixo, a porta cortada em cima, porque se você fizer hora o cara te vê” (Geraldo, 34 anos).

A necessidade de sobrevivência acaba indo contra o *discurso punk*, que denuncia a exploração pelo trabalho e a submissão das pessoas, anulando-as e transformando-as em coisas. Porém, vimos que aqueles se consideram *punks* querem ter uma vida digna,

não querem morar na rua como mendigo, ou roubar para comer. O trabalho é ressignificado e adquire um sentido positivo, quando os liberta do parasitismo e do mundo da exclusão:

“E eu trabalhava por uma questão de decência e sobrevivência. Não é porque era Banco que eu não tinha que trabalhar! Oh! Que história era essa! Eu ia viver do quê? Ia roubar, matar? Não, ser punk não é ser um ladrão, ser punk não é ser assassino, ser punk não é roubar, ser punk não é agredir ninguém. Ser punk é ser uma pessoa que busca pelos seus ideais, e eu busquei pelos meus da forma que eu achei melhor. Trabalhando, estudando, fiz faculdade!” (Laura, 40 anos)

Vemos então que o discurso, apesar de contraditório, justifica seus desejos, já que para ter as condições de vida que almejam, é necessário trabalhar, porém gostariam de ter um trabalho que fosse ao menos gratificante. Não desejam ser apenas máquinas a serviço do capital, da estrutura desta sociedade. Porém, criam um compromisso com o trabalho na medida em que ele liberta da condição de exclusão e da imobilidade gerada pela falta de recursos. O compromisso que estabelecem é cumprir as regras do trabalho, e com isso poder “jogar com o sistema”.

São poucos os que conseguem sobreviver apenas das atividades relacionadas ao Movimento. Quando conseguem, relatam grande satisfação com o que fazem:

“(....) É, mas... Porque lá é só de manhã e depois a noite, né. A noite já... já... Ah! Assim... A sua vida é loja, né, Galeria. Uma parte da sua vida... uma parte da sua vida é o seu trampo também, né! (...) É legal, né... porque eu gosto de som, né! E eu gosto de conversar sobre som, né! E mostrar o que tem de novo, o que não tem, conversar sobre som. Não é um trampo que você... tá aqui porque, né... você tá aqui por obrigação. Às vezes enche, né. Às vezes vem uns caras aqui... você não tem chefe, mas tem uns caras pentelhos que nossa!! Vou te contar, né! (...) Porque é foda lidar com o público. Porque não é a molecada, é público, é os caras que você não conhece” (Miguel, aproximadamente 55 anos).

Miguel trabalha com a venda de artigos *punks* e de rock, chegou ao ensino médio, e por ser proprietário de uma loja, consegue sobreviver só dela. Tanto ele como Edgar têm uma banda reconhecida no Movimento.

Assim como estes dois últimos, Dulce também trabalha vendendo artigos *punks* que confecciona. Este sempre foi seu principal meio de subsistência até se separar do marido e, atualmente, além deste comércio, tem um emprego numa casa de espetáculos voltada para a cena punk. Apesar de gostar muito de estar no bar, trabalhando com as

bandas, prefere estampar camisetas, que considera uma forma de expor sua arte, além de poder ficar em casa cuidando dos seus filhos. O trabalho na casa de espetáculos, apesar de estar ligado ao estilo, é uma necessidade para poder morar, alimentar e educar seus filhos:

“Porque eu preciso de dinheiro, porque o pai não ajuda, né? (...) Significa o sustento, porque eu tava sem sustento pro meus filhos. Agora, o que significa o emprego é a segurança de eu poder alugar uma casa, para mim e para os meus filhos e poder pagar 300 reais de aluguel por mês e poder dar andamento às coisas, entendeu ? O emprego significa isso, mas o apego ao dinheiro não existe. Eu não tenho menor apego ao dinheiro, tenho uma casa, comprei, consegui trabalhar e comprar uma casa, onde eu morava na praia, é minha casa, tá lá...” (Meire, 40 anos)

A distância entre o interesse e a necessidade faz com que o trabalho não traga elementos positivos de identificação para esses indivíduos, e isto faz com que a *identidade punk* supra a falta de realização no trabalho. O duplo sentido do trabalho – emancipação e dependência – faz com que nele a *identidade punk* apareça, principalmente, através da consciência e da crítica, já que não podem manifestá-la para não perder o emprego.

Na percepção, entre o desejo e a atividade realizada, reside a explicação do paralelismo. O paralelismo traz, em uma das linhas, o trabalho realizado para cumprir as obrigações ligadas à realidade concreta, na outra linha estaria o desejo e a possibilidade de fazer coisas ligadas às potencialidades e aos sentimentos da pessoa.:

“Não, não porque eu acho assim...eu acho que se eu me realizasse, se eu fizesse o que eu gosto, né! Eu nunca assim... principalmente aqui. A gente sempre tentou viver do que a gente faz, que é a música, que é os shows. Só que neste país você não vive disso. Você querer viver de música e de shows é impossível. Ainda mais punk, né! Então você tem que sobreviver de alguma forma. O que significa trabalhar, o serviço em si é o pararello da sobrevivência, pra você não morrer de fome e fazer o que cê quer. Porque e o ideal seria a gente sobreviver do que a gente gosta, que é a música, que é armar show, música, Cd. Viver envolvido nesse meio que a gente não consegue se desvincular, né. Não conseguimos desvincular! Aqui, desde o começo da conversa eu falei, né!” (Bia, 41 anos)

Além de garantir a sobrevivência, o trabalho assume outras funções que são positivas, ao permitir a autonomia e a independência. Mas mesmo aqueles que fazem o

que gostam, em atividades que não estão ligadas ao grupo, relatam que se diferenciam de seus colegas de trabalho, não conseguem partilhar das mesmas opiniões e estilo de vida, no geral ligado à aquisição de bens materiais e *status*:

“Eu tô dando 12 aulas’. ‘Não, mas tem um lugar que tá precisando de 18 aulas, você não quer pegar?’ Os caras não conseguem entender! Porquê? Eles querem dar 40 aulas, porque têm prestação de carro pra pagar, eles têm prestação de casa e... é uma coisa natural, pra mim não é. E vira uma pseudo-necessidade cê tem que ter carro senão você não vive, e não é isso” (Geraldo, 34 anos).

E, para aqueles que, como o Edgar, preferem realizar atividades ligadas ao *punk*, seguir as regras do trabalho também é uma coação, uma afronta diante do que acreditam. Apesar de acatar as regras do trabalho, Edgar responde a esta afronta a seu modo, levando um pouco do *punk* para o trabalho, como uma forma de conciliar o paralelismo e “realizar uma micro sabotagem”:

“Fala para o aluno ficar quieto. Punk já é uma coisa que... que é a favor da liberdade de expressão, tal. ‘Faz silêncio!’ Aí tem uma coisa da ordem, você tem que ter uma certa autoridade para você exercer o papel institucional. Então, como fazer isso de uma forma... Acaba tendo que usar um pouco a violência da autoridade. Eu, principalmente, sou contra isso. ‘Pô, mas você não está conseguindo dominar a classe!’ Parece uma coisa meio de adestramento, você tem que ficar com um chicote na classe: ‘Fica quieto aí. Cala a boca’. E você é um ser humano. Tem hora que você perde a paciência também! Então você tem que manter... você tem a pressão da parte administrativa da escola em cima de você para você dominar a classe, digamos. Conseguir passar conteúdo e explicar para o adolescente, que é mais difícil eu acho, no meu caso. Aí tem hora que dá um tiliti. Aí eu ponho uma música punk para eles relaxarem também” (Edgar, 41 anos).

Os sentimentos negativos de estar desempregados podem ser superados pela identidade *punk* e as atividades que ela possibilita abrandam esta situação, através da sensação de pertencimento que elas fornecem, dando um sentido bom para o cotidiano, como afirma Otavio: “é a minha vida, sou feliz assim”. Mesmo assim, o sentido positivo do trabalho esmorece seu caráter de exploração, já que permite a independência e preserva da exclusão. Nada se compara ao sentimento que o desemprego gera, de incapacidade e exclusão, levando à percepção de que o trabalho, qualquer que seja, está relacionado à dignidade:

“Infelizmente eu trabalho com bico, eu trampo com informática na verdade, mas o campo de emprego está restrito hoje. As condições são mais complicadas, ainda mais quando a gente passa dos trinta, a gente de qualquer maneira, como se diz, tem que empurrar com a barriga e se virar. (...) Ah!.. já fiz de tudo, lance de informática... digitação de texto, construção de página na Internet, que mais? Até quando a situação tava um pouco mais apertada, como Dj, até segurança também eu já fiz, tipo assim, uns bicos de segurança também... Vai aproveitando, pegando o bico que aparecer, se for um trabalho digno assim que dê para você se sustentar, ir ganhando o pão, a gente vai abraçando o que aparece” (Otavio, 36 anos).

Vemos adiante que, entre os integrantes da segunda fase, se repetem as posições quanto ao trabalho, assemelhando-se com as da fase anterior. O trabalho também é percebido como aquilo que garante a sobrevivência nesta sociedade, mas sabem que ele propicia as condições para a exploração e não acrescenta nada ao indivíduo. Vemos que existe um apego à *identidade punk* para justificar a sua incapacidade ou falta de vontade de participar da sociedade de consumo. Costumam lembrar que são as pessoas que devem ser valorizadas e não os objetos a serem consumidos, que servem apenas para “garantir a duração da vida”:

“Uma droga...olha eu trabalho é ...assim...eu costumo dizer assim que “eu não quero ter um trabalho, eu quero ter uma fonte de renda”. (...) Então eu considero o trabalho assim muito naquele sentido romano de tripalium, de instrumento de tortura. Eu trabalho realmente porque eu preciso ter um meio de sobrevivência, como eu não tenho este meio de sobrevivência, infelizmente eu tenho que me submeter ao trabalho. (...) Então assim, é claro que eu também não posso deixar dizer que, embora eu conteste esta sociedade, embora eu não acredite nos valores desta sociedade, eu vivo nela e... e... infelizmente é... eu ainda preciso de coisas desta sociedade, por exemplo, eu preciso satisfazer minhas necessidades básicas, né... de consumo, eu preciso me alimentar, eu preciso me vestir, eu preciso ter um lugar pra morar, um teto pra morar, eu preciso ter um...enfim, até pra me satisfazer estas próprias necessidades, inclusive de estudo, a gente infelizmente precisa de uma fonte de renda que garanta esta sobrevivência” (Frederico, 26 anos).

A imposição do trabalho, vista pelos integrantes do grupo, como única forma de garantir a subsistência, gera um discurso oposto àquele que pretende negá-lo e acusá-lo de ser uma fonte de desprazer e de reificação humana. Para Renato, o trabalho alterou o modo de

vinculação com sua família, redefine o seu papel, transformando-o em provedor, passando a ser instituído de força:

“O trabalho é força, é força, é comportamento, é uma consideração que você tem diariamente, você vive ali do trabalho. Essa é questão do trabalho, você tem que trabalhar. (...) Eu sou ajudante geral lá, o que tiver que fazer lá, eu faço, desmontar, remontar. Não, não é registrado. É, tem que ajudar a família, porque depois da separação, eu tive que ajudar a família.(...) Morar sozinho, pensei... pensei em morar sozinho sim, mas... não dá, tem a questão da família. Tem que ajudar. Isso é questão do emprego também, depende da situação do emprego. (...) Pra mim ainda pesa, por questão da família que eu tenho que sustentar. Essas são as condições, é complicado a situação.” (Renato, 25 anos)

Afirmam que o *punk* não deve ser confundido com um mendigo ou com um parasita, e, ainda, reforçam que a sua luta contra as injustiças inclui justamente a conquista de uma vida digna para todos:

“Dizem que punk não toma banho, dizem que punk isto, punk aquilo, até hoje as pessoas têm isso na cabeça. Que punk é que nem mendigo, que não trabalha, mas ele tem vida normal. Ninguém deixa de trabalhar, não tem nada a ver isso” (Ana, 30 anos).

Mesmo entendendo o trabalho como algo que os oprime, sabem que a falta dele é ainda mais opressora, o desemprego leva à fome e à exclusão total. Assim atribuem um sentido positivo ao trabalho dando outra direção ao sentimento de que são explorados, que é sublimado quando possibilita a independência. Como o trabalho é a única possibilidade de sobrevivência e lhes proporciona um passe livre na sociedade, acreditam que podem criar estratégias para burlar a exploração:

“Por um aspecto, você trabalhar mesmo assim, significa um pouco de independência, mesmo que seja um trabalho explorador, mas é você que tá lá, fazendo sua relação com o patrão, sem intermediário. Quer dizer, você está sendo explorado, mas é por sua conta e risco, se você quiser se programar de trabalhar um ano, junta dinheiro e ficar dois sem trabalhar, você faz, entendeu? Significa assim que você tá ganhando seu dinheiro, mesmo que seja pouco suado, mas é seu dinheiro e você pode administrá-lo. Então nesse ponto eu acho interessante, tanto é que você vê, as pessoas que ficam desempregadas, ficam pedindo dinheiro pros outros, isso é humilhante. O interessante é a pessoa poder administrar sua própria vida, mesmo que seja nessa pobreza da sociedade, mas é ela poder, ela mesma, poder jogar com esse sistema. (...) Sim, não defendo a exploração, mas a pessoa poder trabalhar, poder ganhar seu dinheiro, é uma forma de não depender de outros, isso confere uma certa

dignidade num certo sentido, mas ela cresce, ela administra a própria vida”
(Mario, 27 anos).

A forma como a sociedade está estruturada não traz a possibilidade para todas as pessoas arranjam um trabalho, o desemprego é uma regra. João, depois de muita tentativa está desanimado, prefere dedicar-se às atividades que realiza com os *punks*, tocar em sua banda e escrever para *fanzines*. De forma oposta, Pedro, também desempregado, idealiza o trabalho que espera encontrar:

“Já, já trabalhei... já vendi coisa em ônibus, chocolate em ônibus, já trabalhei em livrarias, já... Nossa tanta coisa eu já fiz! (...) É, eu acho que a pessoa ela, ela... isto ajuda muito ela se sentir útil, não útil assim para a sociedade, mas pra si mesmo, de tá fazendo algum trabalho, alguma coisa que tenha... não a idéia do trabalho que escraviza, mas um... você ter algo em que você, em que você trabalha ali seu pensamento, você trabalha seu tempo, tal” (Pedro, 29 anos).

Administrar e “jogar com a sociedade” significam tomar posições sensatas no trabalho para se manterem nele, mas isto não quer dizer que se adaptem às suas regras. Elas, ao lado da falta de reconhecimento e gratificação no trabalho que realizam, significam uma anulação pessoal e representam uma afronta que cada um responde a seu modo:

“No Mac Donalds sim, havia o de não se enquadrar às normas e no Museu por ser monitor e ir poucas vezes lá, era meio diferente dos funcionários em geral, lá. (...) É. Eu não usava o uniforme direito, não fazia a barba, é... não trabalhava direito era meio, sei lá... meio rebelde. (...) É, eu acho que não existe nenhum bom trabalho. Assim, um bom trabalho seria é... fazer, ter um trabalho que só durasse duas horas por dia, sei lá... uma hora ou duas horas...” (Marcos, 31 anos)

A forma como o trabalho está organizado, a predominância das relações impessoais e competitivas limitam a realização pessoal. Os colegas de trabalho, geralmente, não compartilham de suas idéias, eles estão mais preocupados com o status e com a aquisição de bens materiais, o que muitas vezes dificulta os relacionamentos mais próximos:

“Me diferencio bastante, porque muitos têm essa visão mais competitiva mesmo da vida e... e tem uma visão de trabalhar pra acumular, pra poder ostentar... eu não, eu procuro assim é... Trabalhar, assim, pra mim é ter confortos básicos e necessários, assim, não digo nada luxuoso, mas assim um conforto muito básico e necessário, né... das coisas que eu preciso mesmo, tanto que essa

relação de você encarar o trabalho tem muito a ver com a relação de como as pessoas encaram o consumo, né” (Frederico, 26 anos).

É clara a noção de que é o status e o acúmulo de bens materiais que garantem o acesso à saúde, à alimentação, à moradia, à segurança, enfim à possibilidade de sobrevivência nesta sociedade:

“Sobreviver é poder continuar a viver...comer, todas estas coisas aí. É isto aí...você viver.(...) Infelizmente, esses benefícios materiais são pré-requisito, né, pra você poder.. é sobreviver, pra você poder ter algum status, pra você poder ser respeitado, ser reconhecido. Então você precisa acumular estas... estes bens materiais e, às vezes, você é obrigado a fazer isto só pra você poder ser respeitado, pra você poder andar pela rua e não ser parado pela polícia, não ser parado por um revólver, por um policial apontando um revólver para sua cabeça, né...ou seja, o revólver pode disparar, um tiro. Então só pra você ter a mínima segurança, você tem que acumular estes bens, pelo menos um pouco destes bens materiais, pra você ser alguém nesta sociedade. Ou seja, você tem que se anular pra você poder sobreviver, para garantir a sua vida, a duração da sua vida.” (Marcos, 31 anos)

As moças afirmam que o emprego é importante, inclusive, para se livrarem do trabalho doméstico que assumem sozinhas. Marta afirma que o marido não aprova o seu trabalho. Aparentemente, o trabalho da mulher, depois que ela casa tem um papel secundário, de complementação da renda. Marta, cujo marido é vocalista de uma banda importante da primeira fase e trabalha como funileiro industrial, afirma que o seu trabalho tem o objetivo terapêutico. Sofre de disritimia cerebral, assim trabalhar faz-se sentir útil, fugindo dos afazeres domésticos:

“Trabalho! Eu trabalho em comércio, em loja quando tem... por exemplo, eu trabalho como balconista e eu sou gerente da loja também e freguês: ‘Ah! Você gosta? Cê curte?’ ‘Curto!’ ‘Você quer ir no meu show?’ Coloco o cartaz lá na loja, os caras: ‘Pô!’. Tem uma menina que chegou aqui e falou: ‘Pô eu conheço esta senhora de algum lugar!’ Aí eu falei: ‘Você sabe da loja de frios, você comprava sempre doce lá’. ‘Ah é isso mesmo!’(...) O trabalho pra mim no momento... no momento vou ser bem sincera com você, é mais por um lazer, né, porque por necessidade não, meu marido ganha o suficiente. Ele nunca gostou que eu trabalhasse. Foi depois que eu tive meu filho, com 19 anos, quando eu comecei a ter e se eu ficar parada eu fico muito ansiosa pra fazer alguma coisa” (Marta, 34 anos).

Mesmo quando o trabalho da mulher é importante para a manutenção da família, ele é lembrado como uma forma de não a limitar ao cuidado da casa. Vemos que aliada à necessidade de adquirir dinheiro, Ana, através do trabalho, pode também fugir dos

afazeres domésticos. O trabalho altera o modo de vinculação da mulher na família, dando-lhe uma maior autonomia e amenizando o papel de “dona de casa”:

“Eu trabalho numa firma de plástico, eu sou operadora de máquina de injetora. Eu já trabalho uns 10 anos nesse ramo, né...E eu, né, nossa...meu trabalho é tudo, nossa! Se eu ficar em casa, eu acho que eu fico louca. Ser punk tem que trabalhar, né! Como você vai viver sem dinheiro? Não tem como! Dizem que se você é punk, é sem pátria e sem patrão, não é bem por aí, que a gente precisa de dinheiro também. A gente tem que saber separar as coisas, não é bem assim. Teve uma época que meu marido ficou um ano desempregado, se eu não tivesse trabalhando, nossa! A gente tinha passado um aperto. Eu que bancava tudo. Então, se eu não trabalhasse? Vivesse só de...né... porque meu marido não curte, esse meu segundo marido” (Ana, 30 anos).

Já que o trabalho não proporciona condições de uma vida melhor, nem uma realização pessoal, apenas garante a sobrevivência, pode ser utilizado também como um instrumento para a conquista daquilo que é realmente importante, a continuidade da própria *identidade punk*. Para Marcos, trabalhar significa registrar a sua *mensagem punk*:

“Se eu acho possível? É o que eu gostaria de fazer...atualmente, eu não gostaria de fazer nada, né. É, a única coisa que eu gostaria de fazer é o terceiro Cd, aí que eu vou ter que arrumar um trabalho pra fazer, né. Mas assim, daqui uns dois anos... Acho que sim, trabalhar... uma das metas que eu tô pensando é isso, fazer um terceiro Cd. (...) O Cd significa... eu... é terminar, gravar todas as minhas músicas e deixar aí pra cultura punk” (Marcos, 31 anos).

Com exceção de Peter e Julia, ele está terminando o ensino médio, e ela faz curso pré-vestibular, todos trabalham. Julia gostaria de trabalhar; não que isto seja imperioso para a sobrevivência da família, pois a mãe e o irmão mais velho mantêm a casa, mas gostaria de ter mais independência. Foi convencida pela mãe de que é melhor estudar para entrar numa faculdade, para depois conseguir encontrar um emprego melhor. Então, durante a semana, passa o seu dia no curso pré-vestibular e, nos finais de semana, se encontra com os amigos:

“Então eu vou pro cursinho e fico lá até de noite. Vou de manhã, fico até de noite estudando, aí, de vez em quando, eu vou de tarde pra casa. De vez em quando, eu vejo o namorado e ensaio. E, de fins de semana, eu vou, faço rolê assim e eu escrevo uns textos também assim pra fanzine” (Julia, 18 anos).

O trabalho possibilita certa autonomia ao jovem, que se torna economicamente independente da família. Peter também não precisa trabalhar, gostaria de ter dinheiro para poder gastar com o que considera importante, mas não deixa de lembrar o caráter de exploração do trabalho:

“Ah! O trabalho... meu, enche o saco, entendeu? Porque você... com o trabalho você ganha grana, né, meu. Sem grana você não é nada. Sem grana você não consegue fazer o rolê, sair no som tomar cerveja e tal, comprar umas coisas pra você, sei lá... um som, tal. Trabalho é pra ganhar dinheiro, fora que é uma exploração. Nunca trabalhei, mas eu sei como deve ser, né, ficar o dia inteiro lá, depende do trabalho que fizer é forçado tal, você ganha pouco também. Ganha pouco, vai ganhar o salário mínimo... Bom eu tô morando com minha mãe tá bom esse dinheiro, o salário mínimo, mas quem mora sozinho e que tem filho aí não serve não” (Peter, 18 anos).

A necessidade familiar, que gera a pressão para que o jovem trabalhe, traz um outro significado para ele, o da responsabilidade. Para Helena, seu trabalho auxilia na manutenção da casa, mas através dele, também pode ter o seu lazer, comprar as coisas que necessita e ampliar sua autonomia:

“Ah! É importante, porque trabalho é responsabilidade e independência, né. Como a gente não é boy, assim não, não temos condições, não somos filhos de burgueses, a gente tem que trabalhar para conquistar alguma coisa na vida. Porque você não vai ficar morando na casa dos seus pais a vida inteira, mesmo porque você tem que ter responsabilidade, tem que dar uma mão em casa” (Helena, 16 anos).

O trabalho de Roberto também é fundamental, exerce um cargo de confiança nos negócios da família – compra, venda e instalação de auto-peças. Seu trabalho assume um caráter de ajuda mútua, ele tem um bom emprego, e o pai um funcionário de confiança para gerir os negócios. Mesmo sendo um trabalho menos árido, não deixa de relacioná-lo à exploração e à falta de gratificação, as atividades que realiza não desenvolvem suas potencialidades. Roberto, que gostaria de ser jornalista ou biólogo, afirma:

“Ele tem um comércio de auto-peças, instalação de acessórios, estas coisas. Não, tem os funcionários né que trabalham junto, mas quem toma conta é a gente. A família toma conta do negócio. (...) Só que a sociedade que a gente vive, dificilmente você encontra alguém que trabalhe com aquilo que gosta, mas quando você encontra aquilo que você gosta, você acha seu verdadeiro valor,

né. Você tem o seu verdadeiro valor, porque você trabalha numa empresa que você não faz o que você gosta, não tem seu valor ali entendeu? Você tá mais como uma máquina, porque o sistema quer que você sirva só pra aquilo” (Roberto, 24 anos).

A necessidade de trabalhar faz com que muitos adiem um curso superior e a possibilidade de realizar atividades que se relacionam às suas verdadeiras aspirações. Com isso, as atividades realizadas no Movimento *Punk* suprem a sensação de perda do “seu verdadeiro valor” e trazem grande satisfação, auxiliam a aumentar auto-estima fazem com que se sintam úteis e participantes, criando condições para que enriqueçam sua trajetória por meio de suas ações e reflexões:

“Trazem uma satisfação enorme, né! Por que eu sei que pelo menos eu tô fazendo o que eu gosto e as pessoas que estão no grupo também estão fazendo o que elas gostam, né. Então a gente aproveita esta boa vontade que a gente tem de fazer as coisas e põe a mão na massa, né. A gente coloca as idéias em prática, né. A gente tá correndo atrás, a gente tá sempre correndo atrás de... se informando sobre as coisas que estão acontecendo pra gente tá fazendo parte aí, conhecendo coisas novas.” (Roberto, 24 anos)

Um bom salário e o respeito ao trabalhador já são o suficiente para que Milena considere que tenha um bom emprego. Isso não significa que aceite o trabalho como ele é, procura tomar atitudes que envolvem a intenção de modificá-lo, quando “dá uns toques” e não se esquece de denunciar a exploração que está implícita nele:

“Pra mim é um bom trabalho, porque é o que eu gosto, né. E também assim, felizmente lá onde eu trabalho eles respeitam o trabalhador, o funcionário. Quer dizer, funcionário, eles chamam de colaborador! Hoje é esta a nova linguagem que o sistema tá usando, porque pra mim não é colaborador. Porque pra mim colaborador é a pessoa que faz sem cobrar, eu ganho pra isto, eu sou funcionária. Às vezes eu bato boca, de uma forma decente logicamente, por causa disso, não concordo com isso, né, mas assim como eu havia falado, lá o bom é que eles te respeitam, pra mim é um bom trabalho. Eu tive sorte né, nem todos têm isso, mas felizmente eu tive, e infelizmente nem todos têm isso, rola muita exploração, muita.” (Milena, 19 anos)

Além da falta de gratificação, da coação que o trabalho representa, os jovens afirmam que precisam conviver com pessoas que só pensam em ostentar o consumo e ter *status*, diferentemente da forma como se colocam no mundo e chocando-se com as suas consciências de serem explorados:

“Ah! No trabalho eu me diferencio bastante, mesmo porque, até rolam discussões, porque que nem eu falei, o pessoal tá muito alienado, muita futilidade onde não deveria ter, porque a gente é de uma classe baixa, olha onde a gente mora... Porque rola discussão, o pessoal fala do dia-a-dia de Big Brother, de Mac Donald’s e roupa, e eu não compartilho desta idéia e vem perguntar a minha opinião e eu joga a real do que eu penso mesmo. Só que as pessoas elas não entendem isso, porque elas, as pessoas, estão com os olhos tão vendados que acha que você tá sendo errada” (Helena, 16 anos).

Mas ao entrarem em contato com as relações de poder que ocorrem no trabalho, e com isto sentem-se diferentes, não desejam delas compartilhar e têm consciência de que estão entre a maioria da população, os excluídos dos direitos básicos. A subordinação às regras do trabalho gera uma nova modalidade de atuação, da conspiração diária contra o sistema, que pode ser percebida na tentativa de atuar criticamente, despertando a “mentalidade dos outros”. A impossibilidade de romper com o trabalho converte a atuação em crítica, que é realizada nas brechas do cotidiano, quando é possível realizar uma “micro sabotagem”:

“Ah! Eu me diferencio, porque o pessoal que trabalha na área pública sabe, específico na área de saúde, eles são muito... não têm paciência, são muito estúpidos com as pessoas, sabe. Eu: ‘Porra meu! Porque que eu vou ser estúpida com as pessoas?’ Porque eu sou como elas, eu também dependo do SUS. Eles não têm paciência, tratam as pessoas com indiferença é como se tivesse prestando um favor, mas ele não está prestando um favor, ele tá lá trabalhando, quem paga o salário dele é o paciente, é o cliente” (Milena, 19 anos).

Com o “paralelismo”, estabelecem um compromisso com o trabalho, onde acatam as regras, assumem posições sensatas no trabalho e, com isso, “jogam com o sistema” e se realizam em outros âmbitos da vida. A *identidade punk* é inibida e a pessoa adota posições sensatas para acatar as regras, esconde suas preferências e com isso não perde o emprego. A alternativa é deslocar para longe qualquer atuação no sentido de realização pessoal e de reivindicação:

“Um bom trabalho para mim seria trabalhar pra mim mesma, não depender, não ter que dar esclarecimento para quem está num cargo acima de você, porque isso aí é terrível, o que eu vejo lá na entidade é muito joguinho.(...) Procuo separar muito minha vida pessoal ideológica do trabalho, sempre procuro estar fazendo isto, tanto é que ninguém lá sabe que eu sou anarquista e

sou punk e não podem nem saber, porque se saber eu vou me prejudicar terrivelmente lá dentro” (Carla, 21 anos).

E Carla completa que irá procurar fazer o que gosta: arte e educação. Mesmo que para conseguir seu objetivo tenha que se desdobrar. Tem o desejo de trabalhar com algo que desenvolva suas potencialidades e sinta gratificação:

“Eu pretendo fazer muitas coisas na minha vida, mas uma delas... eu mexo com pintura e desenho... Eu já tô preparando meu material, apostila, eu vou começar a dar aula lá na escola onde eu tive aula à noite. Então isso aí, é uma das formas de eu estar fazendo um trabalho que eu gosto mesmo. Ah! É um projeto assim... eu posso falar da minha vida entendeu? O que eu tenho, eu acho que eu não quero jogar no lixo, eu acho não, tenho certeza que eu não quero jogar no lixo. E eu não vou restringir minha vida só a estar lá dentro da entidade, igual eu vejo muitas pessoas lá velhas que passam a vida inteira lá dentro sem conseguir mais nada além daquilo. Eu não quero isto pra mim, por mais cansativo que seja, eu vou sair de lá, como eu já sai esgotada, é terrível mesmo, trinta crianças, uma educadora só, tem vezes que eu não tenho tempo nem de ir ao banheiro, eu já saio lá nas últimas...mas eu quero mais pra mim, por mais cansativo que seja vou dar aula, eu quero tá conseguindo algo maior” (Carla, 21 anos).

* * *

Os *punks* afirmam que desejam ter uma vida digna, e o trabalho é o principal meio que encontram para realizar esta aspiração. É através do trabalho que pensam em viver, mesmo que denunciem as relações desiguais de poder que existem nele e o fato dele ser uma condição para a exploração. Acreditam que é a única forma de ganhar dinheiro, ou então é uma alternativa melhor do que a de ter que viver pedindo esmolas ou roubando. É um instrumento para sobreviver nesta sociedade, “jogar com ela”. Mesmo que lhes roube tempo para realizarem as atividades que realmente gostam de fazer, muitas vezes se utilizam dos benefícios que ele proporciona para poder realizá-las.

A maioria afirma que não gosta do que faz atualmente e o faz porque necessita sobreviver. Nem sempre o emprego que os entrevistados possuem foi uma escolha, e sim uma conseqüência das oportunidades que foram aparecendo. O trabalho é sentido como rotineiro, pouco gratificante e não leva em conta as aspirações e interesses dos

indivíduos. Os baixos salários, a pobreza de relações conviviais e a impessoalidade reforçam seu caráter negativo e os faz lembrar constantemente que são explorados. Para a maioria, o trabalho não é um espaço de elaboração de projetos pessoais, assume valor instrumental e somente aqueles que trabalham diretamente com o público *punk* é que relatam satisfação no que fazem.

Apenas alguns deles trabalham ou realizam alguma atividade rentável com o *punk*. O problema é que estas atividades dão muito pouco dinheiro. Com isso, necessitam de um trabalho formal para se manter. Outros realizam atividades relacionadas ao *punk* sem rendimento algum, como o caso de Laura, que mantém um *site punk* por pura satisfação pessoal. Seu trabalho ocorre numa loja de fotocópias, da qual é proprietária e que lhe garante a sobrevivência. E quase todos têm bandas (muitas com *sites*, páginas e comunidades na internet) e *fanzines*, atividades que realizam para obter gratificação. Mesmo as bandas que têm prestígio no *Movimento* não trazem retorno financeiro, no geral são fontes de despesas. Otavio conta essa situação da sua maneira: “Ah!... banda *punk*, pelo menos aqui no Brasil, nunca vai encher o rabo de dinheiro, nem é essa a nossa intenção, a nossa intenção é ter a banda mesmo, diferentemente de outras tendências, como a... e... outras coisas e realmente passar o que tá sentindo.”

O *punk* possibilita que se apresentem como produtores, na maior parte das vezes, culturais, e que conquistem uma realização através dele. No trabalho têm poucas alternativas de realização e de gratificação e ele nem sempre é fruto de uma escolha. Miguel gostaria de ter sido reconhecido nos empregos que passou, mas vemos que é no trabalho que menos tem chances de manifestar sua *identidade punk*, uma vez que as atitudes muito contestatórias podem provocar as sua demissão.

A necessidade de sobreviver anula a distância entre a aspiração e o trabalho desejado, é o que lhe traz um significado positivo, quando possibilita a independência e preserva o indivíduo da exclusão. A sobrevivência justifica a trajetória paralela, onde realizam um trabalho para sobreviver e, através da remuneração, muitas vezes podem dar continuidade às atividades que gostam de fazer e que se relacionam ao *Movimento Punk*.

Sabemos que para se conquistar um bom emprego não há critérios definidos, muitas vezes decorre das circunstâncias e da sorte, e através de mecanismos que nosso informantes não possuem, as influências que Milena denomina como “*QI, quem indica*”. Entretanto, a falta de estabilidade nos empregos e o desemprego os conduzem

a achar que, através do aumento na escolaridade, poderiam obter empregos melhores. A educação ainda está associada à conquista de um emprego melhor e até de ascensão social, e aqueles que têm menos escolaridade sentem que são mais vulneráveis ao desemprego. Vemos que o fator “idade x desemprego” também começa a ser decisivo para obter ou não um trabalho, entre alguns dos entrevistados. A pouca escolaridade e a idade avançada leva-os aos empregos informais, instáveis e desvalorizados socialmente. Otavio e Pedro já passaram dos 30 anos, estão desempregados e procurando emprego. A situação em que se encontram os faz afirmar que trabalho traz dignidade aquele que o possui.

O trabalho é ressignificado quando possibilita a independência e preserva da exclusão, mas mesmo assim devem se anular para não perder o emprego. Muitos procuram responder ao que consideram anulação, “jogando com o sistema”. O jogo consiste em sublimar a *identidade punk* para acatar as regras do trabalho e ficar longe de qualquer atuação com sentido reivindicatório. Apenas em momentos onde é possível fazer uma “micro-sabotagem” é que deixam transparecer a *identidade punk*, que se manifesta na vontade de conscientizar o outro.

Ao jogarem com a sociedade, acreditam que podem criar estratégias para burlar a exploração, tirando proveito dos seus mecanismos em benefício próprio. E não deixam de fazer a “micro sabotagem”, que são pequenas ações que se chocam com a postura sensata que assumem no trabalho.

O trabalho possibilita a sobrevivência e a dignidade, para que não tenham que viver como parasitas. Não aparece como fonte de expressão e de suas aspirações, mas possibilita que ganhem dinheiro para sobreviver e para ser *punks*.

* * *

O *ser punk* vem da vontade de participar em pé de igualdade neste mundo, mas traz a consciência de que isto não é possível. A alternativa é escolher uma trajetória de vida mais digna e que nela possam denunciar as injustiças sociais e a resistência aos seus valores. Aqueles que aderem à *identidade punk* e ao *estilo de vida punk* procuram não se corromper e criar uma forma diferenciada de estar no mundo.

Mas como acreditam que não se corrompem, se têm uma vida muito semelhante a de todas as pessoas? Mas já sabemos que é exatamente o que desejam: querem ter uma vida comum, ser respeitados e que tenham direitos iguais aos de uns poucos

privilegiados, e que esses direitos sejam para todos. A partir deste desejo, casam-se, têm filhos, vão à escola e trabalham, reproduzem muitos dos valores sociais que procuram negar, e para alguns outros dão novos significados. Os significados que dão a suas vidas estão dispostos no sentido oposto aos valores consumistas, à indiferença e da espoliação do outro.

Não desejam se corromper, só consumir e agir de forma indiferente com o outro, com os problemas da humanidade. Não desejam aderir aos valores mesquinhos desta sociedade que condena a maioria à exclusão, a uma vida sem dignidade, sem família, sem escola e sem trabalho. Não querem apenas consumir, querem também produzir. Criam uma nova forma de viver através de uma nova forma de ser, são conscientes e solidários.

A vivência no grupo *punk* contribui para a construção de novos significados para suas vidas, sentindo-se parte de uma comunidade, onde podem desenvolver um projeto de vida que não é necessariamente ligado ao grupo, nem os exclui. Assim sendo, os *fanzines*, as coletâneas, as bandas não são atividades realizadas com o intuito de se profissionalizar e ganhar dinheiro, mas ao contrário, são formas de lazer, de desenvolvimento de suas potencialidades, de ganhar reconhecimento e formar vínculos de amizade.

As atividades que o *Movimento Punk* proporciona se articulam com o conhecimento e as experiências culturais dos seus integrantes, possibilitando com isto que se afirmem como pessoas, fortaleçam suas idéias e aumentem sua auto-estima. Encontram uma forma de afirmação do “eu”, através da sensação de serem produtores de seus destinos, sensação que não encontram em outros âmbitos da vida e, principalmente, na escola e no trabalho.

Vemos que os significados atribuídos à família, à escola e ao trabalho em muitos momentos são semelhantes e decorrem do fato da maioria pertencer a mesma origem social, a classe popular urbana que padroniza suas vivências. A homogeneidade também é proveniente do pertencimento ao “grupo de estilo”, do compartilhar do mesmo repertório simbólico. No geral, a família e o “grupo de estilo” trazem sentimentos bons, já a escola e o trabalho nem sempre têm significados positivos, a maioria das afirmações os relaciona à opressão, à exploração e à exclusão. Repetiram-se muitas vezes as falas sobre a ineficácia da escola.

A família tem seu significado negativo, geralmente quando o integrante é jovem e procura se emancipar de suas orientações para criar um novo “eu”, que está em busca

de novas referências. Depois, em contato com outras instâncias da vida, percebe a diferença das relações pessoais com que se depara e as compara com as que encontrava na família, assim a elegem como uma das referências mais importante de suas vidas. Procuram reproduzir seu ambiente caloroso na família que constituem.

A escola os decepciona por não cumprir o que promete, ansiavam por conhecer, mas nela nada aprendem e ainda não conseguem melhorar de vida. Mas nela ainda vislumbram um espaço bom, podem aprender, podem encontrar amigos e relações afetivas, podem dar “rolê” e poder ser jovens. A escola, por mais que seja considerada como ineficaz, ainda garante uma certa gratificação e uma escolha, é um espaço onde podem se produzir e se construir.

O trabalho, além de falsas promessas, ainda é pior, é a condição para a exploração, anulação e espoliação. Há pouco espaço para as relações de amizade, quase não têm gratificação, não conseguem conciliar com as suas aspirações, é o espaço onde impera a indiferença e a competitividade. É alvo das maiores críticas, mas não pode ser abandonado, uma vez que garante a sobrevivência. É o mecanismo que o “sistema” cria para anular os indivíduos, com isso criam algumas estratégias para driblar as suas regras, procuram sempre “encontrar um esqueminha”.

Assim, possuir o desejo de ter uma vida melhor não significa não trabalhar ou se recolher em uma comunidade à parte, longe do que consideram “mundo corrupto”. Como diria o Otavio, “isso é coisa de hippie”. O *punk* quer mudar este mundo, quer ter direitos e a liberdade para viver neste mundo.

Percebemos uma contradição entre o que os *punks* proclamam e a sua atuação, não rompem com os valores da sociedade, não se isentam de consumir, não se afastam da mídia e não estão realizando ações concretas para mudar o mundo. Isso decorre da forma de sua constituição – articulado à experiência do lazer – que gera a sua forma de atuação, fazendo com que a ação do grupo se esgote no momento dos encontros – realizados para redigir textos e os shows, eventos, bandas - quando compartilham seus desejos e interesses. Articulados em torno do lazer e da diversão, tornam frágeis as ações que desenvolvem para os outros âmbitos da vida, com isso não conseguem encontrar meios para diminuir os vínculos com o sistema capitalista, tornando insustentável romper definitivamente com as suas normas, enquadrando as ações do grupo nas condições objetivas da realidade. A sua incessante reclamação contra o “sistema”, através das músicas, da aparição nos shows e nos protestos, nos impede de caracterizá-los apenas como um grupo de curtição e descomprometido. A contradição

vem também da forma como imaginamos que seria a sua atuação, que é diferente da maneira que os integrantes do grupo enxergam. Acreditam que através do engajamento no grupo, realizando as suas atividades, já estão mudando o mundo. Na verdade, mudam o seu próprio mundo, vinculam-se ao “sistema”, redefinindo seus interesses e negociando com ele. Perceber como as coisas acontecem os liberta da escravidão do sistema, rompem com as prescrições que restringem suas escolhas e ficam livres para produzir o seu jeito de viver. Tornam-se senhores de suas ações, rumo à rebelião que os *punks* tanto clamam: a revolução interna.

A aquisição da *consciência punk* é a consequência inovadora do *ser punk*, o pensamento crítico traz a sensação de um rompimento, entre um momento em que estavam presos na ignorância, e um momento novo, em que se libertam e passam a compreender e refletir sobre o rumo de suas vidas. A maioria dos entrevistados afirmou ter escolhido o grupo ao se identificar com a música, que os levou ao envolvimento com as idéias tidas como libertadoras. As atividades proporcionadas por essas idéias possibilitaram que os entrevistados formulassem novos significados para as suas vidas, superando a falta através da consciência, da “revolução interna”, permitindo que conciliassem as suas vidas com a forma como está instituída a sociedade.

Na multiplicidade de referências sociais, que passam pela família, escola, trabalho, grupo de amigos e com as rápidas transformações que ocorrem no mundo moderno, os espaços de socialização tradicionais apresentam dificuldades em se constituir como referências de valores na formação das identidades. As mudanças deslocam as referências que eram ancoradas em instituições sociais e as transfere para os próprios indivíduos, enfatizando a interseção simbólica onde ele escolhe e reflete. (HALL, GIDDENS, 1991). Ocorre que, entre as inúmeras escolhas apresentadas aos indivíduos, poucas estão realmente acessíveis para a maioria, assim o processo de identificação se efetiva em adesão ou em combate aos constrangimentos, a que os sujeitos estão submetidos.

Entre os informantes da primeira fase, mesmo estando todos na faixa etária considerada adulta, vemos que o “grupo de estilo” não só é uma referência importante no passado, como no presente é uma forma hetero-conhecimento (MELUCCI, 2004). Muitos acreditam que deixaram uma herança de liberdade para os mais jovens, que hoje podem se manifestar sem tanta repressão como havia em suas épocas. O fato de já terem realizado algo dentro do Movimento faz com que reivindiquem o *status punk* só pelo seu passado. Acreditam que este passado legitima e lhes confere o direito de ter uma

atuação mais passiva dentro do *punk*. Atuar no grupo já não é tão decisivo para se sentirem *punks*, o *punk* já faz parte da suas mentes e de seus corpos: “está no sangue”.

Laura afirma que o que diz respeito ao *punk* faz parte de sua vida:

“Sabe, eu achava bacana sabe, poxa. falava: ‘Botas, fuzis, capacetes vejo espalhados por toda montanha, milhares de troféus sobre o sol, vento, chuva aquecendo dia e noite, noite dia!’ Meu, quando eu ouvi essa música nossa!! Eu falei: ‘Putaquepariu!’ É isso que eu quero entendeu? É isso... sabe, do Cólera também várias músicas: ‘Quanto vale a liberdade.’ Que é um hino do Movimento Punk. Dá até vontade de chorar, porque é uma coisa que fez parte da minha adolescência, da minha juventude e é a minha vida” (Laura, 40 anos).

Mesmo assim, percebemos claramente que o avanço da idade e o casamento modificam as expectativas quanto ao “grupo de estilo” (Kemp, 1993) e a forma de atuação dentro dele. O lazer e o tempo com o grupo diminuem e muitas vezes ficam restritos a idas a shows de bandas. Os compromissos e responsabilidades demandam uma nova postura diante da vida e com isso modificam-se as relações de amizade. A atuação no grupo vai se diferenciando e até mesmo diminuindo, outras coisas vão ganhando mais peso do que a participação no Movimento.

Mas quando não se desvinculam do grupo e exigem um *status punk*, percebemos a existência de uma *herança punk* na vida desses indivíduos, que pode ser considerada como uma *subjetividade punk*. A *subjetividade punk* é a inclusão do *repertório simbólico punk* no estilo de vida dessas pessoas que podem recorrer a ele sempre que possibilitarem a resolução das demandas do dia-a-dia. O *repertório simbólico punk* possibilita que saiam do anonimato e do passivo para atuar na construção e elaboração de projetos para as suas vidas. Esta possibilidade de construir e escolher seus projetos muitas vezes lhes é negada em instituições onde há destinos socialmente definidos. Encontram, inclusive, limitações para obter lazer e para vivenciarem o período da juventude. Num mundo de esperanças esparsas e promessas irrealis, o *punk* redimensiona a vida de alguns dos indivíduos que dele participam.

A *maldição punk* está ligada a *subjetividade punk*, é a continuidade ou o resgate da *identidade punk* na vida adulta. O reconhecimento que não adquirem em outros âmbitos da vida, encontram no Movimento *Punk* e isso faz com que não consigam se desvincular do grupo, sentem-se marcado por ele. A sensação de pertencer a uma comunidade que reconhece o seu valor aprisiona o indivíduo, que não consegue se

desvencilhar daquelas referências simbólicas que adquiriu num momento de sua vida ligado à juventude.

O reconhecimento que prende ao grupo fica claro nas palavras de Bia:

“Não sei, não sei...já tentei pensar não sei...Eu acho assim, a nossa vida é um constante punk. As próprias pessoas não conseguem ver a gente fora. Pode ver qualquer um menos nós fora desse meio. Tanto que é assim, se telefona: ‘Oh! Vai ter um show!’ ‘Cê coloca nosso nome aí no meio?’ ‘Oh, o de vocês dois tá garantido’. Sabe tipo assim: Luiz, eu Leandro. Chegou uma época: Luiz, eu Leandro. Então as próprias pessoas... Ou quando a gente chega nos lugares parece assim: ‘Oh! Os caras vieram prestigiar’. Isso em qualquer lugar sabe? Então acho que é isso também que você não consegue, né, aquele...” (Bia, 41 anos).

Alguns valores adquiridos dentro do *punk* são transportados ao longo da vida e então podemos dizer que não são meros efeitos da idade, e sim um reflexo de uma resignificação do sentido de *ser punk*. Esta resignificação envolve esta participação imaginária no *punk* e um pertencimento concretizado pela posse de uma *consciência punk*. A *consciência punk* é resultado da “revolução” interna que foi possibilitada pelo envolvimento com a *ideologia punk* que ao resignificar a trajetória do indivíduo lhe proporciona uma *subjetividade punk*. Assim, o que tem ou não valor no mundo externo depende de uma construção interna, baseada em um imaginário conectado ao Movimento *Punk*.

O que percebemos na vida desses indivíduos é que, apesar de vivenciarem processos de socialização dentro de um “grupo de estilo” (Kemp, 1993) e elaborarem valores e representações de suas identidades dentro dele, têm trajetórias de vidas iguais entre si e iguais a de pessoas comuns. Conseguiram extrair referências positivas do “grupo de estilo” e articulá-las com as referências tradicionais da família, escola e trabalho e, assim, elaboraram um estilo de vida que contempla suas escolhas, reivindicações e desejos.

Aqueles que se dizem *punks* vão à escola, chegam à faculdade, casam-se e separam-se, trabalham e lutam por uma vida melhor. Vemos que não estão construindo um estilo de vida que se contrapõe às instituições sociais, como o *discurso punk* pretende, mas estão em consonância com elas. A forma de *ser punk*, revelada através de suas falas, constitui-se como um aspecto da identidade do indivíduo, relacionada ao pertencimento a uma comunidade paralela a que tanto negam. Constroem suas vidas negando e negociando com a sociedade, para melhor viver nela. *Ser punk* não o exclui

da vida em sociedade, mas traz um elemento diferenciador para a escolha de ser um membro da sociedade.

Isto aparece mais como um reflexo desta sociedade, complexa e de múltiplas escolhas e diferentes trajetórias do que propriamente uma contradição deste “grupo de estilo”. O grupo só reforça a tendência de adesão às inúmeras possibilidades de escolhas apresentadas aos indivíduos, aparecendo como um espaço de construção de identidades, que preenche algumas das lacunas deste mundo, cheio de promessas que não estão disponíveis de forma igual para todos que vivem nele. O *punk* é uma forma alternativa de possibilitar que se realizem as promessas da sociedade, ao possibilitar que se tornem sujeitos de seus projetos, concretizem suas aspirações e contornem a massificação e a passividade que lhes é imposta.

A identidade *punk* tem como proposta denunciar, resistir e conscientizar o próximo, tirar “a venda dos olhos daqueles que estão alienados”. Mudar o mundo significa conscientizar o outro e a si mesmo. Mudar a sua vida significa não pautá-la pelos valores excludentes e consumistas desta sociedade. As trajetórias destes indivíduos nos revelam que, mesmo tendo acesso a recursos limitados, a vivência no grupo permite que ampliem seus conhecimentos, suas possibilidades e proporciona-lhes gratificação e coragem para fazer aquilo que acreditam.

Conclusão

Esta pesquisa teve como objetivo entender como os jovens constroem sua identidade a partir do estilo punk e como ela influencia na família, na escola e no trabalho. E assim, conseguimos compreender o cotidiano dessas pessoas, que se utilizam do estilo para se tornarem sujeitos de suas ações.

Por meio da análise percebemos que o estilo oferece uma alternativa de pensamento e de atuação no mundo, permitindo a elaboração de formas próprias de ser e viver na sociedade. Procuram viver suas vidas de forma que não se corrompam, incorporam a resistência na roupa que usam, no *discurso punk* levado para o seu dia-a-dia, nos símbolos que escolhem para representar a si mesmos.

O *ser punk* refere-se a um modo de existir, nasce da vontade de participar em situação de igualdade nesse mundo. As experiências no grupo proporcionam condições para viver o momento da juventude e, também, possibilitam o surgimento de uma consciência de que não é possível existir uma vida igualitária para todos, assim elaboram uma trajetória de vida que seja compatível com a vontade de não compactuar com as injustiças e denunciá-las.

A *identidade punk* é elaborada a partir das especificidades individuais articuladas ao conjunto *simbólico punk* que é representado pelo eixo comum, proporcionando uma certa semelhança na sua constituição. A homogeneidade da *identidade punk* decorre da sua constituição através do eixo comum, mas possui aspectos heterogêneos que refletem a forma como os elementos são jogados no “portacacos”, suportando as diferenças culturais, étnicas, de gênero e as especificidades individuais. A característica homogênea propicia o surgimento e a consolidação de um sentimento de pertencimento a uma *comunidade simbólica punk*, funciona como energia integradora do grupo e possibilita ao jovem descobrir pertenças identitárias em um mundo fragmentado e de inúmeras possibilidades.

O sentimento de pertença e os *símbolos punks* geram um ambiente de reciprocidade e sobretudo de reconhecimento da singularidade de seus membros. Os símbolos que criam são adornos de distinção e acentuam a sensação de que através de sua incorporação e sua manipulação é possível produzir personalidades autênticas (ABRAMO,1993). Origina-se um espaço de sociabilidade, e os momentos de encontro recuperam uma existência livre de constrangimentos sociais.

A articulação em torno do lazer traz restrições em se viver plenamente a identidade criada no estilo e indica os limites do “grupo de estilo”, que acaba proporcionando poucas respostas para outros âmbitos da vida. Com isso, a identidade nem sempre irá oferecer possibilidades de ação – **sobretudo coletiva** - para o indivíduo que adquire compromissos ligados ao mundo adulto, o que faz com que muitos abandonem o grupo e passem a privilegiar outras instâncias constitutivas do “eu” para se representarem. ”. É decorrente desses limites o fato de o grupo perpetuar as desigualdades de gênero; as modificações que ocorrem entre masculino e feminino são decorrentes de efeitos sociais mais amplos que impulsionam essas mudanças do que atitudes endógenas dos próprios punks, assim como elaboram um estilo de vida que não consegue romper com a sociedade.

Entretanto, apesar dos limites, alguns irão se apoiar na identidade criada no estilo em diversos momentos de sua vida, assumindo uma atitude que Kemp (1993) define como “priorização total da identidade no estilo”.

Consolidando-se como “suporte”, a *identidade punk* passa a fazer parte do processo de identificação do indivíduo (MELUCCI, 2004), o construir e o reconstruir o “eu” ao longo da vida se apoiará na *referência punk*. Os estímulos, as alegrias, as potencialidades conquistadas através da vivência no estilo são resgatados em diversos momentos da trajetória do indivíduo. Torna-se o estilo pelo qual as pessoas contam sua história, como “suporte”, realiza a função de colagem da narrativa da identidade. Como “modelo” não organiza a vida do indivíduo a fim de que ele recorra ao estilo para explicar e justificar suas ações.

A articulação em torno da diversão está associada a outro aspecto do *ser punk*, ligado à aquisição de uma consciência do real. O espaço que propicia é permeado por vários sentimentos positivos, de pertença, amizade, respeito, propiciando a participação de todos em atividades que possibilitam o contanto e o conhecimento do mundo. Elaborar *fanzines*, escrever textos, letra de músicas, fazer shows beneficentes são atividades que priorizam a reflexão, o respeito ao outro e suas condições de vida possibilitando a percepção da realidade e um amplo envolvimento com a cultura.

A subjetividade é fruto de uma reflexão oriunda da capacidade de criar símbolos e articular as experiências de forma que o indivíduo perceba sua situação no mundo e dê a ela nova interpretação, possibilitando uma reinterpretação dos significados presentes e das possibilidades do futuro. A subjetividade é percebida como uma atividade social engendradora pela perda de adesão à ordem do mundo; a reflexividade retira os sujeitos

dos seus papéis e possibilita a construção de uma subjetividade através de uma capacidade de gerenciar a experiência social. Esta experiência é ao mesmo tempo subjetiva (representação do mundo vivido, coletivo e individual) e cognitiva (é uma construção crítica do real, um trabalho reflexivo dos indivíduos que julgam sua experiência e a redefinem).(DUBET)

O indivíduo constrói aspectos de sua identidade em comunidades onde pode ancorar suas experiências, onde é capaz de construir um “projeto ético” que engloba o desejo de realização pessoal, capacidade de ser ator de sua existência e da mudança social. (DUBET)

Todos aqueles que se consideram *punks*, assim o são, independentemente de sua origem, etnia, gênero, nacionalidade, etc. A “referência” se consolida na subjetividade quando os símbolos do grupo estão em consonância com as particularidades, a maneira de lidar com a vida, os desejos e as emoções do indivíduo. A reflexão sobre si e o mundo, as representações sobre a exclusão e as reflexões em torno da luta por direitos iguais geram experiências dentro do grupo que possibilitam uma compreensão e uma (re) interpretação das normas e valores sociais que utilizam para pautar as suas vidas. A subjetividade é pautada nesta ressignificação de forma que os sentimentos que ela evoca não entram em choque com o mundo objetivo. A *subjetividade punk* tem um aspecto integrador e outro libertador.

Ocorre que é mais provável que a referência se subjetive entre aquele que possui menos oportunidades de experimentar fatos significativos em outras esferas da vida, e para quem o ambiente externo não propicia o desenvolvimento de suas potencialidades e não oferece respostas satisfatórias a ponto de elaborarem sentidos para suas vidas, diferentemente daqueles que possuem uma gama maior de ambientes que propiciam a vivência de experiências construtivas e, assim, possuem um número maior de possibilidades para utilizar como referência que possam significar suas expectativas, orientar suas escolhas e endossar suas responsabilidades.

A herança da vivência em grupo é a compreensão de que é possível inventar soluções a partir de si mesmo, sem confiar em promessas e esperar que as coisas caiam do céu. O *faça você mesmo* ensina a ter uma nova atitude e uma nova maneira de pensar e de agir: não esperar por soluções vindas de fora, confiar nas próprias forças e encontrar maneiras de expressar e colocar suas potencialidades em prática.

As ações do grupo nem sempre se constituem como fomentadoras de ação coletiva e movimentos sociais. O punk paulista apresenta dois pólos que o caracterizam:

um ligado às pessoas que se articulam em torno da indústria cultural, e outro ligado àquelas que tentam se afirmar como um movimento social. Revelam o aspecto heterogêneo da *identidade punk* e como a *simbologia punk* pode ser utilizada para a construção de diversas formas de expressão e identidades ligadas ao *estilo punk*.

As identidades que surgem atualmente, mesmo que nem sempre estejam ligadas a movimento sociais e coletivos, surgem como forma de contestar a submissão, resistem à cultura cosmopolita, possibilitam que os indivíduos se apresentem como produtores e revelam a vontade de afirmar especificidade de suas existências. Realçam a subjetividade dos indivíduos que se comprometem ou se reconhecem em novos movimentos culturais pelos quais se mobilizam. Existem tanto do ponto de vista individual como do coletivo e estão relacionadas à luta contra a alienação, o sentimento de impotência, a sensação de não ser mais nada do que espectador da própria vida (WIEVIORKA, 1997).

O *faça você mesmo* é o comando para ação, que retira o indivíduo da inércia causada pelo desconhecimento da realidade; é a chave para a reflexão sobre si e o mundo e auxilia a pessoa a se libertar das amarras que a impedem de agir devido as impossibilidades da realidade concreta.

As novas formas de atuar e de se manifestar possibilitam a expressão de opiniões e sentimentos, procuram realçar o ser humano ao invés do consumo. As pessoas querem provocar mudanças em razão de alguns princípios, querem participar e fazer valer o direito de cidadão. As novas formas de atuação aparecem através do voluntariado; dos amigos da rua, da praça, do bairro; das organizações comunitárias e não governamentais entre outras. Levam para o espaço público questões relativas ao sujeito que vão desde o direito à alimentação, à saúde, à moradia ao respeito às diferenças étnicas, de gênero, relativas à sexualidade, enfim, falam dos direitos de ser humano.

O sentimento de solidariedade é o motor de atuação de muitas dessas formas de ação da atualidade. Possibilita a ação e a reivindicação no espaço público, reclama sobre os problemas que atingem as pessoas nos seus cotidianos. O sentimento de solidariedade amplia o número de pessoas desejosas em participar; aquelas que querem mudar o mundo aderem a uma campanha que procura buscar através da prática o reconhecimento dos direitos e o respeito à diversidade.

O *estilo punk* apresenta o começo do fim do mundo, revela o fim das antigas formas de participação e atuação política e dá indícios do que poderá ser o início das novas formas de participação para a transformação da sociedade. O Movimento Punk é

o “não lugar”, que, articulado em torno da satisfação e desprezado da realidade, possibilita a liberdade e assim constitui-se como fonte de formação e conscientização humana. Aparecendo como caricatura e agindo com deboche, revela a natureza mais obscura desta sociedade.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena W. – **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano de São Paulo** – Editora Scritta, São Paulo, 1994.

_____ - **Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil In: Revista Brasileira de Educação.** São Paulo, no,5 e 6,1997.

ALMEIDA, Maria Isabel M. e TRACY, Kátia Maria – **Noites Nômades – Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas.** Rocco. Rio de Janeiro, 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Portugal; Edições 70, 1977.

BENNETT, Andy. **Estilos globais, interpretações locais: reconstruindo o “local” na sociologia da cultura juvenil.** Fórum sociológico, n7/8 (2ª. Série), pp.49 – 67.(xerox)

BIVAR, Antonio – **O que é Punk?** - São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Educação & Realidade/Porto Alegre: v20, n-2, p133 – 184, jul/dez 1995.

_____ - **Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada.** In: LINS, D. (org.), A dominação masculina revisitada, Campinas: Papyrus, 1998.

_____ - **Novas reflexões sobre a dominação masculina.** IN: LOPES M. J. et alli (org) Gênero e saúde, Porto Alegre.

CARRANO, Paulo Cesar R. - **Juventudes: as identidades são múltiplas** In: Movimento, Revista da Faculdade de Educação da UFF. Rio de Janeiro, no. 1, 2000.

CARVALHO, Marília Pinto de - **No Coração da Sala de Aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais.** São Paulo:Xamã/Fapesp, 1999.

CAIAFA, Janice – **Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub** - Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986.

CONNELL, Robert W. **Políticas da Masculinidade.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v.2, n.20, jul.-dez., 1995.

COSTA, Marcia R. – **Os “Carecas do Subúrbio”:** caminhos de um nomadismo moderno – Editora Vozes, 1993.

DAMIANI, Amélia L. – **A geografia e a produção do espaço da metrópole: entre o público e o privado.** Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole. Ana F. A. Carlos, Carles Carreras – São Paulo. Contexto, 2005.

DAYRELL, Juarez T. - **Juventude, Grupos de Estilo e Identidade** – (xerox.)/ 1998.

_____ - **A Música entre em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. São Paulo. Faculdade de Educação da USP, 2001.(Tese de Doutorado)

DOMINGUES, José Mauricio – **Sociologia e Modernidade – para entender a sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

DUBET, François – **A formação dos indivíduos: A Desinstitucionalização**. In: Contemporaneidade e Educação. A Realidade das Escolas nas Grandes Metrôpoles. Org. Jucirema Quinteto - Revista Semestral Temática de Ciências Sociais, ano III, no. 3, Mar/1998.

→ _____ – **Dês Jeunesses et dès Sociologies**. Lês cas Français. Sociologie et Societés. Lês Jeunes/The Young. Numero realize par Jacques Hamel avec la collaboration de Dominic Fortin. SOMMAIRE, vol. XXVIII, n.1, printemps, 1996.

DURAND, Olga - **Jovens da Ilha de Santa Catarina: socibilidade, socialização**. Faculdade de Educação/USP, 2000 (Tese de Doutorado).

DURKHEIM, Émile – **Conseqüência da definição precedente: caráter social da educação**. In: _____. Educação e Sociologia. 3 ed. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

ESSINGER, Silvio – **Punk. Anarquia Planetária e a Cena Brasileira**. Coleção Ouvido Musical. São Paulo. Editora 34/1999.

→GALLAND, Olivier – **L'entrée la Vie Adulte en France. Bilan et Perspectives Sociologignes**. Sociologie et Societés. Lês Jeunes/The Young. Numero realize par Jacques Hamel avec la collaboration de Dominic Fortin. SOMMAIRE, vol. XXVIII, n.1, printemps, 1996.

GIDDENS, Anthony – **As Conseqüências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____ - **Mundo em Descontrole – o que a globalização está fazendo de nós**. Tradução de Maria Luiza X. de A Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GONÇALVES, Maria das Graças - **Racionais MC's: O Discurso Possível de Uma Juventude Excluída** . Faculdade de Educação/USP, 2001.(Tese de Doutorado)

GONÇALVES, Paula Vanessa – **Sociabilidade Juvenil: O Movimento Punk**. Relatório Final (O Movimento Punk: retrato dos anos 90) – FAPESP, 1998.

HALL, Stuart – **A Centralidade da Cultura: Nota Sobre as Revoluções de Nosso Tempo**. Educação & Realidade, v.22, n.2, jul.- dez., 1997.

_____ - **A identidade cultural na pós modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes. Rio de Janeiro. DP&A/2001.

HITA, Maria Gabriela – **Gênero, Ação e Sistema: a reinvenção dos sujeitos.** Lua Nova, Revista de Cultura e Política, no. 43, 1998.

→LAGREE, Jean-Charles - **De la Sociologie de la Juvenesse. A la Sociologie des Generations.** Sociologie et Societés. Lês Jeunes/The Young. Numero realize par Jacques Hamel avec la collaboration de Dominic Fortin. SOMMAIRE, vol. XXVIII, n.1, printemps, 1996.

LOURO, Guacira Lopes - **Gênero: Questões para a Educação** In: Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira. São Paulo: Ed.34, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli – **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAGNANI, Jose G. Cantor – **Tribos urbanas: metáfora ou categoria.** Cadernos de Campo. USP. São Paulo: ano 2, n2, 48 –51,1992.

MAGRO, Viviane M.M. – **Meninas do Graffiti: Educação, Adolescência, Identidade e Gênero nas Culturas Juvenis Contemporâneas.** Faculdade de Educação/UNICAMP, 2004 (Tese de Doutorado).

MAIA, Doralice S. – **A geografia e o estudo dos costumes e das tradições.** Paradigmas da Geografia, parte I. Terra Livre, ano 1, n.1 São Paulo, 1986.

MELUCCI, Alberto - **Juventude, Tempo e Movimentos Sociais** In: Revista brasileira de Educação. São Paulo, no,5 e 6,1997.

_____ - **O Jogo do Eu.** Editora Unisinos, 2004.

MISCHE, Ann - **De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política** In: Revista brasileira de Educação. São Paulo, no,5 e 6,1997.

MUSZKAT, Malvina – **Consciência e identidade.** Série Princípios. Editora Ática/SP – 1986.

MÜXEL, Anne - **Jovens dos anos noventa: a procura de uma política sem rótulos** In: Revista brasileira de Educação. São Paulo, no,5 e 6,1997.

NAKANO, Marilena – **Jovens no encontro de gerações: democracia e laços solidários no mundo do trabalho.** Tese de Doutorado/Faculdade de Educação, USP – 2004.

NEVES, Samantha F.S. **A participação das mulheres em grupos juvenis.** Relatório Final de Iniciação Científica, 2001.

NICHOLSON, Linda – **Interpretando o gênero**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9 – 42, 2000.

PAIS, José Machado – **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

_____ **Geração e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea**. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1998.

_____ - **Tribos Urbanas – produção artística e identidades**. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

_____ - **A Geração Yo –Yo**. Dinâmicas multiculturais; Novas faces, Novos Olhares. Vol II. Instituto de Ciências Sociais, 1996.

PASTOREAU, Michel. História dos Jovens. Da antiguidade à Era Moderna. Vol. I

PEDROSO, Helenrose S.; SOUZA, Heder – **Absurdo da Realidade: O Movimento Punk** – Cadernos de Pesquisa IFCH – Campinas/Unicamp, 1983.

PERALVA, Angelina I. - **O jovem como modelo cultural** In: Revista brasileira de Educação. São Paulo, no,5 e 6,1997.

PIERUCCI, Antonio Flavio – **Ciladas da diferença**. p.14-57.In: Ciladas da diferença. São Paulo/1999

SCOTT, Joan W. – **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, n.20, v.2, p.71-100, jul./dez. 1995

_____ - **Prefácio a Gender and the politics of History**. Cadernos Pagu, Campinas, n.3, 1994, p. 11 – 27.

SOUZA, Rafael Lopes de – **Punk: Cultura e Protesto. As mutações ideológicas de uma comunidade subversiva. São Paulo 1983/1996**. São Paulo, Edições Pulsar, 2002.

SIMMEL, Georg - **Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal**. In: Moraes Filho, org. Evaristo. Simmel. São Paulo: Atica, 1983 (Coleção Grandes Cientistas)

SPOSITO, Marília P. - **Estudos sobre juventude em Educação** - In: Revista brasileira de Educação. São Paulo, no,5 e 6,1997.

_____ **Jovens e educação: novas dimensões da exclusão**. In Em-aberto - Inep. Brasília, ano II, no.56, out/dez. 1992.

_____ **A Instituição escolar e a violência** In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, no.104, jul. (1998a)

_____ **Educação e Juventude** - Texto apresentado na reunião dos países do Mercosul. Estratégia Regional de Continuidade V CONFITEA, Curitiba (1998b)

_____ **Juventude e Escolarização (1980 –1998)** – Série Estado do Conhecimento n. 7, Brasília /DF, 2002.

KEMP, Kenia – **Grupos de Estilo Jovens: o “Rock Underground” e as práticas (contra) culturais dos grupos “punks” e “trashs” em São Paulo** – Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da Unicamp, 1993.

TORQUATO, Maria – **“O Lugar que o Ensino Médio Noturno da Escola Fanny Manzoni Santos (Osaco) Ocupa na Vida de seus Educandos”**. Dissertação de Mestrado – FFLHC/USP – Departamento de Sociologia/2002.

VIANNA, Claudia - **Os nós do “nós”: ação coletiva docente no ensino estadual paulista (1990/1997)** Vol. I Faculdade de Educação/USP, 1999. (Tese de Doutorado)

WAUTIER, Anne – **Para uma sociologia da experiência. Uma leitura contemporânea: François Dudet** – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UFRGS/2005.

WIEVIORKA, Michel –**O novo paradigma da violência**. Tempo Social, Ver. Sociol. USP, São Paulo (9): 5 – 41, maio/1997.

VI - Anexos

Anexo A - Roteiro de Entrevista para a Terceira Fase (a partir de 1996)

(pessoas com menos de 25 anos)

Dados pessoais

Nome/ idade

Solteiro?

Onde nasce/aonde morou

Aonde mora?

Com quem vive?

Como vive?

Família de Origem

Profissão dos pais

Escolaridade dos pais

Bairro onde moram

O que é família para você? O que significa?

Trajetória

Como e quando começou a fazer parte do Mov. Punk?

O que o te levou a “ser punk? como ocorreu a escolha?

Sua relação com a musica? Quais as influências?

Escola

Trajetória escolar, até onde estudou ou estuda. Instituição pública ou particular?

Avaliação da escola, o sentido de estudar.

O que significa a escola e a frequência à escola em sua vida?

O que é mais importante na experiência escolar?

Mudou alguma coisa depois que começou a participar do Mov. Punk?

Trabalho

Trabalha? Há quanto tempo?

O que significa o trabalho?

O que seria um bom trabalho para você?

Mudou alguma coisa depois que começou a participar do Mov. Punk?

Identidade

Me fale como você se percebe ou quem é? (fazer observação quando negro ou mulher)

Como você se define? O que caracteriza?

Mudou alguma coisa no seu jeito de ser depois que começou a participar do Mov. Punk?

Defina “ser punk”. O que significa “ser punk”?

O uso do visual. O que significa o visual?

O grupo musical e/ou Zine/Coletivo

Pertenceu a alguma banca, grupo ou coletivo? Qual?

O que te motivou entrar no grupo?

O que significa a banda na sua vida? O que esta experiência te proporciona?

Há possibilidade de viver da banda?

Qual a relação com o Underground? Como você percebe os punks com mais de 25 anos?

Projetos

Quais os sonhos? O que quer da vida? (ênfase: grupo musical/ a vida afetiva, familiar/trabalho/sobrevivência)

O que gostaria de fazer? O que acha possível realizar?

Como você imagina seu futuro?

Cotidiano Atual

Descrever como é a semana; atividades que participa; as relações existentes com o punk

Com quem mais se relaciona ao longo da semana? A frequência semana destas relações.

Como é o lazer?

O que significa os amigos na sua vida? Estas relações te influenciaram em alguma coisa?

GAROTAS PUNKS = para homens

Como você vê as punks no Mov. Punk? Como você se relaciona com elas?

Qual é o espaço da garota punk?

Como você vê a atuação das punks hoje? Porque?

GAROTAS PUNKS = para mulheres

Como você vê as punks no Mov. Punk? Como você se relaciona com as outras punks?

Como você se relaciona com os punks?

Você acredita que há espaços diferentes para homens e mulheres no Movimento?

Você sente diferença nas atitudes dos punks em relação aos punks e as punks? Explique.

Há machismo entre os punks? Como ele se apresenta.

Qual é o seu espaço no Mov. Punk? O que você faz?

Qual é o espaço da garota punk?

Anexo B - Roteiro de entrevista para punks da Primeira e Segunda Fases (78 – 96)

(pessoas com idades de 25 anos para cima)

Dados Pessoais

Nome/ idade

Onde nasce/aonde morou

Aonde mora?

Família de origem

Profissão dos pais

Escolaridade dos pais

Bairro onde moram

Identidade

Como você se percebe? Como se define? O que o caracteriza?

Mudou alguma coisa depois que começou a participar do Mov. Punk?

Como e quando começou a fazer parte do Mov. Punk? O que o levou a “ser punk”? O que fazia na época?

Defina “ser punk”. O que significa. Este significado já mudou ao longo de sua vida?

Como explique.

O uso do visual. É importante hoje? Mudou de significado ao longo de sua vida?

Explique.

Em que momento de sua vida você acha está? Porque?/Explique

Neste momento você deixou de ser punk ou continuou a ser?

Ser punk é apenas para quem é jovem?

O que é ser jovem? O que é ser adulto?

Como você está? O que mudou na sua visão de mundo?

Mudou o lazer?

Quando você passou a se considerar adulto?

O que significa ser punk quando a pessoa está virando adulta?

Família

Mora onde? Com quem?

Casado? Há quanto tempo? Quantos casamentos já teve?

Casar mudou alguma coisa em sua vida?

Tem filhos? Ter filhos mudou alguma coisa em sua vida?

Solteiro? Por que? Pretende se casar? Ter filhos?

Qual o significado do casamento?

O que é família para você? O que significa?

Escolaridade

Estudou até que idade? Em que série parou? Instituição pública ou particular?

Estuda ainda?

O que significou a escola e a frequência à escola em sua vida? O que foi mais importante na experiência escolar?

Como você via a escola na época da juventude e como você vê hoje?

Você se diferenciava de alguma forma das pessoas que estudavam com você? Por que?

Trabalho

Trabalha? Qual sua profissão? Está empregado? Há quanto tempo está neste emprego?

Você se diferencia, de alguma forma, das pessoas que trabalham com você?

O que significou o trabalho até hoje na sua vida?

O que seria um bom trabalho para você? Existe a possibilidade de você vir a trabalhar nele?

Há mudanças de atitude depois que entrou na vida adulta?

Banda

Já teve banda? Por que abandonou?

Tem banda? O que pretende com ela? Profissionalização? Hobbie? O que é necessário para sobreviver das atividades musicais? (Dificuldades/facilidades)

Qual a relação com o mercado? Qual a relação com o Underground?

Banca

Pertenceu a alguma banca, grupo ou coletivo? Qual?

O que te motivou entrar no grupo? Se abandonou, por que? Se continua, por que?

Cotidiano

Com quem você mais se relaciona durante a semana? E nos finais de semana?

As atividades de que participa: as relações existentes com o punk; frequência destas relações?

O que significa os amigos na sua vida? Estas relações te influenciaram em alguma coisa?

Você faz o que deseja?

O que gostaria de fazer? O que acha possível realizar?

GAROTAS PUNKS = para homens

Como você vias as punks no Mov. Punk? Como você se relacionava com as punks?

Havia machismo no Movimento? Como ele se apresentava.

Como você vê as punks no Mov. Hoje? Qual é o espaço da garota punk?

Mudou sua forma de ver a atuação das punks hoje? Porque?

GAROTAS PUNKS = para mulheres

Como você vias as punks no Mov. Punk? Como você se relacionava com as punks?

Como você se relacionava com os punks? Você sentia diferença nas atitudes dos punks em relação aos punks e as punks? Explique.

Existia machismo? Como ele se apresentava.

Qual era o seu espaço no Mov. Punk? O que você fazia?

Como você vê as punks no Mov. Hoje? Qual é o espaço da garota punk?

Mudou sua forma de ver a atuação das punks hoje? Porque?